



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

MARIA ISABEL SILVA BEZERRA LINHARES

**ESCOVANDO HISTÓRIAS A CONTRAPELO: NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE
SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS NA “CIDADE DAS OPORTUNIDADES”**

FORTALEZA

2015

MARIA ISABEL SILVA BEZERRA LINHARES

**ESCOVANDO HISTÓRIAS A CONTRAPELO: NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE
SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS NA “CIDADE DAS OPORTUNIDADES”**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências Humanas

L735e Linhares, Maria Isabel Silva Bezerra.

Escovando histórias a contrapelo: narrativas de jovens sobre suas experiências profissionais na “cidade das oportunidades” / Maria Isabel Silva Bezerra Linhares. – 2015.

291 f.: il. color., enc.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Sociologia.

Orientação: Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho.

1. Jovens - emprego. 2. Trabalho – Aspectos sociais – Sobral - Ceará. 3. Experiência.
4. I. Título.

CDD 305.569098131

MARIA ISABEL SILVA BEZERRA LINHARES

**ESCOVANDO HISTÓRIAS A CONTRAPELO: NARRATIVAS DE JOVENS SOBRE
SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS NA “CIDADE DAS OPORTUNIDADES”**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada em: 18 / dezembro / 2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Regina Célia Reys Novaes (UFRJ)

Profa. Dra. Camila Holanda Marinho (FAMETRO)

Profa. Dra. Isaurora Claudia Martins de Freitas (UVA)

Prof. Dr. George Lopes Paulino (UFC)

*Aos meus filhos, Vicente Neto e Felipe,
por me ensinarem o que é o amor!
À Vicente, pelo amor e cumplicidade!
À Maria José, mãe e guerreira, minha fonte de inspiração!*

AGRADECIMENTOS

“O deserto que atravessei, ninguém me viu passar, estranha e só...”

A título de esclarecimento, falo desse “deserto”, como um lugar longo demais a ser por mim percorrido... uma situação existencial provadora. Para além da imensa alegria que senti ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, por certo tempo senti-me assim, estranha e só. Com o tempo, encarando o desafio em todo o percurso da pesquisa, fui aprendendo a enfrentar os desertos, que na maioria das vezes, ninguém costuma nos ver passar...

Quero afirmar que o Doutorado foi um momento especial na minha vida. Uma combinação de aprendizado racional científico, e, sobretudo, um processo de amadurecimento e de vivências afetivas intensas, que fui edificando ao longo do caminho, mesmo tendo que atravessar alguns desertos. Essa travessia não teria sido tranquila se não tivesse encontrado pessoas muito especiais, por isso expressei toda minha gratidão por elas terem atravessado “meus desertos”, em algum momento desse “evento ímpar de minha vida. Cada uma delas tornou-se templo e acolhida e, em cada gesto entoavam hinos de alegria e conforto.

Pessoas e instituições citadas aqui não aparecem numa ordem de destaque, mas cada uma, guarda sua singularidade e importância pelo modo e gesto que contribuíram para que essa tese fosse concluída. Ela combina um entrelaçamento de esforços, por isso agradeço por cada gesto de amizade, carinho e respeito e confiança que recebi de cada pessoa. Pessoas estas que me fizeram acreditar “o quanto o céu é maior...”

Quero expressar minha gratidão aos jovens que participaram dessa pesquisa e me receberam em vários momentos de suas vidas, permitindo, assim, a construção da presente tese. Agradeço pela disponibilidade com que responderam a todas as questões e desafios colocados nos diversos momentos de nossos encontros presenciais e virtuais.

A minha família acolhedora, meu porto seguro, amores de minha vida: Vicente, Vicente Neto e Felipe, agradeço pela dádiva que são para mim. Minha mãe Maria

José, mulher de fé e coragem, e minha irmã Fatima pelo amor incondicional e pela alegria por minhas conquistas pessoais e profissionais.

Minha querida e amada Professora Alba Carvalho. Pessoa intensa, amiga e guerreira, que velou toda minha caminhada durante o doutorado. Agradeço pelos ensinamentos, pelo cuidado, pela intensidade das palavras e das “cores”, pois elas marcam e “fixam” a nossa aprendizagem. Para além da nossa relação de orientadora e orientanda, prevalece a sua pedagogia do amor.

Minha amiga Janaina Zaranza, a quem devo bons momentos na cidade de Fortaleza. Sua companhia durante esses cinco anos deixou a “lida” mais suave. Nossa amizade se edificou meio a tantos desafios que tivemos que enfrentar. Sou-lhe grata pela constante troca de saberes.

Minha amiga Nadja Rinelle, pessoa impar e acolhedora. Agradeço pela acolhida na “Marechal Deodoro”, pelos conselhos e pela escuta, pelo café e cuscuz recheados de carinho. As nossas constantes “trocas intelectuais” foram muito importantes para a produção da minha escrita.

A amiga e companheira Margarete Pereira, que muito auxiliou nessa pesquisa. Sua contribuição foi fundamental.

Agradeço de modo especial, aos ex-bolsistas e companheiros de longa jornada Ceíça Santana, Jocélio Moraes, Ana Cleide, Margarete, Jair, Eder Vasconcelos, Tamara e Tagla.

Agradeço aos profissionais do SENAI/Sobral, de modo especial a Gleice Rodrigues, Cartegiano e Ana Paula, pelo acolhimento, disponibilidade e informações prestadas.

Agradeço aos profissionais das Secretarias Municipais de Sobral – SDS, STDE e COOJUV - de modo especial, a Glória Ximenes, Isabelle Rocha, Leidiane Silva, Fabiana Batista, Gergilei Cavalcante, Igor Bezerra, que abriram suas portas ao convívio e ao registro de informações.

A minha amiga e sobrinha Gisa, a minha flor do dia, que muito contribuiu na organização das tabelas, figuras e quadros desta tese.

A minha querida Profa. Gorete Sousa, pela revisão da estrutura e formato da tese e pelo carinho e dedicação com que faz seus trabalhos.

As meninas da “Marechal Deodoro, Rafaela e Rita. Vocês simbolizam alegria e aconchego. Sou grata pelo “aconchego na terra da luz”.

A turma da “calçada da fama” e da “calçada da Gangorra”, pelo carinho e torcida. Vocês deixaram minhas noites mais suaves e foram o descanso após muitas horas diárias de estudo.

Aos colegas professores de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA por terem sido tão generosos me cedendo liberação das atividades docentes para cursar o Doutorado. Em especial a Neusita Tabosa, Katia Lima, Ulissis Paixão, Reginaldo Feijão, Israel Brandão, Ivna Holanda, Gorete Sousa e Glaudenir Brasil.

Aos companheiros do “café pedagógico”, Marcos Novaes, Socorro Sousa, Mariana Lira, Luziane Balbino, Railane Vieira, Socorro Xavier, Glauca Braga e Wescla Vasconcelos (e outros tantos que participavam do nosso café na Cantina da D. Alice), pelas trocas intelectuais e pela confiança mútua e cumplicidade.

Aos pesquisadores e membros do GEPECJU, pelas trocas de saberes, pelo apoio durante a pesquisa e pelo carinho que nos mantém unidos.

As professoras Isaurora Martins e Camila Holanda, pelas contribuições durante a banca de qualificação.

Aos professores George Paulino, Isaurora Martins, Camila Holanda e Regina Novaes pelo aceite para participar de minha banca de defesa do doutorado.

Ao ex-Reitor da UVA, Dr. Antônio Colaço Martins, pelo seu apoio incondicional durante meu processo de ingresso no doutorado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pelos ensinamentos e dedicação, de modo especial: Alba Carvalho, César Barreira, Jânia Perla, Irllys Barreira, Leonardo Sá, Cristian Paiva, Alexandre Fleming, Isabelle Braz;

Aos servidores da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Aimberê Botelho e Socorro, pela atenção dispensada.

A CAPES pelo apoio nesses quatro anos.

Ela, a realidade, é que me oferece essa poesia. Eu a traduzo, trabalhando duro para ser digno de sua capacidade de ser bela. E encontro a mais alta beleza na lixeira da história, ali onde repousam os desdenhados, os ninguém, os que têm voz, mas não são ouvidos. Elas e eles são os que fulguram com as luzes mais deslumbrantes no ignorado arco-íris da terra.
(EDUARDO GALEANO)

RESUMO

Essa tese objetiva conhecer as trajetórias de jovens empobrecidos na cidade de Sobral-Ceará, a partir de suas experiências no/pelo mundo do trabalho na referida realidade, procurando compreender como essas experiências são mobilizadas a favor de seus projetos sócio profissionais. A pesquisa propõe-se a perscrutar os modos como esses jovens vêm desenhando suas experiências profissionais, no enfrentamento das (im) possibilidades cotidianas no mundo do trabalho, nas tensões gestadas nas relações com a profissionalização, com o mundo do trabalho e com a própria cidade. Portanto, constitui um esforço de compreensão da relação com o trabalho na vida de jovens, aqui reconhecidos como “jovens das periferias do mundo do trabalho”, a partir de várias experiências de inserção, institucionalizadas, regulares ou não, marcadas pela provisoriedade e precariedade. Trata-se de uma construção analítica direcionada a adentrar nos sentidos do mundo do trabalho para jovens, que estão a vivenciar processos de formação no âmbito de políticas públicas voltadas para a inserção de juventudes empobrecidas no universo laboral, em tempos contemporâneos. Buscou-se encontrar os jovens, sujeitos da investigação, em diferentes *lócus*: nas agências de formação e intermediação de empregos, destacando-se: a Secretaria de Desenvolvimento Social (SDS), a Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE), a Agência de Inclusão Produtiva de Sobral, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI); nos projetos de inserção de jovens no mundo do trabalho, tomando especificamente: o Projovem Trabalhador, o Projovem Adolescente, o Primeiro Passo e o Jovem Aprendiz; nos espaços das ruas no centro de Sobral, a desenvolverem trabalhos informais. O percurso trilhado foi orientado pelos seguintes objetivos: conhecer a versão institucionalizada dos fatos, no chão onde os jovens escrevem suas primeiras experiências profissionais; adentrar em suas trajetórias profissionais, circunscritas nas encruzilhadas do mundo do trabalho, de modo a configurar seus sonhos e projetos a partir de suas narrativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, a trabalhar com narrativas de jovens e de agentes institucionais, desenvolvendo percurso metodológico a partir de observação direta, registro sistemático em diário de campo e em fotografias, entrevistas narrativas, grupos focais e grupos de discussão. Os fios da escrita e os capítulos da tese articulam-se em torno da ética dos acontecimentos que ecoam das narrativas

profissionais de jovens pobres e dos agentes institucionais na simultaneidade do tecido social. As análises empreendidas fizeram-se no entrecruzamento dos aportes teórico-metodológicos advindos, principalmente, dos encontros com Walter Benjamin, Gilberto Velho, Howard Becker, Machado Pais, Larrosa Bondia, Claude Dubar, François Dubet, Pierre Bourdieu, Ulrich Beck, Giovanni Alves, Márcio Pochmann, dentre outros. As histórias aqui narradas por jovens visam resgatar a luta pelo trabalho, pelo reconhecimento e pelo engajamento, circunscrita nas trajetórias não-lineares de jovens das periferias da cidade de Sobral-Ceará, mostrando o que foi e é reprimido, esquecido e intencionalmente escondido, por todos aqueles que pelem e narram, à sua maneira, as lutas cotidianas.

Palavras-chave: Trabalho. Experiência. Trajetórias. Narrativas. Jovem das periferias do mundo do trabalho. Jovem Aprendiz. Políticas Públicas.

ABSTRACT

This thesis aims at evaluating life trajectories of poverty-ridden youngsters in the city of Sobral, State of Ceara, based on their experiences within the job market and according to their reality, while searching to understand how such practical knowledge is summoned to help with their social and professional projects. The research tries to investigate thoroughly how those youths have been designing their professional experiences to tackle daily challenges related to tensions generated by the qualification effort raised not only by the job market but by the city itself. It is, therefore, an attempt to understand how young people relate to work, here identified as “young people from the periphery of the job market” considering their insertion experiences, promoted or not by the State, regular or not, and marked by short-term and precarious aspects. It is an analytic construct directed towards determining how youngsters perceive the job market at a time when they are experiencing formation processes fomented by public policies aimed at placing poor young people in the job market. The research aimed at young people as the investigation’s subjects, at different loci: training agencies that also act as a go-between, highlighting the Social Development Secretariat (SDS), the Technology and Economic Development Secretariat (STDE), the Productive Inclusion Agency of Sobral, the National Service for Industrial Training (SENAI), projects for insertion of young people in the job market, citing specifically the Projovem Worker, the Projovem Adolescent Worker, The First Step and The Young Apprentice, and in the street spaces of downtown Sobral where informal jobs are found. The path followed by the research was based on determining the institutional version of facts that take place within the ground where youths write their first professional experiences; and evaluating their professional trajectories, circumscribed by the job market, to measure their expectations and projects as delineated by their narratives. It is a qualitative effort of ethnographic inspiration that deals with narratives from youths and government agents whence a methodological path was devised based on direct observation, systematic appointment on field journals, analysis of photographs, and interviews involving the groups. The main lines and chapters of the thesis are developed around the ethical interpretation of facts found in the professional narratives of poor youths and government agents found together in the same social tissue. The

resulting analyses considered cross-crossing of theoretical and methodological inputs that came mostly from investigation of Walter Benjamin, Gilberto Velho, Howard Becker, Machado Pais, Larrosa Bondia, Claude Dubar, François Dubet, Pierre Bourdieu, Ulrich Beck, Giovanni Alves, Márcio Pochmann, among other. The histories told here by young people aim at rescuing the struggle for work, recognition and engagement as circumscribed to non-linear trajectories from young people in the periphery of the city of Sobral, State of Ceara, showing the extent of current and past repression that is intentionally forgotten and hidden by those that face daily struggles and now tell about them.

Keywords: Work, Experience, Trajectory, Narrative, Young People from the Periphery of the Job Market, Young Apprentice, Public Policies

SUMÁRIO

1 À GUISA DE INTRODUÇÃO	14
2 CARTOGRAFIAS DE VIAS ANALÍTICAS: TEORIAS EM MOVIMENTO NOS CIRCUITOS DO CAMPO	34
2.1 Trabalho em suas configurações contemporâneas: centralidade e sentidos	36
2.2 “Trajetórias num Mundo de Vínculos Fugazes”: novo nicho de oportunidades criadas para os que nele ingressam?	39
2.3 Compreendendo as juventudes: “ <i>la juventud es más que una palabra</i> ”	47
2.4 Trajetórias Juvenis: movimento pendular entre frustração, esperança e oportunidade	51
2.5 A experiência social e o saber da experiência na constituição dos projetos individuais	63
2.6 A pluralidade dos contextos sociais e a heterogeneidade das experiências socializadoras	67
3 NARRATIVAS METODOLÓGICAS: PERCUSOS DO/NO CAMPO	79
3.1 As primeiras ideias e os pontos de partida	79
3.2 Itinerários na cidade: acercando o campo empírico	85
3.3 “Nós e os outros”: lançando uma ponte no abismo que nos separa	91
3.4 Constituindo o método a partir de uma experiência	109
3.4.1 “ <i>Estar com</i> ”, Observar, Escutar	110
3.4.2 O Olhar, as Imagens da Vida Cotidiana e as Rodas de Conversa	114
3.4.3 O Grupo Focal e o Grupo de Discussão: escolhas teórico-metodológicas na abordagem com coordenadores e jovens	122
3.4.4 (Re) definindo os procedimentos metodológicos a partir do campo: as entrevistas narrativas, os encontros e as abordagens na rua	126
3.4.5 Cores, batas, crachás, alegorias: distintivos culturais do modo de ser Jovem Aprendiz	131

4 SOBRAL COMO “CIDADE DAS OPORTUNIDADES” PARA AS JUVENTUDES: A “SAGA” DA INSERÇÃO DOS JOVENS EMPOBRECIDOS NO MUNDO DO TRABALHO	136
4.1 Sobral no contexto do Ceará do século XXI: o mito do “Trabalho Pleno”.....	153
4.1.1 SOBRAL: um desenho preliminar	153
4.1.2 Sobral nos circuitos do Projeto “Trabalho Pleno”	160
4.1.3 A Agência de Inclusão Produtiva de Sobral	163
4.1.4 O Banco de Oportunidades	171
5 JUVENTUDES NA AGENDA PÚBLICA DE SOBRAL: O PACTO PELA JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO	174
5.1 O Pacto pela Juventude em Sobral: uma nova gramática juvenil na narrativa dos agentes institucionais	174
5.1.1 A Juventude na agenda sobralense	177
5.2 As Políticas Públicas de/para Juventudes: trilhas (in)certas rumo ao mundo do trabalho	184
5.2.1 Juventude sobralense nas trilhas do primeiro emprego	186
5.2.2 O Projovem Adolescente e o Projovem Trabalhador	191
5.2.3 O Projeto Primeiro Passo	197
5.2.4 O Jovem Aprendiz	208
5.3 Políticas Públicas: vias que se abrem para os jovens sobralenses empobrecidos	218
6 TRAJETÓRIAS JUVENIS NAS EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO	224

6.1 Balizando o campo de análise: projeto e campo de possibilidades	225
6.2 Os “caminhos que se enroscam no mundo do trabalho”	237
6.3 Projetos e expectativas para além das margens circunscritas	247
6.4 Dilemas e angústias: o encontro com a realidade de inseguranças e instabilidades	258
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
PORTO DE CHEGADA, ESTAÇÃO DE PARTIDAS...	272
REFERÊNCIAS	277

1 À GUIA DE INTRODUÇÃO

Me apaixona, isso sim, a realidade, com suas histórias secretas, suas zonas invisíveis que escondem as pequenas coisas da vida cotidiana. E isso vale para o presente e para o passado. E vale para a realidade desperta e para a realidade adormecida, ou que acontece enquanto dorme e tem sonhos e pesadelos.

(Eduardo Galeano, 2008)¹

Este texto acadêmico da tese de doutoramento que ora apresento baseia-se em quatro anos de investigação das práticas de qualificação e das primeiras experiências profissionais de jovens empobrecidos na cidade de Sobral. A análise destes acontecimentos, em seus múltiplos contextos sócio profissionais, permitiu-me extrair as linhas mestras da complexa relação que os sujeitos da pesquisa mantêm com o mundo do trabalho.

De fato, vivenciei uma aventura investigativa para apropriar-me dessas práticas e experiências juvenis. Em um esforço reflexivo sobre os percursos da pesquisa, proponho-me a esclarecer os caminhos que tive de forjar, evidenciando as surpresas nessa caminhada. Por considerar que pesquisas são constituídas de surpresas e descobertas, empreendo a narrativa dos caminhos por mim trilhados, no exercício do ofício da pesquisa, tratando de seus tempos e espaços, por entender que trazem singular importância para a compreensão de questões macro e microsociais que compõe “a realidade, com suas histórias secretas e zonas invisíveis”, como expressa Galeano (2008).

Essa caminhada, recortada pela dimensão espaço/temporal, elucida dimensões objetivas e subjetivas de pontos singulares de uma investigação sobre juventudes e mundo do trabalho no campo sociológico. Num trabalho a situar-se numa área de fronteira entre sociologia e antropologia, sustentada em dois grandes eixos analíticos: trabalho e juventudes.

¹ Trecho extraído de uma entrevista com Eduardo Galeano, concedida ao colunista Moises Mendes, para o Caderno Cultura, realizada em 08 de outubro de 2008. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/04/eduardo-galeano-me-apaixona-a-realidade-com-suas-historias-secretas-e-suas-zonas-invisiveis-4738955.html>. Acesso em abril de 2015.

Sujeitos da pesquisa em cena...

Depois do nosso encontro no dia 04 de outubro, lá no CRAS Irmã Osvalda, combinamos a realização de um Grupo de Discussão (GD), com a participação de alguns jovens do coletivo do Projovem do Alto da Brasília. Para minha surpresa, eles vieram conforme o horário combinado, 17h00min. Meio assustados eles entraram na sala de reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), espaço localizado na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)², estando acompanhados pela orientadora do coletivo Projovem Adolescente do Bairro Alto da Brasília, Ceiza Rodrigues. Para eles, um momento mágico, pois era a primeira vez que entravam numa Universidade, mesmo sendo esta localizada no Bairro vizinho onde moravam. Tão perto, porém distante dos seus sonhos e projetos. Falaram até que nunca pensaram entrar ali, provavelmente uma esperança remota. "Mas, os nossos professores falam bastante em relação ao trabalho. (...) Eles tentam passar prá gente, que devemos buscar algo mais que aquilo. O foco deles mesmo é a Universidade. Aí dizem: 'vão fazer uma Faculdade, não fiquem só nisso... não vão querer ser só mais um 'peãozinho da Grendene'...", Falou Cris, jovem de 17 anos. Trazer as histórias dos sonhos e da realidade dos jovens para discussão foi um bom motivo para iniciarmos nosso Grupo de Discussão (GD). (DIÁRIO DE CAMPO, 17/10/2012)

A nota inicial desta introdução, extraída do diário de campo, data do dia 17 de outubro de 2012, quarta-feira, 17h00min. Demarca um momento ímpar da pesquisa de campo, que dá vida a este trabalho científico, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Um dos nossos primeiros contatos com os sonhos e projetos profissionais de alguns dos muitos jovens com os quais viríamos estabelecer vínculos nos processos de relação social da pesquisa "*Juventude e mundo do trabalho: trajetórias, em narrativas, de jovens em busca do primeiro emprego em Sobral-Ceará*".

Esse não foi o primeiro dos muitos contatos que tive com os jovens, porém guarda passagens significativas das histórias que ouvi e que, a partir delas, fui constituindo as linhas mestras que propiciariam os rumos definidores de minha pesquisa de doutorado.

² Universidade Estadual que atende a região noroeste do Estado do Ceará, localizada em Sobral-Ceará. O GEPECJU é o grupo em que atuo como pesquisadora e coordeno a linha de pesquisa "*Juventude, Trabalho e Políticas Públicas*".

Na dinâmica expositiva deste texto introdutório, cabe circunscrever, antes de tudo, o campo de estudos e o eixo analítico estruturante da tese, em meio a um processo de redefinições, que me conduziu a novas vias investigativas em busca de compreender os sentidos da inserção no mundo do trabalho para os jovens empobrecidos, que habitam as periferias de vida em Sobral (CE).

“Escovando histórias a contrapelo: narrativas de jovens sobre as suas trajetórias sociais e profissionais”, em Sobral, objetiva compreender as trajetórias de jovens nos circuitos da formação profissional no contexto sobralense, a partir de suas experiências no/pelo mundo do trabalho, na referida realidade, procurando compreender como essas experiências são mobilizadas a favor de projetos sociais e profissionais desses jovens.

Portanto, a tese, ora apresentada, constitui um esforço de compreensão da relação com o trabalho, na vida de jovens empobrecidos, aqui reconhecidos como “jovens das periferias do mundo do trabalho”, a partir de várias experiências de inserção, institucionalizadas, regulares ou não, marcadas pela provisoriedade e precariedade. Trata-se da apreensão do processo de constituição social do jovem, ora como aprendiz, ora como trabalhador, a partir de suas relações nas diversas experiências de formação e inserção para/no trabalho, nas diferentes esferas das quais participa, como as agências de formação profissional, as agências de intermediação de empregos, os coletivos juvenis e até a família.

A ideia inicial era investigar essas questões tomando por campo de análise os jovens pobres que estavam inseridos em três programas específicos – o Primeiro Passo³, o Projovem Adolescente⁴, o Projovem Trabalhador⁵ -, todos em pleno

³ O **Primeiro Passo** foi criado por meio de ações do Governo do Estado do Ceará, através da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Social, contando com o Grupo de Apoio ao Investimento Social (GAIS), como entidade executora. O projeto surgiu com a finalidade de mudar a realidade dos jovens oriundos da rede pública de ensino do Estado do Ceará, através da qualificação profissional, facilitando a inserção no mercado de trabalho. O Programa Primeiro Passo desenvolve três linhas de ação: **Jovem Aprendiz**, **Jovem Estagiário** e **Jovem Bolsista**. O programa tem como objetivo proporcionar aos adolescentes e jovens, de 16 a 21 anos, cursos de capacitação profissional e social, oportunizando a inserção no Mercado de Trabalho. Seu público alvo são jovens de 16 a 21 anos de idade, que estejam cursando o Ensino Fundamental da rede pública, oriundos de famílias com renda per capita de até ¼ de salário mínimo.

⁴ O Projovem Adolescente integra o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM, como modalidade exclusivamente destinada à faixa da juventude compreendida entre os 15 e 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família e jovens vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial, como o Programa de Combate à Violência e à Exploração

desenvolvimento na cidade de Sobral, através de duas secretarias: Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate a Extrema Pobreza (SDS) e Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE) em convênio com o SINE/IDT.

Esses programas propiciam aos jovens a experiência de uma inclusão regular e temporária no trabalho. No caso do Primeiro Passo, os jovens, de dezesseis a vinte e três anos, são contratados, como jovem aprendiz ou estagiário, para “trabalharem” no comércio local - incluindo lojas e mercantis - e nos setores administrativo e operacional de empresas - como Grendene, Fábrica Coelho, entre outras - por determinado tempo, realizando atividades que, em princípio, devem ser monitoradas e acompanhadas por seus coordenadores e orientadores (dos Programas) e supervisores (do comércio, empresas, outros).

Segundo os objetivos desses programas, a ideia é fornecer aos jovens uma orientação para e no trabalho, por meio de cursos de qualificação e do constante monitoramento e orientação dos coordenadores e orientadores dos programas e supervisores locais das práticas de aprendizagem profissional. Conforme fui percebendo, no decorrer da pesquisa, essas orientações ultrapassavam os assuntos relacionados ao trabalho, enveredando, também, pelos projetos de vida dos jovens atendidos por esses programas.

Expectativas, projetos futuros, relações estabelecidas no espaço de trabalho, percepções dos indivíduos sobre sua atividade, sobre si mesmo e sobre os que os cercam, práticas desenvolvidas no e específicas do trabalho passaram a estar no foco da investigação levada a efeito por quatro anos. Nesta perspectiva, passei a investigar os jovens, sujeitos da investigação em diferentes locais: programas de inclusão, agências de qualificação e locais de trabalho, enquanto espaços de troca de experiências entre colegas.

Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ou ainda jovens sob medidas de proteção ou socioeducativas, previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Tem como objetivos: complementar a Proteção Social Básica à família, criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária; criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional.

⁵ O Projovem Trabalhador tem como objetivo preparar o jovem para o mercado de trabalho e para ocupações alternativas geradoras de renda. Podem participar do Programa os jovens desempregados com idades entre 18 e 29 anos, e que sejam membros de famílias com renda per capita de até um salário mínimo.

E ampliei o olhar para dimensões subjetivas das experiências vivenciadas por esses jovens, privilegiando como elementos de observação e estudo: a importância conferida pelos jovens às vivências nos percursos de formação profissional e de inserção no mundo do trabalho, no que elas representam de possibilidades de construção de caminhos e projetos futuros; os jovens no universo de suas famílias concebidas como espaços em que práticas e valores, inclusive no tocante ao trabalho, são construídos ao longo do tempo.

Assim, passei a incluir outros eventos nos meus percursos investigativos, a exemplo das formaturas, eventos de mobilização da juventude, tendo em vista que, para pensar a relação do jovem com o trabalho, é necessário também discutir as relações estabelecidas em distintas esferas de sociabilidade que dão sentido ao próprio ato de trabalhar.

Nas camadas populares, com frequência, as atividades laborais começam cedo, fruto não apenas da necessidade, mas das representações existentes em torno da importância do trabalho para os filhos, segundo um código moral de obrigações recíprocas. Trabalho, espaços de formação, coletivos de jovens e família foram esferas essenciais para a compreensão das questões que nortearam a composição desta investigação em torno dos jovens empobrecidos a habitarem as periferias da vida em Sobral.

O encontro de outubro de 2012, em destaque nos primeiros parágrafos desta introdução, é aqui tomado como um marco que referencia o conhecimento da realidade de jovens pobres sobralenses, mediante suas histórias narradas, sem interlocutores, distante de seus tutores e dos credores de seus destinos. Poderia mesmo dizer, que aquele momento marca o início da escuta da narração da(s) história(s) sobre a peleja da vida cotidiana de jovens na batalha pelo primeiro emprego, sobre as artimanhas e as estratégias que precisam (re) inventar para dar conta das armadilhas da realidade, quando esta se mostra desalinhada com suas perspectivas profissionais e projetos pessoais.

Feitas estas primeiras demarcações sobre o processo de definição do campo analítico, cabe adentrar no encontro do 17 de outubro, como marco dos percursos investigativos sobre o universo dos jovens sobralenses, que buscam a desafiante inserção no mundo do trabalho. Na condição de grupo de estudos, recebemos cada um dos jovens com o coração aberto, mas com palavras medidas,

pois nosso principal objetivo seria conhecer seus sonhos e projetos profissionais, a partir das narrativas de suas experiências no projeto ao qual estavam vinculados naquele momento: o Projovem Adolescente.

Margarete e Jair (bolsistas)⁶, eu e Conceição (ex-aluna do curso de Pedagogia e, naquele período, orientadora do Projovem) nos desdobramos em cuidados para que o encontro fluísse com desenvoltura e os jovens pudessem sentir-se confortáveis para fazer suas narrativas. Ocupei a cabeceira da mesa. De um lado, Margarete, Jair e Conceição. Do outro, Cris, Bia, Jana, Benjamin e John⁷. Só depois chegou Lucas, pois estava ajudando o pai que estava pintando uma casa no centro da cidade de Sobral.

O minigravador exposto sobre a longa mesa serviu como o grande articulador entre nós e eles, quem sabe o elo, pois foi tomado como um objeto motivador de uma antiga brincadeira, chamada “escravos de Jô”. Passando de mão em mão, empurrado por um dedo na tecla, o uso do minigravador foi o suficiente para formar um círculo de palavras e cumplicidades.

Reunidos em torno da mesa da sala, demos início a montagem de um castelo de sonhos. As palavras funcionavam como as cartas de um baralho de tarô e, na medida em que iam sendo viradas, compunham as múltiplas histórias das personagens ali reunidas, cabendo ao narrador - a pesquisadora - interpretar as figuras enigmáticas que se sucediam (CALVINO, 1994), desentranhar delas as aventuras e desventuras de seus “companheiros de fado”⁸. Estávamos ali inquietos em busca do conhecimento das pequenas histórias a comporem suas primeiras experiências no mundo do trabalho.

As primeiras cartas lançadas indagavam sobre como chegaram ao Projeto, para depois questionarem sobre a importância do trabalho nas suas vidas. Envolvida

⁶ Os dois bolsistas, Jair e Margarete, e a ex-aluna, Conceição - naquele momento orientadora do Projovem Adolescente, do coletivo do Alto da Brasília -, são tratados pelos nomes, sem apelo aos nomes fictícios, por livre e esclarecido consentimento, até porque, na primeira fase da pesquisa, foram auxiliares de pesquisa.

⁷ Os nomes dado aos jovens são fictícios para resguardá-los, mesmo com a prévia autorização de publicá-los. Quanto aos bolsistas e orientadores dos projetos serão identificados pelo primeiro nome.

⁸ A palavra **fado** vem do latim *fatum*, ou seja, "destino", é a mesma palavra que deu origem às palavras fada, fadario, e "correr o fado". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fado>. Acesso em setembro de 2015.

pelo fascínio irresistível dos grandes quebra-cabeças, convidei os presentes a mergulharem na encruzilhada das possibilidades da narração e da existência. "Façam seu jogo, senhores" (*ibidem*), é o que parecia dizer as palavras lançadas, convidando os presentes a seguirem as primeiras experiências de jovens sobralenses.

Trilhar na/pelas histórias sobre as primeiras experiências destes jovens no mundo do trabalho significava, naquele momento, explorar os segredos das palavras e das experiências "prematuras" dos jovens que conheci ao longo dos quatro anos de minha pesquisa. Implicou "escovar histórias a contrapelo", passando, então, por uma aprendizagem processual e reflexiva, conjugando imaginação sociológica com rigor metodológico.

Tomo aqui a expressão utilizada por Walter Benjamin (1987 [1940]) "escovar a história a contrapelo", que significa a recusa radical em compartilhar das concepções conformistas, fatalistas e lineares da história, aquelas para as quais o progresso é a norma. Para Benjamin, o imperativo de "escovar a História a contrapelo" significa ir contra a versão oficial da História, é um nadar contra a corrente da versão narrativa oficial dos fatos. Tal direcionamento permite o enfrentamento e a superação da forma em vigor em nossa sociedade, opondo-lhe a tradição dos oprimidos e, conseqüentemente, a luta contra a corrente.

Na compreensão benjaminiana da história, o materialismo histórico, por meio da luta de classes, deve assumir a vanguarda do processo histórico, acelerar a marcha da história rumo à revolução e, ainda, obstar o avanço do inimigo, que não tem cessado de acumular vitórias. O materialismo histórico, por sua vez, deve recobrar a sua tarefa: propor uma historiografia "do ponto de vista dos vencidos", dos que constituem a classe oprimida, e não uma historiografia dos vencedores, dos que compõem a classe dominante. Deve, portanto, exercitar o adágio: "escovar a história a contrapelo".

Para Benjamin, no "estado de exceção" em que ele viveu - que ele mesmo afirmou não se tratar de exceção, mas de regra geral - o conceito de História não corresponde à verdade vivenciada. Trata-se de uma história, cuja narrativa é o relato das vitórias consecutivas da classe dominante. Urge, pois, fundar um novo conceito

de história, o qual corresponda às exigências do tempo presente, do “tempo de agora” e da classe oprimida.

As histórias, aqui narradas por jovens, visam resgatar a luta pelo trabalho, pelo reconhecimento e pelo engajamento, circunscrita nas trajetórias não-lineares de jovens das periferias da cidade de Sobral-Ceará, mostrando o que foi e é reprimido, esquecido e intencionalmente escondido por todos aqueles que pelejam e narram, à sua maneira, as lutas cotidianas. O caminho trilhado nos percursos da pesquisa foi constituído numa mão dupla, com seus respectivos objetivos: conhecer a versão institucionalizada dos fatos, no chão onde os jovens escrevem suas primeiras experiências profissionais; conhecer suas trajetórias profissionais, circunscritas nas encruzilhadas do mundo do trabalho, de modo a tornar evidentes seus sonhos e projetos, a partir de suas narrativas.

Deixada à própria sorte, ou acariciada no sentido do pelo, as histórias narradas apenas reproduziriam aquilo que temos verificado sobre sucesso e/ou fracasso de jovens pobres, cuja ênfase é dada ao fracasso escolar ou profissional se considerado suas origens a partir de uma visão determinista. Nessa linha de pensamento, acredita-se nos talentos educacionais e profissionais como estando situados numa curva contínua de capacidades decrescentes, que se vai achatando (WILLIS, 1991), em cujo modelo as pessoas da classe pobre estariam situadas nos seus pontos mais baixos, assumindo, sem questionar, as piores ocupações ou permanecendo perplexos frente às oportunidades existentes, tendendo ao fracasso.

Em contrapartida, escovar a história a contrapelo, por assumir a perspectiva dos excluídos, dos jovens das periferias da vida de todos os tempos, busca apresentar os eventos de uma forma que revele o que ficou escondido sob a capa dos relatos oficiais das instituições sociais.

Desse modo, ao invés de pressupor uma curva achatada e contínua de capacidades na estrutura ocupacional de classes, passei a pensar em rupturas radicais, representadas pela interface de formas culturais, mesmo compreendendo que o padrão cultural de “fracasso” ou “sucesso” da classe jovem pobre é diferente e descontínuo em relação aos outros padrões.

No sentido de compreender a realidade desses jovens foi necessário desmontar as dobras do cotidiano, nas quais teciam suas histórias, cuja realidade se mostrava, ao mesmo tempo, sombria e animadora; sombria pela presença constante da incapacidade das instituições sociais, dentre elas, a Escola, as Agências de Intermediação de empregos e as Agências de Formação Profissional, em produzir perspectivas na precariedade e perversidade das relações de trabalho e emprego. O fio de esperança aparecia justamente refletido na grande energia inventiva dos jovens em batalhar por ideais que quase sempre são incertos, ou na luta pela própria sobrevivência, como muitos afirmaram durante os encontros que tivemos.

As primeiras “cartas” lançadas para os jovens durante o nosso grupo de discussão questionavam sobre “a importância do trabalho na vida do jovem hoje”, ao que uma das jovens respondeu:

A pessoa que for trabalhar num determinado emprego, num determinado estágio, ela não deve pensar somente no salário, mas o que aquele estágio ou emprego qualificaria ela para o futuro, que a gente não pode só vivenciar o presente sem pensar no futuro. Então, a fase de adolescente significa a pessoa se identificar consigo mesma e o que quer para a vida, portanto, serve não somente como salário, mas como aprendizagem. (CRIS, 2012)

Inicialmente, percebi tanto na fala dessa jovem, como no debate que durou cerca de duas horas, a importância do aprendizado para o futuro, que seria aprimorado a partir das identificações dos jovens consigo mesmo e com suas experiências, a partir das quais iriam construindo seus projetos.

Outro destaque foi dado ao trabalho enquanto gerador de *independência* para os jovens, cuja *independência* passa a constituir energia potencializadora das trajetórias pessoais, conforme expressa outro jovem:

O trabalho é a pessoa poder viver a sua vida, ter seu próprio meio de viver sem precisar de ninguém para estar pedindo, de ter sempre uma pessoa para estar te ajudando.... Vai ter seu próprio meio de vida e ter a sua própria vida, construir a sua trajetória e a sua caminhada. (BENJAMIN, 2012)

Esses fragmentos de relatos, que compõem as tessituras dessa tese, são reveladores das contingências que atravessam a vida de jovens sobralenses, mas também demonstram o potencial criador e inventivo em cada experiência constituída, o que implicou também, num exercício criativo de encontrá-los nos diversos espaços-tempos onde suas aprendizagens e experiências ocorriam.

Portanto, é objetivo relacionado e subsidiário desta pesquisa examinar aspectos centrais e importantes da cultura juvenil e da aprendizagem profissional, trazendo à reflexão a questão da juventude face ao mundo do trabalho na sociedade contemporânea.

Tomo, como sujeitos do meu estudo, os jovens das periferias da cidade de Sobral-Ceará, que transitam por diferentes formas de alcançar um emprego, em percursos plenos de curvas, que vão das agências de qualificação profissional às primeiras inserções no mundo do trabalho, aqui consideradas “experiências”, conforme qualificam as instituições e/ou empresas que os recebem. Essas experiências, quando comprovadas, passam a ser um elo com o mundo do trabalho, dependendo das oportunidades que surgem na cidade e conforme articulações das políticas sociais em vigor.

No sentido de analisar o processo de inserção profissional de jovens sobralenses, a compreender tempo de qualificação e tempo de experiência, impôs-se a necessidade de apropriação do referencial simbólico, dos códigos e das práticas daquele universo cultural específico, no qual os jovens constroem suas vivências.

A opção pelos jovens pobres, em seus percursos e percalços na busca de emprego, na relação que constroem entre agências de intermediação profissional, instituições de qualificação profissional e inserção profissional na cidade de Sobral, permite também recuperar “fios de lembranças nas miríades de experiências” (CORDEIRO, 2008), que tecem a cidade como um campo de possibilidades e de oportunidades de experiências profissionais.

Desde o ano 2008, procuro estudar e compreender a complexidade da relação juventude e mundo do trabalho, diante das lutas por ampliação dos processos de profissionalização técnica e das novas demandas por qualificação de jovens, de modo especial daqueles que travam uma constante batalha para a conquista do primeiro emprego. Logo comecei a questionar as limitações impostas à empregabilidade de jovens, que desconsideram, em sua dinâmica, as primeiras experiências profissionais (temporárias), os conhecimentos produzidos nas relações sociais de produção. Mais que isso, comecei a questionar as propostas de qualificação profissional que exibem uma busca pela homogeneização dos sujeitos e

a consequente negação das subjetividades, encarnadas em projetos individuais que possa unir diferentes dimensões de suas vidas.

De fato, minhas primeiras aproximações com a temática da juventude e o mundo do trabalho ocorreram por volta dos anos 2008/2009, quando assessorei ações ligadas a implementação do Projeto Primeiro Passo na cidade de Forquilha-Ceará. Essa primeira aproximação despertou em mim a necessidade de indagar sobre o potencial de inclusão das políticas de qualificação e formação profissional de jovens, que, apesar do seu caráter tardio e do seu alcance limitado, suscitaram o debate sobre a necessidade de um sistema público de emprego que nunca chegou a se constituir plenamente no Brasil (POCHMANN, 1998).

Nesse período, algumas questões foram levantadas dando margem a posteriores questionamentos que me levaram a desenvolver um projeto de pesquisa, **“Juventudes e o Mundo do Trabalho: trajetórias juvenis face a ideologização da qualificação profissional”**, que teve início com meu ingresso no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC, a nível de doutorado, sob a orientação da Profa. Dra. Alba Pinho de Carvalho. À rigor, este projeto original foi sendo reestruturado ao longo dos quatro anos nesse programa.

Foi nesse cenário que surgiram as primeiras inquietações por compreender, enquanto pesquisadora e profissional do serviço social, a imensa lacuna entre as necessidades dos jovens trabalhadores - ou jovens que buscam o primeiro emprego - e os seus projetos profissionais. Portanto, há momentos em que falo na condição de profissional ligada às Políticas Públicas de/para Jovens – caminho que percorri desde 2005 (de Forquilha à Sobral); há outros, desde 2006, em que falo na condição de professora e pesquisadora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU).

Em um olhar epistemológico sobre o meu próprio percurso ao longo desta pesquisa que funda esta tese de doutoramento, cabe fazer algumas demarcações. Meu interesse original de pesquisa estava centrado nos jovens ingressos e egressos das políticas públicas de formação para o trabalho, especificamente, inseridos no Projovem Adolescente e Projovem Trabalhador - iniciativa do Governo Federal -, e no Projeto Primeiro Passo - iniciativa do Governo do Estado do Ceará -, dado o seu potencial de inserção, de jovens pobres, com fins de orientação e qualificação para o

mercado de trabalho. De fato, os programas de inclusão profissional de jovens passaram a ser o mirante, através do qual pude acessar as juventudes das periferias de Sobral nos seus diversos percursos, desde os processos de qualificação às primeiras experiências no mundo do trabalho.

Pelo o exposto até aqui, é possível perceber que privilegiei, inicialmente, minhas observações nas práticas e programações das políticas públicas para jovens pobres – nos cursos de qualificação, especificamente para o primeiro emprego. No entanto, tentei compreender os laços que unem esses jovens ao mundo do trabalho, tanto nas práticas formativas dos indivíduos, como em suas relações com os diversos mundos sociais em comunicação, que são: a formação e a experiência nas empresas, comércio e instituições sociais; o local de trabalho e aquele dos modos de vida, como a família e a cidade em que moram. Vale ressaltar, que mesmo considerando a interdependência entre esses espaços sociais – da formação profissional, das empresas e o da cidade onde habitam, mas permaneço atenta a eventuais contradições ou a um possível hiato entre esses mundos.

Nesse rumo, no processo de trabalho da pesquisa, passei a repensar as teorias totalizantes, suas categorias universais produzidas pela ciência e, em seu interior, as ditas verdades que atravessam e constituem práticas e sujeitos, mas não dão conta de uma realidade complexa e múltipla. Foi assim que, nas dobras do tempo, fui desdobrando a pesquisa, a escrita.

Para compreender os jovens sobralenses, precisei superar o olhar linear e positivista da lógica formal ou mesmo o olhar institucional dominante, que trata o jovem como uma etiquetagem social, por exemplo, ao qualificá-lo como “jovem de periferia”, “jovem aprendiz”, “jovem estagiário”, “jovem bolsista”, raramente um “trabalhador” ou um “profissional”, como assim o desejam. Nessa ótica enclausura-se a percepção e impõem-se certezas e modelos de enquadramento acerca da experiência juvenil. O contato com as experiências desses jovens na cidade de Sobral e a proximidade das vidas juvenis encarnadas em planos e perspectivas distintas, logo mostraram a improcedência desta lógica homogeneizadora.

À rigor, este estudo caminha por entre capturas e devires que tecem as vidas de jovens pobres sobralenses. Os percursos traçados por diferentes jovens, nos liames que articulam seus processos de formação profissional e modos de inserção

no mundo do trabalho, orientaram-me nesta pesquisa através de diferentes fronteiras e mobilizaram-me rumo à simultaneidade dos espaços e dos tempos, nos quais esses jovens constroem suas diversas experiências profissionais.

Para adentrar em seu universo de sentidos, tive que ir buscá-los e observá-los a partir do local onde constroem sociabilidades profissionais - nas agências de qualificação para o trabalho, a exemplo do SENAI; nos coletivos do PROJOVEM, mais especificamente nos CRAS; nos locais onde os cursos do PRIMEIRO PASSO eram ofertados; nos próprios locais onde exerciam suas experiências como jovens aprendizes, como na Grendene, Fórum Eleitoral e nas ruas -, buscando compreender que sentidos os jovens produzem nas relações formação profissional e trabalho, visto que cada instituição se propunha a oferecer oportunidades ímpares de aprendizagem e de sucesso profissional. Seguindo os campos de ação dos jovens sobralenses, passei a interrogar sobre os campos de possibilidades de inserção profissional dos jovens pobres, através dos programas e outras iniciativas até então implementados na “cidade das oportunidades”⁹.

Sobral¹⁰, cidade localizada na zona norte do Estado do Ceará, dista 230 km de Fortaleza, a capital do estado, e congrega uma população estimada em 188.233 habitantes¹¹. Considerada a terceira cidade em Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), no ano de 2008, sétima no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2000, terceira em Índice de Desenvolvimento Regional de Resultado em 2007¹². Por seu lugar de destaque na zona noroeste do Estado do Ceará, por ser considerada cidade de grande porte, por seu elevado contingente populacional e, sobretudo por agregar um número considerável de empresas, a exemplo da Grendene, é considerada como a “cidade das oportunidades”, cuja representação é reproduzida nos discursos dos agentes institucionais e ecoa em toda região.

⁹ Esta é uma configuração atribuída a Sobral a ser devidamente discutida no Capítulo III desta tese.

¹⁰ Situada na Região Noroeste do Ceará, a cidade de Sobral encontra-se a 206 km de distância de Fortaleza (em linha reta) e está a uma altitude de quase 70 metros do nível do mar. Sobral possui uma área de 2.122,98 Km², correspondendo a 1,43% da área do Estado do Ceará. O município de Sobral é mais densamente povoado que o Estado do Ceará como um todo.(FONTE: IPECE, 2010)

¹¹ Ver: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 18 de maio de 2012.

¹² Ver: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2010/Sobral.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2010.

Entendi que seria necessário perceber os sentidos que os jovens atribuem aos seus diversos deslocamentos no mundo do trabalho, nesta cidade, nas suas relações interpessoais, nas relações junto aos programas sociais, pois ocupam e vivenciam esses espaços/tempos conforme as possibilidades e conquistas alcançadas no seu cotidiano. Mas, também, experienciam o inverso disso: desencantamentos, desencontros, reprovações, “falta de oportunidades”, ou situações que alternam engajamentos provisórios e períodos de “busca ativa” - nos cursos de qualificação, nos empregos ou ocupações alternativos.

Para situar a problemática em estudo, direcionada a perceber como os jovens pobres produzem suas vidas em contextos de fabricação da miséria, foi preciso olhar em direção às políticas públicas que os “abrigavam” e às diversas experiências que iam constituindo no jogo de escalas, a compor a singularidade de suas vidas, entretecidas com os projetos individuais, as “ofertas de oportunidades” e as promessas de empregos, na sincronia de tempos sociais e experiências diversas. Neste rumo, optei por seguir os vestígios por eles deixados nos seus deslocamentos em torno dos processos de qualificação e de inserções provisórias no mundo do trabalho, aqui compreendido como trabalho precário.

Pergunto, então, o que escapa às experiências de qualificação profissional e aos modos de inserção no mundo do trabalho ou, em outros termos, como essas experiências reverberam na vida dos jovens, nas suas falas e nas suas práticas, tanto as instituídas, a reforçarem as normas, os controles, os modos de ser trabalhador, como as práticas instituintes, a produzirem outras sonoridades, em direção à formação de suas singularidades?

Diante da precarização do trabalho e de uma condição de qualificação profissional tão limítrofe, compreender os jovens, hoje, exige um olhar multifacetado, e pergunto: o que “vaza”, o que escapa às capturas, o que produz potência nos diversos contextos de vida, nas relações com a formação profissional e com o trabalho?

As trajetórias e os percursos de formação e de inserção no mundo do trabalho, cujas narrativas estão encarnadas em nossas análises, quais sejam, as trajetórias de Cris, Bia, Lucas, Benjamin, John, Maiara, Bel, Samara, Rafa, Luan, Luana, Wesley, Geilson, Felipe e Sávio, são exemplos de jovens da periferia de

Sobral, que, como outros jovens sobralenses, passaram por experiências junto aos Projovem, Primeiro Passo e Jovem Aprendiz, no período de 2012 a 2015. Pela reconstituição de suas trajetórias, busquei compreender as relações entre as experiências de socialização profissional vivenciada tanto nos espaços das referidas agências de qualificação e das instituições e empresas que os receberam, como estágios em que comparecem como estagiários ou aprendizes¹³.

Portanto, os percursos possíveis traçados pelos jovens, aqui analisados, que vivenciam modos vários de inserção profissional ou formas alternativas de “ser trabalhador”, contribuíram para compreender de que modo essas experiências socializadoras repercutem na vida dos indivíduos, constituindo-se em possibilidade de superação da situação inicial de inatividade e/ou de inserção na precarização laboral.

Daí a importância dada às narrativas das experiências de jovens que vivem situações de precariedade no mundo do trabalho. Narrativas fragmentadas, “pausadas” pelo curto tempo de experiências provisórias, às vezes desconexas, cujos relatos se assemelham às peças de um jogo de quebra-cabeças, demandando da pesquisadora um esforço de interpretação persistente. Narrativas que são atos de vida que a recontam percursos elucidados por discursos de suas experiências, que de uns e outros se descontinua, numa descontinuidade que se abre a uma verdade, que não se dá por suposta, porque o que se supõe é deduzido do que se pretende supor (PAIS, 2001).

Considerando essas experiências “pausadas” e “intervaladas”, procuro juntar as peças desse jogo, para compreender os projetos profissionais desses jovens. Na tentativa de esclarecer a importância da ideia de projeto para a trajetória de vida de jovens modernos recorri aos trabalhos de Velho (1999), que tomando por base esse conceito em Schutz, entende que é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Em Pais, os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas a um vazio temporal de enchimento adiado e, muitas vezes descoincidem com os trajetos de vida,

¹³ Aqui os termos “estagiário” e “aprendiz” ganham significações diversas, conforme cada programa ou instituição denomina: “jovem bolsista”, “jovem estagiário” e “jovem aprendiz” (Primeiro Passo); “Jovem Aprendiz” (SENAI). Tais denominações justificam as formas de contratação pelas empresas e designam as primeiras experiências no mundo do trabalho.

Junto a isso, esta pesquisa atenta para a ampliação (ou não) dos campos de possibilidades, na perspectiva assinalada por Gilberto Velho (1999), em que esses jovens, marcados a ferro e fogo pelo sistema do capital, podem criar, expandindo e/ou restando suas potências de vida pelos seus percursos e projetos, na afirmação de suas singularidades. “A produção de campos de possibilidades seria uma junção de alternativas elaboradas socialmente por um sujeito em função de determinadas condições materiais e históricas” (VELHO, 1999, p. 19).

Merleau-Ponty (1977) analisa os campos de possibilidades que atravessam as vidas dos sujeitos a partir da compreensão de que a perspectiva vivida de um sujeito não é geométrica ou estática, mas fiel aos fenômenos com os quais interage. Nessa perspectiva, passo a perceber os jovens como sujeitos sociais, que só podem ser compreendidos na multidimensionalidade de suas vidas, nos seus processos de singularização.

Assim, este estudo propõe-se a seguir os caminhos que ampliem a compreensão sócioantropológica de experiências produzidas por jovens ao idealizarem seus projetos de vida, seguindo em diferentes direções. Projetos muitas vezes idealizados no sentido oposto aos seus trajetos de vida. No entanto, o presente vivido é cheio de possibilidades múltiplas, de diferentes experiências e desejos profissionais, sendo as escolhas múltiplas e reversíveis, porém nem sempre possíveis.

Parte dos jovens que acompanhei constroem seus projetos de vida num palco de incertezas, numa entrega ao destino, outros elaboram estratégias de sobrevivência, considerando as várias tramas possíveis que pode modificar-se à medida que se confronta com os imprevistos da vida, dado que esta se encontra sujeita a uma série de contingências.

Os percursos dos jovens a serem acompanhados nessa pesquisa inscrevem-se em verdadeiras redes de hipertextualidade, que conforme Pais (2001), são dominadas pelos princípios da metamorfose, da multiplicidade e do descentramento. Para Pais (2001, p. 14)

[...] Uma rede hipertextual está em constante construção, mudando face à mudanças das partes envolvidas. É o que acontece num tabuleiro de

xadrez, quando o enredo de um jogo muda logo que um novo movimento de pedra se aciona. Este princípio da metamorfose associa-se ao da multiplicidade. O modo de organizar um hipertexto é semelhante ao de um fractal¹⁴. Cada nó de uma urdidura hipertextual, quando analisado, é composto por uma rede própria, um todo formado por outros nós e links. Outro princípio importante é o do descentramento. Numa rede hipertextual não há centro nem linearidade. Entrecruzam-se vários centros, vários caminhos e sentidos.

Essa compreensão dos liames que marcam a constituição dos jovens como sujeitos sociais, que permitem dizer como vêm suas vidas e que lhes permitem construir uma visão projetiva delas, supõe, como caminho metodológico, ouvir as narrativas sobre a constituição de suas experiências sócio-profissionais como campos de possibilidades e, a partir delas fazer das trajetórias um exercício etnográfico. Entendo que a experiência de um sujeito preciso não escapa das concretudes socioculturais que tensamente o realizam enquanto pessoa. A escuta dos relatos é uma das formas adotadas na produção desta pesquisa, além da observação direta e da leitura de documentos.

O percurso trilhado foi orientado pelos seguintes objetivos: conhecer a versão institucionalizada dos fatos, no chão onde os jovens escrevem suas primeiras experiências profissionais; adentrar em suas trajetórias profissionais, circunscritas nas encruzilhadas do mundo do trabalho, de modo a configurar seus sonhos e projetos a partir de suas narrativas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, a trabalhar com narrativas de jovens e de agentes institucionais, desenvolvendo percurso metodológico a partir de observação direta, registro sistemático em diário de campo e em fotografias, entrevistas narrativas, grupos focais e grupos de discussão. Portanto, proponho uma metodologia formada por entrevistas narrativas, para composição das trajetórias detalhadas em um cenário de complexidade do trabalho

¹⁴ A palavra "**fractal**" foi criada por Benoit Mandelbrot, em 1975, na sua pesquisa que levou a publicar o livro "*Les Objects Fractales: Forme Hasard et Dimension*". Um fractal descreve um objeto geométrico que nunca perde a sua estrutura qualquer que seja a distância de visão. Deriva do adjetivo *fractus*, do verbo *frangere*, que significa quebrar. Mandelbrot classificou desta forma os seus objetos de estudo, pois estes possuíam uma dimensão fracionária [uma dimensão não inteira]. A palavra fractal acima de tudo significa auto-semelhante. A auto-semelhança é a simetria através das escalas, ou seja, um objeto possui auto-semelhança se apresenta sempre o mesmo aspecto a qualquer escala em que seja observado. (Disponível em: <http://matematica-na-veia.blogspot.com.br/2008/02/o-significado-da-palavra-fractais.html>)

precário na vida da população jovem, em um estudo qualitativo, no qual a rastreia em seus caminhos de redes simbólicas e “transjetivas”, nos dizeres de Pais (2001).

As análises empreendidas fizeram-se no entrecruzamento dos aportes teórico-metodológicos advindos, principalmente, dos encontros com Walter Benjamin, Suely Koffes, Gilberto Velho, Howard Becker, Machado Pais, Larrosa Bondia, Claude Dubar, François Dubet, Pierre Bourdieu, José de Souza Martins, Ulrich Beck, Giovanni Alves, Márcio Pochmann, dentre outros.

Os fios da escrita e as seções da tese articulam-se em torno da ética dos acontecimentos que ecoam das narrativas profissionais de jovens pobres e dos agentes institucionais na simultaneidade do tecido social. Para dar conta das histórias narradas por jovens, que conformam suas trajetórias profissionais no mundo do trabalho em Sobral – Ceará e no sentido de reconstituir o cenário político e sociocultural, palco das manifestações de suas experiências, este trabalho, além da introdução, compreende mais cinco seções.

A segunda seção objetiva efetivar uma reconstrução analítica peculiar das teorias e conceitos que movimento nas tessituras do “artesanato intelectual”, consubstanciado nesta tese. Para tanto, tomo como esteio dois grandes eixos de análise: trabalho e juventudes.

A terceira seção teve como propósito recuperar o percurso do trabalho de campo, desde os meus primeiros contatos com diferentes grupos de jovens e determinados agentes institucionais, no intuito de obter informações sobre os programas de qualificação de jovens, enquanto parte do processo de inserção destes no mundo do trabalho. Revejo todos os passos dados em direção ao conhecimento da realidade e dos sujeitos que seriam investigados. Assim, serão abordadas as técnicas de pesquisa e as formas como o campo foi sendo construído, dele fazendo parte os desafios e a constante revisão de abordagens e técnicas.

Na quarta seção, empreendo uma narrativa de Sobral, revelando a minha leitura da cidade, construída em minhas andanças pelas suas ruas, pelo centro comercial, adentrando nas suas periferias onde habitam os que parecem viver às margens.

Para me apropriar do que se passa em Sobral, busco inspirar-me em narrativas produzidas pelo olhar de quem vive e experimenta esse espaço,

procurando resgatar olhares expressos em conversas informais, em entrevistas e registros no diário de campo. Nesse sentido, recorro aos interlocutores, coordenadores de políticas públicas de juventude, especialmente do Primeiro Passo (D. Gorete, Gilson e Alisson); do Projovem Adolescente (Virgínia, Ceiza e Fabi); do Projovem Trabalhador (Ângela); do Jovem Aprendiz SENAI (Coordenadores I, II e III); do SINE/IDT (Milton), da Agência de Inclusão Produtiva (Mari, a Psicóloga e Carlos). Também conto com a colaboração de bolsistas de Iniciação Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), como Margarete e Jair.

Para desenvolver a quinta seção, percebo que nas minhas configurações da “Sobral das Oportunidades”, o campo em estudo impôs o direcionamento do olhar para a agenda pública, com foco nas juventudes e sua inserção no mundo do trabalho. De fato, para ampliar o horizonte na apropriação das trajetórias juvenis, em sua saga para fazer-se trabalhador, necessário se faz delinear as demandas ofertadas pelo governo municipal sobralense, em articulação com o Governo Estadual do Ceará e Governo Federal.

Para circunscrever este campo das proposições governamentais, tomei, como referência, narrativas de documentos, relatórios de eventos, e discurso de agentes institucionais que, assim, numa composição de enfoques, permitiram demarcar delineamentos-chave sobre estas ofertas estatais.

Na sexta seção são trabalhados os modos pelos quais os jovens empobrecidos de Sobral constroem suas trajetórias profissionais, em suas tentativas de inserção no mundo do trabalho. Assim, trago para a discussão as narrativas de jovens, no sentido de apreender as expectativas que nutrem em relação ao trabalho e ao futuro profissional, bem como as impressões que agora possuem referentes às experiências que viveram e aos programas que integraram, quais sejam:

Do *Projovem Adolescente* (Cris, Bia, Lucas, Benjamin, John), do *Primeiro Passo* (Luana, Wesley e Geilson), do *Jovem Aprendiz 2013-2014* (Maiara, Samara, Bel, Rafa, Luan), do *Jovem Aprendiz 2014-2015* (Felipe e Sávio); ou daqueles que se encontram nas rotas alternativas e que construíram nos trabalhos “a céu aberto”, nas vias públicas da cidade (Cissa, Raquel e Kaká). Também serão discutidas questões relativas ao percurso profissional após a saída do programa ao qual estavam vinculados, à permanência na Grendene, e aos projetos profissionais e pessoais.

Por fim, as histórias aqui narradas por jovens visam resgatar a luta pelo trabalho, pelo reconhecimento e pelo engajamento, circunscrita nas trajetórias não-lineares de jovens das periferias da cidade de Sobral-Ceará, mostrando o que foi e é reprimido, esquecido e intencionalmente escondido, por todos aqueles que pelem e narram, à sua maneira, as lutas cotidianas.

Considerando os deslocamentos necessários entre o que seria rigorosamente as narrativas históricas e depoimento, minha opção foi trabalhar com uma associação entre as duas abordagens, e, através das narrativas individuais, conhecer as trajetórias de vida e de inserção no mundo do trabalho de jovens sobralenses, porém propondo um corte de tempo e de espaço nas narrativas dos sujeitos investigados, de acordo com os objetivos desta pesquisa.

2 CARTOGRAFIAS DE VIAS ANALÍTICAS: TEORIAS EM MOVIMENTO NOS CIRCUITOS DO CAMPO

A flexibilidade, o estremeamento de um destino, seu peso de esperança e de temor, é isso que é recusado, que se recusa a tantos jovens, moças e rapazes, impedidos de habitar a sociedade tal como ela se impõe a eles, como a única viável – também como a única respeitável, a única autorizada. A única que é proposta, mas proposta como uma miragem, já que, como a única lícita, ela lhes é proibida; como a única em vigor, ela os rejeita; a única a circundá-los elas lhes permanece inacessível. Reconhecemos aí os paradoxos de uma sociedade baseada no ‘trabalho’, quer dizer, no emprego, enquanto o mercado do emprego está não só periclitando, mas até perecendo. (VIVIANE FORRESTER, 1997, p. 57)

Na dinâmica expositiva, esta seção objetiva efetivar uma reconstrução analítica peculiar das teorias e conceitos que movimento nas tessituras do “artesanato intelectual”, consubstanciado nesta tese. Para tanto, tomo como esteio dois grandes eixos de análise: trabalho e juventudes.

Assim, tento cartografar fundamentos do trabalho e da sociabilidade juvenil, tentando trazer luzes para iluminar campos de sombras de jovens que habitam as “periferias da vida” em Sobral, qual “Alice em suas aventuras através do espelho” enroscam-se em caminhos cheio de curvas, com idas e vindas, em suas buscas nos incertos circuitos do mundo do trabalho, na contemporaneidade.

Ao problematizar a importância do trabalho na vida destes jovens, trago o conceito de oportunidade, para compreender suas experiências, a partir da sua inserção nas políticas públicas de inclusão de jovens. Por fim, entrelaço essas experiências com as temporalidades e espacialidades do cotidiano juvenil, nas quais são constituídas suas diferentes trajetórias profissionais, que vão se compondo a partir de suas narrativas.

As aproximações conceituais, portanto, constituem o cercamento teórico-reflexivo que dão sustentação às discussões sobre a relação da juventude com o mundo do trabalho. Esse arcabouço teórico-metodológico permite-me mergulhar no cotidiano desses jovens de periferias urbanas, através dos inventários dos usos de seus tempos cotidianos na formação e no trabalho. Suponho que dessa forma é possível conhecer e compreender os seus processos de qualificação profissional em

seus múltiplos trânsitos: nos coletivos, nas agências, nos cursos de formação, entre outros, a partir dos quais conformam suas trajetórias profissionais.

Os temas aqui tratados fazem parte dos referenciais teóricos que sustentam esta tese, por meio de uma revisão de literatura, que abre o campo de estudo e que recorre à produção socioantropológica sobre o assunto. Através desse arcabouço teórico, exponho os caminhos por onde transitei, os diálogos que estabeleci e como articulei os conceitos. Mantenho um diálogo com os meus interlocutores teóricos, procurando sempre, como tentativa, aproximar-me dos interlocutores empíricos que constituem o campo de estudo.

Em verdade, os espaços/tempos da pesquisa trazem os referenciais científicos empreendidos nos estudos das categorias: “trabalho”, “juventudes”, “culturas juvenis”, “experiências”, “oportunidade” e “projetos”, que abrem vias analíticas, especialmente quando cruzadas com as categorias nativas extraídas das minhas observações, como “jovem aprendiz”, “esperança e oportunidade”, “experiência” e “projeto profissional”.

Estas categorias constituem uma base de sustentação das reflexões anunciadas sobre as trajetórias profissionais de “jovens das periferias do mundo do trabalho” - como os anuncio - ou “jovens aprendizes”, assim reconhecidos pelas políticas públicas de inclusão de juventudes. Inspirada nas reflexões de Lahire (2002) ressalto que “contra toda aparência”, as narrativas conceituais não constituem um texto teórico perdido em abstrações, a teoria expurgada de vida:

[...] Isto é, não defendem um ponto de vista fechado, avançando os resultados da pesquisa empírica – o que corresponde ao que se entende comumente por teoria -, mas propõe um quadro de reflexão, traça novas pistas de investigação e se esforça por nunca universalizar os achados científicos sobre os quais se fundamenta, sejam eles restritos ou amplos. Num sentido particular do termo, portanto, este texto não é teórico. Não pode e nem quer sê-lo e defende a ideia segundo a qual todo quadro interpretativo deve ser modificado em função dos objetos estudados. (LAHIRE, 2002, p. 9).

Nesse sentido, proclamo que não há intenção de “prender” a realidade à teoria. Ao contrário, a teoria será utilizada para buscar explicar a realidade das juventudes nos interstícios do mundo do trabalho.

2.1 Trabalho em suas configurações contemporâneas: centralidade e sentidos

O trabalho, como possibilidade de construção da autonomia para as práticas culturais, é convidado ao diálogo por se constituir não apenas como uma estratégia de sobrevivência, que garante as questões materiais, mas, e também, como forma de garantir o estilo de vida dos indivíduos, de aprendizado para se tornarem responsáveis e, sobretudo, fazerem-se independentes, conforme revelaram os nossos permanentes diálogos sobre a importância do trabalho na vida dos jovens.

Apesar de historicamente ser sempre associado a algo penoso e difícil, a humanidade caminhou no sentido de considerá-lo como, senão única, a mais importante fonte de criação na vida humana. Assim, o trabalho associa uma dimensão negativa onde “representa castigo divino, punição, fardo, incômodo, carga, algo esgotante para quem o realiza” com outra positiva, visto como “espaço de criação, realização, crescimento pessoal, a possibilidade de o ser humano construir a si mesmo e marcar sua existência no mundo” (RIBEIRO; LÉDA, 2004, p.77).

Em “*O Averso da Maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*”, Santos (2000) ao analisar a concepção de desemprego, entende que este parte da noção de emprego que, por sua vez, ainda hoje tem uma relação muito próxima ao conceito de trabalho, cujas reflexões partem da etimologia da palavra trabalho¹⁵.

¹⁵ Para Santos (2000), o termo trabalho é polissêmico. [...] Etimologicamente, o termo trabalho surgiu no século XI de onde se supõe provir da palavra latina baixa *tripalium*, que tinha dois significados: o de instrumento de três pés, destinado a torturas, e o outro, conhecido como um lugar onde se colocam bois para serem ferrados. Suzana Albornoz (1986) indica outro significado do *tripalium*, que era também a denominação de um instrumento feito de três paus aguçados, munidos, algumas vezes, de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasga-los e esfiapá-los. Outra versão apresentada por Celso Leite “aponta como origem o termo latino *trabaculu*, da mesma raiz que deu em português *trava*, *travar* e que em latim significa também uma canga colocada nos escravos para obriga-los a trabalhar” (LEITE, 1994, p. 13). (...) Não obstante, a noção negativa de trabalho já havia sido referida no livro do Gênesis, II, 19, na Bíblia, onde está escrito: “comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e em pó te hás de tornar”. (...) Jean-William Dereymez (1995) e Pierre Vermant (1971), referindo-se ao trabalho na Grécia Antiga, compartilham a ideia de que naquele período não existia um termo que expressasse o mesmo significado de trabalho, tal como hoje é desconhecido. Existiam três palavras: *pronos* – trabalho forçado em contato com a matéria; *ergon* – obra e atividade em geral, que se opõe a ociosidade, derivando-se de *erga* que se refere ao campo e à atividade agrícola; e *techné* – que designa o trabalho do artesão. (...) Ainda no séc. V a. C., o trabalho era considerado como atividade indigna, associada à servidão; mais tarde, como castigo divino. Platão e Aristóteles referiam-se ao trabalho como fadiga do corpo, escravidão do espírito na busca de ganho, sujeição de um indivíduo num estado de dependência perante outro, o que os privava do tempo para se dedicar à cidade e à amizade.

Com a Revolução Industrial do final do século XVIII e início do século XIX, o trabalho se desligou do discurso religioso e tomou lugar central no nosso sistema de valor. Torna-se, então, objeto de discurso econômico, com Adam Smith (1776), considerado como o pai do pensamento econômico clássico, quando teorizou sobre pela *mão invisível* como fator exógeno aos indivíduos, responsável pela *riqueza das nações*, ou seja, ele constatou que a riqueza de uma nação não é representada pelo ouro ou a prata que ela possui, mas, essencialmente, pelo trabalho, que, nessa concepção, torna-se medida real de valor de troca para todas as mercadorias. Noutras palavras, para Smith, o egoísmo é a base do bem comum. Tempos depois, o trabalho também assume o discurso filosófico, com George Frederico Hegel (1821), com o *Estado Providência*. Para Hegel, o trabalho do homem é o reflexo da atividade do espírito, constitui o meio de realizar a si mesmo, ao mesmo tempo que a natureza é humanizada, e, portanto, espiritualizada.

O trabalho como categoria fundante do ser social, pode ser encontrado na obra de Engels (1990) que nos fornece a base para aprendermos o papel decisivo do trabalho na instituição do humano. Para o autor, a passagem do animal ao ser social, assim como a constituição da linguagem, são decorrências diretas do universo do trabalho. Adentrando o século XX, na continuação das ideias de Engels, temos a obra de Lukács (1980) para quem o trabalho é “protoforma da práxis social”, constituindo o homem enquanto ser social. Para esse autor, o trabalho instaura a subjetividade, a liberdade de escolha e a capacidade de planejamento devido à sua teleologia.

A obra de Karl Marx, especificamente *O Capital* (1988), percebe o trabalho em sua ontologia, mas analisa esta categoria em contradição direta com o capital. Na perspectiva marxiana, somente o trabalhador associado e com consciência de classe para si pode ser o sujeito histórico, capaz de revolucionar as estruturas sociais e econômicas que o oprimem. Para Marx o trabalho é elemento central para a tomada de posição política e enfrentamento contra o capital.

Segundo Marx (1980), o trabalho é a categoria fundante da sociabilidade humana, sendo, portanto, o fundamento das diversas formas pelas quais os homens organizam a produção e a distribuição da riqueza social. Marx insiste em que a centralidade do trabalho se dá pela relação dinâmica entre homem e natureza. Para ele, o destino do homem deveria se cumprir na terra e não em termos de uma recompensa celeste. Assim sendo, o trabalho não era um castigo ou desgraça, mas

sim elemento que confere ao homem a dignidade, a força e o seu ser; em transformando a natureza, o homem transforma a si, pois essas transformações da natureza agem, por sua vez, sobre o homem e o modifica. Marx defendia essa libertação pelo trabalho como algo positivo e não como uma escravidão.

Na verdade, a partir de então, a essência e a autonomia do trabalho têm sido discutidas em várias perspectivas. Dentre as principais, Boissonnant (1995) apresenta duas: na primeira, o trabalho tem sentido de emprego, de trabalho assalariado. A lógica econômica, tecnicista e racionalista, mantida pelo capitalismo, não permite ao trabalho outro sentido senão este. Assim, o trabalho é dividido e submetido a um único aspecto: o da maximização e da eficácia produtiva. Numa segunda ideia, há os que procuram mostrar que o trabalho assalariado não esgota o conceito de trabalho e não é, portanto, a única forma de possuir sentido. Existiria uma essência antropológica do trabalho, feita de realização pessoal, ao mesmo tempo, pelo confronto com o mundo exterior ao indivíduo que teria tal forma histórica, mas não somente esta.

Entre os defensores da primeira perspectiva estão os autores que tentam atualizar a discussão de Paul Lafargue (1983). Já no século XVIII, Lafargue tentava mostrar outros aspectos que ocupam maior importância na vida das pessoas, além do trabalho. Autores como Claus Offe, Habermas, Adam Schaff, Robert Kurtz e André Gorz também situam a centralidade do trabalho na vida social em debate. Enquanto isso, Sansaulieu, Nolasco, Dereymez, Ricardo Antunes, Robert Castel, C. Déjours, Selligman-Silva, Teixeira, entre outros, estão mais próximos da segunda.

Há, porém, muitas outras considerações acerca dessas duas ideias contrárias. De um lado, estão aqueles que postulam, acima de tudo, o valor central do trabalho e, de outro, os que discordam dessa posição. Meu convívio com muitos jovens que procuram emprego, que sofrem as modificações no mundo do trabalho, é testemunho de que, para eles, o trabalho, como atividade transformadora da natureza, organizadora do tempo individual, familiar, social e, como o maior provedor de salário, ainda é considerado um elemento fundante da sociabilidade humana.

Entretanto, essa perspectiva que circunscreve o trabalho como campo de luta, possibilidade de interação, sociabilidade e subjetividade, no século XX, sobretudo a partir da década de setenta, é deveras discutida e problematizada à medida que ocorrem metamorfoses no mundo do trabalho em decorrência de mudanças estruturais nesse campo.

Na teoria sociológica produzida no final dos anos 80, com respeito às mudanças no trabalho e ao seu significado para as formas de sociabilidade contemporânea, destacam-se os trabalhos de Claus Offe (1989), que ainda no final desse período, lança um desafio para os teóricos da sociologia do trabalho, inquirindo se o trabalho ainda seria uma categoria analítica chave para o entendimento das sociedades do nosso tempo, em vista das importantes transformações que redefiniam o seu lugar, tanto na estruturação dessas sociedades, quanto no entendimento dos sujeitos sobre o mundo que lhes era dado viver.

Argüia Offe, que a dissolução de uma ética do trabalho ter-se-ia completada com a crise, já visível, desde o final dos 1970, que se seguiu aos chamados “30 anos gloriosos”, marcados pela confluência entre, por um lado, inovação intensa e crescimento sustentado e, por outro, pretensão à universalização de direitos, à inclusão política e à proteção social, assumidas como metas da arquitetura político-institucional em algumas das mais destacadas nações do planeta. Sustenta Offe que, nesse novo mundo, o trabalho estaria se tornando “subjetivamente periférico”, na medida mesmo em que se mostrava “objetivamente disforme”, para usar as provocativas palavras do autor (1989, p.17).

Apesar de haver discursos afirmativos genéricos que negam a centralidade do trabalho, há ainda, na atualidade que a reforçam, a exemplo de Antunes (1995, 2002), entre outros. Antunes destaca a importância do trabalho como instaurador de significado na vida dos cidadãos. Entende que, embora haja um ambiente de exclusão e desemprego, há que se lutar por um universo laboral justo para todos. Antunes enfatiza a heterogeneidade da classe trabalhadora e expõe que o grande desafio, hoje, seria o de se concretizar uma luta comum no meio dessa diversidade. Segue enfatizando que o trabalho é o cenário da luta, pois o próprio desemprego identifica-se pelo emprego, ou seja, o seu oposto o esclarece.

2.2 “Trajetórias num Mundo de Vínculos Fugazes”¹⁶: novo nicho de oportunidades criadas para os que nele ingressam?

¹⁶ Título inspirado no trabalho de Guimarães (2013), intitulado “*Trajetórias Juvenis. Um novo nicho em meio à expansão de oportunidades de trabalho?*”.

A precarização e a degradação do mundo do trabalho se acentuam na atualidade e os jovens, de modo especial, são afetados por esse cenário, conformando narrativas alheias ao universo do “trabalho pleno” ou afeitas à marginalidade e à exclusão em decorrência da falta de emprego e ocupação formal.

Do ponto de vista do mercado de trabalho, por certo, podemos falar de distintas formas de sociabilidade profissional relativas aos diversos grupos de jovens, diferentes em sua origem social, regional, étnica, ou mesmo por sua condição de gênero ou seu capital escolar. Assim sendo, esperaríamos que variassem as percepções, representações, pertencas, aspirações, interesses e comportamentos dessas diferentes “juventudes”¹⁷.

Conforme Guimarães (2013) vive-se, no Brasil, a partir de meados dos anos 2000, um contexto de crescimento econômico persistente, de aquecimento do mercado de trabalho e de ampliação de empregos formalmente protegidos. Este tem sido, igualmente, um momento de diversificação das relações de emprego, quando avançam e tendem a se consolidar no léxico das formas contratuais as referências ao trabalho subcontratado, ao trabalho temporário, ao emprego intermediado por terceiros.

Num contexto de precarização do trabalho e do homem-que-vive-do-trabalho¹⁸, o que se pode observar quando se fixa o olhar especificamente no segmento juvenil que emerge com tamanha pujança? O que dizer das oportunidades de trabalho que estão sendo postas para esses jovens? O que dizer das trajetórias dos jovens que aí se ocupam? Ou seja, o que dizer do mercado de trabalho brasileiro quando observado pela lente desse “novo nicho de oportunidades” (GUIMARÃES, 2013) criadas para os que nele ingressam?

Confrontar essas perguntas, com algumas evidências instigantes que surgiram no meu contato direto com o campo de pesquisa é objeto de análise no decorrer dessa tese, as quais serão exploradas nos diversos capítulos que se seguem. Porém, nesse capítulo, lanço mão de algumas análises fundamentais sobre

¹⁷ Para Bourdieu (1978) a “juventude” é um construto social e histórico, ou, dito em sua maneira radical, “a ‘juventude’ é apenas uma palavra” (p.112): “e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (p. 113). No decorrer dessa tese, apresentarei as principais formulações acerca da construção social da juventude, de modo especial as formulações presentes nos trabalhos de Pais (2003), Bourdieu (1978), entre outros.

¹⁸ Expressão que aproximo da já utilizada por Ricardo Antunes “classe-que-vive-do-trabalho”

as transformações no mundo do trabalho e a forma que vem afetando o segmento juvenil, situando, dentre outros, o movimento de expansão das novas formas do trabalho formal, que se constitui à medida que o crescimento das oportunidades ocupacionais se fez ordinário, no Brasil, a partir de meados da década passada.

Nesse cenário, modifica-se o perfil dos empregos formais criados por meio de empresas de agenciamento, seleção e locação de trabalhadores, destacando-se o peso do contingente de jovens no segmento. Segundo informações da *International Confederation of Private Employment Agencies* (CIEET), o Brasil também se destaca entre os países líderes no que concerne ao número de firmas dedicadas a intermediação de trabalho (traduzido pelo número de agências de emprego) e pela complexidade dessas firmas, expressa no tamanho do corpo de funcionários por ela mobilizados (traduzido pelo tamanho do quadro interno)¹⁹.

Em suma, nos últimos anos o trabalho intermediado ampliou suas formas, no Brasil, ancorado numa nova regulação institucional. Nesse movimento, o Brasil encontra-se não apenas em sintonia com a dinâmica internacional, como também passa a se constituir num polo propulsor da dinâmica do setor de intermediação de oportunidades de trabalho.

Nesta perspectiva, adentro no debate da flexibilização e da precarização laboral e recupero, em Sennett e Alves, alguns elementos importantes para seu esclarecimento.

Para Sennett (2010), o caráter dos indivíduos modernos, o que significa sua individualidade subjetiva, é corroído pelo fato de que a flexibilidade não permite a fixação em um emprego e, em decorrência, a identificação com uma carreira e projetos sólidos e estáveis, o que é indispensável para a identidade individual moderna. Prossegue afirmando que a relação individual com as ocupações é sempre superficial, o que causa uma dificuldade cognitiva de apego a qualquer projeto coletivo. A expectativa, baseada na obtenção do diploma de curso superior

¹⁹ Brasil e África do Sul são os primeiros países fora do circuito dos tradicionais centros de intermediadores a se destacar pelo número de agências de emprego, e cabe ao Brasil o segundo lugar em número de empregados na gestão dessas agências. (GUIMARAES; CONSONI; BICEV, 2013). A atividade econômica com ele envolvida tornou-se um negócio atraente, operando de maneira permanente, em escala plurissetorial e multirregional, abarcando, inclusive, o trabalho de gestão dos seus recursos humanos, crescentemente externalizado pelas firmas. Ou seja, seu lugar passa a ser central na nova quadra econômica.

na perspectiva de construção de carreira profissional, a partir de emprego estável, passa a ser uma “miragem” na sociedade contemporânea.

Para Alves (2012), a precariedade é laboral e existencial. Não se trata apenas de um problema social – vínculos laborais precários, baixos salários, falta de direitos laborais – mas sim de um problema existencial que corrói a individualidade pessoal. “Na verdade, a precariedade interdita a vida pessoal do sujeito de classe” (2012, p. 8), afirma o autor.

Para os trabalhadores jovens-adultos escolarizados ou não, que não conseguem se inserir na cidadania salarial, construída pelo Estado de Bem-Estar Social, o principal problema da precariedade é esse futuro incerto, um “futuro hipotecado”. Esta percepção de futuro hipotecado é um traço recorrente no discurso de indignação de jovens-adultos que construíram sua individualidade pessoal de classe baseada na perspectiva da carreira e perspectiva de consumo.

Segundo Alves (2012), nos últimos “trinta anos perversos” de capitalismo global, sob a nova temporalidade histórica do capital, ocorreu a troca espúria dos sonhos coletivos e utopias sociais, que caracterizaram o movimento juvenil da contracultura nos anos 1960, no período de crise do fordismo-taylorismo, pelas utopias pessoais, expectativas e “valores-fetiches” de mercado, disseminados pela ordem burguesa neoliberal. Nos locais de trabalho, a ideologia do taylorismo-fordismo deu lugar ao espírito do toyotismo como nova implicação subjetiva da manipulação do capital. Para o autor,

No plano contingente, o precariado possui afinidades eletivas com a nova ordem do capitalismo manipulatório. Diante das rupturas (ou rachaduras) do metabolismo social da ordem burguesa tardia, surgem novos mecanismos de manipulação e reposição de “experiências expectantes” e valores-fetiches capazes de permitir a reprodução do capital em escala global. Ora, a crise de reprodução social é momento histórico de afirmação de novos valores-fetiches, sonhos e expectativas de mercado capazes de ressignificar o controle estranhado do metabolismo social do capital. Deste modo, sob o capitalismo manipulatório com sua “sociedade em rede”, dissemina, numa proporção inaudita na história humana, o tráfico de sonhos e expectativas de mercados capazes de criar um novo horizonte de realização pessoal estranhado (ALVES, 2012, p. 5)

Nas condições do capitalismo global, a garantia do emprego interverteu-se na mera empregabilidade. A palavra de ordem no mundo neoliberal é competitividade. É pela concorrência no mercado que o homem burguês tardio, como auto-empresendedor, afirma-se como individualidade pessoal de classe.

Alves, ao analisar a questão da empregabilidade no Brasil, entende que, apesar do crescimento do emprego por tempo indeterminado e da redução da taxa de informalidade a partir de 2003, a precariedade salarial se manifestou pelo aumento, em termos absolutos e relativos, da presença de “trabalhadores periféricos” inseridos em relações de trabalho precárias.

O trabalho precário²⁰ e a informalidade social caracterizaram historicamente o mercado de trabalho no Brasil com seu amplo contingente de trabalhadores urbanos e rurais pobres sem proteção social, em contraste com o contingente de operários e empregados assalariados urbanos, inseridos no mercado de trabalho formal com vínculo empregatício por tempo indeterminado e cobertos pela legislação trabalhista.

A nova precariedade salarial no Brasil se manifesta não apenas pelo aumento da contratação flexível, mas também pela adoção, nos locais de trabalho reestruturados, da flexibilização da jornada de trabalho e da remuneração salarial. Deste modo, os novos ambientes de trabalho que emergem nas empresas reestruturadas na década de 2000 constituem-se sob a nova morfologia social do trabalho flexível.

Alves (2013) entende que a precarização do trabalho que ocorre hoje, sob o capitalismo global, seria não apenas “precarização do trabalho” no sentido de precarização da mera força de trabalho como mercadoria; mas seria também, “precarização do homem que trabalha”, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico. O que significa que o novo metabolismo social do trabalho implica não apenas tratar de novas formas de consumo da força de trabalho como mercadoria, mas sim, novos modos de (des)constituição do ser genérico do homem.

A nova redefinição categorial do conceito de precarização do trabalho contribuirá para expor novas dimensões das metamorfoses sociais do mundo do

²⁰ Alves (2013) entende que a precarização do trabalho que ocorre hoje, sob o capitalismo global, seria não apenas “precarização do trabalho” no sentido de precarização da mera força de trabalho como mercadoria; mas seria também, “precarização do homem que trabalha”, no sentido de desefetivação do homem como ser genérico. O que significa que o novo metabolismo social do trabalho implica não apenas tratar de novas formas de consumo da força de trabalho como mercadoria, mas sim, novos modos de (des)constituição do ser genérico do homem. A nova redefinição categorial do conceito de precarização do trabalho contribuirá para expor novas dimensões das metamorfoses sociais do mundo do trabalho, salientando, nesse caso, a dimensão da barbárie social contida no processo de precarização do trabalho nas condições da crise estrutural do capital.

trabalho, salientando, nesse caso, a dimensão da barbárie social contida no processo de precarização do trabalho nas condições da crise estrutural do capital.

Postos esses pontos de partida, retorno às expectativas sobre o elo entre “juventude (s)” e “trabalho”. Sendo ele socialmente construído, qual seria, então, a novidade instituída no momento em que o trabalho se torna “objetivamente disforme”, para usar a provocação de Offe? De modo a melhor desvelar tal construção social, recorro a alguns exemplos e formulações.

Dubar (1998 e 2001), refletindo sobre o caso francês, chama a atenção para que,

O “dever de inserir-se” na tentativa de encontrar um trabalho, uma vez finda a escola ou a universidade, não é de modo algum um “dado” natural que tenha sempre existido. Ao contrário, é uma exigência relativamente recente, na França como alhures. Mesmo a palavra “inserção” (tanto quanto transição, empregada em outras realidades) é utilizada nesse sentido há pouco tempo, o mesmo acontecendo com a questão da “inserção dos jovens”, que só se tornou um “problema social” e um objeto de políticas públicas, na França, há não mais que um quarto de século aproximadamente.” (DUBAR, 2001, p.112)

Nos chamados “Trinta Gloriosos”, a passagem da escola (ou universidade) ao emprego se efetuava, para a grande maioria dos jovens, de modo quase imediato. Por isso mesmo, a categoria “inserção” não era historicamente pertinente, no dizer de Dubar para o caso francês. E não somente porque os empregos se expandiam, mas porque prevalecia uma estreita correspondência entre os níveis e gradações do sistema de ensino e os níveis e gradações do sistema de classificação das qualificações em vigor no sistema de emprego. Estava configurado aquilo que Maurice, Sellier e Silvestre (1982) haviam denominado como um tipo virtuoso de “efeito societal”, que articulava o modo de prover a formação da mão-de-obra (no sistema educativo), o modo de organizar o uso do trabalho (no sistema produtivo) e o modo de regular e negociar as relações de trabalho (no sistema de relações industriais).

Essa “passagem pré-programada”²¹ dá lugar, mais recentemente, a uma situação de “inserção aleatória” (DUBAR, 2001), no momento em que se alteram três

²¹ Essa “passagem pré-programada” é ela mesma um produto histórico. No caso francês, Dubar (2001) salienta que ela resulta de um movimento histórico que data do final do XIX, quando se institucionaliza a legislação da escolarização obrigatória para todos, um subproduto da consolidação do ideário republicano. É somente a partir de então que a passagem entre dois estados – de “aluno” para “trabalhador” – ganha um sentido social, ao aplicar-se a uma grande massa de jovens de uma

condições importantes do sistema de emprego, já assinaladas por Giddens (1998): rompe-se a equiparação entre trabalho e emprego remunerado (vigente no contexto patriarcal do “pleno emprego masculino” do pós-guerra); cai por terra o modelo do trabalhador permanente e contratado a tempo completo (multiplicando-se as formas alternativas de relação de trabalho, como tempo parcial, auto-emprego, trabalho no domicílio, entre outros); e saem de cena os contratos de longa duração, onde o vínculo empregatício “casava” o trabalhador a um mesmo empregador por toda (ou quase toda) a sua vida produtiva (de sorte que o emprego deixa de ser uma salvaguarda para o desemprego).

Tornado, assim, “objetivamente disforme” (OFFE, 1989) ou “despadronizado” no dizer de Beck (2010) - que cunha a expressão “*destandardization of labor*”-, o trabalho (ou a inserção no trabalho) passa a carecer de rumo pré-determinável, adquirindo um sentido algo caótico, com intensas transições entre situações ocupacionais, já que as trajetórias profissionais não são mais previsíveis a partir de mecanismos de regulação socialmente institucionalizados. A individualização (BECK e BECK-GERNSHEIM, 2002), põe nos ombros do trabalhador a responsabilidade por fazer face a todas as incertezas e novos riscos, enquanto um gerenciador solitário do seu próprio percurso.

Nessas condições, analisa Guimarães (2008), estava criado o paradoxo entre um destino (ainda) socialmente esperado - que codificava a passagem à vida adulta como consistindo num círculo que, começando na família, estendia-se para a escola e culminava com a inserção no mercado de trabalho e com a participação política -, e as suas (escassas) chances de realização para parcela não desprezível das novas gerações.

Alie-se a isto o argumento de Bauman (1999), para quem a “ética do trabalho”, que dava sentido a toda sorte de inserção na atividade econômica, humanizando-a, qualquer que fossem as suas características e a satisfação por ela despertada, visto o sentido do “dever cumprido”, passa a ser substituída pela “estética do consumo”, que gratifica a intensidade e a diversidade das experiências, as ocupacionais dentre elas. O trabalho (subjetivamente) atraente passa a ser aquele capaz de produzir não a mera satisfação (ética) pelo dever cumprido, mas a

mesma geração, independentemente da sua origem social. Antes disto, os filhos de camponeses, operários e artesãos estavam regularmente ocupados, em diferentes ambientes produtivos, desde a mais tenra idade. Não por acaso foi somente no século XX que, uma vez universalizada a escolarização obrigatória, teve lugar a interdição dessa atividade ocupacional regular.

almejada gratificação (estética), pelo desempenho de atividades interessantes e refinadas.

As pesquisas de outros autores no final dos anos 1990, a exemplo de Gorz (1997), demonstravam que os jovens teriam passado, então, a desenvolver uma relação específica em face ao trabalho. Frente à intensidade com que foram tocados pela incerteza e transitoriedade dos vínculos, que fez do desemprego juvenil o principal componente do recente fenômeno do chamado “desemprego de massa”, os jovens teriam reagido, ao antecipar uma mutação cultural que estaria apenas prenunciada enquanto horizonte. De fato, os jovens, antecipando o fim da centralidade do trabalho, assumiram a condição de “exilados do trabalho” tal como a qualifica Gorz - antes mesmo que esta tendência se impusesse de modo socialmente mais amplo.

Estabelece-se, assim, um elo explicativo necessário e suficiente entre a experiência de uma situação de insegurança ocupacional, por um lado, e a perda de significação subjetiva do trabalho, por outro. Para os jovens, o significado do trabalho seria não apenas distinto daquele que lhe outorgaram as gerações já maduras - socializadas sob a ética do trabalho - mas anteciparia um porvir onde a estetização do trabalho daria o tom à orientação das condutas na vida ocupacional, servindo de métrica para a valorização das atividades laborais. Traduzindo-o nas palavras de Offe, os jovens seriam precursores na transformação simbólica do trabalho, tornado, hoje, objetivamente disforme, em um valor subjetivamente periférico (GUIMARÃES, 2008).

Todavia, nos percursos dessa pesquisa, vejo que o trabalho ainda é objeto de desejo por parte de um expressivo contingente de jovens, conforme também apontam as pesquisas realizadas em 2003²² e 2013²³, cujos resultados serão

²² Trata-se da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, cujo estudo foi patrocinado pela Fundação Perseu Abramo, tendo sido executado pela *Criterion* Assessoria em Pesquisas. O levantamento fez-se entre os dias 22 de novembro e 8 de dezembro de 2003, através de amplo questionário estruturado (138 perguntas), aplicado por meio de contatos pessoais e domiciliares a uma amostra de 3.501 jovens, com idades variando entre 15 e 24 anos, distribuídos em 198 municípios, estratificados por localização geográfica (capital e interior, áreas urbanas e rurais) e em tercís de porte (pequenos, médios e grandes), contemplando 25 estados da União. Construiu-se uma amostra de tipo probabilística nos primeiros estágios (sorteio dos municípios, dos setores censitários e dos domicílios), combinada com controle de cotas de sexo e idade para a seleção dos indivíduos (estágio final). A margem de erro desse levantamento é de $\pm 1,7$ ponto percentual para os resultados referentes ao total da amostra, e de $\pm 2,9$ pontos para os resultados da sub-amostra metropolitana, com intervalo de confiança de 95%.

²³ Pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) sobre a demografia juvenil brasileira, a qual revelou que o tamanho dessa população jovem corresponde a

tomados como referência aqui nesse estudo. A tendência que se revela neste referido estudo é que as juventudes estão em busca de algo que lhes dê um porto seguro material e simbólico e vêm essa possibilidade concretizada em uma atividade laboral permanente ou transitória que possa lhes trazer alguma segurança e identidade. Nesse sentido, proponho-me, nessa pesquisa tratar da importância do trabalho na vida e na trajetória de jovens pobres sobralenses, sondando se as suas experiências no/pelo mundo do trabalho têm impacto ou não na subjetividade, sociabilidade e identidade destes jovens que habitam as margens da vida social.

2.3 Compreendendo as juventudes: “*la juventud es más que una palabra*”²⁴

A juventude está sendo compreendida neste estudo, não apenas em sua dimensão etária e geracional. Parte-se da premissa de que apreender a juventude implica entender que a vivência juvenil tem um sentido próprio, não sendo somente uma passagem para a vida adulta. Nesta perspectiva, faz-se necessário considerar a diversidade e as múltiplas possibilidades de como a condição juvenil é ou pode ser vivida. Trata-se, portanto, de pensar a juventude não presa a um padrão único na transição para a vida adulta, mas, sim, como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos que encarnam especificidades, marcantes em suas trajetórias. Disso decorre a importância de considerar a pluralidade e as circunstâncias que caracterizam a vivência juvenil.

Nesta perspectiva, passo a considerar, num primeiro plano, como diferentes jovens vivem suas juventudes e as desigualdades vivenciadas no acesso a oportunidades e direitos, de acordo com determinadas dimensões: gênero, raça,

cerca de 50 milhões de pessoas na faixa entre 15 e 29 anos de idade, cerca de 26% de nossa população, proporção esta muito próxima à média mundial. O instituto considerou jovens aqueles com idade de 15 a 29 anos, assim como estabelece a Constituição. O IPEA, órgão vinculado à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, pediu para cada entrevistado escolher, entre 16 temas, seis que seriam prioritários. O método é o mesmo utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) na pesquisa My World, feita pela internet, cujo objetivo seria subsidiar a definição das novas Metas do Milênio, a partir de 2015.

²⁴ Contextualizando as afirmações de Bourdieu (2003), Margulis (2000) afirma que “*la juventud es más que una palabra*”, carregada de significados e sentidos construídos historicamente, social e culturalmente, constituindo uma ampla diversidade de maneiras de ser jovem e de se tornar adulto numa sociedade em mutação, a partir da multiplicidade de fatores: cultura, idade, classe social, gênero ou geração. Ser jovem é também assumir o papel de símbolo, condicionando representações em torno ao corpo e da imagem juvenil, desencadeando o interesse da mídia e do mercado.

orientação sexual; local de moradia; ter ou não trabalho; ser ou não de comunidades periféricas.

A juventude como uma invenção da modernidade é problematizada por Bourdieu (2003). Ao afirmar que “a juventude é apenas uma palavra”, o autor refere-se a um grupo nominal que, na sua ótica, é uma construção social, pois o que existe são jovens que representam o grupo concreto. Como categoria analítica, a juventude decorre do processo de institucionalização do curso da vida, associado à modernidade, quando acontece uma cronologização em etapas que separam infância, juventude, idade adulta e velhice.

Tartuce (2007, p. 93) indaga: “Sociologicamente, então, o que vem a ser a “juventude”?” Como já foi dito, por um período, a juventude foi entendida apenas como um recorte de idades, uma etapa da vida ou tempo de espera para a entrada na vida adulta. Esse argumento já não é suficiente para justificar o que seja hoje, pois o modelo que organizou as etapas da vida das gerações passadas já não serve de referência para uma juventude que vive a experiência de um futuro incerto e a construir (LEÃO, 2004, p. 25). Melucci (2001, p. 101), acrescenta: “A condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica. ”

É a partir dessa discussão fundante que se abrem vias para compreender a situação de jovens pobres da cidade de Sobral, no caso, às situações ligadas à qualificação profissional e ao possível ingresso no mundo do trabalho. Para tal empreitada, tomo como referência, estudiosos que têm se debruçado nos estudos sobre juventude, cujo levantamento teórico contribuirá nas análises empreendidas nesse campo sociológico.

Stecanela (2010) em seu artigo “*Reflexões teóricas sobre o conceito de juventude: entre o que se tem dito e o que se vê no cotidiano*”, lança uma questão inicial provocativa para o entendimento da condição juvenil: “Juventude: transição para onde?”.

Argumenta a referida autora que a categoria juventude, enquanto categoria socialmente construída, foi, por muito tempo, associada à metáfora da passagem, da transição, do tempo de preparação para a vida adulta, tendo por base que as idades da vida eram cristalizadas em torno da ideia de geração:

Com a modernidade tardia, essas fases da vida deixaram de ter autonomia em relação às outras e especificidades próprias para se tornarem interdependentes e menos hierarquizadas. Isso ocorreu em meio às mudanças levadas a efeito nas relações de trabalho e ao prolongamento da escolaridade obrigatória, especialmente no período pós-guerra, com incidência direta sobre as representações sociais, construídas, até então, em torno do ciclo da vida e do seu caráter ternário (a juventude se forma, a idade adulta trabalha, e a velhice tem direito ao repouso) (STECANELLA, 2010, p. 3)

Para a autora, a questão sai de uma perspectiva de forte previsibilidade e normatização e vai em direção à “descronologização do ciclo de vida” e sua “desestandardização” ou “descristalização” (*ibidem*). As referências cronológicas que balizavam os limites entre as idades cederam lugar às referências funcionais, especialmente àquelas relacionadas às atividades econômicas.

Nesta perspectiva, não é a sociedade moderna que inventa a juventude, pois os jovens sempre existiram e foram reconhecidos como tais em outros contextos. No entanto, é a modernidade que a encara como “transição”, considerando o ideal de vida protagonizado pelo adulto via trabalho. A juventude é tematizada como categoria social a partir do momento em que passa a representar uma ameaça à ordem social, estabelecida pelas gerações anteriores, em que a própria idéia de transição é encarada como um problema.

Nesse sentido, Abramo (1997, p. 29) alerta que “a tematização da juventude pela ótica do ‘problema social’ é histórica e já foi assinalada por muitos autores”, tornando-se objeto de atenção quando representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social, o que implicaria uma ameaça para si própria e também para a sociedade.

Linhares (2014), ao questionar sobre a constituição de uma cultura do jovem ressalta que o desenvolvimento desta reflexão encontra seus principais fundamentos teóricos, centralizados em recortes específicos e contextualizados de uma determinada sociedade. E, nesta sociedade, o problema se avoluma e assume uma variedade de dimensões consideráveis.

Portanto, com as mutações da sociedade contemporânea, à juventude associaram-se, além da transitoriedade, outras duas grandes características: o mito como modelo cultural e o estilo de vida. Os novos modos de olhar a juventude passaram a compreender que o caráter da transitoriedade, da transição e da passagem não é um fenômeno exclusivo das juventudes, uma vez que outras

gerações se vêem diante de incertezas e rompem com a cristalização das idades da vida (STECANELA, 2006).

Diante dessas complexidades, a juventude passou a ser vista como geração potencial, reserva latente e promessa, cujas características foram, na via inversa do modelo ternário, perseguidas pelo mundo adulto que, atendendo ao apelo da sociedade de consumo, desenvolve, no imaginário social, o desejo de postergar o seu “processo de juvenilização”, inspirando-se no *look* juvenil (MARGULIS; URRESTI, 1998).

Nos novos quadros que se desenham na contemporaneidade, será cada vez mais raro tratar a vida adulta como sinônimo de autonomia. Segundo Boutinet *apud* Debert (1999, p. 64), “o adulto ativo é cada vez mais um ideal e cada vez menos uma realidade”, pois é ameaçado por uma dupla precariedade: o alongamento da juventude e a aposentadoria precoce. A “juvenilização”, relacionada ao jovem como modelo cultural, acaba contribuindo, de alguma forma, para a desestruturação das representações clássicas a respeito do estatuto da vida adulta.

Em outras palavras, “a juventude constitui-se como um laboratório ou cenário de mudança das estruturas sociais” (PAIS, 2003, p. 45). Como uma das características da socialização contínua, dentro do quadro da corrente geracional²⁵, a juvenilização é, para Pais, um processo “que implica que a sociedade modele a juventude à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, se rejuvenesça” (2003, p. 53).

No âmbito das suas discussões sobre a cultura juvenil, Pais (2003) sustenta ser possível questionar o modo de entender a juventude somente como “problema” e discutir os problemas sociais relacionados aos jovens para, assim, transformá-los em problemas sociológicos, em nível de discussão teórica, com capacidade de serem decifrados, questionados e pesquisados pela sociologia.

Para esse autor, o principal problema que afeta a juventude na atualidade é a dificuldade de inserção no mundo do trabalho, ou seja, a empregabilidade. O que gera uma série de outros problemas de ordem econômica, social, familiar, entre outros. Outro problema influente é a exigência, por parte do mercado e de alguns organismos internacionais, do aumento da escolarização e da formação escolar. Por sua vez, essa exigência nem sempre corresponde a uma melhor qualificação

²⁵ Ver a produção de José Machado Pais, livro “Culturas Juvenis” (2003), que aborda as diversas condições juvenis teoricamente agrupadas de acordo com as três principais correntes sociológicas: a geracional, a classista e da cultura juvenil.

profissional e, muito menos, garante a inserção do jovem no mercado de trabalho, gerando frustração e desilusão (*idem*).

No caso das trajetórias dos jovens das classes populares, observa-se que seus conteúdos sociais, psicológicos e culturais são muito diferenciados em relação a jovens de outras classes, níveis de escolaridade, posição geográfica, situação em relação à família e ao trabalho. Reforçando isso, é possível recorrer a Pais (2003, p. 37), ao afirmar que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. O autor diz ser impossível considerar um único modo de transição para a vida adulta, pois várias são as formas de ser jovem ou de ser adulto, segundo a origem social, o sexo, o habitat, escolaridade.

Margulis e Urresti (1998) revelam que não existe uma única juventude, pois, nas cidades modernas, elas variam em relação às características de classe, lugar onde vivem e geração a que pertencem. Os autores chamam a atenção para a diversidade, pluralismo e explosão cultural dos últimos anos, que se manifestam de forma privilegiada entre os jovens, oferecendo um amplo e móvel panorama que acolhe seus comportamentos, referências identitárias e formas de sociabilidade.

Considerando as novas configurações ocorridas a partir das mudanças culturais e estruturais que acompanharam o movimento da modernidade, quais seriam, então, as expectativas e esperanças de uma juventude que vive a experiência de um futuro incerto e a construir?

2.4 Trajetórias Juvenis: movimento pendular entre frustração, esperança e oportunidade

O mundo social não é um jogo de sorte, uma série descontínua de lances perfeitamente independentes, como os da roleta (cuja atração se explica, como sugere Dostoiévski em *O Jogador*, pelo fato de permitir passar, num instante, do ponto mais baixo ao mais elevado da escala social). Os que falam em igualdade de oportunidades esquecem que os jogos sociais, o jogo econômico, mas também os jogos culturais (campo religioso, campo jurídico, campo filosófico, etc.) não constituem *fair games*: sem ser propriamente viciada, a competição se assemelha a uma corrida de *handicap*, cuja duração remontaria a diversas gerações anteriores ou a jogos em que cada jogador disporia dos ganhos positivos ou negativos de todos os que precederam, ou seja, dos resultados acumulados por todos os seus ancestrais. Seria preciso compará-los a jogos em que os jogadores acumulam progressivamente pontos positivos ou negativos, ou melhor, um capital mais ou menos importante, o qual orienta suas estratégias de jogo, conforme as tendências (à prudência, à audácia, etc.) inerentes a seu

habitus e ligadas, em certa medida, ao volume desse capital (BOURDIEU, 2001, p. 262)

Sala 32 da Ala Mirian Goesrch, campus Betânia, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Eu, Margarete, Virgínia e Ângela nos organizávamos para mais um grupo focal para debatermos sobre as propostas dos programas de inclusão de jovens no mundo do trabalho. Leidy e Bel estavam presentes como representantes institucionais do Projovem Adolescente e Projovem Trabalhador, respectivamente, ainda no ano de 2012. À época, eu e Margarete, estávamos organizando o documentário “Juventude nas trilhas do Primeiro Emprego: não há vagas? ”, e as duas representantes fariam parte dessa ação específica. Enquanto Margarete cuidava da filmagem, passamos a discutir sobre os sentidos e significados da qualificação profissional, inscritos na proposta de ambos os projetos, que ainda em seus tempos de implementação indicavam que a “*a qualificação ainda não era vista como um ganho, mas a bolsa sim*”, conforme colocou Ângela, ao falar sobre a bolsa mensal que os jovens recebiam, logo que ingressavam no Projovem.

Virgínia logo contesta destacando algumas mudanças no programa. Fala da importância da bolsa para a formação dos jovens, mas entende que esse não é o motivo principal da participação dos jovens nesses programas. E destaca: “*percebo um desejo para trabalhar não somente para consumir, eles [os jovens] querem uma profissão, querem mudar a realidade*”. E complementa “*desejo de transformação, de mudança e vontade de participar, de fazer algo diferente*”.

Levantei o questionamento: Quais as oportunidades objetivas para esses jovens? Virgínia respondeu “*A falta de oportunidade é coisa do passado. Se não abraçarmos essa oportunidade, nós perderemos esses jovens para outras coisas como drogas, prostituição, etc.*”. A interlocutora nos fala de um “novo tempo”, tanto na realidade brasileira, como a cidade de Sobral²⁶. Para ela, essa cidade incorpora essa nova realidade, a partir da adoção da ideia do “pleno emprego”²⁷ e, em decorrência, da formulação de uma proposta de trabalho com os jovens, no que diz respeito à formação e/ou qualificação profissional.

²⁶ O capítulo III mostrará Sobral com sua proposta de “pleno emprego” e os programas específicos para juventude.

²⁷ Ver Capítulo III.

Já Ângela nos fala de diferentes perspectivas da juventude sobralense e sobre as reais possibilidades de uma vida profissional digna, que irá depender da idade, dos pertencimentos, dentre outras razões. Faz um destaque aos jovens que cumprem medidas socioeducativas:

Os jovens de cumprimento de medidas socioeducativas e alguns jovens das periferias nem sempre têm sonhos. Vivem o dia de hoje. A questão do trabalho tem muito haver com a sua condição, ao direito à cidade. É bem plural, dependendo das possibilidades que eles têm de alcançar. Depende da visão de si mesmo e do local em que eles vivem. (ÂNGELA, outubro 2012)

A partir dessas colocações, passo a questionar: como esses novos programas de/para jovens precisarão ser (re) configurados, em diferentes contextos, para atender às demandas de um sistema ágil e flexível de subempregos plurais? Como a cidade de Sobral se ajusta a essa nova realidade, na qual demandas por iguais oportunidades de emprego e inserção no mundo do trabalho são idealizadas num cenário de incertezas, provisoriedades e instabilizações?

Para Beck faz-se necessário a “restauração do referencial profissional”, por meio da qual se ofereça a oportunidade histórica de uma reconversão imaginativa da educação, no sentido da formação, com um significado a ser reelaborado. E afirma:

A distribuição de (desiguais) oportunidades sociais também precisa ser discutida. Como demonstram pesquisas empíricas, entre 1970 e 1982 reduziu-se drasticamente a probabilidade de que ainda se alcance, com um diploma de ensino superior, a posição equivalente em termos de *status*. No rastro desse processo, o sistema educacional perdeu nos anos setenta sua função distributiva em relação ao *status*: um diploma já não é suficiente para obter uma determinada posição profissional e, com ela, os respectivos prestígio e renda (BECK, 2010, p. 224).

Como relacionar, então, esperanças e oportunidades? Na linha de raciocínio de Bourdieu é como se ambas as dimensões constitutivas da experiência temporal, as esperanças subjetivas e as oportunidades objetivas, isto é, mais precisamente, o poder atual ou potencial sobre as tendências imanentes do mundo social que comanda as oportunidades – teria vontade de dizer as “potências” - vinculadas a um agente (ou à sua posição), fossem idênticas para todos; como se, em outros termos, todos os agentes tivessem ao mesmo tempo as mesmas oportunidades de ganho material e simbólico e oportunidades idênticas para investir. Ora, os agentes têm poderes definidos pelo volume e pela estrutura de seu capital deveras desigual. Por

isso, torna-se evidente as posturas e manifestações desses sujeitos, conforme nos falou Ângela.

Ângela fala dos “lugares” que os jovens ocupam, não só na escala de oportunidades postas, mas dos lugares que aqueles jovens ocupam na cidade – jovem pobre, jovem de periferia, jovem aprendiz, jovem em cumprimento de medida socioeducativa, dentre outros que, dependendo da classe social, comportamentos, posturas, nível de estudos e aspirações, poderão ser (re) compensados e terem acesso aos direitos já previstos em lei, como educação, formação e qualificação profissional. Tais recompensas comporão, mais tarde, o “*voucher*” que os conduzirá ao mundo do trabalho. O direito à cidade vincula-se a uma série de condicionamentos aos quais esses jovens estão submetidos para conferir legitimidade aos seus projetos, na luta constante por reconhecimento de seus direitos.

No tocante às suas esperanças e aspirações, estas são, também, desigualmente repartidas, em virtude da tendência segundo a qual, por intermédio das disposições do *habitus* (elas mesmas ajustadas, na maior parte do tempo, às posições), as esperanças tendem universalmente a se harmonizar mais ou menos às oportunidades objetivas.

Bourdieu entende que sempre é surpreendente ver a que ponto as vontades acabam se ajustando às possibilidades, os desejos ao poder de satisfazê-los, e descobrir que, a despeito de todos os clichês, a “pleonexia”²⁸, o desejo de ter sempre mais - a que se referia Platão - constitui uma exceção. Para o autor isso ocorre até mesmo em sociedades em que é mais frequente o desajuste entre esperanças e as oportunidades, em consequência tanto da insegurança salarial generalizada, como da generalização da escolaridade, geradora de uma desclassificação estrutural ligada à desvalorização dos títulos escolares.

Tenho observado nas práticas dos jovens interlocutores um desejo crescente de mudança de suas perspectivas de vida, com expectativas que vão se (re) ajustando na própria caminhada, vez que se moldam a cada processo, a cada possibilidade que aponta nas suas trajetórias individuais. Aportam em cada lugar e

²⁸ Pleonexia (do grego: πλεονεξία) é um conceito filosófico utilizado quer no Novo Testamento quer nos escritos de Platão e Aristóteles. Corresponde, de maneira geral, à avareza, podendo ser definida como "desejo insaciável de ter posse do que por direito pertence aos outros". Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pleonexia>. Acesso em 11/07/2015.

planejam aquele momento, mas logo tendem a retomar a caminhada ou tomar novas direções, visto que são portos de passagem, sem garantias e por tempo (in) determinado, se posso assim dizer.

Desse modo, as “disposições realistas”, até resignadas ou fatalistas, que fazem com que os integrantes das classes dominadas se adaptem “a condições objetivas suscetíveis de serem julgadas intoleráveis e revoltantes por parte de agentes dotados de outras disposições” (BOURDIEU, 2001, p. 265), só possuem as aparências da finalidade contanto que se despreze o quanto elas contribuem, por conta de uma contra-finalidade, para reproduzir as condições de opressão. Desse modo,

O poder (isto é, o capital, a energia social) comanda as potencialidades objetivamente oferecidas a cada jogador, suas possibilidades e impossibilidades, seus graus de ser em potência, de potência para ser e, ao mesmo tempo, seu desejo de potência que, profundamente realista, está grosseiramente ajustado às suas ‘potências’. (...) O *habitus* é esse ‘poder-ser’ que tende a produzir práticas objetivamente ajustadas às possibilidades, sobretudo ao orientar a percepção e a apreciação das possibilidades inscritas na situação presente. (BOURDIEU, 2001, p. 265-266)

A fim de compreender os deslocamentos dos jovens no mundo do trabalho na sociedade contemporânea e o “realismo desse ajustamento” - tomo de empréstimo essa expressão de Bourdieu (2001) -, cumpre levar em conta o fato de que, aos efeitos automáticos dos condicionamentos impostos pelas condições de existência, se acrescentam as intervenções educativas da família, do sistema educacional e, de modo específico, das agências de formação profissional com todos os seus circuitos e empreendimentos, visando expressamente favorecer o ajustamento das aspirações às oportunidades, das necessidades às possibilidades, com a antecipação e a aceitação dos limites visíveis ou invisíveis, explícitos ou tácitos.

Isso implica pensar o que Bourdieu compreende como “princípio da educação moral”

O princípio de toda educação moral pode ser enunciado assim: torne-se o que você é (e nisso que você tem de ser) socialmente, faça o que você tem de fazer, o que te cabe ou te pertence de fato – é o *ta autou pratein* platônico -, verdadeiro dever ser que pode exigir a superação de si (*‘noblesse oblige’*) ou lembrar os limites do razoável (*‘isso não é para você’*). (BOURDIEU, 2001, p. 266)

Desse modo, os jovens vão constituindo várias experiências, em terrenos de instabilidade e incertezas, conforme as oportunidades (im) postas e a partir de noções de normalidade e de desvio (que apreendem das orientações e ensinamentos dos agentes acima referenciados), sendo que essas noções têm um caráter eminentemente instável e dinâmico. Essa multiplicidade de experiências e papéis sublinha a precariedade de qualquer tentativa excessivamente fixista na construção dos mapas de possibilidades e da efetivação de seus projetos pessoais.

Nessas experiências, os jovens transitam entre os domínios da escola, da formação e qualificação profissional, do trabalho, do lazer, do sagrado, dentre outros campos, com passagens, às vezes, quase imperceptíveis. Nos seus relatos evidenciam essas “passagens” em diversos domínios: ora estudam, ora estão nos estágios, em outros momentos participam de grupos de orações, de experiências de lazer, dentre múltiplas experiências. Estão na interseção de diferentes mundos, podendo a qualquer momento transitar de um para o outro, em função de um código relevante para suas existências (VELHO, 1999).

A fragmentação das relações e os papéis sociais na sociedade moderna demarcam domínios distintos, mas o trânsito entre os domínios se dá constantemente de modo desdramatizado (VELHO, 1999). Assim, os jovens passam a viver múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis, sob o ponto de vista de uma lógica linear.

A partir das experiências que os jovens vivenciam no âmbito de diferentes domínios, como na família, na escola, nos programas de qualificação profissional, dentre outros, e, dependendo da natureza da experiência - se positiva ou negativa, como eles assim denominam - seguem adiante, enfrentando desafios ou se desencorajam, mudando a rota: alguns desacreditam e perdem o roteiro; outros (re) constroem novos mapas mediante as oportunidades que se apresentam.

Ao desmontar as aspirações orientadas para objetivos, tidos como inacessíveis, as cobranças feitas aos jovens por parte da família e por parte dos programas - a partir de seus critérios de elegibilidade e desligamento - tendem a redobrar ou adiantar as sanções e a orientar as aspirações para objetivos mais realistas, ou seja, mais compatíveis com as oportunidades inscritas na posição ocupada.

Quero aqui destacar experiências vividas com os sujeitos da pesquisa, ainda em 2013, quando organizei uma roda de conversa com alguns jovens que faziam

parte do Jovem Aprendiz e estavam em formação no curso de fabricação de calçados, no SENAI (4 horas) e em trabalho remunerado na Fábrica de Calçados Grendene, em caráter de aprendiz (4 horas), concomitantemente. A fala de um jovem que se considerava gay é representativa tanto da situação de desencorajamento, como da situação que busca superação, mesmo que para isso crie uma rota alternativa, conforme as oportunidades que surgem. Transcrevo trecho do meu diário de campo que considero esclarecedor dessa situação.

(DIÁRIO DE CAMPO). Sala de reuniões do SENAI, terça-feira, 11 de junho de 2013, às 10h00min. Nessa manhã nos reunimos com Maiara, Bel, Rafa e Luan. Nossa roda de conversa, que durou cerca de 40 minutos, proporcionou um diálogo aberto sobre os desejos e medos, esperanças e oportunidades que os jovens vêm constituindo, a partir de suas experiências. Luan logo se coloca sobre seus medos e sua “pouca chance” de seguir uma carreira, apesar de seus desejos e esperanças. Assim comenta:

“Nunca fui procurar trabalho, porque tenho medo de ser repreendida. Faço ‘bicos’ com o que aprendi através dos cursos de cabeleireira, de maquiagem... Sempre procuro aquelas atividades que possivelmente serei aceita”.

Luan fala sobre seus medos pelo fato de ser gay. Sente-se desrespeitado e com poucas chances. Lamentou de posturas do pai que nunca acreditou nele desde quando era criança. Relembrou fatos marcantes da sua infância, que hoje repercutem no seu comportamento, principalmente na sua timidez e receios.

“Quando ainda pequeno e meu pai percebeu ‘meu jeito afeminado’, disse que eu não ia dar prá nada. O máximo que eu poderia ser era ser explorado nos postos de gasolina vendendo meu corpo. Eu nunca ia ser nada, nunca seria um profissional. Fiquei muito magoado e quero superar isso, provando pro meu pai que posso ser gente e vou ser alguém na vida. Foi daí que fui morar com minha avó, com quem moro ainda hoje. Ela me aceitou como sou e acredita em mim”.

Falou de outras dificuldades que enfrenta, inclusive sobre seus deslocamentos na cidade, especialmente no trajeto casa até o SENAI e Grendene:

“Saio todo dia de casa com os fones de ouvido, para não escutar as piadas e as discriminações e não olho para os lados por onde passo, para não aceitar as provocações e os olhares de desprezo. Outro problema é o banheiro das instituições, principalmente na Grendene, porque tenho que utilizar o banheiro masculino e tenho medo de ser atacada”

E desabafa quanto às exigências de um “padrão de profissional” para o mercado de trabalho, quando fala de sua experiência na Grendene e junto ao SINE, quando nos seus momentos de busca de emprego:

“Preciso me resguardar, preciso ter outro estilo de me vestir, de me comportar, senão sofrirei, mais uma vez, o desprezo do povo. Para ser aceito, tenho que me vestir como homem, de prender meu cabelo [tem cabelo longo], porque tenho muito medo de ser repreendido. Fui uma única vez no SINE, já sabendo que não atenderia ao perfil desejado pelas empresas”.

E, no final de sua narrativa ressalta:

“São várias camadas, efeito camaleão, tenho que me ‘investir’ de uma possibilidade de aceitação”. (LUAN, 2014)

A reflexão de Luan permite compreender um pouco mais os jovens de hoje: entre os “medos” citados por ele, aparece em destaque o medo de não ser aceito por sua orientação sexual e, em decorrência desse, o “medo do futuro”. No caso de Luan esses “medos” são acentuados pela sua atual orientação, que se distancia de um padrão exigido pelo mercado de trabalho e, principalmente, pela discriminação que sofre, especialmente por parte de seus familiares, o que só reforça insegurança e desânimo. Segundo Novaes (2006), no medo do futuro se expressam os sentimentos de uma geração que se defronta com um mercado de trabalho restritivo e mutante.

O medo do futuro é quase um sinónimo do medo de "sobrar" e está muito relacionado à inserção no mundo do trabalho. São muitos os medos nesta área: "medo de não estudar e não conseguir emprego", "medo de estudar e não conseguir emprego", "medo de conseguir emprego e depois perder", "medo de ficar desempregado". Outros são mais genéricos: medo de virar mendigo, de ter uma casa e depois não ter mais, de ficar pior do que se está, de não colher frutos. É interessante notar que, neste caso, o recorte de classe não é único. Com todas as diferenças de expectativas, os jovens de diferentes classes sociais temem o futuro. (NOVAES, 2006, p. 110)

Transcrevo, abaixo, outro trecho do meu diário de campo, a partir de uma visita realizada no CRAS Irmã Osvalda - ainda no início da pesquisa - que representa tanto as resistências por parte dos jovens e o tipo de relação que estes mantêm com as instituições sociais e a permanência ou desligamento desses nos programas sociais.

Diário de Campo. No dia 4 de agosto de 2010, às dezessete e trinta, realizamos visita ao coletivo do Projovem Adolescente do Alto da Brasília e fomos recebidos pela Orientadora Social Fabi, (visita realizada por mim e pelos bolsistas Jocélio Moraes Pereira e Ana Cleide Ferreira Sousa). Registramos as informações na medida em que ela apresentava o coletivo e nos dava informações. Foi uma entrevista aberta, sem muitos direcionamentos, até porque queríamos conhecer o programa e o perfil dos jovens. Observamos o espaço, os documentos e o grupo que lá estava. Segundo informações da orientadora, o número de alunos matriculados no primeiro ciclo perfazia o total de 62 adolescentes (que já foi encerrado). Já no segundo ciclo eram 56 matriculados, mas apenas 34 frequentavam. Ela citou os principais motivos pelos quais os jovens deixavam de frequentar o programa: pela necessidade de trabalhar, ou por serem usuários de drogas, sendo estes os principais motivos. O

programa tem um ano e oito meses, e já estão acompanhando uma segunda turma que iniciou em fevereiro do referente ano. Os principais critérios de ingresso no programa eram: ter idade 15 a 17 anos; estarem vinculados à Bolsa Família, cuja renda per capita seja equivalente a cento e quarenta reais. Os temas abordados e trabalhados nos ciclos eram: meio ambiente, cultura, direitos socioassistenciais, saúde e trabalho. Fabi destacou a realização da avaliação do desempenho e fez a seguinte reflexão: “parte deles, os que querem, conseguem alcançar seus objetivos e se transformam, descobrem o seu potencial que antes não conheciam, pois precisavam de alguém que os valorizasse e os estimulasse. Já a maioria dos pais não valoriza seus filhos, onde esses adolescentes buscam no Programa o que não têm em casa, por exemplo, orientação sexual, orientação para o mercado de trabalho e outros.” Falou, então, sobre a articulação dos CRAS e as instituições, a exemplo da escola e outras: encaminhamentos feitos da escola para o CRAS, estabelecimento de parcerias com o Programa Primeiro Passo, do Governo do Estado, e realização de convênio com o Centro de Integração Estágio e Empresa (CIEE), sendo os jovens encaminhados diretamente através do CRAS (em média um número de dez). Quando selecionados são encaminhados para as empresas e recebem uma bolsa no valor de R\$ 265,00 (duzentos e sessenta e cinco reais). A pré-seleção é feita no CRAS, de acordo com o perfil que cada empresa determina. De acordo com os registros do CRAS, os jovens são encaminhados para o Supermercado Rainha, a Empresa de Calçados Grendene, o Instituto Vale do Acaraú (IVA), Guarda mirim, 6ª Crede e outras instituições e empresas que aderem ao programa. Fabi chama atenção ao fato de alguns jovens que já encerraram o ciclo no ano de 2009, mas que ainda permanecem como ouvintes, num total de três e mais um jovem que cumpre medida socioeducativa. Tal “permanência prolongada deve-se ao fato de muitas vezes os jovens não terem outras opções e por não serem acolhidos por outros grupos e instituições, a exemplo da escola e da família”, comenta a orientadora. E ressalta: “A escola não está de portas abertas, pois, na opinião dos diretores, os projetos sociais servem apenas para ‘passar a mão na cabeça dos jovens’”. Prossegue informando que a reunião com as famílias é feita uma vez por mês, utilizando-se das mesmas temáticas trabalhadas com os jovens. “Com o objetivo de ajudar o meio ambiente muitas das produções e materiais feitos de papel foram encaminhados para o programa de reciclagem da prefeitura municipal de Sobral-Ceará”, destacou a orientadora.

As falas da orientadora do Projovem, Fabi, e do jovem Luan, do Jovem Aprendiz, enunciam questões importantes sobre os motivos de elegibilidade e desligamentos, cabendo destacar: no caso da elegibilidade, faixa de idade entre 15-24 anos, ser estudante, sexo masculino e feminino; no caso de desligamento, envolvimento com drogas e necessidades de trabalhar. Para Novaes (2006), hoje, para avaliar as possibilidades de inclusão/exclusão social de um jovem, certamente é preciso considerar quanto ganham seus pais, se ele é negro ou branco, homem ou mulher e onde mora. Mas, no que diz respeito aos jovens mais pobres, há ainda outros critérios a serem considerados: ser jovem de periferia, sua orientação sexual, ser jovem inserido em algum projeto social.

Estes critérios de elegibilidade e desligamento circunscrevem um perfil padrão de jovem, com rejeição dos que fogem a tal padrão. É a tendência à

homogeneização, mesmo no âmbito dos chamados “programas de inclusão social de jovens pobres”. Ademais, a permanência ou desligamento abre o horizonte de provisoriedade, incertezas. E cabe ainda destacar no funcionamento dos grupos indicações de uma possível “educação moral”, reafirmadora de padrões dominantes, considerando as temáticas trabalhadas: orientação sexual, orientação para o mercado de trabalho, meio ambiente, direitos sociais e trabalhistas, saúde, dentre outros assuntos.

Essas orientações são organizadas nos “cadernos metodológicos” do Projovem e norteiam as ações dos coletivos que vão se ajustando à realidade de cada coletivo estruturado em seus territórios. No caso dos cursos de formação do Primeiro Passo e Jovem Aprendiz, estes são fundamentados na “pedagogia das competências”, cujo material didático-pedagógico trabalhado nos cursos de formação também reafirma normas e padrões dominantes. De fato, tais orientações conformam e ajustam competências e habilidades de um tipo ideal de trabalhadores versáteis e competitivos, porém compatíveis com sua condição social, cultural e econômica.

Para Bourdieu (2001) os “ritos de instituição”, em que a manipulação social das aspirações se mostra, com toda clareza, por estar menos mascarada pelas funções de aprendizagem técnica, constituem apenas o limite de quaisquer ações de sugestão, que o grupo familiar tende a exercer.

Considerando as experiências que os jovens pobres vêm constituindo a partir desses projetos sociais, surge uma espécie de dúvida radical sobre as suas expectativas de futuro. Esta dúvida

[...] obriga a suscitar a questão das condições econômicas e sociais que tornam possível o acesso à experiência do tempo como algo tão evidente a ponto de passar despercebido. De fato, ao mobilizar uma relação bastante particular com o tempo por conta de seu próprio princípio, relação, aliás, fundada numa liberdade constitutiva perante à lógica ordinária da ação, decerto a experiência escolástica [e profissional] não predispõe, de modo algum, à compreensão das experiências diferentes do mundo e do tempo, tampouco a compreender a si mesma, sobretudo, em sua particularidade temporal. (BOURDIEU, 2001, p. 272)

Mesmo que a que a perspectiva social, cunhada nas legislações e políticas, seja fundada em princípios estáveis de redistribuição, a partir da constituição do Estado de direitos, os jovens, sobretudo os que habitam as periferias da vida,

movem-se em terrenos de incertezas, no qual constroem seus projetos, gerando inconstância e imprevisibilidade quanto à sua elaboração.

A imprevisibilidade cria um terreno favorável a todas as formas de manipulação das aspirações, ao demandar longo tempo de espera, gerando uma perversa linha imaginária entre sonhos e realizações.

A espera “é uma das maneiras privilegiadas de experimentar o poder e o vínculo entre o tempo e o poder” (*ibidem*, p. 279). A espera implica em submissão, mira interessada de uma coisa altamente desejada, que modifica a conduta daquele que está em suspenso pela decisão esperada. Por conseguinte, a arte de esperar, de protelar é um exercício de poder e, no caso dos jovens, passa a ser compreendido como o tempo de preenchimento de expectativas, visto que “são muitos jovens e podem esperar”. A arte de esperar implica na arte de se manter alerta sem se desesperar.

Reconheço nos jovens sujeitos da pesquisa uma tendência no sentido de que essa espera não se traduza num tempo de acomodação, ao contrário, transforme-se em um tempo de tentativas, insistências, mesmo que muitas vezes desistam ou mudem de rota, conforme já dito. Como ajustam suas esperanças diante às oportunidades que se anunciam?

Para Bourdieu (2001), a “causalidade do provável”, tendente a favorecer o ajustamento das esperanças às oportunidades, constitui decerto um dos fatores mais poderosos de conservação da ordem social. Segundo o autor, de um lado, ela garante a submissão incondicional dos dominados à ordem estabelecida, mediante a relação dóxica com o mundo, adesão imediata que coloca as condições de existência mais intoleráveis – do ponto de vista de um *habitus* constituído em outras condições – a salvo do questionamento e da contestação.

De outro lado, ela favorece a aquisição de disposições ajustadas às disposições desfavorecidas, ameaçadas de desaparecimento ou ultrapassadas, não oferecendo preparo adequado para enfrentar às exigências da ordem social, sobretudo porque encorajam diferentes formas de auto-exploração. Penso, por exemplo, nos sacrifícios de muitos jovens que se submetem a várias experiências de trabalho - contrárias às suas expectativas de formação profissional - às vezes, até suspendendo, temporariamente, seus estudos, mas fazem isso em favor de seus familiares, pois muitos logo se tornam “arrimo de família”, e escolhem forçadamente,

o pão nosso de cada dia e adiam seus sonhos e projetos para um futuro (sem garantias) próximo.

Outras situações-limite, como tantas que escutei dos jovens narradores, por serem tão dramaticamente contrastantes, fazem com que os jovens fiquem atentos às possibilidades culturais dessas transformações. É nessa perspectiva que Velho compreende os projetos individuais a partir de um campo de possibilidades, ou seja,

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente. (VELHO, 1999, p. 46)

No caso de um jovem de 19 anos isso pode aparecer de um modo mais dramático na medida em que se caracteriza uma aparente ruptura com uma escala de valores anteriores assimilados através da família. No entanto, esse mencionado jogo de papéis se realiza acompanhando a emergência de um projeto pessoal, com alguma singularidade. Ao perguntar sobre seus sonhos e projetos para o futuro, o jovem Sávio assim respondeu:

Não tenho um sonho fixo, sempre vai se modificando. (...) Na nossa vida nos deparamos com as coisas que nos obrigam a mudar nossas perspectivas, independentes de sermos jovens ou não. (SÁVIO, 31/03/2015)

Sávio compartilhava com seus pais, de modo especial com a mãe e a avó, a ideia de chegar ao ensino superior e seguir uma carreira. Chegou sim. Prestou vestibular e passou para o Curso de História de uma Universidade Pública de sua cidade, porém afirmou que sua mãe queria que ele fizesse Direito. Mas afirmou, durante nossa entrevista, que a escolha foi sua e, por isso, decidiu fazer História. Enquanto os pais enfatizavam o bem-estar material e a ascensão social, o jovem Sávio apostava na possibilidade de descobrir e experimentar outras coisas, novos rumos. Aprendeu a mudar de papel de acordo com o contexto. Porém, não se deve entender esse aprendizado como um esforço deliberado e calculado, pois se tratava de uma transformação, uma espécie de metamorfose.

Retomando a compreensão de Bourdieu sobre as disposições desfavorecidas, se Sávio pode apostar nas novas possibilidades e imprimir sentido

às novas experiências, outros tantos jovens se desencorajam face às exigências da ordem social, já que tais disposições não oferecem preparo adequado para enfrentá-las, sobretudo porque se sentem encurralados e condenados às exigências do tempo presente, perpassado de dramas cotidianos, dado a necessidade de terem que garantir o dia de hoje, para si e seus familiares.

Para Martins (1996, p. 36), “Estamos aparentemente condenados ao tempo trágico do atual e do imediato, ao tempo da falta de imaginação e da falta de esperança”. Uma boa parte da vida cotidiana é desesperada busca de sentido aparente para o que fazemos ou para o que acontece conosco e ao nosso redor.

Entretanto, não se pode afirmar que o círculo de esperanças e oportunidades não possa ser rompido. A generalização do acesso à educação e a insegurança profissional tende a multiplicar situações de desajuste, geradoras de tensões e frustrações. Encontram-se praticamente extintos os universos nos quais a coincidência quase perfeita, entre tendências objetivas e expectativas, converte a experiência do mundo num encadeamento contínuo de antecipações. Todavia, também existe a autonomia relativa da ordem simbólica a qual, em quaisquer circunstâncias e, sobretudo, nos períodos de desajuste entre esperanças e oportunidades, pode deixar certa margem de liberdade a uma ação política desejosa de reabrir o espaço dos possíveis.

2.5A experiência social e o saber da experiência na constituição dos projetos individuais

[...] *“O que aprendi a fazer aqui, não vou fazer em lugar nenhum”* (MAIARA, 2013)

[...] *“Eles cobram experiência no primeiro emprego, eu não entendo (?). (...) Em Sobral tem muito estágio. Em Sobral também se diz que se dá experiência. Primeiro a pessoa vai atrás da experiência e, depois, é que se vai atrás do primeiro emprego.”* (SÁVIO, 2015)

“O que aprendi a fazer aqui, não vou fazer em lugar nenhum”, “Eles cobram experiência no primeiro emprego...”, são expressões que resultam das reflexões de jovens sobre suas primeiras experiências e fazem parte da gramática profissional dos jovens aprendizes, interlocutores dessa pesquisa. De modo especial, daqueles jovens egressos do Projeto Jovem Aprendiz e que participaram do curso de produção de calçados.

De fato, este contingente de jovens do Projeto Jovem Aprendiz, fizeram parte dos grupos de qualificação para a produção de calçados, cujo período de experiência durou cerca de dez (10) meses, sendo quatro horas (4h) diárias no curso de formação, na sede do SENAI e quatro horas (4h) como aprendizes na Fábrica de Calçados Grendene.

Ter experiência é um dos requisitos-chave para o ingresso de jovens no mundo de trabalho em Sobral - acredito ser, hoje, em qualquer outro lugar, nesta civilização do capital - de modo que eles precisam comprová-la em qualquer atividade, inclusive, mesmo naquelas, como “auxiliar de produção”, “colaborador de perdas”, “encaixotador”, que, pelo seu caráter, estes jovens estariam aptos a desenvolver sendo, inclusive, eles os mais prováveis para assumir tais ocupações.

Desse modo, comprovar a experiência é parte de um ritual, que se inicia no preenchimento de fichas nos órgãos competentes para tal ação, a exemplo do Sistema Nacional de Empregos/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE/IDT), nas próprias Agências de Formação, a exemplo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), na Agência de Inclusão Produtiva de Sobral, no Banco de Oportunidades do SENAC, dentre outras.

Esse ritual, para adentrar no mundo do trabalho, poderá ser definidor de trajetórias de muitos jovens, visto que, muitas vezes, se perdem em meio às exigências, ora das Agências de seleção e mediação, ora das próprias Agências de formação. São trajetórias marcadas pela incerteza e insegurança porque, frequentemente, estes jovens não têm como comprovar as experiências exigidas pelas instituições ou empresas empregadoras. Por isso, passam a questionar sobre o potencial dessas formações, pois, na maioria das vezes, não garantem o acesso aos postos de trabalho, que nem sempre são os desejados, mas os mais prováveis de serem por eles ocupados, na sua condição de jovens que habitam as periferias da vida.

Frente às questões impostas, falar sobre as experiências desses jovens no mundo do trabalho, passa pela compreensão das experiências sócio-profissionais que eles vêm acumulando, dos saberes gestados nestas experiências. E, assim, estas juventudes, nestes caminhos que lhes são impostos, colocam em xeque os critérios de seleção: “de que vale uma experiência? ” Ou, “para que serve essa experiência? ”.

Desse modo, passo a refletir sobre o lugar das experiências sócio-profissionais na vida de um grupo de jovens pobres, a empreenderem um esforço para articular qualificação e preparação para o ingresso no mundo do trabalho. E estes processos de formações estão vinculados aos projetos governamentais, mais especificamente, aos Projetos Jovem Aprendiz, Primeiro Passo e Projovem Adolescente e Trabalhador, cujas vivências demarcam iniciações e intermitências na vida profissional.

A partir dessas experiências concretas, que, na condição de pesquisadora, pude acompanhar mais sistematicamente durante esses três últimos anos (2013-2015), proponho-me a desenvolver uma reflexão sobre o sentido de uma experiência sócio-profissional para os jovens que dela participaram e a relação que, então, estabelecem com o mundo do trabalho. Nesse sentido, o meu esforço investigativo é pensar o trabalho a partir das práticas sociais, que vão desde a procura nas agências de recrutamento e seleção, passando pela qualificação, até chegarem, ou não, as primeiras inserções profissionais, mesmo que precárias, eventuais e temporárias.

Vale ressaltar que a experiência sócio-profissional será aqui tomada como equivalente aos tempos e espaços de suas práticas de aprendizagem para aquisição dos saberes necessários à sua qualificação profissional. A experiência, que é medida pelo tempo linear, passa a ser o termômetro do jovem aprendiz, que só mediante sucessivas comprovações de saberes e fazeres – cursos + estágios + qualificações - é que poderiam ser reconhecidos como trabalhadores, ou seja, obterem as necessárias certificações.

Portanto, privilegiei minhas observações e análises mais precisamente nas práticas de qualificação profissional e de encaminhamento ao mundo do trabalho. No entanto, tentei compreender os laços que unem estes dois mundos em comunicação, ou seja, o da formação/qualificação (através dos cursos oferecidos pelas agências) e do “trabalho formal” (nas empresas e instituições), cujas ações são mediadas pelos Programas de Inclusão Produtiva, vigentes no nosso país.

Tomo como referência os depoimentos de jovens envolvidos nessas práticas, cuja vivências oferecem bases empíricas para pensar sobre como parcelas da juventude, no seu cotidiano, estão lidando com suas práticas e experiências de iniciação no mundo do trabalho. Ou seja, procuro analisar, exatamente, a trajetória de vida de jovens e o lugar que o trabalho vem ocupando nesse processo de

socialização, sempre em sua relação com esse conjunto de instâncias socializadoras. Como é que fica o jogo de interrelações entre essas diferentes instâncias e qual o lugar que o trabalho ocupa na vida desses jovens?

Parto da ideia de que vem ocorrendo mutações no mundo do trabalho, bem como nas instituições formadoras (socializadoras), como reflete Dubet (2006), que vai nos dizer que, na sociedade contemporânea, os atores vêm sendo socializados para além dos marcos do sistema. Quer dizer, cada vez mais as identidades são construídas em múltiplas instâncias sociais. Lahire (2002) é outro autor que discute como o indivíduo contemporâneo é cada vez mais socializado em diversos espaços, sofrendo pressões e contrapressões que vão constituir o que ele vai chamar de um “ator plural”.

Alguns autores têm trabalhado com a ideia de uma “socialização híbrida”, que se constitui mediante diferentes configurações²⁹. Essa realidade vem sendo constatada em uma série de pesquisas realizadas nos últimos anos, as quais evidenciam, por exemplo, como a dimensão do trabalho vem mudando de sentido na construção das identidades juvenis.

Toda essa realidade revela a existência de uma confluência de processos socializadores na experiência juvenil, além de evidenciar a interdependência entre as instituições. Isso nos indica que, para compreender o jovem em sua relação com o trabalho, é necessário pensar esse ator na sua relação com essas e outras diferentes instâncias sociais.

Nesse sentido, a noção de configuração de Norbet Elias (1970), ao enfatizar a interdependência existente entre as diferentes instâncias sociais, aliadas ao seu próprio dinamismo, pode abrir vias analíticas para compreender essa realidade. O

²⁹ Setton (s/d), em seu artigo “*Experiências híbridas de socialização entre jovens brasileiros*”, ao identificar uma nova estruturação no campo da socialização, busca uma perspectiva relacional de análise entre estas instâncias a fim de apreender a especificidade do processo de construção das disposições de *habitus* do indivíduo na atualidade. Partindo dos conceitos de hibridismo/sincretismo do antropólogo latino-americano Nestor Garcia-Canclini, de configuração de Norbert Elias, e de fato social total de Marcel Mauss, tem como hipótese que a cultura da modernidade imprime uma nova prática socializadora distinta das demais verificadas historicamente. Considera que o processo de socialização das formações atuais é um espaço plural de múltiplas referências identitárias. Ou seja, a modernidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências disposicionais que mescle as influências familiar, religiosa, escolar e midiáticas (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado.

que traduz bem essa ideia é a metáfora do caleidoscópio: a cada movimento que se gira, formam-se diferentes figuras. E é isso que vemos: jovens de um mesmo estrato social terão configurações diferenciadas, articulações diferenciadas entre as diversas instâncias sociais. Isso indica a existência de uma rede social na qual cada um deles veio se inserindo e se construindo como sujeito, conforme vivenciam suas experiências.

Decorre daí a compreensão de que o processo de socialização das formações atuais é um espaço plural de múltiplas referências identitárias, no qual o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências disposicionais que mescle as influências familiar, religiosa, escolar e políticas, ou seja, um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado.

2.6A pluralidade dos contextos sociais e a heterogeneidade das experiências socializadoras

Segundo Lahire (2002), mais do que considerar a coerência e a homogeneidade dos esquemas que compõem o estoque de cada ator individual como uma situação padrão, aquela que é a mais observável em uma sociedade indiferenciada, é preferível pensar que essa situação é mais improvável, a mais excepcional. Para ele, é mais frequente observar atores individuais menos unificados e portadores de habitus heterogêneos e, em certos casos, opostos e contraditórios. Aquilo que se vive com a própria família, na escola, com os amigos ou alhures não é sinteticamente somado de maneira tão simples.

Sem postular uma lógica de descontinuidade absoluta pressupondo que esses contextos são radicalmente diferentes, sugere pensar que todas as experiências não são sistematicamente coerentes, homogêneas e, mesmo, compatíveis. Além disso, cada vez mais o contato precoce com outros universos além da família está presente na vida - creches, televisão, empregadas domésticas. É difícil pensar em um universo coerente e harmonioso mesmo em relação ao universo familiar.

É forçoso constatar que a experiência da pluralidade de mundos tem todas as chances de ser precoce nas sociedades atuais. Para Lahire, vive-se simultânea e sucessivamente em contextos sociais diferenciados e não equivalentes. Um olhar microsociológico permite observar, em espaços relativamente homogêneos,

diferenças internas importantes nas interações e nas situações sociais em que se vive. O autor vai mais adiante: para ele é difícil encontrar configurações familiares absolutamente homogêneas. Poucos são os casos em que o universo familiar é coerente, produtor de disposições gerais orientadas em uma mesma direção. É preciso ver a heterogeneidade interna dos ambientes familiares, o cruzamento de orientações distintas no seio familiar (LAHIRE, 2002, 2004).

Além disso, lembra Lahire, por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, vivem-se experiências variadas, diferentes e, às vezes, contraditórias. Um ator plural é, então, produto de experiências – cada vez mais precoces – de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. Pertence simultânea e sucessivamente, no curso de sua trajetória, a universos sociais variados ocupando posições diferentes. Em síntese, todo indivíduo exposto a uma pluralidade de mundos sociais se submete aos princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios e, em assim sendo, não responderia ou agiria segundo um sistema único de disposições de *habitus*.

Esses grupos, conforme Lahire, que são os quadros sociais de nossa memória, são, pois, heterogêneos, e os indivíduos que os atravessam durante um mesmo período de tempo ou em momentos diferentes de sua vida são, portanto, o produto sempre diverso dessa heterogeneidade dos pontos de vista, das memórias e dos tipos de experiência. À rigor, o que se vive com os pais, o que se vivencia na escola, na universidade, nas agências, com os amigos e colegas de trabalho, não é necessariamente cumulável e sintetizável de maneira simples.

A ideia clássica de socialização como processo progressivo de investimento no ator pelo social, no qual ele se dotaria de competências para viver em sociedade, é aqui questionada, visto que esse ator está imerso em uma multiplicidade de orientações culturais. É essa multiplicidade de referências identitárias que circundam os sujeitos abre a possibilidade de construção de *habitus*, com híbridas disposições de cultura.

Como argumenta Martuccelli (2002), posto que o caminho socializador não é nem linear nem único, a identidade dos indivíduos é fruto de uma superposição e coexistência de diferentes tradições. Toda identidade é um amálgama de estruturas históricas anteriores, dando lugar a uma série de conflitos internos, às vezes, compreensíveis, graças ao esclarecimento das diversas tradições de onde provêm.

Na modernidade, os arranjos identitários são surpreendentes, permitindo aos atores a passagem de um universo simbólico a outro, misturando-os ou mantendo-os intactos. As trocas e/ou exclusões são tão arbitrárias que é difícil supor, a partir de imbricações observáveis, uma afinidade eletiva entre os elementos. Segundo Martuccelli (2002), as hibridações são muito diversas, caprichosas e inesperadas. Tal construtivismo espontâneo está difícil de ser escondido, mas persiste, sobretudo, no imaginário coletivo, a ideia de pensar em fronteiras firmes, como se houvessem realidades culturais homogêneas e coerentes.

Outro referencial importante que corrobora o entendimento de um processo dialógico, híbrido e disperso da socialização pode ser encontrado na obra de François Dubet. No livro *Sociologia da experiência* (1996), entre outros, o autor reflete sobre uma crise de paradigma no interior da sociologia. Aponta certo esgotamento das contribuições da sociologia clássica nas questões relativas ao ator e ao sistema social. Segundo ele, a sociologia, representada por Émile Durkheim e Talcott Parsons, define o ator individual pela interiorização do social. Ou seja, a ação individual seria a realização das normas de um conjunto social integrado em torno de princípios comuns aos atores e sistemas.

Dubet (1996) sugere a noção de *experiência* para designar as condutas individuais e coletivas, dominadas pela heterogeneidade de princípios de orientação. A noção de experiência social parece ser, segundo ele, a menos inadequada para designar as condutas sociais que não são redutíveis a puras aplicações de códigos interiorizados ou a encadeamentos de opções estratégicas que fazem da ação uma série de decisões racionais. Seriam condutas organizadas por princípios estáveis, mas heterogêneos, e é esta heterogeneidade o que permite falar em *experiência*, aqui definida pela combinação de várias lógicas de ação.

A representação clássica da sociedade deixa de ser adequada no caso em que os indivíduos são obrigados a gerirem, simultaneamente, várias lógicas de ação que remetem a diversas lógicas do sistema social. Dubet (1996) segue afirmando que as combinações de lógicas de ação organizadoras da experiência social do indivíduo atual não têm centro, não se assentam sobre qualquer lógica única ou fundamental. Para o autor não existe, pois, uma socialização com uma única lógica de ação. Processa-se uma espécie de separação entre a subjetividade do indivíduo e a objetividade de seu papel. A socialização não se finaliza, não porque o indivíduo

escape do social, mas porque sua experiência inscreve-se em registros múltiplos e não congruentes.

Para Dubet (1996), a heterogeneidade dos princípios da ação remete à heterogeneidade de sistemas de ação e à própria heterogeneidade dos mecanismos de determinação das lógicas da ação. É essa pluralidade, segundo ele, que permite falar em ator e não em agente, pois a construção de uma coerência da experiência e de uma capacidade de ação é exigida. As experiências sociais são combinatórias subjetivas de elementos objetivos. A sociologia da experiência não separa ator do sistema, não recusa sua unicidade. O autor afirma, porém, que, se a unidade das significações da vida social não está no sistema, ela só pode ser observada no trabalho do ator social, por meio do qual este constrói suas experiências.

Considerando os argumentos acima expostos, reflete Setton,

Uma sociologia da *experiência* incita que se olhe cada indivíduo como um intelectual, como um ator capaz de dominar, conscientemente, pelo menos em certa medida, sua relação com o mundo. O ator não é redutível a seus papéis, nem a seus interesses. O indivíduo não adere totalmente a nenhum deles. Este tem como tarefa articular lógicas de ação, as quais se ligam a cada uma das dimensões de um sistema. O ator é obrigado a combinar lógicas de ação diferentes, e é a dinâmica gerada por essa atividade que constitui sua subjetividade e reflexividade (SETTON, 2011, p. 719).

Na direção dessa compreensão, passo a questionar o significado da experiência para a juventude hoje. Bondía (2002), em seu célebre texto, intitulado “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, propõe-se a pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”, sugerindo certo significado para estas duas palavras em distintos contextos. Começa explorando a palavra *experiência*.

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês, a experiência seria “*ce que nous arrive*”; em italiano, “*quello che nos succede*” ou “*quello che nos accade*”; em inglês, “*that what is happening to us*”; em alemão, “*was mir passiert*”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDÍA, p. 21, 2002)

Conforme o referido autor, tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Recorre a Walter Benjamin, para lembrar que este já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo e dizer que nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E reflete,

[...] a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. (BONDÍA, 2002, p. 21-22)

A expressão que se tornou comum entre os jovens aprendizes “*o que aprendi aqui, não vai servir para lugar nenhum*”, equivale também dizer que, mesmo com os conhecimentos adquiridos após os cursos de qualificação profissional, eles podem afirmar que têm mais informação e que sabem de muitas coisas. Mas, ao mesmo tempo, podem dizer também que nada (ou quase nada) os aconteceu, que nada (ou quase nada) os tocou, que com tudo o que aprenderam nada lhes sucedeu ou aconteceu, nem mesmo a tão esperada oportunidade de um trabalho formal.

Outra questão levantada por Bondía é que a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo, porque tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa. [...] “E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera.” (BONDÍA, 2002, p. 23). E como o acontecimento nos é dado na forma do choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada, a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos.

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (BONDÍA, 2002, p. 23)

Os jovens são atravessados por múltiplos estímulos, que os conduzem a diversos campos, diria, de experimentações. Encontrei, dentre eles, jovens que, aos 18, 19 ou 20 anos, já haviam passado por várias atividades, como cursos de cabeleireiro, curso de auxiliar de produção, de técnico administrativo, ou seja, cursos de curta e média duração, que eram oferecidos pelos programas sociais (Projovem, Primeiro Passo, Pronatec, entre outros), como uma forma de “ganharem tempo”, por entender que assim acumulariam mais experiência. No entanto, a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho ou, como no caso de muitos destes jovens, por participarem de múltiplas atividades, com fins de adquirirem novos conhecimentos e conquistarem outro *status* social.

Para Bondía, às vezes se confunde experiência com trabalho, ao refletir que

[...] Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática, como se diz atualmente. Quando se redige o currículo, distingue-se formação acadêmica e experiência de trabalho. Tenho ouvido falar de certa tendência aparentemente progressista no campo educacional que, depois de criticar o modo como nossa sociedade privilegia as aprendizagens acadêmicas, pretende implantar e homologar formas de contagem de créditos para a experiência e para o saber de experiência adquirido no trabalho. Por isso estou muito interessado em distinguir entre experiência e trabalho e, além disso, em criticar qualquer contagem de créditos para a experiência, qualquer conversão da experiência em créditos, em mercadoria, em valor de troca. Minha tese não é somente porque a experiência não tem nada a ver com o trabalho, mas, ainda mais fortemente, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Nesta perspectiva que se apresenta deveras fecunda para pensar os tempos contemporâneos, o sujeito moderno, além de ser um sujeito informado que opina, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. O trabalho, para o autor, é esta atividade que deriva desta pretensão.

“O sujeito moderno é animado por portentosa mescla de otimismo”, assim afirma Bondía (2002). E, mesmo frente aos obstáculos, crê que pode fazer tudo o que se propõe. Esse sujeito se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo. E quem é, então, o sujeito da experiência?

[...] Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “*ce que nous arrive*”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “*happen to us*”, o sujeito da experiência é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

A partir dessas reflexões, passo a entender cada jovem como um sujeito da experiência, um sujeito “*ex-posto*”, que se movimenta em territórios de vulnerabilidade e risco. Cada curso realizado, cada inscrição num programa social, cada passagem como aprendiz passa a valer uma experiência, que passa ganhar sentido enquanto relação e encontro com algo que se experimenta e que se prova. Sintetizando a luz dos argumentos de Bondía,

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). (...) O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (BONDÍA, 2002, p. 25)

Em Heidegger (1978) encontra-se uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo acima destacadas. Portanto,

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, 1978, p. 143)

Ao se submeterem a cada experiência posta, cada curso, cada inscrição nos programas de inclusão de jovens, cada hora contabilizada num transcurso de tempo, os jovens passam a conceber outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos.

É sobre isso que nos fala o jovem Sávio, ao ser questionado sobre a importância da experiência como jovem aprendiz, no período em que esteve no programa. Assim falou:

Eu já entrei no Jovem Aprendiz com a ideia de adquirir experiência. Mesmo questionando o caráter de experiência exigido pelas empresas em Sobral, acredito que tudo que estou construindo e experimentando servirá como experiência para outros e novos empregos (SÁVIO, 24/02/2015)

Para os jovens, cada experiência implica um acúmulo de saberes. Quanto ao saber da experiência, este se adquire no modo como eles vão respondendo ao que vai lhes acontecendo ao longo da vida e no modo como vão dando sentido ao acontecer do que lhes acontece. No saber da experiência se trata do sentido ou do sem-sentido das coisas que lhes acontece.

[...] Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas

o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (BONDÍA, 2002, p. 26)

Mas os jovens estão submetidos às exigências de um mercado competitivo e exigente, no qual não há lugar para todos. Esse mesmo mercado dita normas e estabelece novas competências, que são (in) compatíveis com sua formação (im) posta pelo sistema de educação profissional. Esse saber aprendido na e a partir de cada experiência pessoal, conforme dito acima é um saber subjetivo, contingente e pessoal, e vai depender da disposição individual do sujeito no seu campo de possibilidade.

Depreende-se, portanto, que a experiência se converteu em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência.

A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”.

Nesse sentido posso pensar que se os jovens experimentam novos conhecimentos a partir das novas e múltiplas possibilidades que se lhe apresentam na caminhada, também é verdade que constroem suas experiências ao transitarem entre diferentes domínios da vida social, entre escola/qualificação/mundo do trabalho, com passagens às vezes quase imperceptíveis. Como diria Simmel (1971), estão na interseção de diferentes mundos, com um esforço deliberado na construção de um estilo original. Podem a qualquer momento transitar de um para o outro, em função das suas “escolhas” ou do que seria relevante para suas existências. Através de suas interações entre indivíduos e suas redes de relações

podem lidar com o fenômeno da “negociação da realidade”, em seus múltiplos planos (FIRTH, 1951).

Para Velho (1999) a própria idéia de “negociação” implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade. A saber, não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes.

Assim, nas sociedades complexas, a coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica. “A continuidade e as transformações da vida social dependem do relacionamento, mais ou menos contraditório e conflituoso, entre esses mundos e os códigos a eles associados” (VELHO, 1999, p. 27).

Goffman (2009) demonstrou como os indivíduos vivem, interpretam e atuam no trânsito entre essas diferentes esferas. Na expectativa de se constituírem sujeitos economicamente ativos e obterem um reconhecimento social, pode-se perceber os indivíduos se deslocando entre contextos hierarquizantes/holistas e individualizantes/igualitários (SIMMEL, 1971; DUMONT, 1978). Partilham e acionam os mesmos códigos em situações, momentos e planos diferentes de suas trajetórias.

“O individualismo moderno, metropolitano, não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias.” (VELHO, 1999, p. 27). Permite e sustenta maiores possibilidades de trânsito e circulação, mas entre dimensões e esferas simbólicas. Saliente-se que a intensa participação dos jovens em diversos programas sociais de inclusão produtiva, por exemplo, que projetam um tipo de trabalhador ideal, nos moldes capitalistas, não elimina o nível de escolha, de opção de um indivíduo, lidando com um repertório finito, mas com extenso elenco de combinações. Importante ressaltar que não estamos lidando apenas com contextos sociais diferentes, mas com distintos planos e níveis de realidade socialmente construídos.

Faz parte da competência normal de um agente social mover-se entre as *províncias de significado* e ser capaz de passar do mundo do trabalho para o reino do sagrado. Mas as fronteiras entre essas províncias podem ser mais tênues ou singelas e os trânsitos menos solenes e pomposos. Essa permanente latência implica o que poderíamos chamar de *potencial de metamorfose*³⁰, distribuído desigualmente por toda a sociedade. O

³⁰ Velho (1999) alerta para que a noção de metamorfose deva ser usada com o devido cuidado, pois os indivíduos, mesmo nas passagens e trânsitos entre domínios e experiências mais diferenciadas,

repertório de papéis sociais não só não está situado em um único plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades (VELHO, 1999, p. 29)

Provavelmente, por isso, pode-se escapar de falsos problemas, ditados por uma visão linear da experiência sócio-profissional dos jovens. Entretanto, nesta sociedade, marcada pela desigualdade social e econômica, essa “negociação da realidade” vai depender do que Velho denominou de campo de possibilidade. Para o autor, este “campo de possibilidades” trata do que “é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (1999, p. 27).

A partir das alternativas e experimentos, os jovens vão construindo, a nível individual, os seus projetos, os quais lidam com “a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade”. (*Ibidem*, p. 27). Nos termos de Schutz (2015) o projeto é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para Velho (1999) a ideia de projeto desenvolvida por Schutz auxilia a noção de campo de possibilidade com dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos.

Os jovens vêm elaborando seus projetos individuais em interação com outros dentro de um campo de possibilidades. Aqueles poderão ser diferentes e contraditórios, porém suas “suas pertinências e relevância serão definidas contextualmente” (VELHO, 1999, p. 46).

As trajetórias juvenis, aqui analisadas, vão ganhando consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos conforme as experiências que vão constituindo em determinados tempo e espaços. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interações com outros projetos individuais ou coletivos, das oportunidades e da dinâmica do campo de possibilidades. Mas é importante atentar para as possibilidades de transformação das pessoas e de seus projetos, até porque os projetos, assim como as pessoas, mudam. Do mesmo modo, são afetadas pelos seus projetos, por isso, podem mudar através deles. Vale ressaltar, que essa transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente.

mantêm, em geral, uma identidade vinculada a grupos de referência e implementada através de mecanismos socializadores básicos contrastivos, como família, etnia, região, vizinhança, religião, etc.

É nesse sentido e direção que as noções de projeto e campo de possibilidades contribuem, aqui, na análise das trajetórias profissionais de jovens, enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem abandonar as peculiaridades e singularidades de cada uma.

3 NARRATIVAS METODOLÓGICAS: PERCURSOS DO/NO CAMPO

O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta. (José de Souza Martins, 2012)

Esta seção tem como propósito recuperar o percurso do trabalho de campo, desde os primeiros contatos da pesquisadora com diferentes grupos de jovens e determinados agentes institucionais, no intuito de obter informações sobre as experiências de jovens no que diz respeito à qualificação profissional e à busca de emprego, enquanto parte do processo de inserção destes no mundo do trabalho. Trata-se de uma reflexão epistemológica sobre os caminhos investigativos no adentrar ao universo dos jovens sujeitos da pesquisa, em Sobral – Ceará. Assim, serão abordadas as pretensões e estratégias de pesquisa e as formas como o campo foi sendo construído, dele fazendo parte os desafios e a constante revisão de abordagens de instrumentais técnicos.

3.1 As primeiras ideias e os pontos de partida

Meu interesse pela temática juventude e mundo do trabalho ocorreu por volta do ano 2008, a partir de uma experiência no âmbito do Projeto Primeiro Passo, iniciativa do Governo do Estado do Ceará, quando participei da sua implementação na cidade de Forquilha – Ceará.

O projeto tinha como objetivo principal preparar jovens para o acesso ao primeiro emprego, conforme sugere a própria denominação, através da oferta de cursos de formação para o trabalho – organizados em módulos específicos, e de cursos profissionalizantes, em conformidade com a “vocaçã”³¹ do município, que

³¹ Por ocasião da implementação do Projeto, cada município deve fazer um estudo sobre a sua vocação econômica, para que a oferta de cursos profissionalizantes seja compatível com esta vocação. Na minha experiência como pesquisadora, percebi que tal vocação nem sempre é levada em conta. Na maioria das vezes, a oferta de cursos dependia do recurso garantido pelo governo estadual e o curso já vinha num “pacote” já pré-determinado pela Secretaria Estadual, que coordenava o Projeto e, raramente pactuado conforme as demandas do grupo a ser beneficiado. Quanto ao estabelecimento do convênio, também dependeria do tipo de instituição e/ou empresa existentes no município, bem como da “força e articulação política” dos agentes institucionais, que precisavam empreender esforço considerável, para esclarecer os termos do Projeto e do convênio – no tocante a legalidade do projeto, cujos fundamentos se encontram na Lei de Aprendizagem ou Lei de Aprendiz n° 10.097, de 19/12/2000, ampliada pelo Decreto n° 5.598 de 1/12/2005 e na Lei de

eram ofertados periodicamente, em concomitância ou não com o curso de formação. A partir dessa “formação inicial”, a Secretaria do Trabalho e Assistência Social de Forquilha deveria estabelecer convênios, através da parceria com diversas instituições e empresas do município, com o objetivo de receber esses jovens, devidamente preparados para dar início às suas primeiras atividades profissionais, na condição de “bolsista”, “estagiário” ou “aprendiz”, conforme as linhas do Projeto.

Esta inserção profissional foi determinante para a imersão na temática juventude e mundo do trabalho, questionando o potencial da qualificação profissional e de inclusão de jovens pobres no mundo do trabalho. Da observação e análise do Programa Primeiro Passo, surgem as primeiras questões/inquietações sobre as juventudes e os modos de inserção no mundo do trabalho, sob determinadas condições.

O exercício da prática docente com inserção na pesquisa, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), propiciou-me traduzir essas preocupações profissionais em questões de investigação. De fato, como pesquisadora e coordenadora da linha de pesquisa “Juventude, Trabalho e Políticas Públicas”, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Culturas Juvenis (GEPCJU), pude avançar em discussões que circunscrevem as juventudes como categoria em debate, privilegiando as dimensões vinculadas à inserção no trabalho.

Foi então, que a partir de 2010, passei a desenvolver o Projeto de Pesquisa *“Juventudes e o Mundo do Trabalho: trajetórias juvenis, qualificação profissional e os desafios do mundo do trabalho”*, cujo projeto foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC), em outubro de 2010, durante o processo seletivo. Com a aprovação na referida seleção, ingressei no Doutorado em março de 2011.

Esse projeto inicial, que tem orientado as minhas discussões sobre a problemática da inserção de jovens pobres no mundo do trabalho, na medida em que fui avançando na pesquisa, toma novas dimensões e direcionamentos, visto ser esta problemática um campo fértil de novos questionamentos e possibilidades de

intervenção, considerando a ampliação do debate nacional sobre as juventudes e a constituição de novas políticas públicas voltadas para formação e/ou qualificação de jovens, com fins de inserção profissional.

Em 2011, já cursando as primeiras disciplinas do Doutorado e com uma rotina sistemática no campo, procedo às primeiras reformulações no Projeto original, resultando no Projeto *“Trajetórias juvenis face aos desafios do mundo do trabalho: experiências sociais e interpretações individuais de jovens sobralenses que buscam o primeiro emprego”*.

A partir de então, o foco de análise da referida investigação passa a centrar-se na questão da juventude das periferias da vida, em Sobral, que, em seu cotidiano, constroem trajetórias, nem sempre lineares, especialmente quando enfrentam os desafios do mundo do trabalho na sociedade contemporânea. Desse modo, passei a seguir as pistas deixadas pelos jovens empobrecidos, nas trilhas e atalhos em busca de emprego.

Parti da hipótese de que a precarização estrutural do mundo do trabalho é um fenômeno que compõe a atual etapa de acumulação capitalista, não sendo uma decorrência direta da qualificação ou da desqualificação do trabalhador. Entendo que a concepção de qualificação, hoje vigente assume uma dimensão ideológica de configurar-se como condição de possibilidade de trabalho, desviando o eixo das determinações estruturais do desemprego e da precarização do trabalho e do trabalhador. Tal concepção revela a atual configuração do Estado e das políticas públicas, de caráter neoliberal, que vêm se distanciando do ponto de vista da efetividade do discurso difundido.

Apresento, então, algumas razões que me motivaram inicialmente, sendo estas linhas de forças entrecruzadas, como uma rede de sentidos. Uma questão inicial colocada foi a de lançar um olhar sobre as formulações e experiências político-institucionais governamentais, com o intuito de compreender a peculiaridade das iniciativas e projetos sociais e o seu potencial de inserção de jovens pobres no “mundo do trabalho”. Seguindo os campos de ação dos sujeitos juvenis nos processos de formação profissional, passo a percebê-la como um “espaço de fronteira”, o que provoca em mim a necessidade de sua interrogação, em direção aos campos de possibilidades dos jovens pobres.

É nesse sentido que os projetos de qualificação profissional e de inserção no mundo do trabalho - junto com as instituições de intermediação de empregos e a escola - então aparece como uma “fronteira”, que longe de nomear um lugar, nos fala de um horizonte de possibilidades. Essas instituições sociais representam “o outro lado” da vida dos jovens pobres da cidade. Participar dessas experiências de qualificação profissional, de estágio e como trabalhador aprendiz, implica a quebra de uma racionalidade cotidiana. Apesar da marca disciplinadora da cultura profissional - e de outros espaços de produção de conhecimento, a exemplo da escola - e da tendência codificadora dos conhecimentos que nela circulam, a inserção institucional pode colocar ao jovem um outro horizonte: do futuro profissional promissor.

Uma segunda questão posta para a pesquisa diz respeito à discussão teórica e empírica sobre as juventudes e o mundo do trabalho. Entendo que a “preocupação” presente sobre as juventudes, sugere um pensar sobre ela e um agir com ela, para dar conta tanto dos vazios que ficaram, em decorrência da falta ou insuficiência de intervenções públicas, bem como sobre a condição de vulnerabilidade desses jovens na realidade brasileira, colocando-os numa condição desfavorável no mundo do trabalho. O que me instiga é analisar a inclusão da juventude na agenda pública sobralense nos últimos cinco anos, de modo especial, como essa agenda vem se constituindo a partir da assinatura do “Pacto pela Juventude” na referida realidade.

Uma terceira questão, como decorrência das duas primeiras, considera a importância da (re) constituição das trajetórias profissionais de jovens na luta pela inserção no mundo do trabalho ou nas estratégias que recorrem para se qualificar e encontrar trabalho, onde os embates políticos e ideológicos permeiam os discursos dos programas de qualificação e as narrativas dos jovens, alvo das intervenções públicas.

Tal questão me motivou compreender as formas de resistência dos jovens sobralenses a este estado de coisas, a partir de suas experiências individuais nos coletivos de formação profissional, na busca do primeiro emprego e nas inserções provisórias, verificando as possibilidades de ultrapassar as “fronteiras” - no presente, a partir das quais tecem esperanças – para o futuro, e elaboram seus projetos

profissionais, dentro de um campo de possibilidades, para construir uma vida melhor e cheia de significados.

Portanto, ao propor este estudo sobre as trajetórias profissionais de jovens de periferias que buscam inserir-se de diferentes formas, no mundo do trabalho na cidade de Sobral-Ceará, priorizei narrativas sobre suas experiências nos projetos de qualificação profissional e os seus dilemas e perspectivas no enfrentamento do mundo do trabalho, como base para construir suas trajetórias, identificando pontos de referência fundamentais em suas narrativas.

O recurso à via metodológica de trajetórias deveu-se à possibilidade que esta via oferece de reconhecer mundos sociais marcados pela instabilidade e pela descontinuidade que caracterizam os modos de qualificação e inserção profissional dessa população, permitindo flagrar, nos tempos atuais, os movimentos dos indivíduos, no caso os jovens sobralenses, num tempo em que o desmantelamento de estruturas do modelo fordista, em processos de acumulação flexível, não mais permite pensar em segurança no mundo do trabalho.

Na busca permanente de encontrar os sujeitos, construí percursos que me permitissem aproximações ao universo de juventudes empobrecidas na “saga” de entrar no mundo do trabalho. Nesta empreitada, parti dos programas implementados em Sobral no período de 2011 a 2015, dando ênfase aos Programas de Inclusão de Jovens – Projovem Adolescente, Projovem Trabalhador; Primeiro Passo e Jovem Aprendiz, na modalidade Aprendizagem Industrial, para depois tomá-los nas suas primeiras experiências no mundo do trabalho.

Vale ressaltar que os referidos programas são coordenados pelas duas Secretarias Municipais: Secretaria do Desenvolvimento Social e do Combate à Extrema Pobreza (SDS) e a Secretaria da Tecnologia e do Desenvolvimento Econômico (STDE), e executados através da parceria com as agências formadoras compostas pelo sistema “s”, dentre elas: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/SENAT), respectivamente.

Partindo de uma abordagem metodológica qualitativa, em 2011, dei os primeiros passos no sentido de desenvolver o campo circunscrito na versão original do projeto de pesquisa. Para tanto, realizei os primeiros contatos com a coordenadora do Projeto Primeiro Passo, o qual funcionava na Casa dos Conselhos³², já que tal projeto ficava meio “deslocado” de outras tantas ações das duas Secretarias já citadas.

Pouco a pouco, fui percebendo certa disputa entre ambas as Secretarias Municipais no tocante a coordenação de tal Projeto. A partir das primeiras informações obtidas, fui delineando estratégias necessárias ao desenvolvimento da pesquisa e, então, foi organizado um cronograma de atividades, com início no segundo semestre de 2012. Para esse período foi previsto o mapeamento inicial de informações sobre as ações desenvolvidas, com a obtenção de documentação e a realização de entrevistas com agentes institucionais ligados aos Programas de Inclusão Produtiva para juventudes, a saber: Projovem em suas modalidades Adolescente e Trabalhador, Primeiro Passo e Jovem Aprendiz. Neste mapeamento dos programas de qualificação de jovens, a pretensão foi circunscrever suas principais características e as ações específicas de encaminhamento dos jovens para o mercado de trabalho.

Para tanto, a ideia era realizar entrevistas, inicialmente com os coordenadores e orientadores dos programas e, posteriormente, com os adolescentes, buscando fazer o confronto das expectativas existentes. Procurei deixar claro para os interlocutores meus objetivos e o meu compromisso em garantir o sigilo sobre as informações obtidas. Essas iniciativas foram importantes, especialmente no caso dos jovens, visto que, pela carta de formalização, a coordenação já estava ciente da proposta e dos objetivos da pesquisa, o que contribuiu para o estabelecimento de confiança entre nós.

Uma vez concedida a autorização para acessar aos espaços institucionais, foi iniciada a pesquisa de campo. A primeira ideia foi entrevistar pessoas-chave, responsáveis pelos projetos, que pudessem oferecer informações sobre o programa

³² A Casa dos Conselhos fazia parte da estrutura administrativa da SDS, a qual abrigava os diversos conselhos, dentre eles, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e o conselho Municipal de Assistência Social (CMAS). Um pequeno espaço foi reservado para a execução do Projeto Primeiro Passo, cuja coordenação estava sob a responsabilidade da Sra. Glória Ximenes. Esse projeto ficava “deslocado” dos outros projetos coordenados pela SDS e STDE, por tal motivo, não ganhou visibilidade, conforme relato da coordenadora, além do pouco investimento em tal ação.

de inclusão de jovens no mercado de trabalho, tendo a atenção voltada para os processos de constituição desses programas ao longo do tempo.

As entrevistas com pessoas responsáveis pelas ações dos referidos projetos, ocorreram após a definição de alguns acordos com as Secretarias Municipais já citadas. O estabelecimento de conversas informais foi realizado ainda em 2012, resultando na obtenção de documentação e de dados secundários sobre os programas, bem como na produção de dados primários, direcionados ao foco investigativo.

3.2 Itinerários na cidade: acercando o campo empírico

Circunscrever os espaços da pesquisa na cidade de Sobral, a princípio, apresentou-se como uma dificuldade, uma vez que os jovens se revelaram participantes de várias ações, desde os cursos de qualificação às primeiras experiências profissionais. Dado essa mobilidade, suas identidades profissionais iam sendo delineadas por diversos contextos de sociabilidade sócio-profissionais, muitas vezes distintos daqueles que privilegiei inicialmente na pesquisa, a exemplo do SINE/IDT.

Cabe ressaltar que os primeiros contatos “oficiais” junto aos programas sociais para jovens deu-se através da coordenação do Projeto Primeiro Passo, ainda no ano de 2011, quando pude ter uma visão “de longe” das propostas de qualificação profissional de jovens. Em seguida fui orientada a manter outros contatos, dessa vez, junto às coordenações do Projovem Adolescente e do Projovem Trabalhador, cujos contatos ocorreram em distintos momentos durante o ano de 2012.

A partir desses outros contatos fui orientada a percorrer certos espaços onde as formações profissionais eram realizadas. Ou seja, foi-me apresentada a estratégia de percorrer os territórios onde os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) organizavam seus coletivos de jovens e, mais precisamente, os locais nos quais os cursos de formação eram realizados, em parceria com as instituições já indicadas. O contato com os orientadores desses coletivos e instrutores dos cursos facilitaram o mapeamento dos espaços nos quais encontraria os jovens

interlocutores. E, nestes percursos fui estabelecendo relações com os agentes profissionais, definindo, assim, os primeiros interlocutores.

A partir desses primeiros movimentos no campo, passei a perceber que os jovens, sim, deveriam ser o foco central de meus percursos investigativos e, não os espaços de formação e experiências de trabalho. Entendi a importância de mapear esses locais onde os jovens realizavam suas qualificações, porém passei buscar os sentidos atribuídos pelos jovens à qualificação profissional, nas suas relações nos diversos espaços sócio-ocupacionais na cidade. Foi se impondo o entendimento de uma teia viva de relações sociais, em cujo interior estes jovens estabeleciam seus primeiros contatos com o mundo do trabalho.

Seguindo a rota indicada pelas minhas primeiras interlocutoras – Gorete, Ângela e Virgínia³³ -, elegi, inicialmente, três lugares, no âmbito das agências de intermediação de emprego em Sobral – Ceará: o Sistema Nacional de Empregos/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (SINE/IDT), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), e duas Secretarias Municipais de Sobral, quais sejam: Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE) e Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Extrema Pobreza (SDS), como responsáveis pelos Programas: Primeiro Passo, Projovem Trabalhador e Adolescente, respectivamente.

Essa escolha funda-se no pressuposto de que os jovens que recorrem a esses locais estão mobilizados para procurar um trabalho e/ou se prepararem para tal, o que faz com que as questões da qualificação profissional e do ingresso no mundo do trabalho coloquem-se para eles de uma forma mais premente. E, embora a tensão para “arrumar trabalho” possa ser mais crítica, já que eles buscam um emprego e não um estágio - o que pode denotar maiores dificuldades financeiras –, os jovens que transitam por essas instituições de formação e/ou mediação para o mundo do trabalho, vivenciam experiências sócio-profissionais perpassadas de expectativa de um futuro profissional promissor, em meio a tantas incertezas e inseguranças.

³³ Estes nomes fictícios para preservar suas identidades.

Sendo assim, busquei dar visibilidade ao quadro atual da questão “juventude-qualificação-trabalho” na cidade de Sobral-Ceará, percorrendo o seguinte caminho: identificar, sistematizar e descrever estratégias em curso que aproximassem jovens das periferias do mundo do trabalho à possibilidade de geração de trabalho e renda; identificar a capacidade da cidade e de suas economias, materializadas nos postos de trabalhos existentes, de incorporar a mão-de-obra jovem e, principalmente, identificar nos jovens empobrecidos da cidade, as principais estratégias empregadas para incrementar suas conexões ao mundo do trabalho e os dilemas enfrentados nesta “saga” a partir de suas trajetórias individuais.

Para fins de organização dos tempos/espacos da pesquisa, os processos de investigação de elementos quantitativos e qualitativos foram distribuídos em três momentos devidamente inter-relacionados e sem pretensões de cumprir uma ordem cronológica. No primeiro momento, o esforço foi construir um panorama sobre juventude e modos de inserção no mundo do trabalho na cidade de Sobral, utilizando dados das seguintes fontes: Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD), ao longo dos últimos cinco anos de 2010 a 2015; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Organização Internacional do Trabalho (OIT); Instituto de Desenvolvimento e Trabalho (IDT) e Secretarias Municipais de Desenvolvimento Social e Combate à Extrema Pobreza (SDS) e a Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE).

No segundo momento, busquei mapear os programas e projetos desenvolvidos por órgãos governamentais e organizações não-governamentais, bem como oriundos de outras iniciativas, conforme as linhas de ação das organizações a serem investigadas. Dentre estas, destaco os programas Primeiro Passo, Projovem Adolescente, Projovem Trabalhador, Jovem Aprendiz e, a partir de 2014, o Pronatec³⁴. Em Sobral, tais programas são coordenados pela SDS e STDE. Tais Secretarias estabelecem parceria com o SINE/IDT, no sentido de intermediar a relação com os postos de trabalhos existentes na cidade. Estas referidas Secretarias, mediante seus respectivos programas e projetos, desenvolvem políticas

³⁴ Não é meu objetivo explorar as ações do Pronatec, porém, no decorrer da pesquisa, com a implantação da Agência de Inclusão Produtiva em Sobral, o Pronatec/BSM ganha visibilidade, especialmente pelo volume de recursos para implementação das políticas públicas de inclusão produtiva, dentre outras ações que são articuladas com as secretarias já citadas.

e programas para a formação/qualificação profissional e inserção dos jovens no mercado de trabalho, que por sua vez, são ofertados através do estabelecimento de convênios com o SENAI, SESC e SEST/SENAR.

O objetivo nesse segundo momento investigativo foi identificar as metodologias utilizadas nas ações e iniciativas já implementadas no período em referência e mapear as iniciativas sociais da cidade de Sobral voltadas para a temática sobre juventude e trabalho. Para tanto, privilegiei narrativas dos agentes institucionais, mediante entrevistas, conversas, discussão coletiva em grupos focais.

No terceiro momento, busquei constituir as trajetórias profissionais de jovens que buscam se inserir no mundo do trabalho, na cidade de Sobral-Ceará, a partir das narrativas de suas experiências sociais, tentando compreender como esses jovens vêm construindo essas experiências profissionais e quais inquietações e desejos mobilizam na constituição de seus projetos individuais. O objetivo foi circunscrever visões, expectativas, sonhos, encaixes e desencaixes nas situações vividas pelos jovens em relação a qualificação profissional e os modos de inserção no mundo do trabalho e suas relações sociais, em decorrência dessas experiências.

Convém destacar que o trabalho de pesquisa assumiu o enfrentamento do desafio metodológico como um de seus pressupostos. A pesquisa de campo esteve presente em todo o trabalho de investigação, sempre iluminada com a busca teórica, no sentido de constituir vias analíticas capazes de responder às interpelações da realidade. Para cada momento do trabalho de campo foram utilizados instrumentais técnicos específicos: entrevistas narrativas com jovens; entrevistas com os representantes oficiais dos programas locais; grupos de discussão³⁵ com jovens; grupos focais³⁶ com representantes das instituições e dos programas e projetos

³⁵ Os grupos de discussão, como método de pesquisa, passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude. Estudos clássicos da sociologia da juventude bem como da psicologia do desenvolvimento definem o *peer group* como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. É principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, as experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações. (WELLER, 2006)

³⁶ Em alusão ao conceito de esfera pública de Jürgen Habermas, Gaskell (2002) afirma que os grupos focais podem ser definidos como uma “esfera pública ideal”, já que se trata de “um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional” (p. 79). Para Weller (2006) os grupos focais são geralmente constituídos por um número de seis a oito pessoas, que são convidadas a debater sobre um determinado assunto com a

sociais; uso permanente do diário de campo para registro do cotidiano dos jovens e das instituições, envolvendo registros das observações durante cursos de formação, visitas às instituições e programas sociais.

Para a realização das entrevistas com jovens foram construídos roteiros³⁷, a título de orientação, indicando como eixos de referência: a constituição e convivência familiar; escola e trabalho; desafios enfrentados na busca de emprego/ocupação; medos e esperanças com relação ao futuro profissional; estratégias e recursos mobilizados na constituição de seus projetos pessoais; experiências resultantes da “simbiose” qualificação profissional/trabalho, sempre recortado pela trajetória antes e pós-inserção no mundo do trabalho.

Utilizei outros procedimentos qualitativos, especialmente os grupos de discussão e os grupos focais temáticos, gravados e filmados nos seus momentos mais significativos, quando devidamente autorizados. Também recorri ao uso de fotografias, dando ênfase às mais diversas expressões e performances das experiências dos jovens, seja como “aprendizes” ou como “trabalhadores alternativos”, quando na ocupação dos mais diversos espaços nessa cidade.

O coletivo dos sujeitos da pesquisa foi constituído, inicialmente, por jovens ingressos e egressos dos programas de inclusão produtiva, aqui referidos, sem a preocupação com uma representação estatística, uma vez tratar-se de pesquisa qualitativa, voltada à compreensão do fenômeno estudado, sem a pretensa intenção de generalizações, comprováveis pela quantificação. Esta via de pesquisa foi escolhida por ser a mais fecunda para entender como os sujeitos vêm construindo suas vidas a partir da preparação para o trabalho e posterior inserção profissional, ou, pelo menos, compreender sua tentativa, focando sempre nos projetos individuais, erguidos frente às possibilidades que se lhes apresentam.

Cabe demarcar que fui deslocando meu foco de análise, à medida que fui avançando na pesquisa. Encontrei outros jovens, nas suas mais diversas experiências de inserção no mundo do trabalho: jovens estagiários, jovens bolsistas,

ajuda de um moderador, como nos *talk shows* apresentados em canais de televisão. Gatti (2005) sugere que os grupos devem ser formados por pessoas “que tenham diferentes opiniões em relação às questões que serão abordadas”.

³⁷ Vale ressaltar que esse “roteiro” foi se redefinindo ao longo da pesquisa, cujo procedimento será explicitado mais adiante.

jovens aprendizes, jovens estagiários e aqueles inseridos em ocupações provisórias nas ruas da cidade de Sobral.

Um esclarecimento fundante: a escolha da cidade de Sobral deu-se por duas razões interrelacionadas: representatividade dos programas de inclusão produtiva de jovens desenvolvidos no contexto sobralense; o fato de Sobral constituir-se um espaço social que encarna uma especificidade em termos de sua constituição e organização política, econômica e cultural: nos relatos dos jovens e, principalmente, dos representantes oficiais dos programas sociais e das instituições. Sobral foi referenciada como a “cidade das oportunidades”. A rigor, Sobral é um município de grande porte, agregando, atualmente, um número considerável de pequenas e médias indústrias e um comércio desenvolvido, o que lhe atribuiu o *status* de cidade polo da região noroeste do Estado do Ceará.

Para dar conta do alvo desta pesquisa, circunscrito na convergência entre os constrangimentos sociais e as movimentações das condutas individuais, encarnadas nas trajetórias profissionais de jovens, recorri à metodologia qualitativa, com articulação de diferentes vias: observação direta das práticas de qualificação profissional de jovens inseridos em programas sociais; entrevistas narrativas, de modo a acessar os mecanismos que os indivíduos mobilizam para fazer face aos constrangimentos estruturais. Utilizei também o recurso metodológico de trabalhar com coletivos, realizando grupos de discussão com jovens e grupos focais com agentes institucionais.

A análise dos acontecimentos, em seus múltiplos contextos sociais permitiu-me extrair as linhas mestras da complexa relação que os sujeitos da pesquisa mantêm com seu universo social. Tomei de empréstimo algumas categorias nativas para forjar conceitos que dariam conta de minhas observações, tais como: experiência, trabalho, projetos profissionais, entre outros. Recorri também a conceitos que me permitiram lançar luzes em campos de sombra: juventudes e trabalho; projetos e campos de possibilidades; experiência e oportunidade. Assim, abri vias investigativas, de modo a compreender esse novo contexto no qual essas juventudes se movimentam e constroem suas experiências e projetos profissionais.

Ao longo dos percursos investigativos, assumi, como pressuposto, a ideia-chave de que formas de perceber o mundo guiam as práticas dos indivíduos: é a partir da maneira pela qual vivem e elaboram seus projetos (profissionais, escolares, entre outros) que os jovens constroem representações sobre a qualificação profissional e o ser trabalhador hoje, o que, por sua vez, guiará suas escolhas e estratégias para enfrentar as adversidades do mercado de trabalho dentro de um campo de possibilidades, respeitando suas singularidades.

3.3 “Nós e os outros”: lançando uma ponte no abismo que nos separa

Um imenso e, não raro, dramático abismo separa o homem comum de sua história, no mundo contemporâneo de que ele é artífice, o abismo que o separa de si mesmo, ser dividido em face da sociedade que o mobiliza, ao mesmo tempo, como agente e ator, o processo histórico desenrolando como vida e teatro, como ação e fingimento, como práxis autêntica e mistificação. Esse é o homem dessa contemporaneidade demorada e inconclusa, de diferentes modos e com diferentes intensidades, ao mesmo tempo ativo e impotente nas muitas caras que deve ter para que a sociedade flua segundo suas próprias determinações profundas e ocultas. (MARTINS, 2008, p. 9)

Eu e Margarete, auxiliar de pesquisa, deveríamos atravessar as fraturas da cidade para consolidar nosso primeiro encontro com os jovens do CRAS Alto da Brasília, “do lado de lá” da nossa cidade Sobral. Era uma quarta-feira, 04 de outubro de 2012. Final de tarde, aguardávamos o encerramento da procissão de São Francisco, cujo movimento católico mobiliza um número elevado de fiéis que vêm de todos os lados da cidade. Naquela noite, deveríamos participar de um importante evento de formação profissional, destinado aos jovens daquele coletivo. Estava iniciando o módulo, “Formação para o trabalho”, cujo instrutor fora designado pelo SINE/IDT de Sobral. De fato, se tratava do nosso primeiro encontro lá no Bairro onde eles moravam, mas eles já tinham ido à UVA a nosso convite, conforme relatado na introdução dessa tese.

A revelação da complexidade de Sobral foi sendo compartilhada com Margarete, enquanto atravessávamos a cidade. Conversávamos sobre a distância que (des)liga bairros e pessoas, demarcando espaços de diferenças e isolamento. E indagava: quantos passos aqueles jovens precisariam firmar para alcançar à cidade e vivê-la intensamente? Quantos passos seriam dados para a construção de seus projetos, elaborados a partir do que a cidade lhes possa oferecer? À medida que nos

aproximávamos do CRAS Irmã Osvalda, mais percebíamos a distância que nos separava deste espaço social.

Em meio a essas indagações, passei a “estranhar” minha cidade Sobral e refletir sobre e a partir dela. Pensando a partir de Calvino (2003), percebi que a cidade é feita de relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado e do presente. Ou seja, entre a distância do solo que une nossos bairros e os projetos individuais, que são edificados sob o signo das promessas de oportunidades que estruturam e dão forma às políticas públicas da cidade; é a distância social entre a espera pelo agente da formação profissional, que guarda as chaves do sucesso profissional e a marcha lenta do cortejo religioso que, anualmente, se repete renovando as esperanças dos fiéis que acreditam na transformação social e num mundo melhor.

Para Calvino (2003, p. 15), [...] “A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata”. Uma descrição simples desse momento ímpar, dessa travessia que nos uniria aos jovens do lado de lá, protagonistas dessa história, parece conter todo o passado e o presente dessa cidade, com seus encantos e desencantos, desafios e aproximações. “Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito no ângulo das ruas, nas grades das janelas” (*ibidem*, p. 16), nas ruas acidentadas, nos seus bairros desalinhados, no imaginário onírico de cada morador, a ser desvelado.

Movida por essas inquietações e reflexões, seguimos adiante, em direção àquele CRAS, naquele bairro, ao encontro das experiências cotidianas de jovens pobres que querem desbravar novos caminhos nessa cidade; estas juventudes buscam encontrar um caminho que os conduza ao mundo do trabalho. Trato aqui, de um momento da história social e política na vida de jovens pobres, aqui denominados “jovens das periferias do mundo do trabalho”³⁸, marcados por um modo de vida, decorrente das fraturas sociais, que os fazem viver incertezas e inseguranças do tempo presente.

“Escovar histórias de jovens a contrapelo” resultou de uma pesquisa que buscou dar conta de traços das experiências individuais de jovens no mundo do trabalho em orgânica vinculação com fenômenos coletivos que delineiam trajetórias

³⁸ Adapto a expressão utilizada por Alba Carvalho (2010), “jovens das periferias da vida”, para “jovens das periferias do mundo do trabalho”, por orientação do Prof. Dr. Alexandre Fleming, durante a disciplina de “Tópicos Avançados em Metodologia”, que cursei no ano de 2011.

profissionais, mostrando potencialidades, limites e dilemas. Assim, minhas indagações foram tomando forma e se tornaram “inquietantes” frente ao perceptível, posto que,

Há espaços, lugares e situações em que essas realidades transicionais e do limite entre o conhecido e o desconhecido se propõem de maneira mais aguda que os outros. Porque nelas o espanto se resolve nas acomodações do duplo e da duplicidade, no viver impotente entre duas referências sociologicamente estruturais, num certo sentido antagônicas, preservando, viva e documentalmente, as evidências da história que não se consuma senão lentamente. (MARTINS, 2008, p. 9).

Parte substancial dos escritos acadêmicos, consubstanciados nesta tese, voltou-se para um apurado detalhamento dos processos de preparação e ingresso de jovens empobrecidos no mundo do trabalho, em suas múltiplas dimensões, mostrando as possibilidades e limites dessas existências juvenis, em cujo interior realidade social e experiência individual são os polos de uma relação circular. Não se trata de um “circular” fechado, mas conectado, em um contexto de interdependência global e de delimitações planetárias, no qual a ação e constituição do indivíduo não se deixa determinar somente por essas estruturas macro e muito menos se diluir nelas. É a relação entre as estruturas e as ações dos indivíduos tecidas em trajetórias singulares.

Trato aqui de um momento, não linear, da história de trajetórias profissionais de jovens, marcadas por transições sócio-profissionais, circunscritas no modo de vida decorrente das fraturas da sociedade capitalista. E, esses jovens, mergulham nas incertezas da modernidade, tornando-se supérfluos, flexíveis e precários.

Para tal empreendimento investigativo, tive que me apropriar das experiências cotidianas de jovens, que mais se assemelham a “minúsculos fragmentos isolados da vida, tão distantes dos vistosos eventos coletivos e das grandes mutações que perpassam nossa cultura” (MELUCCI, 2004, p. 13). Contudo, é nessa fina malha de tempos, espaços, gestos e relações que acontecem os dramas da vida social ou tudo o que é importante para a vida social.

É preciso ter claro que um estudo da experiência cotidiana é sempre parcial, como o olho de quem olha, constituindo-se, no entanto, ponto de partida obrigatório para entender o presente (MELUCCI, 2004). Com esse entendimento, segui rastros da experiência individual de jovens das periferias de Sobral, buscando vincular percursos pessoais com fenômenos coletivos contemporâneos. A minha busca

investigativa era sempre no sentido de desvendar potencialidades, limites, dilemas, oportunidades, riscos nas trajetórias juvenis de inserção no mundo do trabalho.

Nos percursos investigativos, ressalto, justamente, este encontro com os jovens do coletivo do Projovem do Alto da Brasília, nos espaços físicos do CRAS - a que me refiro no início deste item – como um marco nas minhas aproximações com este instigante universo da formação profissional juvenil. Trata-se de um módulo de capacitação profissional, promovido por uma articulação entre as instituições formadoras e reguladoras do sistema de emprego em Sobral, mediante uma sistemática de parcerias e contratos formais.

Estar neste evento, na qualidade de pesquisadora a adentrar no campo empírico, representou a possibilidade de acompanhar uma atividade com o envolvimento de um contingente de jovem e de representantes institucionais, familiarizando-me desse modo, com estas juventudes e as políticas de qualificação a eles destinadas e aproximando-me deste mundo em suas particularidades. O meu esforço era apreender o grau de envolvimento e participação de todos que lá estavam nesta expressão de uma cultura de capacitação juvenil. Neste sentido, procurei estar atenta aos discursos oficiais e à reação dos “jovens aprendizes”, na linguagem institucional.

Como pondera Sarti (1996), na pesquisa de campo, a escolha do local e dos horários para as entrevistas, as observações e a realização dos grupos de discussão constituiu, muitas vezes, uma forma de conferir atenção aos sujeitos da pesquisa, o que predispõe a uma maior recepção à presença do pesquisador. É necessário ter em mente - como alerta a autora - que esta é uma relação em que os dois lados contam, e de forma decisiva. Estabelece-se, portanto, uma relação de troca entre pesquisador e sujeitos da investigação, expressa pelo dar e receber em fluxos contínuos.

Esse primeiro encontro local, no bairro onde esses jovens habitam, foi determinante para que eu pudesse desenvolver uma série de reflexões e questionamentos, que possibilitaram um primeiro (re)direcionamento do meu esforço investigativo. Vale ressaltar, que este não foi o único, nem o primeiro na ordem cronológica da pesquisa, porém guarda uma singularidade e importância, visto ser referência no universo que trilhei na busca e compreensão desses jovens e dos sentidos por eles atribuídos à formação e ao trabalho.

Abaixo, apresento trechos dos manuscritos de meu diário de campo, referente a este evento de capacitação, cujos relatos e observações já evidenciam os primeiros fios a serem tecidos ao longo desta tese. Senão vejamos!

DIÁRIO DE CAMPO, quarta-feira, 04/10/2012.

Neste encontro com o coletivo do Projovem Adolescente do CRAS Irmã Osvalda, na Rua Augusto dos Anjos, Alto da Brasília, eu e Margarete, auxiliar de pesquisa, fomos apresentadas - como pesquisadoras da UVA- ao técnico representante do SINE/IDT-Sobral e ao coletivo de jovens que ali se encontrava. Nossa participação se deu por conta de um convite que recebemos da parte da orientadora do coletivo, para esta oficina de capacitação para o trabalho. Foi Conceição, a Orientadora daquele coletivo composto por trinta (30) jovens, que nos recebeu naquela noite, após a procissão de São Francisco de Assis, festa essa comemorada pelos cristãos católicos na cidade de Sobral.

A temática daquela noite dizia respeito à preparação para o mundo do trabalho e foi explorada a partir dos Eixos Estruturantes do Serviço Socioeducativo (PROJOVEM)³⁹ – “Convivência Social”, “Participação Cidadã” e “Mundo do Trabalho” (MDS, 2009).

No Caderno 2 – Traçado Metodológico do Projovem Adolescente a formação para o mundo do trabalho é definida como processo vital e educativo que contribui para tornar possível aos jovens a sua existência autônoma e a sua cidadania. Nesse sentido, explicita o discurso oficial do Programa:

O trabalho é estruturador de identidades, cria espaço de pertencimento social, é organizador de práticas sociais específicas de caráter histórico e cultural, por meio das quais se constroem as condições de existência em sociedade. Nessa perspectiva, é constituinte do sujeito na sua totalidade; é o espaço onde o cidadão se realiza enquanto produtor de si mesmo e produtor de cultura. (MDS, 2009, p. 27)

³⁹ Assim explicita o Caderno Metodológico do Projovem Adolescente elaborado pelo MDS: “Em resposta ao desafio de se formular uma proposta socioeducativa que vá ao encontro dos anseios e demandas do segmento da juventude focalizado pelo Projovem Adolescente, promovendo seguranças básicas e favorecendo o desenvolvimento integral dos jovens, foram concebidos três eixos orientadores das ações socioeducativas – **“Convivência Social”**, **“Participação Cidadã”** e **“Mundo do Trabalho”**. Esses eixos se integram para a estruturação de um processo formativo que pretende contribuir para que os jovens se apropriem criticamente dos conhecimentos social e historicamente acumulados, cultivem e adensem os valores éticos e democráticos e se constituam individual e coletivamente como cidadãos de direitos comprometidos com a transformação social” (MDS, 2009, p. 26)

Com três palavras-chave – inserção, experiência, oportunidade – registradas em um slide, o agente do SINE/IDT deu início a sua exposição, falando da dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho, devido a pouca experiência que eles têm, decorrente da falta de preparação e qualificação. É deveras emblemática uma das suas falas:

A luta no mercado de trabalho não é somente entrar, mas permanecer. O mercado de trabalho é como uma selva e salva-se quem for mais forte. Os empregadores querem pessoas que tenham experiência, entretanto só se tem experiência se se tem oportunidade. (Técnico, 04/10/2012)

É preciso atentar para os sentidos e valores encarnados nesta comparação do mercado de trabalho como uma selva, na qual só os mais fortes sobreviverão. E ressaltou com veemência o segredo do sucesso: educação, formação e competitividade. No entanto, alertou: “o jovem precisa se apropriar das oportunidades que a cidade oferece. Estar atento, preparado. Ser o leão de si e dos outros”.

O ambiente era puro silêncio. Os jovens escutavam atentamente cada palavra proferida. Lições e muitas dicas a serem apreendidas. Para reforçar esse silêncio e essa atenção, o olhar atento e controlador da Orientadora parecia dizer: escutem, prestem atenção, aprendam! Ela cuidava de cada detalhe, para que ninguém ficasse disperso. Seus comandos (com o olhar e pequenos gestos) indicavam o momento certo de perguntar ou de comentar algo. Por sua vez, eles sabiam que deveriam “prestar contas” de tudo isso que estavam aprendendo. Não poderiam desperdiçar aquele e outros tantos momentos de aprendizado. “*Uma oportunidade ímpar*”, assim falava o agente institucional, cuja expressão era reforçada pela orientadora.

Como pesquisadoras, ficamos na condição de observadoras daquele momento ímpar na vida daqueles 30 jovens, que acompanhavam, atentamente, cada slide e cada comentário do técnico do SINE/IDT.

As primeiras informações vindas da Agência responsável para intermediar a relação entre formação e o mundo do trabalho representava, no processo formativo, um momento de muita aprendizagem. Para os jovens, o contato com as primeiras informações indicaria o início de um novo e longo processo que os conduziria para os primeiros passos no mundo do trabalho.

Além da fala determinada e convincente do técnico, a forma como as cadeiras foram expostas na pequena casa onde funcionava o CRAS Irmã Osvalda também garantiam certa ordem, sugeriam uma disciplina do corpo, conjugando aprendizagem e obediência, como se quisesse “mostrar” para cada um daqueles jovens que, se tornar trabalhador, exige muita disciplina e conhecimento.

Os usos do corpo, da língua e do tempo⁴⁰ têm em comum o fato de serem objetos privilegiados do controle social, podendo-se enumerar tudo o que, na educação explícita se refere aos usos do corpo: "fique direito", "tenha compostura" etc. Ou aos usos da linguagem: "diga isso", "não diga aquilo" ou “não diga desse jeito”. É por intermédio da disciplina corporal e linguística, que implica, muitas vezes, uma disciplina temporal, que se opera a incorporação das estruturas objetivas e que as "escolhas" constitutivas de uma relação com o mundo econômico e social são interiorizadas, sob a forma de montagens duráveis e subtraídas às tomadas de consciência e, até mesmo, em parte, da vontade: a polidez encerra uma política, um reconhecimento prático e imediato das classificações sociais e das hierarquias, entre os sexos, as gerações, as classes, etc.

Tudo era programado para essa disciplina, desde a disposição das cadeiras às regras de convivência já pactuadas no início dos trabalhos. Vi ali a ideia positivista em ação: ordem e progresso!

Após explorar as palavras-chave inscritas no seu material didático, o técnico apresentou os slides contendo figuras de profissões, cujo objetivo era contribuir com as escolhas dos jovens para identificarem suas perspectivas de trabalho. Em seguida, perguntou quantos jovens tinham carteira de trabalho e para quê servia. Todos levantaram a mão num sentido de confirmação. Suas respostas foram pontuais: “*garantir direitos*”, “*para aposentadoria*”, “*para registrar os empregos*”.

O técnico logo fez uma intervenção com um exemplo, que selecionou dentre as demandas de empresários e responsáveis por empresas e instituições, demandas essas que ele analisa diariamente no seu espaço de trabalho. Relatou que, dentre as exigências de perfis de trabalhadores jovens, algumas são básicas e recorrentes, tais como: ter idade entre 16 e 18 anos; ter ensino médio completo. No

⁴⁰ Essas reflexões sobre os usos do corpo e da linguagem são parte dos meus registros da Disciplina “Estratégias Discursivas do Poder”, ministrada pelo Prof. Dr. Leonardo Sá, no ano de 2014.

entanto, dado os desafios do mundo do trabalho hoje, o Técnico mais uma vez ressaltou:

*Mesmo identificando a importância do registro na carteira de trabalho, direitos e aposentadoria, a questão do **empreendedorismo** (grifo meu) passa a ser fundamental, tendo em vista que o mercado de trabalho é como uma selva e se salva quem for mais forte. Também os empregadores querem pessoas com experiência e esta só se tem mediante as oportunidades que os jovens conquistam nas batalhas constantes nessa selva. (TÉCNICO, 04/10/2012)*

Este trecho do Diário de Campo, aqui transcrito, é uma veemente interpelação a um pensar crítico sobre a perspectiva e os valores materializados no processo de formação oferecida pelos programas oficiais aos “jovens aprendizes”: ideologia, competitividade, disciplinamento dos corpos.

Em verdade, os meus deslocamentos em campo observando eventos de formação em outros CRAS, Fóruns de juventude, Conferências de Juventude, Formaturas de turmas vinculadas aos diferentes Projetos de Formação, bem como minhas andanças para acompanhar experiências de jovens de trabalho informal nas ruas possibilitaram-me elementos para (re)pensar o meu próprio campo de estudo. Vale ressaltar que a orientação inicial do trabalho em campo partiu da compreensão de que deveria estabelecer uma relação comunicativa com a cidade, com perspectivas para além dos coletivos vinculados aos Programas. Alguns espaços, em que concentrei a observação de campo, guardavam familiaridade com percursos da minha própria experiência profissional em Sobral.

De fato, os trajetos dos jovens por diferentes espaços e “pedaços” da cidade, como SINE/IDT, CRAS, agências de formação profissional, entre outros, faziam parte de um cenário já conhecido por mim, já me eram “familiar”. Tal conhecimento precisou ser redefinido no decorrer do processo da pesquisa, uma vez que a condição de pesquisadora nas ciências sociais “instaura um olhar distinto daquele de quem apenas transita pelos espaços” (CARRANO, 2002, p.16).

Fazer o campo implicou construir um olhar mais rico e mais interessado sobre o objeto. Os vários deslocamentos no cotidiano juvenil implicaram, em primeiro lugar, estabelecer uma habilidade relacional, ou seja, em “testar” minha própria capacidade de relacionamento com os outros. Em segundo lugar, exigiu ampliar minha rede de sociabilidade. Tive que recorrer a algumas estratégias, dentre elas, (re)conhecer lugares e pessoas e voltar a certos lugares por onde passei, enquanto

exerci minhas atividades como Assistente Social ou como pesquisadora pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU)⁴¹.

Reativei os laços que me uniam às políticas públicas de/para juventudes. Fui esboçando mapas mentais, numa tentativa de reencontrar pessoas que pudessem me levar aos lugares de pertencimento social dos jovens, ou seja, aos “territórios”⁴², onde fixavam moradia e nos quais os CRAS⁴³ estavam estruturados. Os CRAS, no âmbito da Política de Assistência Social, passam a ser referência da materialização dessa política.

Estabelecer e/ou reativar novos e velhos mecanismos de comunicação e interação entre pessoas, territórios e instituições foi fundamental para que eu pudesse acessar pessoas que seriam fundamentais para minha pesquisa. Marinho (2012) ao destacar a “consideração” como uma questão central para a sua inserção em campo, entende que esta foi uma estratégia importante para a realização da sua pesquisa. Por ser “consideração” um conceito escorregadio, recorre a Sá (2009) que, por sua vez, ressalta que a consideração deve ser percebida de uma maneira multidimensional, como um fato social total, que, além de relações de poder, envolve amizade, cumplicidade, intimidade e respeito.

O trabalho de campo, segundo Sá, deve ser compreendido como uma micropolítica - estética, ética, epistêmica e afetiva - na qual a forma de inserção em

⁴¹ Minha formação inicial foi no Serviço Social (UECE). Minha atuação como Assistente Social nas políticas públicas para infância, adolescência e juventude decorreu até o ano de 2006. Entre 2006 e 2009 prestei assessoria técnica aos programas de inclusão de jovens na cidade de Forquilha-Ceará. Iniciei minhas atividades na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), a partir de 2002, como Professora Substituta e, somente a partir do início de 2006, é que assumo o cargo de professora assistente na condição de docente efetiva. A partir de 2008, iniciei as atividades como pesquisadora pelo “Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), coordenando a linha de pesquisa: Juventude, Trabalho e Políticas Públicas”.

⁴² No âmbito das políticas públicas e, no caso específico da Política de Assistência Social, a *territorialização* enfatiza à centralidade do território como fator determinante para a compreensão das situações de vulnerabilidade e risco sociais, bem como para seu enfrentamento. Para essa Política, o território não se restringe à delimitação espacial, mas, sim, constitui um espaço humano, habitado. Em outras palavras, o território não é somente uma porção específica de terra, mas uma localidade marcada pelas pessoas que ali vivem. O conceito de território, então, abrange as relações de reconhecimento, afetividade e identidade entre os indivíduos que compartilham a vida em determinada localidade. (MDS, 2009)

⁴³ O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. Esta unidade pública do SUAS é referência para o desenvolvimento de todos os serviços socioassistenciais de proteção básica do SUAS, no seu território de abrangência, cujos serviços são de caráter preventivo, protetivo e proativo.

campo, as possibilidades de informações colhidas, os lugares acessados e os convites recebidos estarão mediados por essa micropolítica.

Em minha experiência específica de campo, nesta pesquisa que ora exponho, o meu acesso aos lugares institucionalizados, nos quais informantes-chave desempenhavam importantes papéis, foi facilitado por esses representantes institucionais que me abriram canais de acesso às políticas públicas que abrigavam os jovens, assim como pela cumplicidade estabelecida com os interlocutores em campo, ao longo da pesquisa.

Recebi convites para estar com eles em diferentes lugares, nos coletivos dos CRAS, nas agências de encaminhamento de empregos, nos cursos de qualificação, até mesmo nas Conferências de Juventude, o que me proporcionou uma observação multidimensional de suas performances no mundo do trabalho e nos diversos espaços de sociabilidade. Dessa forma, observei-os em diferentes momentos, tempos e lugares onde alimentavam sonhos e idealizavam seus projetos.

No entanto, também enfrentei inúmeras dificuldades. Alguns dos representantes institucionais se mostravam, muitas vezes, receosos com a pesquisa. Não pela pesquisa em si, mas pelas informações que deveriam dar, até porque muitas vezes percebi certa desarticulação quanto aos dados a serem informados, seja pela sua falta ou por sua não confiabilidade. Uns representantes institucionais mostravam-se abertos para conversar comigo, outros aparentavam certo desconforto, visto que alguns, principalmente os secretários municipais, ainda não conseguem “abrir as portas” para os pesquisadores. Só mais tarde, pude perceber que esse medo ou receio deva-se por conta do controle de informações, especialmente por parte dos secretários municipais ou representantes institucionais.

É bem verdade que iniciei uma pesquisa numa transição entre governos municipais, o que, por sua vez, acarretou para as instituições, pelo menos inicialmente, certo transtorno devido um descontrole, tanto na sistematização de dados, como na organização e disponibilização das informações. À medida que as coisas foram se organizando, pude ir refazendo mapas de certos lugares necessários para obtenção de novas informações.

Esse refazer lugares e demarcar espaços lembrou-me certa atividade profissional que minha mãe exercia, quando eu ainda era criança. Minha mãe foi costureira num tempo em que primeiro se “alinhava” o corte do tecido já modelado, para a cliente experimentar a roupa. No ato da experimentação do vestido, calça ou

outra peça encomendada, minha mãe, ia fazendo os ajustes com novos alinhavos, demarcando o molde no corpo da cliente e, só depois, é que iria passar a costura na máquina, finalizando-a. O alinhavo feito à mão, através da agulha e linha, demarcava pontos que orientariam o sentido da costura final.

Essa ação do alinhavar, modelar, ajustar, costurar assemelha-se ao nosso “fazer o campo”, no exercício do ofício de pesquisa. Na fase exploratória da pesquisa, vamos estabelecendo contatos, demarcando espaços e procedimentos, alinhavando o percurso e, só mais tarde, vamos refazendo esse campo, cuja costura, dessa vez, acompanha a linha demarcada já ajustada no corpo. No caso desta pesquisa, fui demarcando espaços-tempos das trajetórias juvenis na cidade de Sobral, em seus diversos territórios, no interior dos quais a sociabilidade para o trabalho se dá em ritmos e tempos disformes, conforme as orientações políticas de cada governo, a dinâmica política de cada instituição e/ou programa consoante às disposições individuais dos jovens.

No momento inicial da pesquisa, a organização político-institucional de Sobral passava por redefinições. Essa foi a primeira surpresa que tive, por ocasião de uma visita na Casa dos Conselhos, local onde também funcionava a coordenação do Projeto Primeiro Passo. Cabe demarcar um fenômeno relevante: essa visão panorâmica da política pública sobralense, que se mostrava desarticulada, descontínua e fragmentada, por ser focalizada na extrema pobreza, já havia sido questionada por mim, ainda quando na produção de minha dissertação de mestrado⁴⁴.

Questionava não somente a falta de organização da política de Assistência Social, mas os arranjos desconexos entre ações públicas, que deixavam o cidadão sobralense distante do acesso aos programas, projetos e serviços socioassistenciais, ou, pelo menos, sem referências desses serviços, mesmo que, na sua intencionalidade, essa política se projetava ao alcance de todos os que dela precisassem e devidamente articulada com as demais políticas sociais e econômicas.

Nesse alinhavar o campo, fui (re) reconhecendo territórios, lugares, pessoas e fui demarcando acessos etnográficos importantes, a exemplo dos territórios do Alto

⁴⁴ Dissertação intitulada: “A natureza e o Alcance da Política de Assistência Social em Sobral-Ceará: uma política marginal? Orientada pela Profa. Dra. Alba Maria Pinho de Carvalho, apresentada em novembro de 2001.

da Brasília, do Centro, do Tamarindo, do Sumaré e do D. Exedito. Foi através deles que adentrei o universo juvenil sobralense, virando a cidade pelo avesso para alinhavá-la melhor. Assim, fui alcançando os jovens da/na cidade. Fui tecendo uma rede interpessoal, através de relações de reciprocidade, que me permitiram constituir alianças políticas, que, mais tarde, foram se tornando formais, mais não necessariamente contratuais. Pessoas de minhas novas e antigas relações pessoais e profissionais, como Gorete, Milton, Ceíça, Fabi, Ângela, Virgínia, Graça, Carlos, Gilson⁴⁵, entre outros, foram fundamentais para o estabelecimento e consolidação dessa rede de interação, que favoreceu o acesso às informações institucionais e o contato direto com os jovens.

A estratégia de acionar uma rede de interlocutores institucionais que faziam parte de minha trajetória profissional, formada por profissionais de instituições que atendem jovens, proporcionou um êxito nesse “artesanato metodológico” (MARINHO, 2012). Assim sendo, logo identifiquei os orientadores dos coletivos, que acompanhavam os jovens em diversas atividades, conforme orientações previstas no guia metodológico do Projovem.

Por uma questão de “tempo” de pesquisa, precisei, logo, visitar algumas instituições e locais que abrigavam esses jovens. Deparei-me com situações de ter de retornar várias vezes, em tempos e situações diferenciadas. Por isso, cuidei para deixar as portas abertas, para poder reencontrar pessoas, ligar os fios e retomar à pesquisa.

Pouco a pouco, fui percebendo a complexidade de organização dos caminhos que deveria percorrer pelos diversos espaços da cidade, representada pela dinâmica dos coletivos juvenis, das instituições sociais e dos indivíduos que foram compondo o universo da pesquisa.

Para Carrano (2002, p. 14), [...] “a complexidade social de uma cidade, não pode ser definida apenas pela extensão de seus limites geográficos e nem pelo número de seus habitantes”. Assim, a cidade de Sobral foi se revelando um tecido social de significativa complexidade. Ao analisar a dinâmica dos coletivos de jovens, nos seus diversos territórios, procurei enxergar esta cidade em uma perspectiva de totalidade integrada ao contexto das práticas de qualificação profissional dos jovens

⁴⁵ Nomes fictícios atribuídos aos agentes institucionais para preservar suas identidades.

que procurava investigar, bem como aos espaços profissionais que ocupavam na condição de aprendizes.

A adoção dessa perspectiva deu relevo a preocupações relacionadas com o modelo de políticas de trabalho de/para jovens nessa cidade, bem como relativas ao arcabouço político e ideológico que confere sustentação a tais políticas, fundamentadas na concepção de pleno emprego⁴⁶ adotada pelo governo municipal.

Essas preocupações, levaram-me, em um primeiro momento, aos lugares onde eram ofertados os cursos de qualificação. Esse momento foi muito importante na constituição do campo, pois favoreceu a criação de uma rede de informantes, que tanto deram pistas interessantes sobre os novos programas sociais, como, através deles, pude chegar aos primeiros jovens que iriam compor o grupo de narradores desta pesquisa. Segundo, essa ação possibilitou a construção de mapas de políticas públicas para os jovens nessa cidade que, por sua vez, facilitou-me conhecer o conjunto de ações implementadas, indicando o caminho que os jovens deveriam percorrer para alcançar tais projetos, para daí, darem os primeiros passos, rumo ao mundo do trabalho.

É importante destacar que, o contato com esses profissionais facilitou tanto minha entrada nos coletivos de jovens, como possibilitou “ganhar” simpatia dos jovens, visto que sempre era apresentada como professora da UVA e companheira desses profissionais. O fato de fazer parte do universo profissional dos orientadores e coordenadores fez com que eu pudesse participar de situações e encontros distintos, relativos ao acompanhamento e atendimento de jovens, como as oficinas, palestras, visitas aos espaços onde ocorriam as qualificações, contato com os instrutores, contato com outras instituições para tomada de informações, dentre outros eventos e lugares.

Alguns desafios foram surgindo, dado o limite temporal dos projetos em execução. Cada turma formada, seja pelo Projeto Primeiro Passo, seja pelo Projovem Adolescente ou pelo Jovem Aprendiz, obedece a um cronograma com datas programadas, cuja duração é, em média, de seis (06) a dez (10) meses.

⁴⁶ O Município de Sobral, em 1997, durante o Governo Cid Gomes implantou o Projeto Trabalho Pleno, uma política pública de geração de emprego e renda, cuja ação principal é a capacitação e o crédito para micro e pequenos negócios do setor formal e informal da economia (indústria, comércio e prestação de serviços). A esse respeito, ver Lourenço, M. Salvelina. **Trabalho Pleno**: construção do desenvolvimento local. Sobral: Edições UVA, 2003.

Melhor esclarecendo, esses limites temporais dificultaram a delimitação do grupo de narradores, cuja definição foi se dando lentamente, em tempos não lineares.

Considerando essas situações-limítrofes, tive que ir compondo grupos diversos e representativos de ações específicas do Projovem Adolescente e Trabalhador (isso na fase inicial da pesquisa), da modalidade Aprendiz (do Primeiro Passo), do Jovem Aprendiz (do Fórum Eleitoral) e do Jovem Aprendiz (do SENAI, com formação na produção de calçados na Grendene Sobral). Ou seja, são jovens que participavam de várias experiências, permaneciam ou desistiam delas, deslocavam-se para outras práticas, também marcadas pelo limite temporal e pelo limite quantitativo de jovens abrigados por cada projeto.

Dessa forma, fui construindo um percurso para alcançar os coletivos de jovens, o que exigiu o estabelecimento de novas estratégias para conquistar cada interlocutor. Em determinados momentos, os jovens estavam nos cursos de qualificação, noutros estavam nas empresas e/ou instituições. Enfim, são jovens que circulam pelos programas sociais, conforme o tempo previsto de cada um. Pela fluidez e pela diversidade de mobilidades de territórios, de deslocamentos e de práticas temporárias nos programas, alguns contatos foram “se perdendo” e outros foram emergindo, ao longo do processo de observação em campo.

Com o avançar da pesquisa e nas minhas “travessias pela cidade”, pude alcançar outros grupos de jovens, jovens na criação de alternativas na informalidade. Trata-se de jovens revendedoras dos produtos TIM, Claro e Oi e ou contratadas pelas empresas terceirizadas, que “sub-locam” jovens para revenda de produtos e, ao mesmo tempo, são “vitrines” e “expositores” de tais produtos. Cabe ressaltar, que pude acompanhar, em 2014, duas jovens: uma revendedora da Tim e uma ligada a uma empresa de propaganda e publicidade. Em ambos os casos, tratava-se de trabalhadoras “a céu aberto”, assim como se classificou uma das jovens.

Na condição de pesquisadora, também passei a participar de eventos importantes nos universos juvenis: as Conferências Municipais de Juventude⁴⁷,

⁴⁷ A III Conferência Municipal de Juventude de Sobral, cuja temática central foi “Conquistar direitos, desenvolver o Brasil”, ocorreu no dia 01 de outubro de 2011, no Auditório Central do Centro de Convenções de Sobral. A Conferência contou com a participação de (650) seiscentos e cinquenta jovens, que formaram as comissões representativas das microrregiões do município, estabelecidas nas pré-conferências.

sendo que, na de 2011, participei também como conferencista; o Pacto pela Juventude, em 2012; as “cerimônias de colação de grau” dos coletivos do Projovem e do Jovem Aprendiz, durante os anos de 2014 e de 2015.

Outros contatos foram se “fixando”. Com as minhas sucessivas aproximações ao campo, fomos constituindo processos de confiança e reciprocidade, o que contribuiu para definir os grupos com os quais deveria trabalhar. Passei, então, a voltar mais vezes aos locais onde desenvolviam suas práticas de qualificação ou de aprendizagem, sempre com o aval dos coordenadores institucionais, que facilitaram meus contatos, mesmo sob o seu olhar observador e atento sobre minha ação de pesquisadora.

Para reforçar a confiança dos jovens, passei a manter outros tipos de contato: via facebook e depois pelo whatsapp, com os que permitiram ou desejavam esse tipo de contato. Essa suposta “intimidade” possibilitou outros diálogos em vários momentos. Fui percebendo que deveria focar mais a atenção naqueles que encontrava com mais frequência nos atendimentos institucionais, de modo especial os jovens do Fórum Eleitoral, dos quais acompanhei três sistematicamente, e, depois, os do Jovem Aprendiz, do SENAI, dos quais também acompanhei quatro. Fui costurando essa rede de interações e sociabilidade juvenis. Fui “marcada” numa das fotos de facebook dos jovens aprendizes do Fórum Eleitoral, onde um deles assim registrou: “*Família TRE, saudades!*”. Esse fato me fez pensar que os jovens possuem vínculos afetivos com lugares e com pessoas e, portanto, poderia estabelecer uma rotina de observações e diálogos.

Também fui surpreendida em campo com as “entregas” feitas pelos interlocutores institucionais, portanto, com o repasse de informações privilegiadas, materializadas em alguns documentos importantes, cabendo destacar: a “pasta verde”, contendo fichas cadastrais; redações utilizadas durante as seleções de jovens; contratos, dentre outros documentos importantes. De fato, estes foram os primeiros materiais que tive contato, ainda em 2012. Vale ressaltar que esses documentos compunham o material-base de seleção e os contratos dos jovens do Projeto Primeiro Passo. A exploração desse material, com a leitura e a análise de informações registradas pelo acervo institucional, tanto contribuiu para identificar o perfil de jovens que buscavam esse projeto, bem como o tipo de contrato a ser definido com as empresas e instituições.

No decorrer da pesquisa, fui contemplada com outras informações, contidas nos Relatórios Institucionais, dados estatísticos (mesmo que escassos), cujo acesso foi facilitado por ex-alunos que, hoje, se encontram como orientadores dos programas de inclusão de jovens, ou técnicos das instituições que abrigam tais programas ou como instrutores pelo PRONATEC. O fato é que essas “benesses” chegaram num momento fundamental para complementação das minhas análises. Isso porque por um certo tempo fiquei sem ter acesso às informações básicas sobre essas juventudes e, sobretudo, alheia aos registros institucionais. Tal ocorrência deveu-se, sobretudo - conforme já dito antes - por conta da ausência ou pouca estruturação de dados no contexto institucional.

Tive que percorrer outros caminhos, abrir novas vias de acesso que pudessem dar visibilidade às trajetórias percorridas pelos jovens sobralenses. Percebi, em dado momento, a falta de elementos que pudessem revelar, com detalhes, dimensões relativas a outras esferas da vida cotidiana, tais como aqueles encontrados no âmbito da escola ou da família. A abordagem que utilizei inicialmente não favoreceu a exploração de dados nesse nível de detalhamento.

Até certa fase da pesquisa, os dados de campo foram recolhidos através de depoimentos espontâneos, com os jovens, em situações de vivência real dos coletivos (nos CRAS, nas formações do SENAI), nos grupos focais que realizei com os representantes oficiais. Esse processo favoreceu, posteriormente, o diálogo com as juventudes sobre questões surgidas acerca dos sentidos que os jovens emprestavam a cada conversação nos grupos de discussão e nas rodas de conversa, que mantivemos durante todo o trabalho de campo.

Um dos elementos mais significativos na constituição do processo investigativo foi a maneira como o objeto de estudo foi tomando corpo, no decorrer das incursões em campo. As situações encontradas no estudo exploratório estabeleceram um diálogo permanente com as questões presentes nas preocupações originais da pesquisa, ainda muito restritas ao âmbito da qualificação profissional de jovens. A transformação da proposição inicial de pesquisa para a proposta de estudo que acabou se configurando, foi um processo de progressivo esforço de articulação entre os referenciais teóricos de análise com os quais fui me familiarizando e os instrumentos de apreensão dos dados empíricos que foram sendo adotados para a investigação do problema.

Assim como Carrano (2002, p. 16), acredito que “[...] o conhecimento por não ser um simples fato, um dado de realidade autonomizado, não se apresenta de maneira imediata aos nossos olhos (ouvidos, tatos, sentimentos)”. Nos meus diversos deslocamentos em campo para circunscrever o objeto, tive que fazer aproximações sucessivas e elaborar noções no sentido de transformar o tema genérico de estudos num objeto real de investigação.

Tais deslocamentos são justificados pelo fato de que minha pesquisa se deu em ritmo descontínuo, com visitas de distintas durações e uma série de intervenções distribuídas ao longo de um período de tempo, decorrido em uma margem de quatro anos, justamente entre os anos de 2011 a 2015. Antecedendo esse período, durante os anos 2008/2009, estive colaborando na implementação do Projeto Primeiro Passo na cidade de Forquilha, cuja ação também contemplou o meu acompanhamento das primeiras ações deste programa: estruturação dos módulos da formação para o trabalho; organização dos contratos com as empresas e instituições que iriam receber os jovens pós-formação; orientações quanto a distribuição das primeiras bolsas de formação (em espécie), entre outras atividades.

A partir de 2010, já em Sobral, passei a acompanhar outras ações, além do Primeiro Passo, como as ligadas ao Programa de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), em suas diversas modalidades e, mais recentemente, a partir de 2012, fui focando minhas investigações com os jovens aprendizes e do Primeiro Passo, com pausas e retornos em 2013, 2014 e 2015. Mesmo com longos e médios períodos de intermitências, nunca deixei de lado os contatos que foram fundamentais para continuidade e desenvolvimento da pesquisa.

Tive muitas dificuldades em delimitar meu universo de estudo e buscar uma definição teórico-metodológica que pudesse favorecer a delimitação de tal objeto. Naquele momento, a solução encontrada foi a de trabalhar com três abordagens diferentes – uma genealógica, que pudesse abarcar os conceitos de juventude e trabalho; uma empírica, para verificar, mediante a pesquisa qualitativa, como os jovens se percebiam enquanto trabalhadores em formação e a importância do trabalho na vida desses jovens; e outra, bibliográfica e documental, que pudesse dar conta do conjunto de concepções de programas e legislações relativos ao campo da juventude.

A perspectiva de inventariar as múltiplas redes de sociabilidade e locais estabelecidos pelas práticas de qualificação e de experiência da juventude

sobralense marcou o movimento inicial do trabalho de campo. A princípio, não desconsidere nenhum tipo de informação ou elementos que pudesse contribuir na reconstituição dos fios da trama das práticas de qualificação e busca de emprego na cidade de Sobral. E, sobretudo, busquei ouvir e dar voz aos jovens, sujeitos constitutivos do campo.

Para Magnani (2002), o primeiro passo que deve ser dado pelo pesquisador ao ir a campo é exercitar a escuta, entrar em contato com as representações e com o imaginário dos indivíduos e reconhecê-los como interlocutores. Portanto, a convivência regular com os sujeitos do campo é primordial para que o pesquisador se transmute em parte integrante do cenário em observação.

Dessa forma, estabeleci a regularidade de idas ao campo acompanhando as abordagens dos orientadores sociais ou o cotidiano das instituições, tanto as acolhedoras dos coletivos de jovens, como as que promoviam a formação e qualificação profissional. Conforme também já dito anteriormente, o fato de ser reconhecida como professora, orientadora e/ou amiga de alguns agentes institucionais muito facilitou minha entrada e deslocamentos em campo.

É bem verdade, como nos informa Blumer (1969), que quando estudamos determinadas sociedades sempre começamos com imagens e terminamos com elas, ou seja, é a reprodução e refinamento de uma configuração via imagem da coisa que estamos estudando. De fato, podemos não ter nenhum conhecimento, de primeira mão, da vida em grupos que estamos a estudar. No meu estudo específico, graças a determinadas pistas dos primeiros interlocutores, fui formando prontamente imagens úteis das vidas dos jovens, dos modos como se organizavam para conquistar trabalho, de suas primeiras experiências. É nesse ponto – como nos alerta Blumer - que imagens estereotipadas e representações entram em cena e assumem o controle.

Em verdade, foi a partir das entrevistas formais e informais, dos diálogos que estabelecia com os jovens e agentes institucionais, enquanto participava das atividades de alguns coletivos, das observações de suas diversas atividades formativas, dos diálogos estabelecidos nos grupos de discussão, que, na condição de pesquisadora, pude capturar os sentidos e significados que estes sujeitos juvenis davam às coisas que realizavam e participavam, enquanto campos de possibilidades nos seus provisórios deslocamentos socioprofissionais. Percebi, então, que quanto mais perto chegasse de apreender as reais condições em que estes jovens atribuem

significados aos eventos e ações, mais precisa seria a configuração dos sentidos e significados que mobilizavam minhas buscas.

Esta estratégia de olhar “de perto e dentro” supõe como sugere Magnani, “um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise”. (2002, p. 18).

Para poder ver de perto e ouvir, por dentro, narrativas foi necessário trilhar novos e velhos caminhos, de modo a compreender os diferentes ciclos de relações sociais estabelecidos pelos jovens. Portanto, o desafio da pesquisa apresentou-se na perspectiva de elaboração e reelaboração de procedimentos que inventariassem a pluralidade de caminhos trilhados pelos jovens em sua “saga” pelo trabalho – locais, espaços, fazeres e aprendizagens. E, fui percebendo tais caminhos como sendo expressões da própria constituição dos sujeitos e grupos sociais no contexto da pesquisa.

3.4 Constituindo o método a partir de uma experiência

[...] Desejo, assim, chamar a atenção para três maneiras - melhor diria, três etapas - de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as - o que significa dizer: questionando-as - como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o olhar, o ouvir e o escrever podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento - marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses atos cognitivos delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que e com tais atos que logramos construir nosso saber. Assim, procurarei indicar que enquanto no olhar e no ouvir “disciplinados” - a saber, disciplinados pela disciplina - realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento exercitar-se-á da forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências voltadas a construção da teoria social (OLIVEIRA, 2002, p. 18)

Reconstituir o percurso de uma pesquisa de campo, discutir as escolhas teórico-metodológicas e os problemas encontrados no processo de coleta e análise de dados, implica ressaltar o cuidado e rigor no procedimento e na escolha dos métodos a serem utilizados para a coleta de informações, assim como na preparação para o trabalho de campo, especialmente quando se trata de pesquisas

com grupos juvenis de contextos interculturais e sociais distintos àquele do pesquisador.

Portanto, caminhar, ver e observar, estar com as pessoas e escutá-las – depois escrever, constituíram os princípios fundamentais do método empreendido durante todo o trajeto da pesquisa, cuja fundamentação tomou por base o diálogo com autores como Roberto C. Oliveira, Weber, Magnani, dentre outros. Foi a partir de minha inserção no campo que pude resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, os qualifiquei como de *fora e de longe* (MAGNANI, 2002).

A partir de meus movimentos pela cidade passei a elaborar estratégias de acompanhamento de alguns jovens em seus trajetos habituais – práticas de qualificação/formação e lugares de trabalho -, o que revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contatos significativos, em contextos tão variados como o da formação profissional e o do trabalho. Não tive como dar conta de outras dimensões como a do lazer, das práticas religiosas, associativas, etc., mesmo que em nossas entrevistas e conversas durante os grupos de discussão, essas dimensões fossem “tocadas” e tomadas como referência de seus gostos, preferências e modos de ser. É neste plano, conforme Magnani,

(...) que entra a perspectiva *de perto e de dentro*, capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos. (MAGNANI, 2002, p. 17)

Daí, então, percebi que “estar com” os meus interlocutores e analisar a relação que se instaura a partir de então, entre pesquisador e interlocutores, observá-los em suas práticas e deslocamentos, escutar suas narrativas, interpretá-las e escrever sobre as experiências, constituem os princípios da minha abordagem, sobre os quais falarei em seguida.

3.4.1 “Estar com”, observar, escutar.

Estar com as pessoas, observá-las em suas ações, escutá-las e depois escrever resultou na definição dos princípios fundamentais do meu método, que conforme Weber,

Observar e escutar as pessoas, e não as interrogar, para preservar suas iniciativas de classificação e o domínio de suas palavras. Se a construção de um conceito sociológico deve passar pela crítica das pré-noções, este é um trabalho que o pesquisador deve fazer consigo próprio, antes de mais nada. Isto não deve eximi-lo de estar atento às pré-noções dos nativos: ao contrário, é justamente da confrontação de suas próprias classificações a priori e as classificações nativas que pode nascer um instrumento de conhecimento. (WEBER, 2009, p. 27)

No contexto de um estudo sobre os modos de ser trabalhador e das práticas de aprendizagem destes, também foi necessário ter em mente a sua implantação espacial. Os espaços sócio-profissionais dos jovens da cidade de Sobral estão concentrados em alguns lugares, que assim os denominei: *as agências de intermediação de encaminhamento* para a formação e para as primeiras experiências profissionais, como as Secretarias Municipais - através de seus CRAS's e da Agência de Inclusão produtiva - e o SINE/IDT; *as agências de formação* - como o SENAI, o SESC e SEST/SENAR; no comércio local e nas indústrias - dou destaque a Grendene, fábrica de calçados; *os espaços alternativos de trabalho* - nas ruas do centro, por alguns denominados de "céu aberto". À medida que nossos vínculos foram se estabelecendo, passei a "frequentar" *os espaços virtuais*, a exemplo do facebook de alguns jovens.

As primeiras narrativas foram ouvidas a partir dos encontros com três representantes institucionais, conforme já dito: Ângela e Virgínia, ambas do Projovem Trabalhador e Projovem Adolescente, respectivamente, e Gorete, do Projeto Primeiro Passo.

Ainda em meados de 2012 pude estabelecer uma média de (06) seis encontros com essas coordenadoras, em lugares diferentes: na Casa dos Conselhos, nas sedes dos CRAS e CREAS e na sala de reuniões do Grupo de Estudos de Juventudes (GEPECJU), localizado no campus Betânia da UVA. Os primeiros contatos foram mais informais, depois passei a organizar um roteiro conforme as observações que ia fazendo, pois em cada encontro fui selecionando informações importantes, através das conversas, e também pelos documentos que tive acesso. A informalidade contribuiu para que pudéssemos estabelecer um "pacto de confiança" e foi um aprendizado para empreender minhas primeiras classificações e domínios sobre palavras, gestos e ações de cada narrador.

Foi necessário abrir alguns “atalhos” nesse percurso, que por indicação das primeiras interlocutoras, pude alcançar outros domínios, outras instituições. Esses atalhos me levaram à STDE e ao SINE/IDT, ainda em 2012; a partir de 2013, às agências de formação de trabalhadores, como o SESC, mais especificamente, o Banco de Oportunidades; o SEST/SENAR e ao SENAI, sendo esse último o que “fixei” uma experiência que se prolongou até início de 2015.

A partir de 2014 pude conhecer as atividades da Agência de Inclusão Produtiva. A colaboração de três Agentes de Inclusão Produtiva - uma psicóloga e dois agentes de inclusão produtiva - foi fundamental, pois através deles tive acesso a importantes documentos como relatórios circunstanciados das ações dos anos de 2013 e 2014. As entrevistas com esses três agentes foram esclarecedoras das ações da Agência e, sobretudo, dos processos de recrutamento e encaminhamentos realizados por ela. Com uma das agentes pude elaborar um mapeamento das ações mais recentes realizadas através do PRONATEC/BSM (PRONATEC/Programa Brasil Sem Miséria).

Meu objetivo inicial era conseguir informações sobre as ações dessas agências, no que se refere às propostas de qualificação profissional de jovens. Tratava-se de recuperar alguns aspectos referentes ao cenário político-institucional nos quais essas ações estavam sendo estruturadas, aos processos de qualificação de jovens trabalhadores, à realização de cursos e treinamentos, à questão da escolaridade, aos processos que envolviam as demandas do mercado de trabalho e a possibilidades de absorção dessas “mão-de-obra qualificada”. A ideia era penetrar, um pouco na proposta de cada agência com relação aos programas de qualificação de jovens, a partir do olhar, das experiências e concepções de alguns/algumas representantes oficiais que falariam em nome dessas instituições, representando-a, justificando, portanto, a importância de seu depoimento para a pesquisa.

Ao mesmo tempo, tratava-se de apreender a partir de seus discursos, a filosofia das instituições, seu olhar sobre o trabalhador jovem e sobre as relações com a qualificação para o trabalho e as possibilidades daqueles serem absorvidos pelo mercado de trabalho.

Essas respostas foram buscadas, inicialmente, nas respectivas agências, através de entrevista com um roteiro previamente organizado, versando sobre os seguintes tópicos de referência: programas desenvolvidos para jovens, critérios de elegibilidade e desligamento dos jovens, tipos de cursos oferecidos, conteúdo

programático e carga horária, duração, avaliação e encaminhamentos para o mercado de trabalho; avanços e dificuldades encontrados no decorrer das ações. Com relação aos jovens, foram levantadas as seguintes questões: perfil dos jovens que procuram os programas; a relação das agências com eles; as dificuldades encontradas; os setores que empregam mais jovens e a existência de projetos específicos para as diferentes faixas etárias. Algumas outras questões foram inseridas na conversa, uma vez que os tópicos levantados acima serviram mais como orientação.

Solicitei, quando possível, o acesso a alguns documentos da instituição, na intenção de começar a apreender, a partir da política administrativa, a concepção e valores que ela desenvolve sobre o trabalho e suas relações. Como ressalta Fleury (1985), a política administrativa, explícita em manuais de procedimentos, contratos de trabalho e regulamentos padronizados da empresa, os quais formam o conjunto das diretrizes de ação e intervenção. No caso dessa pesquisa, auxiliou-me a verificar como os programas de qualificação de jovens e de inserção no mundo do trabalho estão em sintonia com as políticas estruturantes da cidade.

Conforme dito anteriormente, recebi “alguns presentes”, contendo informações importantes sobre os programas com jovens. Destaco dois: um que continha as fichas com dados e entrevistas dos candidatos ao Projeto Primeiro Passo e outro, um relatório detalhado das ações do PRONATEC/BSM, em 2012 e 2014, respectivamente. No primeiro caso, além dos dados pessoais, as redações elaboradas com fins de ingresso no programa já revelavam as intenções dos jovens e suas perspectivas com relação ao primeiro emprego. No segundo caso, os relatórios deram uma visão geral das ações empreendidas nos últimos dois anos.

À medida que fui obtendo informações tive também que reinventar formas de abordagem com os interlocutores. No caso dos agentes institucionais, também passei a escutá-los noutros espaços, para que pudessemos ficar mais “à vontade”. Nesses outros lugares, fora do domínio das instituições, recebia outras informações, dados e relatórios, que muito revelou sobre os resultados parciais das ações, para além do que mostravam as estatísticas oficiais. Também fui “presenteada”, no início de 2015, com novos relatórios da Agência de Inclusão Produtiva, cujos dados possibilitaram uma visão geral dos primeiros resultados dos programas dos dois últimos anos.

As informações obtidas possibilitaram ter uma visão mais geral das demandas e ofertas de cursos de qualificação, a sua dinâmica no recrutamento dos jovens e o alcance de metas, o que, por sua vez, me levou a pensar sobre as reais possibilidades de alcance desses programas, no que se refere a dar conta das necessidades de qualificação de jovens e como essa oferta de cursos contribuía na sua formação e alcance de seus projetos individuais. Buscar compreender essas relações dos jovens com os programas de qualificação profissional e desses com o mundo do trabalho, favoreceu-me, cada vez mais, adentrar a realidade desses jovens.

A próxima etapa foi voltar às atenções para o Programa destinado aos jovens empobrecidos, por meio de dados primários e secundários, fornecidos por seus coordenadores, nos locais onde as suas experiências profissionais ocorriam: no Fórum Eleitoral, na Fábrica de Calçados Grendene, no comércio do centro da cidade.

Tratava-se de apreender, a partir das falas oficiais, as concepções e propostas do programa, bem como a forma como o jovem aprendiz era visto, sinalizando representações desenvolvidas sobre sua condição social, que orientavam a atuação nessas instituições e empresas.

A apreensão das questões apresentadas facilitou-me a percepção do contexto e do espaço nos quais os jovens estavam inseridos, importante para a próxima etapa investigativa que esteve centrada na figura do jovem aprendiz, dentro e fora dos locais onde suas primeiras experiências estavam sendo desenvolvidas.

3.4.2 O olhar, as imagens da vida cotidiana e as Rodas de Conversa

Ver é mobilizar nossa competência visual, mas olhar é mobilizar nossas referências interpretativas, é o olhar que tem corpo e história. Enxergar é ir além disso, é mobilizar questões que inquiram as imagens para além do visto e olhado. É a transvisão de Manoel de Barros, aquela que une memória, imaginação e criação. (BARBOSA, 2014, p. 7)

A partir do sentido que Benjamin (1987) atribui ao olhar, ao afirmar que “A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar”, passei a compreender que o “olhar treinado” e a sensibilidade do pesquisador permitem-lhe operar a dialética entre visível e invisível, entre real e representação desse real,

abrindo caminho para transformar o “indizível” em “dizível”, conforme nos ensinou Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988).

Dentro dessa perspectiva, um outro componente entra em cena: o olhar. E ele suscita questões tão amplas quanto às sugeridas pela imagem. Esse “olhar treinado” do pesquisador, que dele exige constante e minucioso exercício de atenção para tudo observar e registrar irá, também, direcionar cortes, recortes e montagens, fragmentando, recompondo e construindo uma nova imagem.

É nesse sentido que Oliveira (2006) fala da necessidade de problematizarmos essas “faculdades” – o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever” que, de tão próximas e familiares podem nos parecer trivial.

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (...) É certo que isso não é exclusivo do olhar, uma vez que está presente em todo processo de conhecimento, envolvendo, portanto, todos os atos cognitivos, que mencionei, em seu conjunto. Contudo, é certamente no olhar que essa refração pode ser mais bem compreendida. A própria imagem óptica – refração - chama a atenção para isso. (OLIVEIRA, 2006, p. 19).

É nesse sentido que a imagem (e o visual), como nova possibilidade metodológica de registro do trabalho de campo, começa a se insinuar como linguagem capaz de contribuir para uma melhor comunicação intercultural e provocar novas questões que se desdobram em práticas de pesquisa, se tornando cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais.

Quando ainda no início de minha pesquisa, ainda não atinava para a utilização da fotografia e da imagem enquanto recurso metodológico. Mas vali-me, até certo tempo, ao que Martins denomina “imaginário fotográfico”, recorrendo a informantes, sendo essas pessoas responsáveis diretos ou indiretos das políticas públicas de qualificação profissional e de encaminhamento para o mercado de trabalho, para ter gravações sonoras e descrições visuais das situações pesquisadas. Desse modo, recortei a intensidade dramática do cotidiano como tempo social da minha observação, que é um tempo impregnado de visualidade.

Ao destacar a importância da imagem e da fotografia para as pesquisas sociológicas, o autor assim afirma,

Em particular na sociologia, a imagem, sobretudo, a fotografia, por ser flagrante, revelou as insuficiências da palavra como documento da consciência social e como matéria-prima do conhecimento. Mas, nessa dialética, revelou suas próprias insuficiências. É nos resíduos sociológicos desse peneiramento que está a imensa riqueza da informação visual e que estão os desafios da fotografia às ciências sociais. Tomar a imagem como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações. (MARTINS, 2013, p. 11)

Não havia para mim, pelo menos inicialmente, uma intencionalidade em realizar uma pesquisa com foco na antropologia da imagem, daí esta ser considerada enquanto um campo complementar nessa pesquisa, sem por isso desmerecer o papel tanto do processo da produção da imagem quanto do uso dessa junto aos jovens.

No entanto, ao passo que questões como importância e diferenciação pela utilização de distintivos culturais, expressividades e comportamentos corporais relativos as possibilidades de “alcançar” trabalho - formal, contrato temporário, “a céu aberto” - foram surgindo como importantes para compreender os modos de ser e parecer trabalhador, fui, então, percebendo a imagem como um elemento importante desse contexto e, assim, poderia, também, integrá-la aos procedimentos metodológicos da pesquisa.

Mesmo considerando que o uso de imagens possa parecer ingênuo e ilustrativo, se utilizada numa perspectiva reducionista delas, como simples prova do “eu estive lá”, essas fotografias e imagens se rebelam contra essa apropriação reducionista e nos abrem a possibilidade de perceber um olhar outro que retorna ao pesquisador. “Ao vermos a troca de olhares entre fotógrafo e fotografados, a disposição dos corpos em relação a uma cena que se constrói, um fora de campo que se insinua, somos despertados por essas imagens para uma sensação provocadora” (BARBOSA, 2014, p. 4).

Com essa compreensão segui em busca de jovens noutros espaços não convencionais de trabalho⁴⁸, perseguindo-os nas trilhas do primeiro emprego. Para além das informações que recebi dos meus primeiros interlocutores, entendi a importância de encontrá-los e entendê-los nessas outras experiências de trabalho: nas ruas. Foi preciso olhar de perto, estar lá, para compreender as diversas expressões de jovens trabalhadores que identifiquei no decorrer da pesquisa.

Para atingir os objetivos de pesquisa ligados à compreensão e interpretação das realidades sociais dos jovens trabalhadores nas ruas, busquei novos caminhos [e atalhos], que enriqueceram a compreensão desse fenômeno, abrindo novos horizontes e possibilitando a dissolução de problemas e obstáculos de ordem metodológica e epistemológica da pesquisa e criando outros desafios. Dentre eles, o uso da imagem⁴⁹ como instrumento de pesquisa, através da utilização de fotos e imagens figurativas de um novo tipo de trabalhador, não apenas como registro de observação, mas também como elemento a ser incorporado na análise de uma realidade específica; como forma expressiva de um percurso de pesquisa, enfim, as imagens como formas que pensam e nos ajudam a pensar (SAMAIN, 1995).

Em 2011 pude contar com a colaboração de bolsistas⁵⁰, pelo Programa de Apoio à Pesquisa (PAP)⁵¹, e com monitores de projetos sociais, que muito contribuíram com o andamento da pesquisa. A partir desse momento e com o avançar dela, recorri a vários métodos e técnicas, dentre eles, observação direta,

⁴⁸ Chamo aqui de espaços não convencionais de trabalho aqueles que “abrigavam” jovens trabalhadores nas praças e ruas do Centro de Sobral, denominado por uma jovem trabalhadora de “escritório de céu aberto”.

⁴⁹ Essa discussão será complementada mais adiante, quando tratarei dos distintivos culturais do modo de ser jovem aprendiz.

⁵⁰ Em 2010/2011 cadastrei o Projeto de Pesquisa “**Juventude e Mundo do Trabalho**”, através do Programa de Iniciação Científica - Bolsa Universitária (PIC/PBU), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), sob minha coordenação, envolvendo as professoras pesquisadoras (colaboradoras) Nadja Rinelle de Oliveira e Maria Gorete de Sousa; os bolsistas Jocélio Morais e Ana Cleide Ferreira. Para o biênio 2012/2013, atualizei o projeto e já com novas perspectivas, denominado “**Trajetórias juvenis face aos desafios do mundo do trabalho: experiências sociais e interpretações individuais (em narrativas) de jovens sobralenses que buscam o primeiro emprego**”, pelo Programa Voluntário de Iniciação Científica (PROVIC/UVA), Edital 01/2012, da mesma Universidade, com a colaboração dos auxiliares de pesquisa Ana Margarete Pereira, Eder Vasconcelos, Tagla Santos Soares e Tamara. Em 2011, também contei com a colaboração das monitoras da disciplina “Elaboração de Projetos Sociais”: Conceição Rodrigues Santana, Pedrina Silva e Valdevez Serafim.

⁵¹ PAP (Programa de Apoio à Pesquisa) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que apoia pesquisa de professores efetivos dessa universidade, tanto favorecendo bolsa para os auxiliares de pesquisa, bem como disponibilizando recursos para aquisição de equipamentos como máquinas fotográficas, filmadoras, projetores, entre outros.

grupos focais, entrevistas narrativas, entre outros. Esses métodos e técnicas possibilitaram uma “visão de câmera cinematográfica” dos movimentos, conversações e interações ocorridas em cada grupo focal ou nas rodas de conversa programadas, num primeiro momento, com os jovens do coletivo do Projovem Adolescente⁵².

Ainda nas primeiras aproximações com esses coletivos de jovens trazíamos uma indagação, que para nós foi fundamental para o entendimento das concepções e percepções daqueles jovens sobre o trabalho. Recordo que num primeiro encontro programado com o coletivo do Alto da Brasília, que se realizou no Salão de Atos da UVA, contamos com a participação aproximada de (50) cinquenta jovens e a colaboração dos orientadores do programa.

Após nossa apresentação enquanto pesquisadores (eu e os auxiliares da pesquisa) tivemos que improvisar aquele momento, tomando a roda de conversa como um meio inventivo de provocar falas e posicionamentos. Como havíamos preparado várias tarjetas (na medida de um papel A4) e nelas afixadas figuras representativas do mundo do trabalho, de famílias e outras situações que expressavam relações sociais indicativas do mundo contemporâneo, sugerimos que cada um escolhesse a figura que mais se identificavam ou que mais indicavam uma situação vivida ou desejada.

A proposta era que todos circulassem em torno das figuras dispostas ao chão e depois fizessem a escolha. A princípio percebemos certo desconforto do grupo, talvez por ainda não entenderem nossos propósitos, e alguns se mostravam acanhados naquela situação. Depois, timidamente, um a um foi se chegando e fazendo suas escolhas. Tivemos que dar início, como para mostrar “como se deveria fazer” e até para provocar a conversa. Enquanto isso, alguns auxiliares de pesquisa filmavam e fotografavam, nesse primeiro momento, ainda com o recurso do celular.

⁵² A realização das primeiras “roda de conversa” ocorreram durante o primeiro semestre de 2011, no Salão de Atos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Somente depois de sucessivas aproximações e conquistas dos jovens, nos seus diversos coletivos, é que programamos e realizamos os grupos focais, sendo estes realizados em diversos espaços da mesma Universidade ou nos espaços onde os coletivos ocorriam, a exemplo dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), mais especificamente o do Bairro Alto da Brasília, em Sobral-Ceará.

Aquela visualidade imaginária, que deveria ser traduzida pelas imagens colocadas ao chão, provocou, pouco a pouco, as falas e os posicionamentos daqueles que ousaram falar sobre si, suas vivências na formação e sobre suas perspectivas profissionais. Naquele momento nos misturamos: pesquisadores, orientadores e jovens, pois passamos a compreender que a nossa participação não deveria se limitar à escuta e ao registro escrito, mais que isso, precisava marcar nossas presenças e nossas posturas e ideais, mesmo que para cada um daqueles jovens fosse perceptível às diferenças de perspectivas e dos lugares que ocupamos no jogo da vida. Os registros fotográficos e as filmagens passaram a ter importância fundamental nesse processo, os quais orientariam novas ações e procedimentos decorrentes de sua utilização.

Essas observações preliminares construídas no contato com aqueles jovens trouxeram novas questões a serem empreendidas no decorrer da pesquisa. Uma delas dizia respeito a ideia que os jovens, lá presentes, tinham sobre trabalho e ser trabalhador; o ser jovem e sobre as suas relações com a família. Durante a realização da dinâmica das figuras, que foram escolhidas por nós do grupo de pesquisadores, pudemos observar as posturas dos jovens a partir das suas escolhas pelas imagens distribuídas ao chão.

A primeira orientação dada foi que cada participante observasse e escolhesse uma ou mais imagens que lhes “tocasse” e depois falasse sobre ela. A primeira manifestação foi da orientadora, que escolheu a figura de um estudante, até para justificar a sua própria condição de estudante e jovem mãe trabalhadora precarizada. Naquele ano ela estava finalizando o Curso de Licenciatura em Pedagogia (UVA) e trabalhava para contribuir com as despesas de sua família. Sua fala foi questionadora da sua dupla condição: estudante e trabalhadora. Falou das suas necessidades e conflitos, mas justificou sua condição pela importância dada à qualificação profissional, enquanto possibilidade de construção de um futuro pessoal e profissional promissor. Seu depoimento foi emocionante e convincente, levando muitos outros jovens a falarem.

Timidamente um a um foi falando e disputando as figuras, até porque às vezes escolhiam as mesmas. Entre risos e acanhamentos as falas foram saindo e os depoimentos se constituindo. Nenhum esforço por belas palavras, mas falaram do

sentimento que envolvia as intenções e projetos que viriam a ser constituídos com o apoio da família, dos amigos e, é claro, reconheciam a oportunidade que chegara através do projeto (Projovem). A palavra oportunidade passou a fazer parte do repertório das políticas inclusivas de jovens durante todo o processo de pesquisa.

Foi assim, que munidos dos nossos registros do caderno de campo e das imagens do vídeo produzido com nossa câmera de celular, e recorrendo sempre a nossa memória, conduzimos nossa discussão sobre as nossas impressões sobre aquele primeiro contato com aqueles jovens. Levando em conta que o imaginário vai sendo produzido conforme as circunstâncias, passamos, então, a analisar aquele momento, cuja análise pautou-se em compreender a importância do trabalho na vida dos jovens.

As primeiras manifestações sobre a compreensão da importância do trabalho na vida dos jovens indicaram muito mais a ideia de trabalho como um recurso posto para a conquista da “independência” dos jovens, como possibilidade de poder realizar compras, não depender muito dos pais, como assim afirmou Lizandra⁵³,

Principalmente independência, ter meu próprio dinheiro, fazer o que eu quiser comprar o que eu quiser e poder.... É me sentir um pouco realizada em parte.... Como para meu sucesso porque eu quero mudar de vida (LIZANDRA)

A ideia de responsabilidade e de saber administrar foi comum na fala dos jovens. Essa responsabilidade que passa pela administração do tempo, requerendo novas posturas, que por sua vez contribuiriam na formação de uma pessoa responsável:

Muita coisa, a pessoa ganha mais responsabilidade, aprende a administrar o seu tempo e tem que ter mais responsabilidade (PAULO ROBERTO)

Trabalho é essencial, porque a gente aprende a ter responsabilidade, a gente aprende a dar valor, pois eu me sinto incomodada de pedir as coisas pra minha mãe, então o trabalho é uma forma que eu tenho de me sentir mais a vontade (liberdade), gastar o meu dinheiro com o que eu quero e ter a minha independência. (JÉSSICA MARIA)

Minhas primeiras observações foram me convencendo da ideia de que os jovens precisam construir várias experiências, e é isso que fazem nas oportunidades que surgem nos seus percursos profissionais -, para daí conceberem a ideia de ser

⁵³ Uma das jovens participantes da Roda de Conversa.

trabalhador. A cada conversa com os jovens que fui encontrando no meio do caminho tive que dar conta da ambiguidade conceitual – construída na tradição da sociedade do trabalho -, desejando ultrapassar a dicotomia trabalho formal X trabalho informal, trabalho precário X trabalho livre, jovem estagiário X jovem aprendiz.

Além das primeiras noções extraídas desse primeiro encontro, a escuta de outros jovens e dos responsáveis pela formação profissional foram me conduzindo a compreensão do que significa ser jovem trabalhador na cidade de Sobral. Foi no entrelaçamento das experiências de jovens que acompanhei ao longo desses quatro últimos anos, levando a sério a linguagem nativa construídas nas autocríticas que faziam às suas experiências, que pude avançar na compreensão do fenômeno do emprego e desemprego juvenil.

No entanto, fui aprendendo que levar a sério os conceitos nativos⁵⁴, o que não significa dizer retomá-los integralmente num primeiro nível de análise, sem um olhar crítico sobre seu poder de manipulação e ocultação. “Levá-los a sério significa ser capaz de ouvi-los e analisá-los e não se render diante deles, como se fossem os únicos autênticos” (WEBER, 2009, p. 28). Implica também dizer que o pesquisador deve estar atento às generalizações e buscar identificar as possíveis manipulações ou a sondar as diferenciações sempre bem escondidas.

Passei, então, a escutar os jovens do que interrogá-los, com o propósito de evitar receber respostas generalizadas, que não seriam senão o espelho das questões e das expectativas da pesquisadora. Também foi necessário ficar atenta aos universos sociolinguísticos hierarquizados. Estas dificuldades são ainda mais evidentes quando a distância social entre o pesquisador e o pesquisado é maior.

Saber escutar e observar, para depois interpretar, dá mais indicações sobre as relações entre o mundo sociolinguístico do pesquisador e aquele do pesquisado e sobre seus respectivos lugares sociais, que informações a respeito das atitudes e

⁵⁴ Para Weber o termo nativo faz referência a uma tradição de exotismo e constitui uma comodidade de linguagem, que permite consignar uma posição analítica. Para a autora, todo discurso e toda representação analisada é um discurso nativo. Assim afirma: “Qualquer um de nós é um nativo em potencial: basta que o tomemos, por sua vez, como objeto de observação e de análise. A grande vantagem do termo ‘nativo’ é a de permitir ao pesquisador separar-se dos sujeitos que analisa – aí incluído os seus próximos ou quando precisa efetuar uma autoanálise e considerar-se a si próprio como um nativo.” (WEBER, 2009, p. 28)

representações dos pesquisados. É assim que se pode obter mais dado nas não resposta a uma questão do que das diferenças entre as respostas possíveis (WEBER, 2009). Ouvir sem interrogar nos obriga a levar em conta algumas variações linguísticas, segundo as classes e lugares e seu significado social.

3.4.3 O Grupo Focal e o Grupo de Discussão: escolhas teórico-metodológicas na abordagem com coordenadores e jovens

No início da pesquisa de campo, a partir dos primeiros contatos com as instituições, buscando a realização da etapa inicial - conhecimento dos programas, levantamento de dados sobre os jovens e o mercado de trabalho, por meio de fontes secundárias (documentação) e de entrevistas com alguns representantes institucionais e coordenadores dos programas - pareceu-me conveniente atrelar outras abordagens e técnicas de pesquisa à programação inicial, tendo em vista a realidade encontrada bem como as preocupações teóricas que orientavam a investigação.

Embora tenham sido utilizados diferentes procedimentos de coleta de dados durante a pesquisa como a observação participante, entrevistas individuais, entrevistas narrativas, os métodos conhecidos como grupo focal e grupo de discussão constituíram importante fonte de coleta de dados, o que justificou a sua utilização na abordagem com os coordenadores e jovens, respectivamente.

A abordagem com os coordenadores e orientadores dos programas se deu, principalmente, através do grupo focal. Gaskell (2002) afirma que os grupos focais podem ser definidos como uma “esfera pública ideal”, já que se trata de “um debate aberto e acessível a todos [cujos] assuntos em questão são de interesse comum; as diferenças de status entre os participantes não são levadas em consideração; e o debate se fundamenta em uma discussão racional” (p. 79).

Para Flick (2004, p. 132-133), essa técnica ganha importância por enfatizar o “aspecto interativo da coleta de dados” e propiciar uma “economia de tempo” por meio da obtenção de mais de um depoimento ou opinião sobre um determinado assunto de uma única vez.

A opção da utilização dessa técnica com os coordenadores e orientadores dos programas para jovens se deu pelos seguintes argumentos: primeiro, porque

não é necessário que os membros de um grupo focal se conheçam ou tenham algum tipo de vínculo. Segundo, porque, os grupos devem ser formados por pessoas “que tenham diferentes opiniões em relação às questões que serão abordadas”, conforme sugere Gatti (2005).

De fato, meu objetivo era levantar diferentes opiniões sobre as ações que coordenavam, bem como discutir resultados decorrentes dessas ações. Como pesquisadora fui orientando a conversa, de acordo com as menções feitas no transcorrer das reuniões, o que favoreceu um aprofundamento das questões até então colocadas sob análise.

Quanto aos jovens, o grupo de discussão fundamentou-se, essencialmente, em três questões. A primeira delas referiu-se ao estabelecimento dos primeiros contatos com os adolescentes, buscando, ao mesmo tempo, perceber como se relacionavam uns com os outros, a partir dos coletivos que faziam parte. Pareceu-me interessante percebê-los juntos para avaliar a possibilidade de existência de uma identificação, um auto-reconhecimento no grupo, expresso nas falas e nos comportamentos.

A segunda, por se tratar de um instrumento de exploração das opiniões coletivas e não apenas individuais (MANGOLD, 1960; BOHNSACK, 2004). De acordo com Mangold, a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. “A participação de cada membro dá-se de forma distinta, mas as falas individuais são produto da interação mútua. Dessa forma as opiniões de grupo cristalizam-se como totalidade das posições verbais e não-verbais”. (1960, p. 49).

Em decorrência dessa segunda questão, uma terceira que se refere às opiniões dos jovens durante os grupos de discussão. Percebi que as opiniões de um grupo nem sempre são formuladas, sendo muitas vezes atualizadas no momento da entrevista. Durante os grupos de discussão as opiniões trazidas pelo grupo não eram vistas como tentativa de ordenação ou como resultado de uma influência mútua no momento da discussão. Ao contrário, as posições refletiam acima de tudo as orientações coletivas ou as visões de mundo do grupo social aos quais esses jovens pertenciam. Essas visões de mundo resultam, segundo Mannheim (*apud* WELLER *et al.*, 2002, p. 378-79) – de “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como uma base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos”.

Estava interessada, portanto, em conhecer não apenas as experiências dos jovens e suas opiniões sobre elas, mas suas vivências coletivas nos grupos que participavam - a exemplo dos grupos de qualificação e dos projetos sociais -, ou as posições comuns, que refletiam sobre as primeiras experiências profissionais – jovem aprendiz -, independentemente de se conhecerem ou não entre si. A partir de suas opiniões e posicionamentos passaram a ser vistos como representantes do meio social em que vivem e não apenas como detentores de opiniões.

Para Bohnsack e Schäffer, as discussões realizadas com grupos reais devem ser vistas como representações de processos estruturais,

[...] que documentam modelos que não podem ser vistos como casuais ou emergentes. Esses modelos remetem ao contexto existencial compartilhado coletivamente por esses grupos, ou seja, às experiências biográfico-individuais e biográfico-coletivas, que [por sua vez] estão relacionadas às experiências comuns como membros de um meio social e de uma mesma geração, às experiências como homens ou mulheres, entre outras, e que em um grupo de discussão são articuladas por meio de um 'modelo coletivo de orientação'. (BOHNSACK; SCHÄFFER, *apud* WELLER, 2006, p. 245)

Nesse sentido, os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos. A análise dos meios sociais compreende tanto aqueles constituídos em forma de grupo (família, vizinhança, grupos associativos) como os “espaços sociais de experiências conjuntivas”⁵⁵. Nesse sentido, as experiências de qualificação para o trabalho, vividas por jovens das periferias de Sobral, constituem um espaço social de experiências conjuntivas ou de experiências comuns, ainda que vividas e trabalhadas de forma distinta.

Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Conforme Weller (2006), seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. A análise do discurso dos sujeitos, tanto do ponto de vista organizacional como dramatúrgico, é fundamental e auxiliará na identificação da importância coletiva de um determinado tema.

⁵⁵ (konjunktive Erfahrungsräume), na terminologia de Karl Mannheim (1980).

A terceira questão referiu-se à possibilidade de entrar em contato com o maior número possível de jovens e, a partir da daí, estabelecer futuros contatos, anotando endereço e telefones, visto que muitos deles já estavam saindo do programa, não sendo mais possível encontrá-los nos cursos de qualificação ou nos locais de trabalho. O intuito era, em outro momento, entrevistar alguns desses adolescentes, apreendendo suas experiências dentro dos programas de qualificação de jovens, bem como sua situação profissional atual, sua trajetória profissional e suas expectativas futuras.

É importante destacar que os grupos de discussão foram realizados em locais distintos: na sala de reuniões do Grupo de Estudos sobre Culturas Juvenis (GEPECJU), na Universidade onde exerço minha atividade docente; na sala de reuniões do SENAI (onde participavam do curso de confecção de calçados); no Fórum Eleitoral (sala do Juiz, sob a autorização da Diretora de Secretaria do Fórum). Vale ressaltar que nos três locais recebi todo apoio para realização dessa atividade. No espaço da Universidade e do SENAI contei com a colaboração de uma auxiliar de pesquisa, que contribuiu com os registros fotográficos, na filmagem e no controle das gravações⁵⁶. Foi possível conversar com um número representativo dos coletivos de jovens que trabalhei e que ainda estavam no Programa. Sob a orientação dos representantes institucionais (caso do SENAI e do Fórum Eleitoral) e das duas orientadoras do Projovem, fizemos a escolha dos jovens que participariam do grupo de discussão e de outras etapas da pesquisa. No total foram vinte jovens: dez garotas e dez rapazes.

Os oito jovens do Projovem Adolescente tinham idade entre 16 e 17 anos e estavam cursando Ensino Médio. Os do Jovem Aprendiz do SENAI, em número de oito, estavam na faixa de 18 e 23 anos, todos tinham concluído o ensino médio e três ingressaram na Universidade no ano de 2014. Os três do Primeiro Passo (Aprendiz e Estagiário), do Fórum Eleitoral, estavam na faixa de 17 a 19 anos, e todos três estavam concluindo o Ensino Médio. Eram solteiros e moravam com os pais e/ou avós. Os três jovens que trabalhavam “a céu aberto”, no trabalho alternativo, estavam na faixa de 20 a 23 anos, e apenas uma era casada e tinha uma filha.

⁵⁶ As gravações e filmagens só foram realizadas quando devidamente autorizadas.

No caso dos jovens inseridos em programas sociais, suas atividades eram assim distribuídas: 4 horas nos cursos de formação e 4 horas como aprendizes (na Fábrica de Calçados Grendene e no Fórum Eleitoral). Vale salientar que os oito jovens do Projovem todos estudavam, participavam dos coletivos e formações e alguns desempenhavam atividades remuneradas fora do programa, fazendo alguns “bicos” para ajudar a família, como: pintores, escovistas, guarda-mirim.

3.4.4 (Re)definindo os procedimentos metodológicos a partir do campo: as entrevistas narrativas, os encontros e as abordagens na rua

Para Weller (2006), o trabalho de campo exige não somente o domínio metodológico e metateórico do tema, mas também um conhecimento sobre o meio pesquisado como, por exemplo, a situação social dos entrevistados, atividade profissional, entre outros aspectos. Ao mesmo tempo, o pesquisador deve conhecer os instrumentos de pesquisa e escolher procedimentos ou técnicas apropriados ao tipo de estudo que pretende realizar.

Apreender as questões problematizadas nesta pesquisa exigiu elevado grau de atenção aos procedimentos metodológicos mais adequados, tendo sido necessário um constante repensar, no que se refere à utilização de técnicas e abordagens e, ao mesmo tempo, uma dedicação ao campo, manifesta nas constantes idas às instituições, por ocasião das entrevistas, reuniões e observação diretas necessárias à compreensão do fenômeno a ser analisado. Optei por trabalhar com distintas técnicas de coleta de dados, com o objetivo de conhecer as orientações individuais e coletivas dos jovens, com relação às suas “escolhas” profissionais, conforme suas trajetórias profissionais iam se delineando na cidade de Sobral.

Após as reuniões de grupo focal e dos grupos de discussão, uma outra etapa do trabalho teve início: as entrevistas com os jovens, realizadas ora nas instituições que os abrigava, ora na sala de reuniões do GEPECJU (UVA), para as quais houvera autorização antecipada desses jovens. Havia o intuito de também observar como ocorria o relacionamento nesses espaços de formação e depois na própria Universidade (aqui entendido como um lugar “neutro”), já que ambos revelam muito sobre os indivíduos e o grupo, suas relações e valores, permitindo confirmar que,

para os jovens, além do trabalho, outros espaços representam importantes elementos de suas práticas, valores, socialização e identidade.

Por meio de entrevistas narrativas procurei recuperar percursos e histórias relacionadas às experiências de trabalho, que fossem capazes de trazer luz à compreensão de aspectos importantes referentes à qualificação profissional, às relações profissionais junto às empresas e instituições onde desenvolveram as primeiras experiências, aos projetos e expectativas construídos no curso de suas trajetórias profissionais (tantas vezes marcadas por relações precárias), imbuídas de representações e valores que se atualizam, se reconfiguram ou se perpetuam no universo familiar e profissional, em virtude das experiências e dos processos de socialização dos jovens para o trabalho, empreendidos, em especial, pela família e pelas políticas públicas de trabalho.

Recorri às contribuições de Schütze, que teve a preocupação em trazer para a pesquisa sociológica, entre outros, a compreensão das tipificações de senso comum construídas com base no conhecimento cotidiano. A reconstrução dessas tipificações pode ser obtida por meio da análise de narrativas, o que levou o autor a interessar-se pelo desenvolvimento de métodos capazes de reproduzir este conhecimento, muitas vezes, de difícil acesso por meio dos instrumentos convencionais de pesquisa. Neste sentido, a análise de narrativas está diretamente associada a um tipo específico de entrevista, também desenvolvido por ele e denominado como “entrevista narrativa” (SCHÜTZE, 1983).

Ao idealizar essa forma de entrevista também denominada de “narrativa improvisada”, Schütze (1987) parte do princípio de que a narração está mais propensa a reproduzir em detalhes as estruturas que orientam as ações dos indivíduos. A entrevista narrativa busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências.

Nas palavras de Weller e Zardo,

A crescente utilização das narrativas nas pesquisas de cunho sociológico tem como justificativa a necessidade de compreender a relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual construído de maneira significativa pelos sujeitos ao relatarem suas experiências e trajetórias. Esta perspectiva difere das interpretações arbitrárias que isolam as trajetórias biográficas singulares dos eventos sociais em sua complexidade. Busca-se por meio do estudo de narrativas esclarecer como determinadas ações são

projetadas, executadas e retrospectivamente acessadas pelos indivíduos, e ainda, compreender os motivos que os levaram a estas ações (WELLER e ZARDO, 2013, p. 132).

Conforme Weller e Otte (2014) a interpretação formulada de entrevistas narrativas busca reconstruir o sentido imanente, ou seja, aquilo que compreendemos de forma imediata. Esta etapa é importante na medida em que permite a identificação dos tópicos ou temas discutidos no decorrer da entrevista. Após a organização temática dá-se início à análise da passagem inicial ou “narração central” como definido por Schütze (1987), seguida das passagens nas quais o entrevistado discorreu sobre determinado tema em detalhes, de forma emotiva ou metafórica. Por último, analisam-se as passagens nas quais o entrevistado discute temas relevantes para a pesquisa. Durante a interpretação formulada de um tema, é realizada a análise sequencial dos subtemas identificados em uma passagem, *descrevendo* com as palavras do pesquisador o que foi dito pelo informante. Dados sobre o entrevistado e sobre o contexto que não estão presentes no texto da entrevista, não constituem objeto da interpretação formulada, podendo ser incluídas em uma etapa posterior da análise.

Uma vez redefinido outros procedimentos metodológicos, a exemplo da entrevista narrativa, no início de 2013 foram sendo restabelecidos os contatos com os jovens que tinham participado das reuniões de grupo focal, tendo sido priorizados aqueles que mais se interessaram em contribuir com a pesquisa e que participaram do Documentário “Jovens nas trilhas do Primeiro Emprego”. A partir dos meados de 2013 até final de 2014, pude acompanhar as turmas do TRE e duas turmas do Jovem Aprendiz, no SENAI e Grendene, e pude selecionar 08 jovens desse programa. Ao mesmo tempo, as entrevistas narrativas foram sendo agendadas. As primeiras entrevistas foram feitas com três jovens participantes do Projovem Adolescente, totalizando 03 jovens.

Algumas entrevistas agendadas nesse período não puderam ser realizadas em virtude da indisponibilidade de alguns interlocutores, especialmente por conta de suas agendas, pois cumpriam um horário intensivo entre formação e aprendizado na empresa. Outras foram reagendadas num permanente contato com os jovens, inclusive pelo facebook. Os desencontros e os imprevistos resultavam dos múltiplos compromissos que os jovens assumiam, incluindo os lazeres. Isso é a confirmação de que o trabalho de construção empírica, na relação com o entrevistado e com o

seu universo, é algo negociado com o próprio campo, que vai nos mostrando suas possibilidades e seus limites.

Mesmo com alguns desencontros, outros eventos e formas de contato foram se firmando, e fomos compondo uma sintonia entre nós, pesquisador e narradores. Os jovens se mostraram disponíveis para seus deslocamentos na cidade, visto que moravam em locais diferenciados e distantes, por isso a opção pelos espaços da Universidade ou pelas salas de reuniões disponibilizadas pelas instituições e até mesmo pelas praças do centro da cidade.

A percepção da “importância” ou relevância da entrevista para o entrevistado foi, quase sempre, demonstrada após a conversa, quando as pessoas comentavam seu gosto por ter participado e discutido os assuntos propostos, colocando-se sempre à disposição para quaisquer outras informações necessárias e, ao mesmo tempo, procurando manter laços de amizade com a entrevistadora, e até passei a receber convites para participar de alguns eventos como as cerimônias de colação de grau das turmas do Primeiro Passo e Jovem Aprendiz.

Quando os contratempos foram surgindo e eles não queriam “furar” o compromisso, logo enviavam mensagem sugerindo alternativas como “escrever um texto” sobre os pontos sugeridos, escrever sobre suas experiências. De fato, concordava com a alternativa proposta e colhi um bom material com esses escritos.

Como percebe Magnani (1998), o fundamental é falar, sentir-se ouvido e reconhecido como alguém que pertence a um determinado “pedaço”. Ao mesmo tempo, não se trata apenas de ser ouvido e de perceber que a fala traz em si a oportunidade de ver e rever escolhas feitas, assim como valores professados, mas também de transformar a relação entrevistador-entrevistado, ressignificando-a, trazendo-a para seu universo, “quebrando o gelo” do possível distanciamento anterior. Conhecer parte da história da vida do narrador, de sua visão de mundo, das experiências de trabalho, das relações familiares e escolares, e dos projetos futuros, na percepção dessas pessoas, autorizava a existência de certa aproximação entre pesquisadora e narradores, resultando certa cumplicidade.

Juntamente com essas entrevistas, realizei nesse período o agendamento e entrevistas com as representantes das instituições e agências (do SENAI, do Primeiro Passo, da STDE, do TRE, da Agência de Inclusão Produtiva), com uma jovem egressa do Primeiro Passo e que já está na Universidade e trabalhando na

Grendene (ela relata sua história como de “superação”), e com dois instrutores do Jovem Aprendiz pelo SEST/SENAR.

Também frequentei os espaços das ruas do centro de Sobral, onde encontrei outros jovens trabalhadores na rua e que colaboraram com essa pesquisa. Duas delas concederam entrevistas durante os intervalos do trabalho.

No caso dos representantes institucionais, as entrevistas representaram um importante passo na compreensão de como o programa tem se desenvolvido, contemplando aspectos subjetivos das ações, possibilitando também a apreensão de um outro olhar, marcado pela aproximação com a realidade dos jovens de periferias.

Tendo em vista a finalização de algumas contratações, principalmente em decorrência da finalização dos contratos junto aos programas, pois essas ações tinham um período previsto de seis, dez ou doze meses para cada turma⁵⁷, foi necessário tomar conhecimento de como estava sendo desenrolado esse processo, bem como das possibilidades de ainda acompanhar as novas turmas, a entrada de novos jovens nas empresas e instituições conveniadas, recuperando um dos propósitos iniciais da pesquisa. Nesse sentido, foi agendada uma entrevista com as gestoras do programa em Sobral e com as coordenadoras das ações específicas, nas agências interlocutoras.

A ideia era obter informações mais precisas a respeito desse processo de implementação e reestruturação dos programas para jovens de periferias, também por meio de documentos, avaliando as mudanças realizadas no período da pesquisa, recuperando também a história dos outros programas voltados para esse público e quais avanços foram conquistados.

Quanto aos jovens que desempenham atividades “a céu aberto”, assim como qualifiquei uma das vendedoras dos chips Tim, o alcance desse grupo se deu através de minha abordagem nas ruas. Fazia parte de meu projeto inicial, que resultou no documentário já referido, verificar as diversas expressões de jovens trabalhadores em Sobral, tomando o centro da cidade um campo de referência. Nessa busca,

⁵⁷ No caso das turmas do TRE, que trabalhavam na biometria, alguns contratos puderam ser renovados por igual período.

alcancei algumas jovens revendedoras⁵⁸ dos chips Tim, Oi e Claro, com quem pude manter curtos diálogos e entrevistar duas dessas jovens. Considerei relevantes esses contatos, visto que são representativos das diversas expressões e performances de jovens no mundo do trabalho, o que tem se revelado como uma das “alternativas” de sobrevivência desse público.

3.4.5 Cores, batas, crachás, alegorias: distintivos culturais do modo de ser jovem aprendiz

Para Martins (2013), o sociólogo “arrecada” sua matéria prima na conversação indagativa entre o conhecimento sociológico e o conhecimento do senso comum, numa interação entre o pesquisador e “os sujeitos dos enigmas sociais”, que, conforme afirma, pedem ou comportam desvendamento científico.

O depoimento sobre fatos ocorridos com uma pessoa ou um grupo já vem emoldurado no que se chama de racionalização, no tornar coerente o que poderia ser tomado pelo ouvinte como incoerência. Nesse tornar coerente o que coerente não parece, no tornar inteligível para o ouvinte o que ele não poderia compreender nos termos próprios de quem narra, o narrador não só informa, mas informa interpretando. É essa interpretação indissociável dos fatos narrados que oferece ao exame do sociólogo, como matéria-prima de sua Sociologia, uma modalidade de conhecimento que lhe pede, pois, que seja ela, antes de tudo, e também, sociologia do conhecimento de senso comum. (MARTINS, 2013, p. 13)

Seguindo essa linha de pensamento, entendi que as interpretações cotidianas dos distintivos culturais do *modo de ser jovem aprendiz* e do *modo de parecer jovem trabalhador* deveriam ser tomadas aqui como formas culturais de percepção dos ambientes em que ocorrem as relações sociais e que são delas integrantes. Formas, também, de percepção e classificação populares dessas relações e das pessoas que são suas agentes. “Formas, finalmente, de imputação de significados aos relacionamentos sociais por meio da interpretação de atributos cuja relevância cotidiana combina critérios do senso comum, da tradição e da prática social” (MARTINS, 2008, p. 63). Mais do que formas, meios e modos dos jovens organizar as relações sociais, as condições e compreensões dos modos de ser trabalhador, a partir de suas condições subjetivas e objetivas.

⁵⁸ Observei que o serviço de venda de chip era e continua sendo predominantemente feminino e não identifiquei nenhum jovem do sexo masculino, apenas um ou outro que fazia o papel de “supervisor”. Não cheguei a investigar os critérios para escolha de vendedores.

Do que falo? De quem falo? Sobre quais modos me refiro e remeto minhas reflexões? Observei, por um certo período, que um grupo de jovens aprendizes se “achavam diferentes”, distintos dos demais não somente pelo lugar social ocupado, mas sobretudo pelas fardas, batas, crachás e outras alegorias que usavam, pois se distinguiam de tantos outros aprendizes de trabalhadores. Seja pelo local das primeiras experiências (como o Fórum Eleitoral, Fábrica de Calçados Grendene), seja pela forma de contratação (que combinava períodos mais longos de contratação e serviços mais específicos, às vezes até distintos dos cursos que realizavam), ou, no caso das revendedoras que trabalhavam “a céu aberto” pelas alegorias que usavam, às vezes extravagantes. Pelo detalhe ou pela aparência de quem usava, os distinguiam de outros tradicionais trabalhadores pobres, por se perceberem de “outra categoria”.

A reflexão que faço sobre o que pode ser considerado irrelevante ou distinto, mas por ser trabalhosa na sua recuperação, é o modo como o sociólogo propõe-se a examinar como testemunha, as performances e interações de jovens no chão das suas práticas cotidianas como trabalhadores principiantes. Por isso tratar-se de uma “escavação” nesses modos de ser trabalhador, em cujas irrelevâncias estão indícios de modos de ser e pensar confinados, mas inevitáveis na interação social e na vida cotidiana. Aquilo que Goffman (2009) definiu como os bastidores do processo interativo, que é o lugar do que se evita que tenha visibilidade no mundo regrado da vida social.

Circunscrevo-me a alguns eventos num período específico (2013-2014), porque nele registrei uma certa consciência, por parte destes jovens, desses atributos de diferenciação na vida e nos relacionamentos de jovens trabalhadores na cidade de Sobral. Era a modalidade de consciência que regulava para cada um o lugar de cada um na sociedade, diferente do que até então tínhamos como referências de trabalhadores operários dos pisos de fábrica.

Os primeiros contatos com os interlocutores, as primeiras inserções nos bairros que abrigavam os CRAS e seus coletivos, as primeiras informações coletadas junto às Secretarias Municipais e às agências que promoviam a qualificação profissional, favoreceu a construção das representações que construí, a partir de um determinado número de fatos e do estoque de estereótipos que minha experiência junto a esses grupos juvenis, na cidade de Sobral, fornece-me.

As minhas primeiras representações sobre o modo de ser trabalhador jovem incluem desde as imagens das blusas com a marca do Projeto Primeiro Passo, das batas azuis e vermelhas fornecidas pela Grendene, do distintivo dourado da jaqueta preta do TRE, das alegorias multicoloridas das operadoras de telefonia utilizadas pelos jovens no centro da cidade, até as jogadas de marketing das secretarias municipais sobre a proposta do primeiro emprego.

Figura 1 – Distintivos culturais do mundo do trabalho⁵⁹



Fonte: arquivos da pesquisadora e cedidos, 2015 (com elaboração própria)

Como nos indica Blumer, nossas representações nesse nível determinam a direção de nossa pesquisa. Foi daí que emergiram as primeiras perguntas sobre o que é ser trabalhador jovem, sobre a importância do trabalho, sobre seus projetos individuais, entre outros tantos questionamentos. Na medida em que seguia os interlocutores nos seus diversos deslocamentos – espaços de formação, espaços de aprendizagem como trabalhadores, fui mapeando pistas, que efetivamente contribuíram para estruturação de minha pesquisa.

Este esforço de constituir representações e questões exigiu da pesquisadora um olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2009), mobilizando meu olhar e sentidos na direção das ações e significados dados pelos interlocutores aos seus diversos deslocamentos. Como nos aponta Magnani, parti dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja,

⁵⁹ No conjunto dessas fotos: uma foi tirada por mim, durante uma das visitas ao Fórum Eleitoral de Sobral; a do crachá da Grendene e dos jovens de “bata vermelha” no refeitório da Grendene foram “um presente” que recebi de Felipe e Sávio, respectivamente. A outra, com os trabalhadores de bata azul, são de domínio público, extraídas das páginas dos blogs de Sobral.

[...] das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. (MAGNANI, 2009, p. 132)

Portanto, os distintivos culturais sobre os quais eu me refiro são mediações na constituição do pequeno mundo social de jovens aprendizes/jovens trabalhadores e da vida cotidiana que nelas tem seu protagonista característico. Os sistemas de classificação das coisas e das pessoas conforme as roupas e fardamentos que usam, os objetos que utilizam como distintivos dos demais jovens trabalhadores são formas de (re)conhecimento por meio das quais procuramos interpretar o mundo e a sociedade em que vivemos. Constituem algumas das formas elementares da consciência das diferenças sociais.

Sendo a imagem apenas parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano, passei a concebê-la como uma fonte a mais para a leitura da realidade, tentando transformá-la numa linguagem cheia de significados. “Tal como o artesão, vai tecendo os fios das teorias, das técnicas e da epistemologia, aguçando sua percepção e sua sensibilidade, de modo a ver além daquilo que está a sua frente, de enxergar o que até então não se revelara diante de seus olhos” (FERNANDES, 2012, p. 239).

Assim, valendo-me da combinação de elementos oferecidos pela prática com entrevistas narrativas, imagens e documentos escritos, focalizei a experiência de jovens trabalhadores nas suas diversas expressões e performances pelas ruas de Sobral, analisando as estratégias e manobras que recorrem para garantir suas primeiras experiências profissionais. Para tanto, recorri a essas imagens e manifestações como fonte de informação e como recurso para aflorar o que ficou retido na minha memória, bem como para compreender o significado delas para os jovens.

Na intenção de apreender os significados, procurei ver mais de perto, descrever sem logo interpretar, aceitando a heterogeneidade das coisas. A partir delas pude registrar detalhes que poderiam passar despercebidos no cotidiano da pesquisa. O tempo que restaura o olhar de dentro e de fora me assegura a neutralidade relativa de que careço para ver objetivamente o todo e indagar e

decifrar o lugar social desses registros condenados ao irrelevante e ao insignificante na atualidade, por se tratar de questões relativas aos jovens de periferias.

4 SOBRAL COMO “CIDADE DAS OPORTUNIDADES” PARA AS JUVENTUDES: A “SAGA” DA INSERÇÃO DOS JOVENS EMPOBRECIDOS NO MUNDO DO TRABALHO

[...] O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara [Sobral], não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (...) O seu segredo é o modo pelo qual o olhar percorre as figuras que se sucedem como uma partitura musical da qual não se pode modificar ou deslocar nenhuma nota. (CALVINO, 2003, p. 20-21)

A leitura de Sobral remete-me a perceber o espaço além de mera ambientação, de índices e dados estatísticos, empreendendo, antes de tudo, uma narrativa, focando a cidade como corpo simbólico, como entidade a dizer de si, tanto quanto as palavras de um texto. Assim, detenho-me a observar a construção de suas imagens, de suas representações e em escutar tudo aquilo que esta cidade nos fala. Aprender a ver, como nos conclama Baudelaire, ao afirmar: “Poucos homens são dotados da faculdade de ver; há ainda menos homens que possuem a capacidade de exprimir” (BAUDELAIRE, 1997, p.23).

Aprender a ver implica, também, em aprender a ouvir o que fala o espaço. Em verdade, o meu intento é empreender uma narrativa de Sobral, revelando a minha leitura da cidade, construída em minhas andanças pelas suas ruas, pelo centro comercial, adentrando nas suas periferias onde habitam os que parecem viver às margens.

Para me apropriar do que se passa em Sobral, busco inspirar-me em narrativas produzidas pelo olhar de quem vive e experimenta esse espaço, procurando resgatar olhares expressos em conversas informais, em entrevistas e registros no diário de campo. Enfim, em meus deslocamentos, retomar pistas de acontecimentos produzidos nos encontros. Convido, então, o leitor desta minha narrativa a pensar em direção a uma história não-linear, a uma “história efetiva” e singular daqueles que vivem o lugar (GUATTARI; ROLNIK, 2000).

Sobral pode ser compreendida como uma grande metáfora, resultante do imaginário de sua população e dos que assumem a tarefa oficial de pensar a cidade, na condição de governantes, planejadores e representantes institucionais. Desse modo, reúne elementos de sua história pretérita e presente, seus símbolos, bem

como eventos que marcaram o legado de uma cultura, expoentes de suas belezas e agruras que, somente aquele que percorre as intimidades da cidade, pode encontrar.

Esta perspectiva impõe a necessidade de aprender a ver a cidade como legado vivo, a circunscrever uma realidade que é revelada na experiência dos que nela habitam. O meu intento é adentrar em Sobral pela percepção de diferentes sujeitos que fazem a sua história no cotidiano. É a via apontada por Baudelaire: “a aparição que fascina o poeta, longe de lhe ser subtraída pela multidão, só através desta lhe será entregue” (BAUDELAIRE, 1997, p.42). Inegavelmente, é através da cidade que as experiências do fotógrafo se dão e se materializam em imagens e é ela que permite a construção da narrativa e seus desdobramentos.

Ir em busca da história de Sobral é ir em busca dos acontecimentos e acasos encarnados no lugar. Assim, a narrativa sobre a cidade de Sobral pretende não se limitar ao compasso linear que emana de uma visão positivista, pautada na lógica formal. De fato, na minha experiência de pesquisadora, orientada pela lógica da descoberta, busco seguir a perspectiva analítica que amplia o perímetro de produção de sentidos, produzidos por sujeitos que, em diferentes lugares, movimentam-se neste universo de oportunidades e inseguranças, a circunscrever processos de inserção de juventudes empobrecidas no mundo do trabalho. Neste sentido, privilegio os agentes institucionais, operadores de políticas públicas e, especialmente, os próprios jovens, imersos nesta experiência desafiadora de ter acesso ao trabalho. Busquei estes sujeitos nos lugares onde habitam e trabalham, nas periferias de Sobral.

Os encontros e reencontros com as periferias da cidade começaram em 2010, com os CRAS do Alto da Brasília, do Alto da Expectativa e com o CRAS Dom Expedito. Em 2011, os contatos com os jovens do CRAS do Alto da Brasília e com profissionais operadores da Política de Assistência Social marcam o início do trabalho de campo, levando-me, depois, a outros locais e territórios.

Envolvei-me numa saga investigativa, estabelecendo relações com jovens e agentes institucionais. Nestes percursos, merece especial destaque as visitas, já realizadas no início de 2013, em duas secretarias municipais: a Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico de Sobral (STDE), localizada nas dependências do Centro de Convenções e a Secretaria do Desenvolvimento Social e Combate à Extrema Pobreza (SDS). Meu objetivo de investigação era conhecer os

principais projetos e ações voltados para a juventude sobralense e também identificar as instituições que compõem a rede de qualificação profissional e de intermediação de empregos na cidade de Sobral.

Estas visitas ocorreram num momento de reestruturação político-administrativa do município, coincidindo com o início de mais um período de governo, que foi reeleito, apresentando, durante sua campanha eleitoral, propostas relevantes de pleno apoio a juventude, a exemplo do “Pacto pela Juventude”. A rigor, este governo, em seu novo mandato, propugna uma agenda em prol do desenvolvimento econômico do município que, nos moldes do governo federal, deveria dar continuidade e, até mesmo, ampliar as políticas públicas de trabalho e inclusão produtiva.

Essas visitas conduziram-me a outros lugares de investigação. De fato, as informações que me foram disponibilizadas indicavam que eu deveria conhecer a rede de empresas e de instituições que compunham a estrutura socioeconômica da cidade de Sobral. Vale ressaltar que a instalação de empresas, a exemplo da Grendene, com suas oito fábricas e de instituições do “Sistema S” - SENAI, SESI, SESC, SENAR, SEBRAE - compõem o complexo industrial e a estrutura institucional que dá suporte às políticas públicas de trabalho e renda na cidade, respectivamente.

Durante uma das entrevistas, realizada com o coordenador do Projeto Primeiro Passo, na STDE, este fez uma breve contextualização acerca da implementação do Plano de Desenvolvimento Industrial de Sobral (PDI), estruturado em 2012, ainda no final da primeira gestão do então Prefeito Municipal de Sobral, Veveu Arruda. A construção do (PDI)⁶⁰ mobilizou vários representantes da indústria e comércio locais e da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

A partir do relato do Coordenador do Projeto Primeiro Passo, busquei novas informações sobre o PDI, cujo documento encontra-se disponível na página da STDE. O referido documento abriu-me uma via de análise do contexto sobralense, ao demarcar quatro ciclos de desenvolvimento municipal, a partir de processos produtivos industriais instalados, que inauguraram períodos de crescimento e mudança cultural:

⁶⁰ **Plano de Desenvolvimento Industrial de Sobral (PDI)**, elaborado em 2012, trata do diagnóstico da situação do município de Sobral, no estado do Ceará, com identificação do potencial existente para desenvolvimento das empresas e atração de investimento, voltado para a realização de novos negócios. Os resultados do trabalho originaram um plano de ação com metas e diretrizes para atuação da própria Prefeitura, em suas distintas áreas, protagonizada por secretarias específicas.

1º Ciclo do Algodão: Cultivo do algodão e inauguração da fábrica de tecidos em 1887; **2º Ciclo da Diversificação Industrial:** por meio da instalação da fábrica de cimento Poti da Votorantim, em 1968, e fábricas de laticínios (Lassa), alimentos (Coelho) e bebidas (Del Rio); **3º Ciclo do Calçado:** em 1993 inicia a 1ª fábrica da Grendene em Sobral e, atualmente totalizam oito; **4º Ciclo Metalmeccânico:** ciclo atual, com início no ano de 2010, através da instalação de montadoras de carros, ônibus, caminhões e motos. (PDI/PMS, 2012, p. 13 [grifos meus])

Durante a abertura do evento, que deflagrou a elaboração do PDI, em 2012, o Prefeito Municipal - cujo discurso consta na apresentação deste documento - destaca a ideia de ampliação do desenvolvimento econômico, com a disseminação de uma “cultura fabril” a partir da qualificação profissional de amplos setores da população sobralense:

[...] O 3º ciclo industrial de Sobral é fruto da política de incentivo fiscal, praticada no Ceará e do esforço do então Governador Ciro Ferreira Gomes, que viabilizou a instalação da GRENENE, a maior indústria de calçados do Brasil e que chega a empregar, em determinado período, mais de 20 mil pessoas. Além do aprimoramento tecnológico, a presença desta grande empresa tem contribuído para a disseminação de uma cultura fabril, com a qualificação profissional de amplos setores da população de Sobral e de municípios vizinhos. (...) Atualmente, articulado com os projetos de desenvolvimento estratégicos do Governo do Estado, liderado pelo Governador Cid Gomes, e os do Governo Federal, através da liderança da Presidenta Dilma e, especialmente, observando os nossos potenciais humanos e territoriais, estamos trabalhando pelo fortalecimento da nossa base econômica, através do aperfeiçoamento do nosso setor produtivo já existente e também da criação de novas redes produtivas, como o polo metalmeccânico e o agronegócio. Trata-se então da implantação do 4º ciclo industrial de nossa cidade. (PDI/PMS, 2012, s/p)

Seguindo as pistas dos discursos e narrativas dos agentes institucionais em Sobral, fui tentando esboçar um “mapa de redes do desenvolvimento” que me conduziria a lugares onde poderia identificar ações para juventude, cujas rotas são expressões da chamada “arquitetura do moderno” e do desenvolvimento econômico, indicando conforme discurso oficial, difundido na sociedade cearense - a instauração de uma nova cidade a promover oportunidades, através da inclusão produtiva. É Sobral vista na ótica dos sujeitos institucionais, que vão tecendo, ao longo dos anos, a ideia de “Sobral como cidade das oportunidades”.

Cabe, aqui, resgatar elementos do discurso que se faz dominante, ao longo das últimas seis décadas, conferindo destaque à Sobral no contexto cearense. É preciso atentar para marcos históricos que alavancam tais discursos, sobretudo o período da gestão municipal Cid Gomes (1997-2000 e 2001-2004) e a sua

arrancada desenvolvimentista a instaurar a “modernidade sobralense”. Senão vejamos!

Favorecida pela localização geográfica que ocupa na região, Sobral, na segunda metade do século XX, ficou conhecida como “A Princesa do Norte”, por sua, então, posição econômica, ao se tornar entreposto comercial entre a capital Fortaleza e demais municípios da região, mediante a linha férrea. Hoje, a cidade é ligada a Fortaleza pela BR-222 e possui um cenário de grande expansão e modernização de sua economia. “É considerada a quarta economia do Estado do Ceará, sendo a maior do interior. Atualmente, é a quinta cidade mais povoada do Ceará, sendo líder em habitantes com carteira assinada”. (PDI/PMS, 2012, p.12)

Como parte do esforço de pesquisa, considere necessário mapear as ações empreendidas em favor da juventude, no que se refere à sua profissionalização e encaminhamento para o mundo do trabalho. Busquei referências nos discursos oficiais, em documentos de diferentes instituições, com destaque para as Secretarias Municipais do Desenvolvimento Social (SDS) e da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE), e para o SINE/IDT. No caso da SDS, dou ênfase à Agência de Inclusão Produtiva, implementada a partir de 2014.

Em verdade, procurei os rastros do “moderno que se arrastava ocultamente e se tornou visível” (MARTINS, 2008, p. 16). Assim, nas minhas buscas, encontro-me com marcos da “modernidade sobralense”, a estruturar uma nova linguagem no mundo do trabalho: o polo industrial calçadista; o distrito industrial; o “Sistema S”; as alterações do espaço urbano; a ampliação do contexto universitário, com a implementação da Universidade Federal do Ceará (UFC) – com especial destaque, a Faculdade de Medicina e o *campus* Mucambinho⁶¹ -, e do Instituto Federal do Ceará (IFCE), no âmbito das Universidades Públicas, a coexistirem com a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, criada desde 1964; a expansão das Faculdades Privadas, a exemplo das Faculdades INTA, com um arrojado e moderno campus universitário.

⁶¹ Sobral conta com a Faculdade de Medicina e o *campus* do Mucambinho com os seguintes cursos de graduação: Odontologia; Psicologia; Música – Licenciatura; Magistério Tremembé Superior – MITS; Administração em Gestão Pública – Semipresencial; Ciências Econômicas; Engenharia da Computação; Engenharia Elétrica; Finanças; além do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica.

Na passagem do século XX para o século XXI e nos primeiros quinze anos deste novo século, uma nova concepção de espaço se definiu nesta cidade, uma nova mentalidade se definiu, uma nova consciência social ganhou sentido. E mais: mudanças substanciais no mundo do trabalho marcam o cenário sobralense. Neste sentido das redefinições do mundo do trabalho, merece especial destaque: o polo industrial calçadista, representado pelas oito fábricas da Grendene⁶², instaladas no Parque Silvana - bairro periférico de Sobral - que oferece, sobretudo à juventude sobralense e da região norte do Estado do Ceará, uma ampliação de mercado de trabalho, chegando, em determinados períodos, a vinte mil empregos formais, com carteira assinada; o Centro, com sua rede de comércio que se estende até o mercado central, com oferta crescente de empregos formais e uma ampliação da informalidade, envolvendo, inclusive, as juventudes.

Todo esse “cinturão de desenvolvimento econômico” traz embutidos os códigos da modernidade e, também, das contradições sociais, gestadas na complexa passagem de quatro ciclos de desenvolvimento econômico em Sobral, demarcando a sociedade moderna e industrial que se anunciava e que se instituiu. Não se tratava apenas do advento da sociedade industrial, ou da “cidade das oportunidades” - como assim é designada Sobral, em tempos contemporâneos – mas das reinterpretações da realidade que a mudança impunha. É o que bem circunscreve José de Sousa Martins: “o novo modo de ser dominado pela temporalidade da reprodução ampliada do capital, o novo decoro regulado pela necessidade social da aparência”. (MARTINS, 2008, p. 18)

Segundo Marques⁶³ (s/d), pesquisador no campo da História, a instalação da Grendene sobralense traz novos conceitos e dá novas significações aos já existentes, dentro da dinâmica do trabalho fabril na cidade de Sobral. Dentre esses conceitos, o de *mobilidade da força de trabalho* desponta de forma muito acentuada,

⁶² Em Sobral-Ceará a Grendene implantou, em 1993, a sua matriz (sede social) e maior planta, com sete fábricas de calçados e uma de PVC.

⁶³ Ver MARQUES, Marcos V. L. **Grendene e FTED**: duas fábricas, dois tempos, uma Sobral. Monografia de graduação. Sobral: s/d. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_completos/52-13178-03102012-223150.pdf.

uma vez que boa parte da força de trabalho que a Grendene de Sobral absorve⁶⁴ é proveniente de outras cidades, sendo, em sua maioria, constituída de jovens de 18 a 29 anos de idade, a assumir, em grande parte, a árdua tarefa de se locomover, todos os dias, de suas respectivas cidades ou bairros periféricos para trabalhar.

Marques (s/d), em seus estudos sobre a expansão industrial em Sobral, demarca, em suas análises, o fenômeno conhecido como *guerra de lugares*⁶⁵, dando destaque à instalação da Grendene no contexto sobralense. É importante ressaltar essa indústria que possui, em suas oito unidades, cerca de 150 mil metros quadrados construídos e 500 mil metros quadrados de terreno e, aproximadamente, 14 mil empregados, instalou-se em Sobral, a partir da oferta do Estado do Ceará de melhores condições e incentivos, proporcionando, assim, à essa indústria calçadista, maiores possibilidades de lucratividade e, conseqüentemente, de competitividade. Este fato expressa a tendência da alocação das unidades industriais para os chamados *lugares de reserva*, focando, de modo especial, a região nordeste do Brasil, como sendo um dos mais propícios espaços dessa realocação, oferecendo sempre mão de obra relativamente mais barata, infraestrutura e incentivos fiscais.

A partir desse contexto, penso na articulação entre os momentos desencontrados e coexistentes do tempo histórico, nos ajustes pacientes e descompassados do costumeiro ao regulado, nas surpresas de descobertas miúdas e grandes em relação ao estabelecido, mas não, necessariamente, percebido por todos (MARTINS, 2008). Vale lembrar que houve uma reordenação territorial na cidade, de modo a atender à chegada deste “estranho mundo novo” da Grendene em Sobral. Aqui, demarco a região dos bairros da Expectativa, do Alto da Brasília e do Parque Silvana - locais atingidos diretamente pela instalação dessa empresa - pois estas localidades tiveram um surto de acelerado crescimento, no tocante à infraestrutura, sofrendo, então, fortes mudanças, sobretudo com o deslocamento de contingente de trabalhadores para os entornos desse polo calçadista.

⁶⁴ No balanço dos seus 20 anos em Sobral, em 2013, a Grendene atinge o maior número de “colaboradores” de sua história em Sobral: 23.218 pessoas. Disponível em: <http://sobralagora.com.br/v1/2013/06/sobral-20-anos-da-grendene-em-sobral-uma-historia-pracontar/>.

⁶⁵ Ver ALMEIDA, Diego Gadelha de. **Indústria e reestruturação sócio-espacial**: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial da produção calçadista. 2008. Fortaleza, Ceará.

Figura 2 – Polo Calçadista da Grendene e Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial (UAAI); Sistema “S” e os *Campi* Universitários (UFC)⁶⁶.



Fonte: Imagens de Sobral, 2015 (com elaborações da pesquisadora)

Em Sobral, uma verdadeira engenharia social estabeleceu as condições em que a lógica da empresa e a disciplina do trabalho, que se impunha como necessária à acumulação produtiva, materializaram-se numa espacialidade urbana peculiar, bem diversa daquela que se difundia nos bairros de elite e no seu centro comercial. De fato, nas localidades, em que se situam as Unidades da Grendene, verificou-se uma expansão urbana desordenada, com expressivo crescimento do comércio, sobretudo informal, e articulação entre áreas, antes dispersas e com caráter rural, a constituírem “territórios de risco”, na condição de periferias, com o agravamento de expressões da questão social, cabendo salientar: prostituição, com exploração sexual de adolescentes; tráfico de drogas; violências urbanas⁶⁷.

⁶⁶ Essas fotos são: Polo Calçadista Grendene; as Unidades Avançadas de Aprendizagem Industrial (UAAI), criadas no início de 2015, através da parceria SENAI e Grendene; as duas principais Agências de Formação Profissional, que constituem o “Sistema S”, representadas pelo SENAI e SENAC; os dois *campi* da UFC, em Sobral.

⁶⁷ Um exemplo emblemático são os Bairros Vila Recanto I e II, antes zona rural, mas que, com a instalação da Grendene nos anos 90, vão se estruturando como bairros periféricos, cuja área é vista na cidade como territórios de risco.

O tempo e o espaço da indústria a regularem os novos processos de trabalho, impuseram, em Sobral, a necessidade de inventar a sociedade de trabalhadores da Grendene. O/a jovem trabalhador/a assalariado/a do Polo Calçadista emerge como um segmento novo no mundo do trabalho da cidade, em coadunância com a lógica da reestruturação produtiva, a gestar trabalhadores precários, flexíveis e satisfeitos a “vestir a camisa da empresa”, como convém aos tempos contemporâneos.

De certo modo, o novo trabalhador, exigido pela empresa moderna, implica a imposição de uma pedagogia específica do trabalho, na indissociação entre formar, qualificar, ter experiência e ser trabalhador formal, com carteira assinada. Foi o que pude perceber nos meus primeiros contatos com a coordenação pedagógica do SENAI Sobral, em 2013, sendo esta percepção reafirmada no último encontro com a referida profissional, em 2015. Ao falar sobre o Programa Jovem Aprendiz, a Coordenadora entende ser este uma “*oportunidade profissional para os jovens*”. No seu entendimento,

(...) é uma oportunidade, porque, através deste programa, o jovem aprende todo um processo de trabalho a partir da sua inserção nos cursos ofertados. Conta, também, com uma coordenação pedagógica e instrutores educacionais. Como método de ensino e aprendizagem adota a Pedagogia das Competências... (Coordenadora Pedagógica)

Perguntei-lhe, em seguida: qual “tipo de trabalhador” essa parceria SENAI/Grendene pretende formar? E, como se dá essa formação? A Coordenadora prossegue falando sobre os trâmites internos SENAI/Grendene, mais especificamente, sobre os processos de ingresso de jovens no programa Jovem Aprendiz, enfatizando, em sua fala, a questão da qualificação profissional do futuro trabalhador, como uma “oportunidade de adquirir conhecimentos”:

Bom, vamos socializar um pouquinho a questão de como é o nosso acesso ao “Jovem Aprendiz”. Então, por exemplo, a empresa Grendene, ela tem uma cota, por ela ser uma grande empresa, aliás, a maior empresa aqui da região. Com um quantitativo de 21.000 funcionários, precisa manter uma cota de “Jovem Aprendiz”. Não estou bem lembrada, mas acho que 5% do percentual do seu corpo funcional. O SENAI existe para atender a indústria, e a Grendene faz esse uso muito bem; ela precisa manter essa cota e o SENAI está aqui não só por ela, mas principalmente para ela, porque a cota dela é maior, mas ela de fato tem tido a maior demanda. A maior demanda que ela nos tem apresentado é do Curso de Confeccionadores de Calçados, uma demanda de produção na área de calçados. Então, por exemplo, no ano de 2015, a gente tem, como meta, atender a cota de 1.000 aprendizes lá dentro

da Grendene e aí é feita toda uma infraestrutura para atender essa demanda⁶⁸. Ano passado, em 08 de setembro de 2014, nós matriculamos 630 aprendizes que concluíram ontem. A empresa faz a seleção e matricula. O que acontece? Esses alunos passam quatro horas no SENAI, estudando dentro da qualificação do curso confeccionadores de calçados, e passam quatro horas na empresa desenvolvendo a prática profissional que eles estão estudando aqui. E aí, qual o diferencial do SENAI no mundo do trabalho, enquanto oportunidade para esses jovens? É a questão deles realmente se qualificarem no processo produtivo, na cadeia produtiva, porque eles não aprendem só colar, colar, colar. Eles aprendem o processo do curso como um todo, porque eles vão estar prontos não só para a Grendene, eles vão estar prontos, profissionalmente, para qualquer empresa, onde precisar. Eles passam por todo o processo, porque existe um plano de curso com cargas horárias desse nível, a cada unidade curricular. O quê que a gente chama de unidade curricular? É o conjunto das disciplinas. Então, o curso tem 420 horas... Lá eles colocam na prática o que eles aprenderam aqui: aí tem todo o conhecimento de máquina, de costura, de agulha, de linhas, de componentes; é um processo de conhecimento mesmo. Aí eles vão para a próxima etapa, que é a montagem, a modelagem, até chegar à produção do protótipo que é o resultado⁶⁹. Eles trabalham com moda, com criação, então, dentro do ponto de vista pedagógico, que é onde entra os pedagogos, foi que eu vim entender de fato o que eu estou fazendo aqui... Eu entrava nas máquinas e eu não conseguia me encontrar ali dentro. E quando eu comecei a ler os documentos do SENAI, passei a entender a necessidade de ter pedagogo aqui, porque, também, os instrutores, eles não são pedagogos e eles não são professores; eles foram contratados como instrutores educacionais, por terem o conhecimento técnico na área, seja na mecânica, seja no calçado, na solda, na automação. E aí, qual o papel do pedagogo? É trabalhar o pedagógico com ele? Aí entra toda a metodologia SENAI por competência, que é uma proposta maravilhosa que o SENAI desenvolve no Brasil todo que, inclusive, é padrão. (...) Então, as minhas impressões quanto ao ingresso dos jovens no “Jovem Aprendiz” é que eles não vêm pela oportunidade de adquirir conhecimento, mas adquirir conteúdo. É que, na cabeça deles, ‘eu vou arranjar um emprego na Grendene’, principalmente porque são motivados pela necessidade. Só depois descobrem a importância do aprendizado e da preparação para o mercado de trabalho. (COORDENADORA PEDAGÓGICA)

⁶⁸ Trata-se da instalação das Unidades de Aprendizagem Industrial – UAAI -, ao lado do complexo que forma o Polo Calçadista Grendene (ver foto 1). As referidas Unidades ofertam o curso de Confeccionador de Calçados, através do SENAI, atendendo, assim, as demandas do Programa “Jovem Aprendiz”.

⁶⁹ Ver foto 2. As fotos foram cedidas por dois cursistas, após conclusão do Curso Confeccionador de Calçados. As fotos revelam parte do “processo de trabalho” desses jovens, cujo aprendizado é realizado sob a orientação de um instrutor da área específica e as orientações da coordenação da pedagógica que, além da elaboração curricular, promove orientações junto aos instrutores e cursistas.

**Figura 3 – Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial – UAAI
Jovem Aprendiz – Curso Confeccionador de Calçados**



Fonte: Fotos cedidas por cursistas, 2015. (Com elaborações da pesquisadora)

A partir deste discurso da Coordenadora sobre esse novo tipo de trabalhador - mais ilustrado, mais informado, possuidor de níveis de escolaridade mais altos, com formação fundamentada na Pedagogia das Competências - cabe refletir sobre o intenso movimento de reformas educacionais que viriam a atingir todos os níveis da educação nacional. A partir de então, vem se consolidando, no Brasil, um empreendimento a favor da educação profissional, com um discurso fortemente vinculado ao fortalecimento do saber técnico-profissional, através da implementação de programas sociais como o “Projovem Trabalhador”, o “Pronatec”, o “Jovem Aprendiz”, entre outros. Tais programas desdobram-se em micropolíticas locais, sob a justificativa de elevar a escolaridade dos jovens, bem como potencializar sua inserção no mundo do trabalho. O diferencial é torná-los competitivos e capazes de disputarem um lugar no mercado de trabalho, conforme as suas normas e padrões preestabelecidos.

Como elemento central desses discursos e ações justificadoras, desponta o denominado “modelo de competências”⁷⁰, transformado em pedra de toque das reformas educacionais brasileiras. São vários os argumentos alardeados em torno de sua adoção. Dentre esta argumentação, destaca-se, como elemento do discurso oficial, as demandas, posta pelas transformações da sociedade, em diversas esferas, principalmente na econômica, considerando especificamente as sociedades emergentes. Neste sentido, propugna-se a exigência de constituir-se um novo sujeito social, tanto no plano coletivo, como no individual, capaz não só de conviver com tais transformações, mas, principalmente, tirar delas o melhor partido, tendo em vista o bem estar de países e pessoas.

Ramos (2001) remete ao exame crítico, de caráter teórico e político, do conceito de competência e da constituição do que denomina de “Pedagogia das Competências”, cuja origem, na França, remonta ao ensino técnico.

A referida autora analisa a “pedagogia das competências” a partir de duas dimensões: uma psicológica e outra socioeconômica. Enfocando especificamente a segunda dimensão, ressalta que a tendência hoje mais forte na “pedagogia das competências” é a que enfatiza o desenvolvimento de sujeitos que privilegiam seus projetos pessoais de profissionalização, em detrimento da perspectiva, que concebe a profissionalidade como resultado de construções e compromissos coletivos dos trabalhadores.

Na sua compreensão, mesmo que muitos críticos vejam como desvantagem a adoção do “modelo de competências”, torna-se claro que o mercado logo se adapta

⁷⁰ O novo e rápido ritmo da sociedade pós-industrial tem como foco uma mão de obra mais produtiva e competente, assim, o trabalho de maior valia não é mais baseado no domínio de um determinado conhecimento, mas aquele que possua competência, proatividade e fácil adaptação para atender as necessidades da nova conjuntura do mercado. Além da flexibilidade que o trabalhador deve assumir, também deve estar sempre apto às novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. É neste sentido que a qualificação perde espaço para a formação profissional baseada no “modelo de competências”. Sobre esta mudança, Ramos afirma que: “Nesse plano de indefinições, recupera-se o debate sobre qualificação como relação social, ao mesmo tempo em que se testemunha a emergência da noção de competência atendendo, pelo menos, a três propósitos: a) reordenar conceitualmente a relação do trabalho-educação, desviando o foco dos empregos, das ocupações e das tarefas para o trabalhador em suas implicações subjetivas com o trabalho; b) Institucionalizar novas formas de educar/formar os trabalhadores e de gerir o trabalho internamente às organizações e no mercado de trabalho em geral, sob novos códigos profissionais em que figuram as relações contratuais, de carreira e de salário; c) formular padrões de identificação de capacidade real do trabalhador para determinada ocupação, de tal modo que possa haver mobilidade entre as diversas estruturas de emprego em nível nacional e, também, em nível internacional (como entre países da União Europeia e do MERCOSUL). (RAMOS, 2001, p.39).

às mudanças do capital e, neste momento, uma formação sistemática e mediada pela experiência passa a ser considerada a mais favorável, tendo em vista a formação de um novo trabalhador, uma maior acumulação de capital e flexibilidade das empresas. Assim, tal “pedagogia das competências” é entendida pela autora como aquela na qual,

[...] em vez de se partir de um corpo de conteúdos disciplinares existentes, com base no qual se efetuam escolhas para cobrir os conhecimentos considerados mais importantes, parte-se de situações concretas, recorrendo-se às disciplinas, na medida das necessidades requeridas por essas situações. (RAMOS, 2001, p. 221)

O intuito, segundo os discursos correntes, é atender o perfil dos “novos trabalhadores” das empresas flexibilizadas. Diante desse tipo de proposta, a autora faz uma indagação: *tal pedagogia conduz à autonomização dos sujeitos a ela expostos ou à sua mera adaptação às mudanças no trabalho e na vida social?*

Eis uma questão-chave para discutir o “Pacto da Juventude”, na “Sobral das Oportunidades”. A rigor, essa cidade assume diferentes configurações, a partir dos olhares de distintos sujeitos. O olhar de determinados agentes institucionais, como o da Coordenadora Pedagógica do SENAI, parece corroborar com a ideia de uma Sobral que abre oportunidades para as juventudes trabalhadoras, pela via de políticas sociais de qualificação e inserção no mercado de trabalho. No entanto, é fundamental ver a Sobral que se revela na ótica dos “jovens aprendizes”. É a perspectiva de ver a cidade a partir dos seus sujeitos. E o que dizem os “jovens aprendizes”?

No sentido de apresentar Sobral na perspectiva de jovens, destaco alguns depoimentos dos “jovens aprendizes”, turma do SENAI, expressos durante o Grupo de Discussão⁷¹, realizado em junho de 2013, com um grupo de seis jovens. Iniciei pedindo que falassem um pouco das suas trajetórias profissionais, a partir de suas experiências na busca de trabalho, na cidade de Sobral. Também lancei outras

⁷¹ Grupo de Discussão realizado dia 13/06/2013, das 10h00min às 11h00min, na sala de reuniões da Coordenadoria Pedagógica do SENAI. Fomos recebidas pela Coordenadora Pedagógica, que logo nos deixou junto aos seis jovens, após sua “autorização” junto ao instrutor do curso, para que eles pudessem se deslocar para a sala de formação. Participaram desse GD: Rafa, Maiara, Luan, Samara, Rosa e Bel Costa. Iniciei pedindo que falassem um pouco das trajetórias que compunham suas experiências na busca de trabalho. Que tipo de inclusão propõe os programas oficiais? Quais desafios enfrentam esses jovens na luta pelo primeiro emprego?

questões, como: Que tipo de inclusão propõe os programas oficiais? Quais desafios os jovens enfrentam na luta pelo primeiro emprego?

Rafa, 20 anos, se antecipou falando da sua experiência no mundo do trabalho, em Sobral. Através da modalidade “Jovem Aprendiz” do Projeto Primeiro Passo, tem sua primeira experiência, aos 17 anos, numa loja de material de construção. Já aos 18 anos, parte para outra experiência, dessa vez, no Supermercado Lagoa. Atualmente, no Jovem Aprendiz, na modalidade aprendizagem industrial, junto ao SENAI e Grendene, recebe o correspondente a ½ (meio) salário mínimo, com carteira assinada por tempo determinado.

Falou de seus medos, sendo um deles, o de não dar conta do trabalho, pois achava muito pesado o trabalho da fábrica. Falou, novamente, do seu sonho de fazer Enfermagem na UVA, mas iria optar por Ciências Contábeis, porque, além de ter mais vagas, o emprego seria mais garantido. No momento atual, o que ganha dá apenas para dar conta das despesas de casa, restando quase nada para o lazer. Depois fala em se “engajar” - expressão utilizada por ele - para poder dar conta dos seus sonhos, como se formar num curso superior e ter outro estilo de vida. Assim se expressou:

O curso que faço, através do Jovem Aprendiz, foi a ‘oportunidade do momento’, mas não é bem o que quero. O conhecimento adquirido foi válido e servirá para as relações de trabalho futuras, especificamente as de comportamento.

E prossegue:

Os jovens de hoje são alienados... ao invés de fazerem coisas ‘produtivas’, investem em ações como ‘drogas’, não aproveitam bem o seu tempo livre e se envolvem com outras coisas. O jovem deve ocupar seu tempo livre com cursos técnicos, jogos, etc.

Sobre o mundo do trabalho em Sobral:

O mercado de trabalho em Sobral é muito competitivo. Se eu tiver preparado fica bom, se não, fica complicado. Ficar bom é ter conhecimento, significa saber lidar com os obstáculos que aparecerão. São muitas coisas que acontecem e que impedem a entrada no mercado de trabalho, tais como: não estar apto, estar fora dos padrões que o mercado exige. A culpa é de ambos: das pessoas que não procuram e das instituições que não oferecem os meios. [...] Eu mesmo já fui ao SINE oito (08) vezes e sempre exigem a apresentação de carteira do trabalho assinada, portanto, até hoje, não consegui nenhuma inserção profissional pelo SINE.

Em seguida, Maiara, 23 anos, também fala de sua experiência. Maiara é uma jovem de uma pequena cidade serrana, próxima a Sobral. Durante o período em que esteve participando do “Jovem Aprendiz”, morou com uma irmã, aqui em Sobral, pois não tinha como se deslocar todos os dias, por conta dos horários que deveria cumprir dentro do programa, alternando entre semana na Fábrica e outra semana no Curso de Formação de Produção de Calçados. Analisando os seus desafios, reflete:

Nunca trabalhei. Já fui ao SINE entre quinze a vinte vezes. Geralmente estabelecem um perfil: idade até 26 anos, que não tenha filhos e que tenha experiência. Particpei do PROJOVEM TRABALHADOR. Depois, soube do Projeto Primeiro Passo, na modalidade Jovem Aprendiz, e quis participar, mas logo fui excluída porque participava do PROJOVEM TRABALHADOR. Sempre fui muito inquieta e queria participar de todas as oportunidades que aparecessem em minha frente.

Ressalta as dificuldades que ora enfrentava:

Tinha acabado de fazer o Curso de Auxiliar Administrativo, através do PROJOVEM TRABALHADOR, mas na hora de buscar emprego, logo vem a exigência: ter experiência. Então, falta ‘oportunidade’. Quero lutar por essa ‘oportunidade’, pois ela é o meio para assegurar outras coisas. Quero fazer cursinho e depois fazer Zootecnia. Atualmente, recebo o valor de R\$ 318,00 (trezentos e dezoito reais), mas só recebo líquido R\$ 240,00 (duzentos e quarenta reais). Apesar das dificuldades enfrentadas, vejo Sobral como uma ‘cidade de oportunidades’. As agências excluem coletivamente os jovens pelo perfil que elas traçam: se é casada, com filho, faixa de idade, etc., você já é previamente excluído.

Já Luan, 19 anos, fala sobre seus medos pelo fato de ser gay⁷². Se sente desrespeitado e com poucas chances. Lamentou das posturas do pai que nunca acreditou nele. Relembrou fatos marcantes da sua infância, que hoje repercutem no seu comportamento, principalmente na sua timidez e receios.

Nunca fui procurar trabalho, porque tenho medo de ser repreendida. Faço ‘bicos’, como curso de cabeleireira, de maquiagem... Sempre procuro aquelas atividades que possivelmente serei aceita. [...] Quando ainda pequena e meu pai percebeu ‘meu jeito afeminado’, disse que eu não ia dar prá nada. O máximo que eu poderia ser era ser explorado nos postos de gasolina vendendo meu corpo. Eu nunca ia ser nada, nunca seria um profissional. Fiquei muito magoada e quero superar isso, provando pro meu pai que posso ser gente e vou ser alguém na vida. Foi daí que fui morar com minha avó, com quem moro ainda hoje. Ela me aceitou como sou e acredita em mim.

⁷² Durante nossos contatos, com o pequeno grupo que fez amizade e confiava, Luan queria receber tratamento feminino. Era uma pessoa muito discreta e foi difícil conquistar sua confiança. Era muito tímida. Participou de uns quatro encontros com o grupo que acompanhei, durante os quais se envolveu bastante e fez vários relatos, o que surpreendeu a todos. Depois pediu para não mais prosseguir nos encontros com esse pequeno grupo.

Falou de outras dificuldades que enfrenta, inclusive sobre seus deslocamentos na cidade, especialmente no trajeto da casa de sua avó até o SENAI e Grendene:

Saio todo dia de casa com os fones de ouvido, para não escutar as piadas e as discriminações e não olho para os lados por onde passo, para não aceitar as provocações e os olhares de desprezo. Outro problema é o banheiro das instituições, principalmente na Grendene, porque tenho que utilizar o banheiro masculino e tenho medo de ser atacada.

E desabafa quanto às exigências de um padrão de profissional para o mercado de trabalho, quando reflete:

Preciso me resguardar, preciso ter um outro estilo de me vestir, de me comportar, senão sofrerei, mais uma vez, o desprezo do povo. Para ser aceito, tenho que me vestir como homem, de prender meu cabelo [tem cabelo longo], porque tenho muito medo de ser repreendida. Fui uma única vez no SINE, já sabendo que não atenderia ao perfil desejado pelas empresas. São várias camadas, efeito camaleão, tenho que me ‘investir’ de uma possibilidade de aceitação. (LUAN)

Outra narrativa que destaco é a de Sávio Barbosa, 19 anos. Sua primeira experiência foi no Programa Jovem Aprendiz – SENAI/Grendene. Inicialmente, reflete sobre o campo de possibilidade profissional para os jovens, ao afirmar que,

Ir atrás de emprego em Sobral é, para o jovem, uma questão de necessidade. Em Sobral tem muito estágio. Prevalece um discurso de que aqui se dá experiência. O caminho é: primeiro a pessoa vai atrás da experiência e só depois é que vem o primeiro emprego. A Grendene recebe muito apoio do Governo, com o argumento que vai gerar muito emprego. Mas, que emprego? Que qualidade? Qualidade de emprego? Qualidade para a empresa, pois ela só qualifica para ela mesma.

Em seguida, Sávio questiona o caráter da primeira experiência exigido pelas empresas para o primeiro emprego. Coloca o exemplo de empresas já estabelecidas em Sobral que pedem experiência até para ser “repositor de perdas”, “encaixotador”, questionando se realmente há necessidade em você ter experiência para certos tipos de atividades.

Eles cobram experiência no primeiro emprego. Eu não entendo (!?). Eu não entendo muito bem porque eles pedem experiência, porque teve a abertura agora de uma empresa aqui em Sobral, a Itaipava, e eles pediam experiência até para empilhar caixa, para ser ajudante de motorista, e nem precisa, porque a pessoa vai aprendendo e eles cobram isso no primeiro emprego e, não tem como, porque, no nosso caso, os jovens, a experiência da gente era o quê? Experiência escolar que a gente tinha. Dialogava sobre essa situação durante os seminários na Universidade,

dizendo que a única coisa que temos é a nossa experiência no Projeto, só isso. E a gente vai para um lugar totalmente diferente. Pediam experiência para trabalhar na Grendene com calçados, e eu acho que a única empresa que é hegemônica e maior assim em Sobral e na região norte do Ceará é a Grendene, não tem outro local. Tanto é que a gente estava discutindo da utilidade do nosso curso, que a gente fez lá, para confeccionadores de calçados. A gente poderia criar uma loja artesanal, mas assim só serviria para a Grendene, no caso se fosse algum requisito de alguma empresa ou se fosse para ser algum instrutor do SENAI. Até agora a pouco abriu uma vaga para instrutores do SENAI e cobravam o curso de confeccionadores de calçados e a experiência na Grendene, porque já era familiarizado com aquilo. E a maioria dos nossos professores da UAAI lá do SENAI, a maioria deles já foi ex-funcionário da Grendene e agora estão trabalhando lá agora (SÁVIO).

Apreciando estas falas, constata-se que estas juventudes, inseridas nos programas de qualificação profissional, levantam questões quanto à funcionalidade destas formações para o exercício do trabalho efetivo no mundo laboral, inclusive na Grendene.

Sinto-me profundamente interpelada pelos discursos dos agentes profissionais e dos jovens como via de acesso a Sobral que se constitui na contemporaneidade. E valho-me de Martins, ao afirmar que “é sempre possível ao sociólogo indagar e explicar, com maior clareza do que em outra parte, o modo como a fratura se impõe à sociedade e a desafia” (2008, p. 14).

Desse modo, enveredo por uma discussão da Sobral que, no século XXI, configura-se em meio às suas contradições, no complexo jogo das relações sociais. Nesse sentido, nas várias faces desta cidade, sínteses de suas contradições, estão presentes as marcas desses sujeitos com suas memórias e, principalmente, com suas lutas, para a realização de seus projetos de vida.

Nas suas diversas ocupações nos espaços laborais da cidade, esses jovens vão constituindo suas trajetórias profissionais, desenhando na cidade “feições que estão fora das demarcações de territórios feitas na cartografia dominante” (CASSAB, 2001, p. 35). No processo de imposição de suas presenças, na luta constante por uma oportunidade no mundo do trabalho, esses jovens negociam sua marca na cidade e, por extensão, na vida social.

Desse modo, a ideia de negociação é de fundamental importância, para que se possa perceber as múltiplas formas que os sujeitos criam de resistência à aniquilação que os violentos processos de exclusão social produzem. A noção de

negociação é ainda chave para apreender como se dá os processos de encaixes das diversas e fragmentadas experiências na construção de suas identidades profissionais.

Na dinâmica expositiva das narrativas de Sobral, cabe circunscrever elementos-chave sobre a chamada Sobral do “Trabalho Pleno”, a assumir o “Pacto pela Juventude”.

4.1 Sobral no contexto do Ceará do século XXI: o mito do “Trabalho Pleno”

Figura 4 – Sobral e sua distribuição territorial



Fonte: Projeto FIAS, 2014.

4.1.1 SOBRAL: um desenho preliminar

De qual Sobral estou falando? Nos circuitos da História, qual a Sobral que busco circunscrever nesta minha narrativa? Que dimensões da vida sobralense se impõem neste esforço investigativo, que ora empreendo?

Em verdade, nos meus percursos investigativos, busco configurar Sobral na contemporaneidade, circunscrevendo o tempo presente, nesta sua trajetória de mais

de dois séculos no contexto do Ceará. Para tanto, valho-me de documentos a consubstanciarem registros-chave neste desenho da cidade, chamada “Princesa do Norte”.

Durante as minhas andanças em espaços da cidade, tive acesso a diagnósticos, a planos, a relatórios, enfim, a documentos⁷³ que me possibilitaram ir adentrando nas tessituras do tecido sobralense, focando sobretudo o mundo do trabalho e as políticas de qualificação e inserção de juventudes empobrecidas neste mundo laboral, em permanentes deslocamentos e mutações. E, fui compondo retratos da realidade sobralense, em esboço. Senão vejamos!

Sobral, cidade que dista 230 km de Fortaleza, a capital do estado do Ceará, congrega uma população residente estimada em 201.755 habitantes, conforme dados do IBGE (2015)⁷⁴. Apresenta uma densidade demográfica de 88,67 habitantes por km², sendo considerado mais densamente povoado que o Estado do Ceará como um todo.

É considerada, em 2008, a terceira cidade em Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM)⁷⁵, no Estado. Em 2010, revela um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)⁷⁶, na ordem de 0,174. É classificada, em 2007, como a

⁷³ Destaco especialmente os seguintes documentos: “Diagnóstico de Inclusão Produtiva de Sobral”; Relatórios e avaliações dos instrutores; Tabelas consolidadas das demandas e atendimentos das agências de intermediação de mão de obra; fichas e cadastros com os perfis de jovens inscritos nos projetos, entre outros.

⁷⁴ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231290>. Acesso em setembro de 2015.

⁷⁵ O Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM) contempla a ideia de uma análise multidimensional, que por meio de técnicas estatísticas traduz o nível de desenvolvimento relativo de cada um dos municípios cearenses em um indicador. Ao todo são trabalhados trinta indicadores agrupados em quatro: os grupos ligados a aspectos fisiográficos, fundiários e agrícolas, demográficos e econômicos, de infraestrutura e sociais. Essa característica faz do IDM um índice amplamente utilizado no acompanhamento das condições de desenvolvimento dos municípios do Ceará, constituindo um instrumento de diagnóstico e de referência para a proposição e orientação de políticas públicas. (IPECE, 2010)

⁷⁶ O IDHM O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. O IDHM brasileiro segue as mesmas três dimensões do IDH Global - longevidade, educação e renda, mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios brasileiros. Assim, o IDHM - incluindo seus três componentes, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda - conta um pouco da história dos municípios em três importantes dimensões do desenvolvimento humano durante duas décadas da história brasileira. Disponível em [http://cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=23&codmun=231290&idtema=16&codv=v20&search=ceara\[sobral\]\[sintese-das-informacoes-](http://cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=23&codmun=231290&idtema=16&codv=v20&search=ceara[sobral][sintese-das-informacoes-) E,

terceira em Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R)⁷⁷. Sobral, desde o início da década de 1990, vem promovendo uma política de desenvolvimento e modernização do espaço urbano, considerada a mais diversificada do interior do Ceará, com reconhecimento veiculado em várias mídias, em nível nacional e, até mesmo, internacional (LIMA, 2013).

Sobral é um município situado na região norte do estado do Ceará, com área total de 2.122,99 km, com uma média de 3,7 pessoas por domicílio. É um município considerado de grande porte⁷⁸, subdividido em 12 distritos, a saber: Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Rafael Arruda, Patos, Patriarca, São José do Torto e Taperuaba. Do total de habitantes, 31.838 famílias estão registradas no Cadastro Único e deste contingente, 19.085 famílias recebem auxílio do Programa Bolsa Família, correspondendo a um percentual de 38,66% da população total do município. E, 5.887 pessoas recebem auxílio do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS -, de junho de 2011 a junho de 2013, o total de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família aumentou em 4,97%.

Segundo o MDS, em maio de 2013, do total de famílias inscritas no Cadastro Único, 12.667, ou seja, 23,32% estavam com renda per capita familiar de até R\$ 70,00 (setenta reais), caracterizando-se como extrema pobreza e 20.866, com renda per capita de até R\$ 140,00 e 29.540 com renda per capita de até meio salário mínimo. (PMS/SDS, 2013).

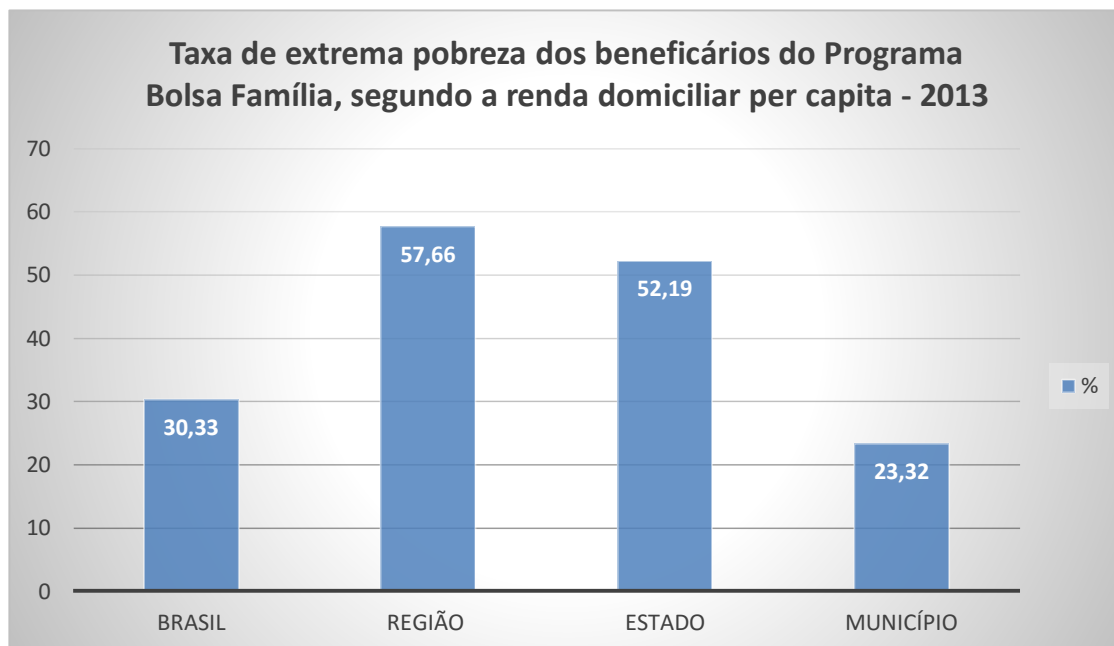
Para se avaliar a situação do município quanto ao contingente populacional imerso em extrema pobreza beneficiários do Programa Bolsa Família, é relevante considerar o gráfico apresentado a seguir:

http://www.pnud.org.br/IDH/IDHM.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDHM. Acesso em setembro de 2015.

⁷⁷ Ver: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2010/Sobral.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2010.

⁷⁸ De acordo com a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), são considerados municípios de grande porte aqueles com população entre 100.001 a 900.000 habitantes. (PNAS, 2004).

Gráfico 1 – Taxa de extrema pobreza dos beneficiários do PBF



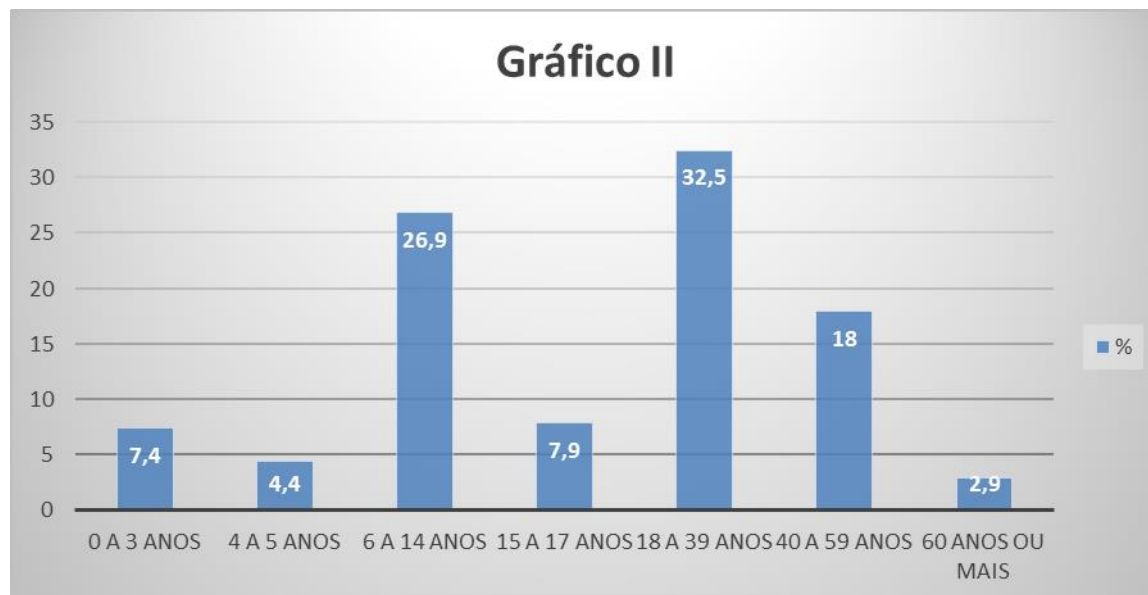
Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)

Dados do Censo demográfico de 2010 indicam que, do total da população sobralense, 88,35% são residentes da área urbana e 11,65%, residem em área rural. Desse total, a população com faixa etária de 15 a 59 é da ordem de 122.640 habitantes, representando 65,2% da população do município. Deste contingente, 18.380 pessoas ou 9,8% se encontram em situação de extrema pobreza, sendo que 34,4% (6.318 pessoas) residem na zona rural e 65,6% (12.062 pessoas) residem em área urbana. A população na faixa etária de 15 a 59 anos⁷⁹ em situação de extrema pobreza somava, então, um total de 10.742.

Considerando a faixa etária de 0 a 60 anos ou mais, o quadro da situação de extrema pobreza assim se configura:

⁷⁹ Esta demarcação de faixa etária 15 a 59 anos está circunscrita no Diagnóstico de Inclusão Produtiva de Sobral (2014), considerando a população alvo do PRONATEC.

Gráfico 2 – Distribuição percentual da população extremamente pobre por faixa etária



Fonte: Boletim do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Extrema Pobreza (MDS) – Dados municipais: Sobral – CE.

Com relação ao gênero, segundo o censo de 2010, 9.456 (51,4%) das mulheres sobralenses se encontravam em situação de extrema pobreza e 8.925 homens (48,6%) eram extremamente pobres. Já com relação à declaração de cor dos extremamente pobres do município, 3.695 (20,1%) se declararam brancos, 14.493 (78,9%) se classificavam como negros ou pardos e 192 (1%) se declararam amarelos ou indígenas.

Com relação à escolaridade dos indivíduos extremamente pobres em Sobral, 3.640 habitantes com mais de 15 anos não sabiam ler ou escrever representando 34% do total de extremamente pobres nessa faixa etária⁸⁰.

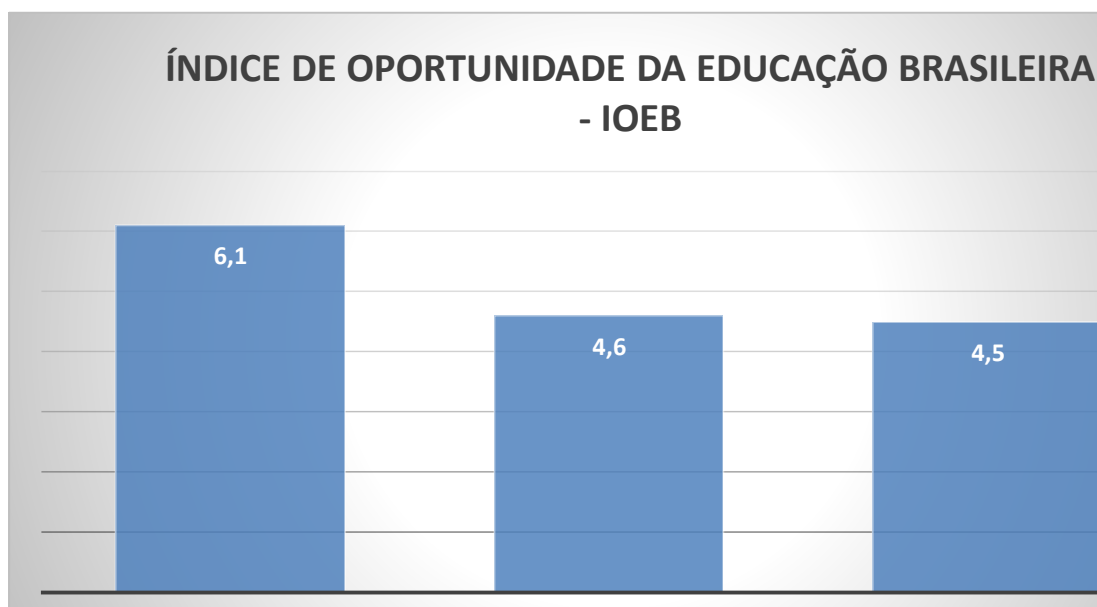
Cabe destacar, como informação relevante, o fato de, segundo dados do Índice de Oportunidade da Educação Brasileira (IOEB)⁸¹, Sobral ser considerado o melhor Índice de Oportunidade de Educação, obtendo o Índice Geral de 6,1, o que

⁸⁰ Este dado está a exigir uma discussão, considerando o destaque conferido ao município de Sobral no campo da Educação.

⁸¹ O IOEB pode variar de 0 a 10 e mostra a qualidade das oportunidades educacionais no município. O IOEB engloba todas as redes educacionais do município e contempla todas as crianças e adolescentes em idade escolar, incluindo também quem está fora da escola e não deveria estar.

Ihe confere o 1º lugar no ranking geral dos municípios brasileiros, de acordo com o Gráfico abaixo:

**Gráfico 3 – Índice de Oportunidade de Educação (IOEB)
Comparação das médias dos índices**



Fonte: www.ioeb.org.br, 2015 (elaboração da pesquisadora)

Destaco, abaixo, a reportagem veiculada em 08 de outubro de 2015, intitulada “Sobral tem melhor Índice de Oportunidades da Educação Brasileira entre 5.241 cidades avaliadas em todo o país”⁸²:

Sobral é o município do Brasil que oferece as melhores oportunidades de educação de qualidade para crianças e adolescentes. Foi o que apontou o Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IOEB), divulgado nesta quarta-feira (7), pelo Centro de Liderança Pública com o apoio do Instituto Península, da Fundação Roberto Marinho e da Fundação Lemann. Com nota 6,1, Sobral conquistou o 1º lugar entre 5.241 cidades avaliadas em todo o país, resultado superior ao do Ceará (4,6) e do Brasil (4,5). Entre os dez primeiros colocados, Sobral é o maior de todos com uma população estimada em 202 mil habitantes, segundo o IBGE. Desenvolvido pelos mesmos criadores do IDEB, o IOEB engloba da educação infantil ao ensino médio de todas as redes educacionais do município - rede estadual, municipal e privada-

incluindo também quem está fora da escola e não deveria estar [...] Esse resultado é reflexo da política educacional do Município, que tem como alicerces a formação continuada dos professores, o fortalecimento da gestão escolar, a adoção de práticas rigorosas de avaliação interna e a oferta de infraestrutura de qualidade [...] O IOEB revela que uma pessoa que mora em Sobral tem melhores oportunidades de atendimento educacional de qualidade que alguém que mora em São Paulo.

O nível de escolaridade dos indivíduos extremamente pobres em Sobral revela, claramente, que há uma grande disparidade entre as oportunidades de acesso à escolarização, em muito determinado pelo binômio gênero e cor. Exemplo dessa assimetria pode ser visto ao se comparar o percentual de distribuição de pessoas extremamente pobres por faixa etária, cuja análise do gráfico 2, revela uma incidência ao se considerar outros fatores como gênero e cor.

Através dessa breve amostra das desvantagens experimentadas por jovens em extrema pobreza, especialmente mulheres e negros, em relação ao acesso às oportunidades de vida, fica patente como a questão racial e a questão de gênero são elementos de clivagem na exclusão social. No universo pesquisado ela vai estar associada à juventude, que é outro elemento reforçador dos processos de exclusão.

Algumas questões podem ser sinalizadas em direção ao aprofundamento das discussões sobre os processos sociais de exclusão de jovens das periferias urbanas, no sentido de se buscar perceber suas possibilidades de inclusão educacional e profissional. Será necessário responder ainda como o conjunto de imagens produzidas em torno das juventudes está presente na vida desse segmento social, também como justificativa de sua exclusão no mundo do trabalho.

Cabe ressaltar que, segundo o Diagnóstico de Inclusão Produtiva de Sobral, elaborado em 2013, a partir da década de 90, Sobral experimentou um crescimento populacional mais intenso que nos anos 80, revelando incrementos substanciais na sua população urbana, com a ampliação da população em idade de trabalhar. Este fato exerce uma maior pressão sobre o mercado de trabalho local, com influência no patamar de desemprego, exigindo da economia do município a geração de um maior número de oportunidades de ocupação e renda. É a demanda por emprego na contemporaneidade sobralense.

4.1.2 Sobral nos circuitos do Projeto “Trabalho Pleno”

Assim, com o intuito de combater o desemprego em Sobral, o governo municipal lança o “Projeto Trabalho Pleno”, implantado em 1997, sendo esse uma política pública municipal, instituída com o intuito de gerar emprego e renda no município, conforme bem circunscreve Lourenço⁸³, que exerceu a Coordenação da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, no período de 2001-2004. Na avaliação de Fernando Coelho⁸⁴, Secretário dos Negócios da Indústria, Comércio e Turismo, no período de 1997-2000: “o Trabalho Pleno tem o objetivo de garantir a melhoria da qualidade de vida da população, através da geração de emprego e renda”. (COELHO, 2000, p. 56).

Em Sobral, o Trabalho Pleno foi implantado com o propósito de gerar 7.500 postos de trabalho até o ano 2000. Destinado a todos os habitantes do Município em idade ativa⁸⁵, especialmente aos que se encontravam fora do mercado de trabalho, o Projeto Trabalho Pleno, em sua versão original, apresenta os seguintes objetivos específicos: fomentar a criação de negócios e a manutenção ou ampliação de atividades lucrativas, através de ações que facilitem a capacitação e o acesso ao crédito de forma simplificada e de baixo custo; elevar a oferta de empregos formais a partir da atração de investimentos; fortalecer os negócios, apoiando a divulgação e comercialização de produtos através da realização de feiras, exposições e outros eventos (LOURENÇO, 2003).

As principais ações do “Projeto Trabalho Pleno” incidiam, então, na capacitação e no crédito para micro e pequenos negócios (indústria, comércio e serviços) dos setores formal e informal. As ações de capacitação estavam focalizadas, à época, na capacitação gerencial e na qualificação profissional.

A qualificação profissional efetivou-se, então, pela oferta de cursos profissionalizantes, através das instituições parceiras: Banco do Nordeste, IDT, SEBRAE, SESI, SESC, SENAC, CDL e a UVA. De 1997 a 2000, foram ministrados em Sobral, através do Trabalho Pleno, oitenta cursos, beneficiando 1.769 pessoas.

⁸³ Em 2003, Maria Salvelina Marques Lourenço lança, pelas edições UVA, o livro: “Trabalho Pleno: construção do desenvolvimento local”.

⁸⁴ COELHO, Luís Fernando Viana. Trabalho Pleno: um desafio de política pública. SANARE: Revista Sobralense de Políticas Públicas, Ano II nº 3, p. 56-59, out/nov/dez. 2000.

⁸⁵ Idade ativa ou população economicamente ativa – PEA : segmento da população total composto pelas pessoas com idade a partir de 10 anos.

Além da capacitação e do crédito, o Trabalho Pleno contempla outras ações, como: a atração de investimentos, a identificação de oportunidades de negócios e o apoio à comercialização. Conforme Lourenço (2003), a atração de investimentos permitiu a geração de 5.933 postos de trabalho no Município, de 1997 a 2000.

Nos últimos quinze anos, o Projeto Trabalho Pleno vem recebendo redefinições, em cada gestão municipal que se sucede, de acordo com o contexto econômico e político de cada gestão. Merece especial destaque os Projetos e Programas implementados pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico, nos últimos quatro anos, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Programas e Projetos da Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Social (STDE) de Sobral – CE⁸⁶

PROGRAMAS	PROJETOS
Programa Trabalho Pleno – PTP	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Circuito de Feiras nos Bairros e Distritos • Projeto Artesanato • Projeto Confeção • Projeto Beleza Rende • Projeto EI (empreendedor itinerante)
Programa de Desenvolvimento Tecnológico – PRODETEC	<ul style="list-style-type: none"> • Projeto Teia Digital • Programa de Qualificação Profissional da Construção Civil
Programa de Desenvolvimento de Eventos e Negócios – PRODENE	
Programa de Desenvolvimento Econômico – PRODECON	

Fonte: STDE, 2015. (com elaboração da pesquisadora)

Na atual gestão municipal, o Trabalho Pleno é um programa de geração de trabalho e renda do município de Sobral, que visa apoiar micro e pequenos negócios formais e informais. Alicerçado na capacitação, no crédito produtivo e no apoio à comercialização, funciona em regime de parceria com diversas organizações

⁸⁶ Disponível em: http://www.sobral.ce.gov.br/site_novo/sec/stde/. Acesso: setembro 2015.

públicas e privadas. Este Programa busca alcançar seus objetivos, também, através do apoio, participação e realização de feiras, seminários, convenções, congressos, palestras, missões empresarias, entre outros. Tem como objetivo principal: promover a melhoria da qualidade de vida da população de Sobral, através da geração de trabalho e renda.

Após configurar as proposições e linhas de ação que consubstanciam o “Projeto do Trabalho Pleno”, em Sobral, adentro no período que compreende os anos 2012-2015, incidindo o olhar sobre a inclusão produtiva na realidade sobralense, cujas raízes remontam à proposta do Trabalho Pleno, agora atualizada a partir da sua adesão deste município ao PRONATEC, em 2012, através de sua modalidade Brasil sem Miséria – PRONATEC/BSM⁸⁷ - e, posteriormente, com a adesão ao Programa Nacional da Promoção do Acesso ao Mundo do Trabalho (ACESSUAS/TRABALHO)⁸⁸, com a criação da Agência de Inclusão Produtiva de Sobral, em maio de 2014.

⁸⁷ O Plano Brasil Sem Miséria (BSM), coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), dispõe de um conjunto de programas e ações de incremento da formação técnica e profissional das pessoas em situação de vulnerabilidade social que estejam inscritas ou em processo de inclusão no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico). Uma dessas iniciativas é a parceria com o Ministério da Educação (MEC) no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), criado pela Lei nº 12.513/ 2011. Essa parceria prevê a oferta gratuita de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou qualificação profissional, por meio da Bolsa-Formação Trabalhador, para pessoas inscritas ou em processo de inclusão no CadÚnico, com prioridade para os beneficiários do programa Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada (BPC). A oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) para pessoas inscritas ou em processo de inclusão no CadÚnico, através do Pronatec/BSM, é articulada com outras políticas públicas de inserção profissional do Plano Brasil Sem Miséria, como ações de intermediação pública de mão-de-obra, de economia solidária e de apoio ao microcrédito e ao empreendedorismo individual. (CARTILHA PRONATEC/BSM, 2012)

⁸⁸ Com o Programa Nacional de Promoção do Acesso ao Mundo do Trabalho (ACESSUAS TRABALHO), a Assistência Social passou a ser a grande articuladora do PRONATEC. O ACESSUAS transfere recursos para que os gestores municipais possam mobilizar e encaminhar os beneficiários dos programas sociais às ações de inclusão produtiva, um dos eixos do Plano Brasil Sem Miséria. Esse dinheiro pode ser usado para o pagamento de equipes técnicas, ações de busca ativa, confecção de panfletos, aluguel de salas de reuniões, contratação de carro de som, entre outras ações. Além de estimular a participação em cursos de qualificação profissional, o ACESSUAS TRABALHO orienta a população a procurar órgãos de intermediação de vagas no mercado de trabalho, como o Sistema Nacional de Emprego (SINE).

4.1.3 A Agência de Inclusão Produtiva de Sobral

Figura 5 – Agência de Inclusão Produtiva de Sobral⁸⁹



Fonte: <https://www.facebook.com/agenciadeinclusao>, 2015 (elaboração da pesquisadora)

Cabe refletir sobre os fundamentos que dão sentido à criação de programas e ações em prol da inclusão produtiva, enfocando, de modo especial, o universo das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza e/ou dos que se encontram às margens do mundo do trabalho. Assim, merece destaque os programas implementados nos últimos quinze anos, que coincidem com os Governos Lula (2003-2010) e o primeiro governo Dilma Rousseff (2011-atualidade), a partir dos quais se identifica um forte investimento em programas que reatualizam a associação entre educação profissional e assistência social. Tal foco já foi explorado em nosso país, na chamada era FHC (1995-2002), que deu ênfase à possibilidade de superação da extrema pobreza, com inserção no mercado de trabalho para parcela de mão de obra a ser qualificada.

⁸⁹ Fotos e informações também foram obtidas na página do Facebook da Agência: <https://www.facebook.com/agenciadeinclusao> e no Blog de Sobral: <http://blog.sobral.ce.gov.br/2014/11/agencia-de-inclusao-produtiva-de-sobral.html>.

A rigor, a questão do saber profissionalizado em adequação às necessidades e exigências do mercado de trabalho, permite que as propostas de qualificação profissional permaneçam e ganhem novas versões ao longo dos anos. O PRONATEC⁹⁰, em se tratando de um novo programa criado em 2011, associando estes mesmos fatores, é instituído na perspectiva de “superar esse aspecto assistencialista”, tendo como objetivo principal, dentre outros,

Expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de educação profissional técnica de nível médio e de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional presencial e à distância; construir, reformar e ampliar as escolas que ofertam educação profissional e tecnológica nas redes estaduais; aumentar as oportunidades educacionais aos trabalhadores por meio de cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; aumentar a quantidade de recursos pedagógicos para apoiar a oferta de educação profissional e tecnológica; melhorar a qualidade do ensino médio.⁹¹

Em Sobral, a Secretaria de Desenvolvimento Social e do Combate à Extrema Pobreza (SDS), ao criar dentro da sua estrutura, em 2014, uma Agência de Inclusão Produtiva, busca, de fato, instituir uma Agência, criada nos moldes de uma Agência de Intermediação de mão de obra para o mercado sobralense. Segundo um Agente de Inclusão Produtiva, esta instituição “*não veio para competir com o SINE/IDT, mas para que a SDS pudesse ter um melhor acompanhamento sobre oferta de empregos e cuidasse da qualificação e encaminhamento para o mercado de trabalho*”⁹².

Nos meus percursos de pesquisa, busquei compreender o trabalho desenvolvido por esta Agência, em contatos informais e entrevistas com agentes institucionais. De modo especial, resgatei a visão da Psicóloga⁹³ sobre a referida Agência, e a dinâmica do trabalho, caracterizado de inclusão produtiva.

⁹⁰ O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), foi criado pela Lei nº 12.513/ 2011.

⁹¹. Disponível em: <http://pronatec.mec.gov.br/institucional-90037/objetivos-e-iniciativas>. Acesso em 06 de maio de 2015.

⁹² Essa fala foi expressa em um Grupo Focal, realizado em 27/05/2014, reunindo dois Agentes de Inclusão Produtiva, - que as denomino “agente de inclusão” e “psicóloga”, respectivamente; duas ex-coordenadoras, sendo uma do Projovem Adolescente e uma do Projovem Trabalhador, e um instrutor dos cursos ofertados pelo SEST/SENAR.

⁹³ No dia 04/03/2014 fui recebida pela Psicóloga⁹³ daquela Agência, que logo se mostrou disponível para nossa conversa, mesmo estando “atribulada”, pois estava concluindo os relatórios mensais, que comporiam o relatório anual da Agência. Vale destacar, que no final desse nosso primeiro contato (outros se sucederam), recebi “de presente” o Diagnóstico de Inclusão Produtiva – PRONATEC/BSM 2013, cujos dados e informações são utilizadas e analisadas nessa tese.

Esta profissional deu especial ênfase ao Programa de Desenvolvimento Econômico (PRODECON)⁹⁴. Em sua narrativa destaca:

*As ações da Agência de Inclusão Produtiva são orientadas pelos desejos e necessidades das comunidades, levantados nos processos que chamamos de **Territorialização** (grifo meu), que é uma ação realizada pelos CRAS's do município. A partir dessas demandas, que chegam a Agência, através destes CRAS⁹⁵, são elaboradas as ações e projetos de inclusão produtiva. Os cursos, por sua vez, são ofertados pelo SENAI, SEST/SENAR, SESC, através de seu "Banco de Oportunidades", ou até mesmo nas próprias sedes dos CRAS, para ficar mais próximo das comunidades. (PSICÓLOGA, 2014).*

Neste sentido, cabe destacar o mapeamento dos CRAS em Sobral e os respectivos territórios em que atuam, conforme o explicitado na Tabela a seguir:

Quadro 2- Distribuição dos CRAS por território

CRAS	TERRITÓRIOS
Irmã Osvalda (Sede)	Alto da Brasília, Parque Silvana, Alto da Expectativa, Betânia, Campos dos Velhos, Centro, Colina, Coração de Jesus, Vila Recanto.
Regina Justa (Sede)	Cidade Dr. José Euclides Ferreira Gomes Jr., Cidade Pedro Mendes Carneiro, Junco, Pe. Ibiapina, Domingos Olímpio, Vila União.
Dom José (Sede)	Dom José, Alto do Cristo, Santa Casa, Sumaré, Pe. Palhano.
Mimi Marinho (Sede)	Dom Expedito, Cohab I, Cohab II, Pedrinhas, Sinhá Sabóia, Tamarindo
Aracatiaçu (Distrito)	Aracatiaçu, Bilheira, Caioca, Caracará, Patos, Patriarca, Salgado dos Machados, Taperuaba.
Jaibaras (Distrito)	Jaibaras, aprazível, Baracho, Bonfim, Jordão, Rafael Arruda, Torto.

Fonte: Diagnóstico de Inclusão Produtiva, 2013 (com elaborações da pesquisadora)

Na configuração do trabalho de qualificação da Agência de Inclusão Produtiva, a Psicóloga, como agente institucional, afirma:

⁹⁴ O PRODECON é um programa que tem como objetivo principal atrair para Sobral empresas de mão-de-obra intensiva, não poluentes, ou que possuam elevado grau tecnológico, que se integrem à cadeia produtiva local e estimulem a implantação de um núcleo de indústrias modernas. Os investimentos considerados prioritários são: Materiais de construção civil e mineração; Metalurgia; Moveleira; Calçados, vestuário e cadeias produtivas; Agroindústrias e produtos alimentares; Serviços industriais; Reciclagem de materiais; Shopping centers e empresas comerciais de grande porte; Hotéis e investimentos no Centro Histórico.

⁹⁵ Os Centros de Referências de Assistência Social – CRAS – são as unidades constituintes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no âmbito da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), do ano de 2004.

Recebemos os egressos dos cursos de qualificação e aperfeiçoamento. No Guia FIC⁹⁶, 3ª edição 2013, constam seiscentos e quarenta cursos para serem ofertados. Tomamos esse guia como orientação para nossa oferta. A bolsa que os participantes recebem, pode ser mais ou menos uns R\$ 100,00, e depende do curso e da ofertante. Os cursos são organizados por eixos temáticos diferentes. (PSICÓLOGA, 2014)

Nos meus percursos e andanças, no contexto institucional sobralense, busquei demarcar referenciais no âmbito das políticas públicas de trabalho e qualificação profissional. De fato, a Agência de Inclusão Produtiva afirma-se como uma referência no trabalho de qualificação e intermediação de mão de obra em Sobral em articulação com os CRAS⁹⁷.

Outra agente de inclusão produtiva, Mari, assim se refere à Agência e seu trabalho, enfocando, inclusive aportes sobre as ações institucionais e seus impactos na vida dos jovens e outros sujeitos que buscam os serviços da Agência.

Sobral possui seis CRAS, sendo quatro na Sede: Irmã Osvalda, Regina Justa, Mimi Marinho e Dom José – Pe. João Batista, e outros dois nos Distritos: Jaibaras e Aracatiaçu. O Pronatec atende suas demandas de territorialização e pré-matrícula dentro dos CRAS através do serviço do Agente de Inclusão Produtiva, ficando um agente em cada CRAS, para a realização do reconhecimento do território, mobilização do público alvo, visitas residenciais e institucionais para divulgação dos cursos e posteriormente para a realização da pré-matrícula dos discentes, organização dos documentos e encaminhamento a ofertante para a efetivação da matrícula.

As ofertantes – SENAC, SENAI, SENAT, IFCE -, são responsáveis pela oferta de cursos, realização e a certificação dos alunos, de acordo com o processo de pactuação feito entre elas, Governo Federal e Governo Municipal, de acordo com as demandas encontradas nos processos de territorialização da cidade. Após isto as mesmas realizam o processo de matrícula e formação de turmas e posteriormente a realização de aulas - que podem acontecer dentro da sede, localidades vizinhas ou nos bairros, como meio de facilitar a presença dos alunos e diminuir a evasão. Após a conclusão dos cursos a ofertante certifica os alunos concludentes.

A Agência de Inclusão Produtiva funciona como ponto de apoio para os agentes de inclusão produtiva, sendo local de trabalho dos analistas de inclusão, responsáveis pelas reuniões de ajustes do programa, acompanhamento das turmas junto as ofertantes, construção de currículos, realização de palestras sobre as mudanças, exigências e necessidades do mercado de trabalho, contato e parcerias com

⁹⁶ Os cursos a serem ofertados no âmbito do Pronatec/BSM, especificados no Guia Pronatec de Cursos Formação Inicial e Continuados (FIC), devem ser adequados a pessoas com baixa escolaridade.

⁹⁷ Após esse encontro realizado na Agência, busquei novas informações que pudessem esclarecer seu papel e importância na articulação das ações voltadas para a inclusão produtiva de jovens, bem como para a implementação de políticas públicas de trabalho e qualificação profissional. Também fui orientada a percorrer outras instituições, esboçando, assim, a rede institucional que demarca o mundo do trabalho em Sobral.

empresas e SINE-IDT para encaminhamentos dos egressos a vagas. O principal objetivo deste equipamento é facilitar a inserção dos alunos concludentes no mercado de trabalho.

O SINE-IDT é o principal responsável por encaminhamentos na cidade de Sobral, recebendo as demandas de mão de obra das empresas, divulgando as vagas existentes e os pré-requisitos necessários e em alguns casos, executando todo o processo de seleção dos candidatos. Como forma de melhorar os encaminhamentos da mão de obra capacitada através dos cursos do PRONATEC foi estabelecida, entre a Agência de Inclusão e o SINE IDT, no ano de 2014, uma parceria para facilitar o acesso as informações relacionadas as vagas, e aos encaminhamentos. A parceria mostrou resultados pouco expressivos, tendo em vista dificuldades entre as exigências de perfil das empresas, que em sua maioria exige experiência como fator primordial, dificultando a inserção de profissionais recém-capacitados. (MARI, AGENTE DE INCLUSÃO, 2014)

Como pesquisadora, tive acesso a planilhas e outros documentos⁹⁸ da Agência de Inclusão Produtiva, que consolidam os fluxos de trabalho, conforme a figura abaixo:

Figura 6 - MAPEAMENTO DO FLUXO DE AÇÕES PRONATEC – BRASIL SEM MISÉRIA – SOBRAL –CE



Fonte: Fluxo elaborado com a colaboração da Agente de Inclusão Produtiva, 2014.

⁹⁸ No dia seguinte, após a realização do grupo focal, Mari enviou-me várias planilhas com as informações das ações consolidadas naquele período, bem como uma síntese, que contempla ações da agência e percursos a serem trilhados pelos que a buscam, conforme roteiro abaixo:

No tocante as dificuldades encontradas nesse processo, como: busca de cursistas, oferta de cursos, relação da Agência com as ofertantes e as Secretarias de Sobral (STDE e SDS), a Mari logo se pronunciou:

Dentro desse processo o que mais me chamou atenção, é o grande o grande número de pessoas, porque a gente na verdade achava que ia ter dificuldade de encontrar essas pessoas, de mobilizar essas pessoas e, na verdade, a gente não tinha. Existem alguns bairros que não tem essas dificuldades, mais é muito difícil conseguir fechar um curso, porque isso se deve principalmente a questão da bolsa. Porque como tem o auxílio, e esse auxílio é uma das primeiras coisas que o aluno pergunta: qual valor e tudo mais. Eu acho que é dos principais motivos que motivam eles a fazerem os cursos, eu não digo só em interesse no dinheiro, mas uma forma de seguirem. Uma pessoa que mora em outro bairro conseguir chegar até o centro, ou conseguir merendar, eles precisam disso, desse recurso. Como também tem aquela questão, que tem gente que queria entrar no curso, não interessado no curso, mas no valor. Então esse é uma das vertentes que chama atenção até hoje, que é a questão: se o aluno está realmente no curso, porque quer se capacitar, ou se ele está lá para acumular algum benefício. Outro ponto que chamou muito atenção é da inserção no mercado de trabalho, porque de certa forma eu acho, principalmente porque eu vivenciei isso, agora quando eu mudei de agente inclusão produtiva na vertente de estar no CRAS para depois dentro da agência de inclusão, fazendo a inclusão deles junto com as empresas, a gente faz visita e tudo mais. (Mari)

Adriano complementa a fala de Mari com suas reflexões sobre os reais motivos que levariam as pessoas buscarem os cursos de qualificação profissional. Assim falou:

Durante minha função de instrutor percebi que os alunos faziam o curso muitas vezes já visando o benefício financeiro, fato que é comprovado quando o curso alcançava determinado número de vagas e aparecia algum aluno que não poderia ficar como aluno efetivo, mas sim na condição de ouvinte, este ouvinte perguntava se ele receberia o auxílio, mas a regra era: eles poderiam receber o material didático (caderno, pasta, etc.) menos o benefício. No dia seguinte, esse aluno que seria ouvinte já não aparecia mais no curso devido não poder receber o auxílio lanche/transporte. Os alunos viam no benefício uma espécie de renda querendo fazer ao mesmo tempo Projovem e Pronatec por causa do benefício financeiro.

Os agentes também falaram que, para além das dificuldades de operacionalização das etapas de organização das ações, outras dificuldades, como a relação entre instituições (encaminhamentos, respostas, etc.), a definição de papéis, entre outros decorrentes dessa relação, são também impasses no avanço das propostas empreendidas na cidade, conforme relata Mari:

No caso são quatro agentes de inclusão produtiva para os CRAS, são dois auxiliares administrativos para a agência que cuida mais da questão administrativa e uma pessoa que fica no que seria no Banco de Oportunidades, que é a pessoa que faz só o direcionamento para o mercado de trabalho, que nesse caso sou eu. Quando eu mudei de agente de inclusão produtiva, mais para ficar no mercado de trabalho, eu consolidei mais a minha ideia, a minha visão que eu tinha antes: que não é falta de

capacitarmos as pessoas, até porque, de certa forma, até capacitamos um grande de pessoas, mas quando elas chegavam no mercado de trabalho, elas encontravam portas fechadas. Começamos a traçar diversas maneiras de como poderia diminuir essa deficiência, nós fizemos reunião com o SINE/IDT, a gente visitou alguns empregos. Só que infelizmente a gente constata cada vez mais, que o SINE acaba ficando com o maior número de vagas, porque a empresa vai pedir de quem mais tem experiência, e com isso o agente acaba perdendo. Quando a gente fica sabendo de um processo seletivo ele já está acontecendo no terceiro dia, então a gente já perdeu dois dias de convocação dos nossos alunos, porque para chegar até essas pessoas, não é tão simples como parece, a gente faz toda uma triagem de acordo com uma vaga, tem que ver qual o perfil, a idade, porque a empresa diz se precisa de experiência ou não. Então tudo isso demanda tempo e aí se o agente já fica sabendo no segundo ou terceiro dia prejudica totalmente, porque talvez a gente não vai conseguir o número de pessoas que a gente conseguisse se soubesse antes. Outro embate importante que eu acho que vale a pena salientar é a questão da STDE e da SDS, que como secretarias do desenvolvimento social, eu acho que elas deveriam dar as mãos, porque uma abre as portas da cidade, pra que as indústrias e as empresas cheguem que é a STDE no caso, que é a que fica no Cento de Convenções e a SDS, como é uma secretaria que abrange duas grandes funções: do desenvolvimento social e do combate à extrema pobreza, a gente encontra algumas barreiras... Então, eu acho que como a STDE já está mais consolidada, e como tem mais proximidade com as empresas, se houvesse uma ajuda mútua melhoraria muito a comunicação. A gente poder construir um portfólio de cursos, que a gente já teve essa ideia de fazer um portfólio para os meninos, mostrando a carga horária, o perfil deles, experiências ou então a vantagem que a empresa teria contratando uma pessoa que não tem a experiência. No entanto, os jovens precisam de uma formação, de uma carga horária que comprove essa formação, precisa dessa primeira oportunidade, eu acho que essa é uma questão dos nossos maiores problemas que a gente enfrenta hoje.

Durante o debate, alguns se manifestaram no sentido de avaliar suas experiências, como trabalhadores sociais, com passagens ora na SDS, ora nos programas que ela abrigava, ora como instrutor. Uma questão que passou pelas reflexões dos presentes, diz respeito se as ações empreendidas em Sobral, de fato promovem oportunidades para os que delas se beneficiam ou quais os ganhos que esses sujeitos alcançam. Mari assim falou do seu lugar de experiência:

Ao longo de um ano nesta função pude estar próxima ao outro lado do processo, o público alvo dos programas envolvendo cursos profissionalizantes. O contato direto com os alunos me permitiu ouvir inúmeros relatos, desde a vida pessoal a profissional. Por vezes algumas mães vinham até mim em busca de um curso para seu filho, que procurava uma primeira oportunidade de emprego. Em outros momentos havia a procura repetitiva de algumas pessoas que viam no curso apenas a oportunidade de receber uma nova bolsa- formação. Ouvei relatos de quem procura por uma melhoria de vida através da qualificação e outras vezes ouvi relatos de quem descredita de que realmente terá acesso a esta possibilidade através de um curso profissional. Os principais focos de reclamações era o fato de não terem acesso a um meio facilitador entre a empresa e candidatos e as enormes dificuldades na procura por emprego através do Sistema Nacional de Emprego (SINE) realizado pelo Instituto de Desenvolvimento do Trabalho (IDT). Concomitante

a isso a prefeitura de Sobral já vinha planejando uma forma de facilitar o caminho percorrido por ex-alunos de cursos PRONATEC/BSM até uma vaga de emprego e após diversos planejamentos surge então a Agência de Inclusão Produtiva.

(...) Neste momento recebi o convite para estar à frente do Banco de Inclusão Produtiva, sendo a responsável por captar as vagas, perfis exigidos e contatar os alunos para o encaminhamento. No início o sentimento que havia em mim era o de certeza de que se construíssemos realmente parcerias e atuássemos na captação de vagas e encaminhamento haveria grande chance de êxito na inserção dos egressos, porém, ao longo da experiência, não só minha, mas também de colegas de trabalho, que incluiu desde as visitas em empresas, indústrias, pequenos estabelecimentos e reuniões com o SINE/IDT o que constatamos foi um universo de fragmentação, envolvendo desde as exigências de perfis das empresas, que em grande parte insiste em colocar a experiência em primeiro lugar, desconsiderando a qualificação da mão de obra e as próprias experiências contidas na carga horária do curso, dividida em teórico e prática, bem como a falta de um real interesse destes em estabelecer parceria com a Agência, visto que os mesmo já viam como suficiente o serviço oferecido pelo SINE/IDT, que recebe as demandas de mão de obra da empresa, divulga as vagas existentes e os pré-requisitos necessários e executa todo o processo de seleção dos candidatos.

Dentre as narrativas destacadas e outras que pude escutar durante o grupo focal e noutros momentos da pesquisa, o que percebi em comum nas falas e reflexões sobre suas experiências como agentes nas instituições acima destacadas, é que, nas suas práticas cotidianas, especialmente as de encaminhamento ao mundo do trabalho, o sentimento de descrença por parte dos jovens egressos é o que pareceu quase unânime, especialmente entre os que não possuíam experiência de trabalho na área cursada e, principalmente, entre os jovens que buscavam a primeira oportunidade de emprego. Para a ex-coordenadora do Projovem Trabalhador *“o que facilitou o acesso desta parcela ao trabalho foi o programa Jovem Aprendiz, porém não era suficiente para uma numerosa inserção”*.

Outro ponto destacado foi o da alta rotatividade nas empresas. Um egresso era encaminhado, conseguia o emprego e após dois ou três meses estava de volta a agência, relatando que havia sido desligado. Em alguns casos o período chegou a ser de 15 dias ou um mês.

Constato, através dessas reflexões, que o novo e rápido ritmo da sociedade pós-industrial tem como foco uma mão de obra mais produtiva e competente, assim, o trabalho de maior valia não é mais baseado no domínio de um determinado conhecimento, mas aquele que possua competência, proatividade e fácil adaptação para atender as necessidades da nova conjuntura do mercado. Além da flexibilidade

que o trabalhador deve assumir, deve estar sempre apto para as novas possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

4.1.4 O Banco de Oportunidades

Assim, cheguei ao SENAC⁹⁹ para conhecer sua experiência no “Banco de Oportunidades”, que é destinado a jovens e adultos que concluem os cursos ofertados pelo PRONATEC, via Sistema S, ou pelo Programa SENAC de Gratuidade (PSG).

Figura 7 – “Banco de Oportunidades” – SENAC



Fonte: <http://www.ce.senac.br/sobral/index.php#>, 2015.

⁹⁹ Em 05/12/2013 estive no SENAC, sede Sobral, com o objetivo de conhecer o “Banco de Oportunidades”. Foi a Psicóloga da Agência de Inclusão quem me “encaminhou”, através de seu contato pessoal com o responsável pelo Banco. Mesmo com todas as recomendações da outra agente, não consegui muitas informações da parte desse agente institucional, com a justificativa que estava muito atribulado, fechando relatórios e também precisaria de autorização para dar informações mais detalhadas.

O Banco de Oportunidades trabalha na perspectiva de manter um banco de dados e informações sobre trabalhadores e candidatos às vagas de empresas e aptos ao mercado de trabalho, sendo o registro do potencial trabalhador feito num cadastro próprio do Programa. Atua no encaminhamento de ex-alunos que concluíram, com êxito, os cursos ofertados pelo SENAC.

Conforme as informações registradas nos documentos que foram disponibilizados, estão registradas as principais atividades¹⁰⁰ desenvolvidas pelo SENAC, através do “Banco de Oportunidades”, quais sejam: capacitação e qualificação profissional; realização de triagem por intermédio do Banco de Oportunidade; “Banco de Talentos” com mais de 5.000 profissionais cadastrados com perfis e qualificações no segmento do comércio de bens, serviços e turismo; atendimento customizado; acompanhamento sistemático dos atendimentos prestados; serviços de informação profissional disponibilizados aos candidatos; serviço gratuito on-line através do site SENAC/CE.

Segundo o agente institucional, o Banco não encaminha trabalhadores para o mercado informal e nem para estágios, limitando-se às empresas e às outras instituições que tenham vínculos formais.

Quanto ao cadastro, este é um registro em forma de um currículo de pessoas que procuram oportunidades de emprego. Na concepção do referido agente, “o cadastro é uma forma de currículo, pois a pessoa diz a área que pretende concorrer e registra a sua experiência. Esse cadastro é específico das empresas”.

No tocante aos critérios exigidos pelas empresas para a contratação de trabalhadores, assim delimitou o agente institucional:

As empresas geralmente desejam pessoas mais jovens. Segundo o pronunciamento de alguns empregadores, o mais marcante é o que a pessoa fala e o que ela diz, não somente a aparência dela. Também exigem a formação básica, que compreende: o saber-fazer; ter atitude - vontade de trabalhar; falar em público; habilidade interpessoal; saber trabalhar em grupo.

¹⁰⁰ Nos meus dois contatos com o agente institucional do SENAC, responsável pelo Banco de Oportunidades, todas as informações recebidas foram verbalmente e complementadas com uma rápida leitura de encartes que registravam as principais atividades. Manifestei meu interesse em conhecer outros documentos, mas o agente falou que era muito complicado, pois precisaria de autorização de gerentes superiores de outras agências do SENAC/CE.

Vale ressaltar que não pude acessar as informações que mais interessavam, como os principais resultados alcançados, em decorrência dos encaminhamentos realizados pelo Banco. Outra questão que se impôs foi, justamente, quanto à articulação do Banco de Oportunidades, com relação às demais instituições públicas, para atender as necessidades da nova conjuntura do mercado. Como se dava essa articulação? Quais as contribuições efetivas do Banco, no conjunto das ações desenvolvidas por outras instituições e agências, a exemplo da Agência de Inclusão Produtiva de Sobral?

Essas questões mereceriam especial atenção, porém, nos limites dessa tese, não foi possível dar conta de tais questionamentos. Cabe apenas refletir que, diante as poucas informações colhidas, o Banco de Oportunidades poderá adquirir relevância mediante articulação com as demais instituições de qualificação profissional e intermediação de empregos, pelo menos é o que pude perceber nas falas de outros agentes institucionais, ao se referirem a este Banco.

5 JUVENTUDES NA AGENDA PÚBLICA DE SOBRAL: O PACTO PELA JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS DE INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Nas minhas configurações da “Sobral das Oportunidades”, o campo em estudo impôs o direcionamento do olhar para a agenda pública, com foco nas juventudes e sua inserção no mundo do trabalho. De fato, para ampliar o horizonte na apropriação das trajetórias juvenis, em sua saga para fazer-se trabalhador, necessário se faz delinear as demandas ofertadas pelo governo municipal sobralense, em articulação com o Governo Estadual do Ceará e Governo Federal.

Para circunscrever este campo das proposições governamentais, tomei, como referência, narrativas de documentos, relatórios de eventos, e discurso de agentes institucionais que, assim, numa composição de enfoques, permitiram demarcar delineamentos-chave sobre estas ofertas estatais.

5.1 O Pacto pela Juventude em Sobral: uma nova gramática juvenil na narrativa dos agentes institucionais

A estratégia em curso no Município de Sobral, “O pacto pela Juventude”¹⁰¹, é analisada a seguir, justamente por destoar da maior parte das experiências adotadas em termos de políticas públicas nesta cidade, uma vez que representa uma das mais amplas ações a favor da organização e implementação de políticas públicas para juventude, nos últimos três anos, capaz de articular e integrar ações sociais, culturais, educacionais, trabalhistas, entre outras.

O Pacto pela Juventude é uma proposição das organizações da sociedade civil, que compõem o Conselho Nacional de Juventude, para que os governos federal, estaduais e municipais se comprometam com as políticas públicas de juventude, em suas ações e programas, e aos candidatos/as a prefeitos/as e vereadores/as, para que incorporem, em suas plataformas eleitorais, as demandas da juventude brasileira.

¹⁰¹ Ver “O Pacto pela Juventude” - “A cidade que a juventude quer: com desenvolvimento, direito e participação”. Edição organizada e disponibilizada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE).

Em sua primeira edição, nas eleições municipais de 2008, teve como objetivo reforçar os parâmetros e diretrizes da Política Nacional de Juventude, além de manter e divulgar o debate em torno das resoluções da 1ª Conferência Nacional de Juventude, que mobilizou mais de 400 mil participantes, em todo o Brasil. Nas eleições gerais de 2010, a 2ª Edição do Pacto teve como objetivo a construção conjunta de uma agenda pública de juventude, de modo a garantir os direitos dos cerca de 50 milhões de brasileiros e brasileiras com idade entre 15 e 29 anos.

São tarefas imediatas previstas no Pacto: o combate à pobreza e à exclusão social, a promoção e valorização da diversidade cultural, trabalhando com foco na integração entre os entes federados, iniciativa privada e instituições universitárias, aproveitando pesquisas, conhecimento e tecnologias desenvolvidas, integrando programas e políticas. Parte da ideia de que a juventude quer uma cidade desenvolvida, garantidora de direitos e com canais de diálogo e participação democrática e cidadã.

Neste sentido, que a nível nacional, os cerca de 40 milhões de jovens eleitores e eleitoras esperavam que, nas Eleições Municipais de 2012, candidatos e candidatas ao Executivo e Legislativo transformassem as bandeiras e demandas juvenis em prioridades, incluídas em seus planos de gestão.

Nessa edição, o “Pacto pela Juventude” levanta a seguinte bandeira: “A cidade que a juventude quer: com desenvolvimento, direito e participação”. As nove propostas apresentadas são: educação de qualidade; trabalho decente para a juventude; saúde integral; direito à comunicação; acesso à cultura, esporte, lazer e tempo livre; direito ao território; prevenção e enfrentamento à violência; institucionalização da política de juventude; e fortalecimento de canais de participação, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 – Propostas do Pacto pela Juventude

DIREITOS	PROPOSTAS
1. Garantir a educação de qualidade	Construção e cumprimento das diretrizes e metas do Plano Municipal de Educação, que tenha como referência o Plano Nacional de Educação (PNE), observando a elevação da escolaridade e a erradicação do analfabetismo. Garantir o atendimento universal à educação infantil e participar diretamente da criação e ampliação de espaços de formação profissional e tecnológica gratuita, na cidade e no campo. Investir numa educação aliada à ciência e tecnologia desde as séries iniciais do ensino fundamental, garantindo estrutura física adequada nas escolas e formação continuada para professores.

<p>2. Assegurar o trabalho decente para a juventude</p>	<p>Enfrentar o desemprego e subemprego juvenis por meio da criação e ampliação dos programas públicos de inserção juvenil no mercado formal de trabalho, de forma produtiva, adequadamente remunerada, viabilizando a autonomia econômica e fomento do cooperativismo, com condições de liberdade, equidade e segurança, garantindo uma vida digna, contribuindo para a conciliação com estudos e a família e ampliando a cobertura da rede de proteção social. Fomento à economia solidária e às diversas formas de associativismo e cooperativismo juvenil voltado à inclusão produtiva.</p>
<p>3. Promover a saúde integral</p>	<p>Criar uma Política de Saúde específica para população jovem, orientada pelos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), da laicidade do Estado e do direito à experimentação, que tenha como prioridades o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos, o combate à juvenilização da Aids, a disponibilização de meios adequados de prevenção e tratamento do uso abusivo de álcool e outras drogas e o enfrentamento da mortalidade materna juvenil, por meio de ações e do atendimento humanizado e qualificado na rede pública de saúde.</p>
<p>4. Promover o direito à comunicação</p>	<p>Comprometer-se com a garantia do direito humano à comunicação, assegurando a pluralidade de ideias e opiniões dos diferentes grupos sociais e culturais, através de ações que garantam o acesso à informação e às tecnologias de informação e comunicação além da produção de mídia e difusão dos conhecimentos, tendo, como exemplo, o acesso à internet em espaços públicos e a formação em comunicação de forma gratuita e com qualidade.</p>
<p>5. Promover o acesso à cultura, esporte, lazer e tempo livre</p>	<p>Defendemos a implementação de políticas municipais de cultura, de esporte e lazer que criem novos espaços de produção, fruição e interação entre os jovens, valorizando e integrando os espaços já existentes. Faz-se necessário ainda a garantia de equipamentos públicos que articulem programas de diferentes pastas dirigidos a jovens e democratização da gestão destes para que se adequem as práticas e realidades de cada local.</p>
<p>6. Garantir o direito ao território</p>	<p>Precisamos construir cidades inclusivas, sustentáveis, desenvolvidas, saudáveis e democráticas que proporcionem uma boa qualidade de vida à juventude e ao conjunto da população tendo em conta a preocupação com as gerações futuras. Cidades que garantam a participação da sociedade em todos os aspectos relativos à vida pública.</p> <p>Para isso, é preciso garantir políticas integradas de moradia, saneamento, energia, mobilidade e gestão territorial, tanto no campo quanto na cidade, tendo em conta as necessidades de equipamentos públicos, comunitários, de cultura, esporte e lazer, considerando o recorte juvenil.</p>
<p>7. Prevenir e enfrentar à violência</p>	<p>Promover articulação com diversos atores locais e áreas, como educação, segurança, saúde, trabalho e assistência social, para construção de uma política focada na responsabilização e prevenção da violência e na defesa dos direitos humanos, especialmente no que se refere ao enfrentamento à mortalidade juvenil, com prioridade à juventude negra e às jovens mulheres. Queremos uma cidade que respeite e valorize sua diversidade e que previna e combata todos os tipos de intolerância e discriminação racial, de gênero, de confissão religiosa, de orientação sexual e identidade de gênero, contra pessoas com deficiência.</p>
<p>8. Institucionalizar a política de juventude</p>	<p>Institucionalização de uma Política Municipal de Juventude, no Executivo e no Legislativo, incluindo a constituição de comissões de juventude nas câmaras municipais, aprovação da inclusão da juventude nas leis orgânicas municipais, a elaboração e aprovação de um Plano Municipal de Juventude, a criação e implementação</p>

	<p>de um órgão especializado de gestão e articulação das políticas específicas e estruturais, com orçamento próprio (Orçamento Juventude) e garantia de inserção intersetorial e transversal nas decisões do governo.</p> <p>Garantir, ainda, a continuidade dos projetos e programas existentes no município que atendam o público jovem, assumindo também o compromisso com a participação da juventude nessas iniciativas.</p>
<p>9. Fortalecer os canais de participação democrática</p>	<p>Valorizar a participação social dos jovens no planejamento da cidade e na elaboração das legislações orçamentárias, por meio da criação/fortalecimento do Conselho Municipal de Juventude, da realização de conferências municipais e da abertura de outros canais de diálogo e participação da juventude, como câmaras temáticas e grupos de trabalho, assegurando a aplicação das demandas apresentadas e aprovadas nestes espaços. Garantia da transparência e publicidade nas decisões e gastos públicos.</p>

Fonte: “Pacto pela Juventude”, 2012 (elaboração da pesquisadora)

5.1.1 A Juventude na agenda sobralense

Em Sobral, um amplo movimento em prol do da afirmação do Pacto pela Juventude teve como marco dois grandes momentos. Um primeiro, mais amplo, ocorreu em 26 de setembro de 2012¹⁰², sob a coordenação do Diretório Central dos Estudantes da UFC – DCE, que mobilizou os quatro candidatos a Prefeitura de Sobral. O objetivo era que cada candidato apresentasse as suas propostas para a juventude e firmassem um compromisso com o DCE-UFC e a juventude da cidade de Sobral, através da assinatura do Pacto pela Juventude. No referido evento, compareceram os quatro candidatos ao executivo municipal, cujo debate foi coordenado pelo DCE e finalizou com a assinatura da “carta compromisso” pelo pacto (anexo 1).

O segundo evento, que aqui dou destaque especial, foi organizado pela “Frente Popular da Juventude Sobralense”, que mobilizou cerca de 200 (duzentos) jovens sobralenses. O referido evento ocorreu no dia 01 de outubro de 2012, no auditório das Faculdades INTA. Mesmo sendo um evento de grande importância, ele teve um caráter eminentemente político partidário, visto que apenas o candidato da coligação do partido dos trabalhadores se fez presente. Junto com o candidato Veveu Arruda, toda a sua comitiva política compareceu, fazendo toda uma jogada de marketing político, expressas nas palavras de ordem puxadas pelo candidato a vice-prefeito e por representantes de movimentos juvenis lá presentes, que assim

¹⁰² Os “prefeituráveis” – Osvaldo Aguiar; Dr. Guimarães; Veveu Arruda e Marcos Prado - foram recebidos pelo DCE-UFC, no dia 26/set, no Bloco I do Campus da UFC em Sobral.

bradavam: “*juventude unida o querem nessa ... é votar em Veveu Arruda nessa eleição*”.

Esse evento teve ampla mobilização pelo próprio poder público municipal, já que o candidato presente concorria a sua reeleição para o período 2013-2016. Na ocasião, o candidato recebeu as propostas, já organizadas pelas representações juvenis presentes durante a III Conferência Municipal de Juventude¹⁰³, realizada em outubro de 2011. Ao final, o candidato assinou a carta compromisso, cujas propostas seguem as mesmas orientações do Pacto nacional, mas se adequando às condições políticas e econômicas do município em pauta. Desse modo, as propostas decorrentes do Pacto e implementadas em Sobral serão apresentadas a partir das narrativas de dois agentes institucionais, ambos com fortes vinculações na gestão municipal. Estes, por seus estreitos laços com os movimentos juvenis da cidade, influenciaram na criação da Coordenadoria da Juventude sobralense e contribuíram na condução das ações a serem implementadas nessa nova gestão, que inaugura, assim, uma nova gramática juvenil, a definir políticas e ações para as juventudes, de modo especial, para as mais pobres.

¹⁰³ III Conferência Municipal de Juventude ocorrida no município de Sobral-Ceará, em outubro de 2011, cujo tema central foi: **Juventude, Desenvolvimento e Efetivação de Direitos**: Conquistar direitos, desenvolver o Brasil.

Figura 8 – Pacto pela Juventude



Fonte: COOJUV, 2015

O pacto, pela abrangência nacional, pela sua força política, e por conta das pressões locais, passa a ganhar espaço e reconhecimento na realidade sobralense, e suas propostas vão ganhando espaço na agenda pública, definindo políticas e ações para as juventudes nesta cidade.

Como o pacto foi se materializando na agenda pública sobralense? Essa questão me conduziu a observar o movimento que vinha se constituindo nesta realidade e acompanhar a ação dos sujeitos nela envolvidos. Destaco as contribuições de dois agentes institucionais, identificando em suas narrativas, a materialização de uma política pública de juventude, desde sua proposição, enquanto exigência política, sua concepção até a organização de suas primeiras ações, em curso e em constantes redefinições conforme o momento político.

A Gerente da Coordenadoria de Juventude de Sobral (COOJUV) fala de sua experiência, enquanto protagonista desse processo de implementação de políticas públicas de juventude em Sobral:

Como Gerente da COOJUV de Sobral tive a oportunidade de criar e executar diversos projetos para e com a juventude. Em conversas com jovens participantes dos projetos, percebi que existe o desejo de contribuir para elaboração de políticas que atendam a diversidade dos jovens em suas particularidades. A partir de minha experiência, considero que é inviável pensar e propor ações para a juventude sem que os mesmos estejam envolvidos nesse processo. Observei, através das referidas

conversas que eles têm necessidade de deixar de serem apenas meros beneficiários das políticas, para serem protagonistas das mesmas.

Já o Coordenador de Políticas Públicas de Juventude em Sobral, destaca os principais avanços encontrados na implementação dessa política e também suas dificuldades. Assim comenta:

O maior avanço foi a juventude sobralense ter sido colocado na pauta das políticas públicas e a escolha do Prefeito Veveu ter colocado a Coordenadoria da Juventude dentro do Gabinete do Prefeito, o que favoreceu a ampliação do orçamento para essa política. Antes, até 2011, a proposta da Secretaria de Esportes, na qual estava ligado o orçamento da juventude, as propostas eram direcionadas ao esporte em geral, skate e futebol. Foi em 2011, quando Veveu assumiu a Prefeitura e deu oportunidade ao Conselho Municipal de Juventude (CMJ), dando nova vida ao Conselho e a juventude passa a ter uma discussão intersetorial: novo organograma na gestão municipal, novo orçamento, que dá um salto de R\$ 68.000,00 (sessenta e oito mil reais) para R\$ 540.000,00 (quinhentos e quarenta mil reais). Atualmente, a Coordenadoria de Juventude tem capturado até R\$ 700.000,00 (setecentos mil reais) do Governo Federal. A coordenadoria, atualmente, traz nova dinâmica no conjunto das secretarias a evidenciar demandas de participação da juventude. A Política de Juventude não é tocada exclusivamente pela coordenadoria, mas é tocada pelo conjunto das secretarias. Cada secretaria tem um projeto de juventude. Nós, da Coordenadoria, somos uma das forças que oxigena essa discussão e a organização dessas políticas.

Na concepção da Gerente a Coordenadoria é resultado das lutas políticas e ganha visibilidade em 2013, ao afirmar que,

A coordenadoria especial de políticas públicas de juventude é um órgão vinculado ao gabinete do prefeito, sua atuação potencializa uma série de projetos e ações voltados para o público jovem. A articulação com as diversas secretarias, os grupos juvenis e o conselho municipal de juventude vem contribuindo para o avanço das políticas em Sobral. Os resultados do grupo de trabalho coordenado pela COOJUV indicaram caminhos para a realização de um programa amplo e diversificado de inclusão social dos jovens sobralenses, lançando a Estação da Juventude, que se articula com as demais políticas do município. Foi, sobretudo, devido às pressões e lutas promovidas pelos movimentos e organizações juvenis, que o Poder Executivo, em 2013, criou uma Coordenaria Especial de Políticas Públicas de Juventude. A mesma solicitou audiências públicas, junto ao conselho de juventude realizou, encontros com grupos e movimentos e articulou a II Conferência Municipal de Juventude. Portanto, podemos apresentar alguns projetos criados pela COOJUV no ano de 2013, depois da criação da Estação da juventude, foram selecionados sete projetos nos quais os jovens com idade entre 15 e 29 anos são o público principal.

De acordo com as informações prestadas pelo Coordenador de Juventude, o foco principal da Coordenadoria é a captação de recursos, a partir dos projetos, em convênio como governo federal, como o Estação Juventude e o Projeto Viver Jovem,

(pelo Ministério da Justiça). Hoje Sobral conta com três Estações da Juventude: Parque Mucambinho; Novo Recanto e COHAB III.

O Projeto Estação Juventude é o “carro-chefe”, pois envolve mais atividades e pessoas. A ideia é torna-lo Centro de Referência da Juventude. A nossa proposta é manter um fluxo de dentro para fora, no sentido de ocupar o território e dar vida aos territórios. Se apropriar dos equipamentos que já existem na comunidade, captando todos os recursos humanos e projetos, articulando todas as forças existentes. Os Pilares-base de sustentação da política do Estação Juventude é: ACOLHER e ENCAMINHAR. Política experimental, porque não temos outro projeto, que a gente possa se inspirar. A ideia é prover atividades “chamariz” para atrair os jovens. Quando faço uma atividade de capoeira aproveitamos, de modo informal, fazer um convite aos jovens, gerando mecanismos com a linguagem dos jovens. Pretendemos captar as diversas linguagens das juventudes, a partir do público-alvo (foco): jovem adolescente: 15 a 17 anos; jovem-jovem: 18 a 24 anos; e o jovem-adulto: 25 a 29 anos.

O quadro, abaixo, sintetiza as principais ações desenvolvidas pela Coordenadoria nestes últimos três anos, sendo que algumas ainda estão em construção:

Quadro 4 – Projetos da Coordenadoria de Juventude de Sobral (CE).

Ações	Caracterização	Público
Estação da Juventude	Tem por objetivo promover o desenvolvimento da juventude, fortalecendo processos de aprendizagem e autonomia da cultura local. Oferecer serviços especializados para adolescentes e jovens, em conjunto a grupos comunitários e organizações juvenis, através de ações socioeducativas na perspectiva da garantia de direitos.	Jovens de 15 a 29 anos, pertencentes a famílias em situação de risco social: egressos de medidas socioeducativas, internação ou que estejam em cumprimento de outras medidas desta natureza;
Caravana Social da Juventude	Atuação em comunidades rurais com ações; do esporte, lazer, cultura, cidadania, saúde, socioeconômico e outros. Aliados ao trabalho desenvolvido por outros órgãos públicos e entidades parceiras. Destacando a aproximação dos jovens com ações públicas, valorizando o bem estar social e os aspectos locais.	Jovens de 15 a 29 anos, pertencentes a famílias em situação de risco social: egressos de medidas socioeducativas, internação ou que estejam em cumprimento de outras medidas desta natureza;
Fala Juventude	O Fala Juventude, é um projeto que visão a promoção de debates com a juventude de Sobral, por meio de visitas as escolas, organizações não governamentais, associações e movimentos juvenis. O evento promove falar de diferentes temas que são discutidos entre as juventudes.	Jovens de 15 a 29 anos, pertencentes a famílias em situação de risco social: egressos de medidas socioeducativas, internação ou que estejam em cumprimento de outras medidas desta natureza;
Agente	O objetivo é a troca dos saberes acadêmicos e sociais, gerar oportunidades, incentivando aos	Jovens de 15 a 29 anos, pertencentes a famílias em

Extensionista	universitários a atuar em suas áreas de estudo, caso destaque-se em seu trabalho, a administração pública local poderá absorver em seus projetos ou trabalhos. O jovem universitário terá a possibilidade de compartilhar o conhecimento teórico com o prático das diferentes realidades da gestão pública municipal na área da educação, cultura, direitos humanos, saúde e outros.	situação de risco social: egressos de medidas socioeducativas, internação ou que estejam em cumprimento de outras medidas desta natureza;
Mapeamento das Ações e Políticas de Juventude do Município	Mapear e direcionar ações em diversas áreas de interesse público de forma intersetorial/transversal . Por exemplo, na área de educação, possibilitando que as escolas, além do conhecimento formal, gerem capacitação e profissionalização aos estudantes. Outros exemplos são, os incentivos ao esporte por meio do apoio aos atletas, construção de centros esportivos e parques, e também políticas voltadas à promoção da saúde juvenil como as campanhas de prevenção à gravidez na adolescência.	Secretarias e coordenadores municipais com ações voltadas para juventude.
Mapeamento de grupos e movimentos juvenis.	Mapear e os grupos e movimentos juvenis agregando forças para uma maior divulgação e participação dos mesmos no direcionamento das ações da COOJUV.	Grupos e movimentos juvenis.
II Encontro Municipal de Juventude de Sobral	Foi uma iniciativa da Coordenadoria de Juventude em parceria com o Conselho Municipal. O evento aconteceu no auditório da prefeitura Municipal de Sobral e contou com a presença de mais de 200 jovens representando as diversas formas de expressão juvenil do município. A proposta do encontro foi aproximar os grupos e movimentos juvenis das ações da coordenadoria de juventude, e eleger movimentos da sociedade civil para a composição do Conselho Municipal de Juventude de Sobral no biênio 2013-2014.	Jovens com idade de 15 a 29 anos e organizações que trabalhem com esse público.

Fonte: Coordenadoria de Juventude de Sobral, 2015. (Elaboração da pesquisadora)

Na avaliação do Coordenador, há necessidade de ampliação dos Encontros Municipais de Juventude a cada dois anos e mais investimentos nas Conferências de Juventude, também a cada dois anos, porque é através deles que a Política de Juventude ganha visibilidade e novas conquistas são alcançadas. Outro destaque dado foi aos Encontros de Grêmios, das Escolas Estaduais, realizado anualmente.

Quanto a outras atividades destacadas pelo coordenador, comenta:

O “Fala Juventude” é um Ciclo de Debates nas Escolas Públicas Municipais e Estaduais. A gente leva uma banda e JJ. O debate é a partir de temas transversais e os jovens utilizam o leque, para suas manifestações de concordo (verde) ou não concordo (roxo). Esses debates já acontecem a mais de dois anos e temos alcançado uma boa participação da juventude. Já o Fórum Gestor dos Estações é formado por jovens que frequentam os Estações da Juventude, bem como por moradores dos respectivos bairros, nos quais os Estações estão localizados. O Fórum é realizado mensalmente. São levantadas questões, como: o que os jovens querem; necessidades dos jovens, da estação e do entorno. Cada Fórum tem um secretário. O secretário recebe as demandas e aí os jovens vão se articular para resolver ou debater. Também temos dado apoio espontâneo a grupos jovens com os alugueis de palcos para eventos, bolas para clubinhos de futebol, etc. outro evento que tem tido excelente repercussão é a “ocupação dos espaços públicos e apoio à coletivos de juventudes”, através de discussões e apoio às manifestações juvenis, para dizer que a cidade precisa de vida e a juventude tem muito talento. Como experiência, temos o “domingo no parque” (ver fotos). É realizado quinzenalmente. A proposta é “Ocupar os espaços da cidade”: viver o espaço, se apropriando da cidade. É a ‘ocupação das forças jovens’.

Quanto às demandas das juventudes, estas são levantadas considerando as necessidades de cada território e o perfil da juventude que lá habita. E esclarece:

No Estação Novo Recanto, a principal demanda é por mercado de trabalho. Até porque o perfil do Novo Recanto é o do jovem-jovem e jovem-adulto, por isso querem trabalho. Também eles têm experiências de associativismo, através das organizações já existentes no bairro. Lá a juventude ‘sabe o quer’. Já no Parque Mucambinho a predominância de jovens-adolescentes. Eles querem investimento em esporte e lazer, principalmente. No Novo Caiçara, como é muito recente vejo a necessidade de ampliação de canais de diálogo com as juventudes, para perceber suas demandas.

Percebo na fala dos agentes institucionais, considerações sobre os avanços dessa política em Sobral, que evidenciam caminhos definidores de sua afirmação na agenda pública municipal nesta cidade. Nesse sentido, o Coordenador afirma,

Os avanços na Política de Juventude em Sobral, eu considero que são muitos, embora eu ainda acho que no cenário nacional nós tivemos um retrocesso muito grande, eu acredito que no municipal, nesses últimos três anos, nós tivemos um avanço muito grande. Primeiro, porque a Política Pública de Juventude passou para dentro da estrutura do executivo da Prefeitura do Passo Municipal, passou a ter o status de Secretaria. Isso facilitou muito a articulação. Saiu lá do Esporte e foi para o Gabinete do Prefeito. Assim a pasta da juventude conquista uma mobilidade melhor, uma capacidade mais forte de articulação, um potencial de articulação muito forte e foi o que aconteceu nesses últimos anos. Outra questão que é importante ressaltar foi sobre o orçamento. O orçamento da Coordenadoria de Juventude, quando ligado ao esporte, era muito pequeno, se não me engano era de R\$ 68.000,00 ou R\$ 48.000,00 mil reais, não estou lembrado ao certo, mas hoje ultrapassa os R\$ 60.000,00, ou, os R\$ 600.000,00 mil. Isso sem falar do esforço que nós tivemos para captar recursos do Ministério da Justiça, recurso da Secretaria Nacional de Juventude, quando existente.

Para a Gerente as conquistas alcançadas até então, evidenciam que a aproximação do poder público com a questão juvenil traz um enriquecimento significativo para o debate acerca das políticas públicas de juventude. Nesse sentido, salienta a Gerente,

A tarefa principal da COOJUVE é fomentar novo patamar de políticas públicas voltadas para a juventude sobralense, considerada em sua singularidade, diversidade, vulnerabilidades e potencialidades. Penso que o caminho da construção de políticas juvenis seja: de/com /e para juventude, com a participação articulada com os diversos setores das juventudes, participação esta que deve ser tanto na elaboração, mobilização ou fiscalização.

5.2 As Políticas Públicas para as Juventudes: trilhas (in) certas rumo ao mundo do trabalho

Aqui, narro uma parte significativa de meus trajetos pelos espaços ocupados com as práticas de tempo de aprendizagem profissional e de experiência profissional de jovens das periferias do mundo do trabalho em Sobral (CE). As narrativas que emergem dessa trajetória, são expressões de uma ação de pesquisa que, em grande medida, não se distingue do caráter fragmentário no processo de experiência vivida de muitos jovens na cidade. Walter Benjamin demonstrou que é possível extrair dos fragmentos de memória da cidade moderna uma historiografia nova: “um discurso não linear”, constituído desses fragmentos arrancados do *continuum* da história; facetas do cotidiano que são reveladoras do percurso das trajetórias de jovens nessa cidade.

A constelação formada pelos meus variados trajetos em Sobral evidenciou uma polaridade entre espaços de aprendizagem e espaços de experiência profissional, que muitas vezes convergiam para as zonas de indefinição, quando essa aprendizagem e essa experiência não garantiam um lugar no mundo do trabalho.

A opção realizada foi a de não estabelecer uma cartografia que simplificasse o mundo do trabalho, dividindo-o rigidamente a partir do mapeamento de programas e projetos alocados nas Secretarias Municipais, vez que essas ações estão sendo tecidas no confronto entre forças sociais ativas, que emergem das periferias ao centro e desses para as instituições, materializando o conjunto de políticas públicas

de/para juventude. Ao mesmo tempo, considero relevante apresentar as principais ações identificadas nessa realidade, as quais serão narradas na perspectiva de quem as organiza ou coordena, bem como por aqueles que delas se valem para poder escrever suas primeiras experiências profissionais.

As crônicas de espaços de aprendizagem e espaços de experiência profissional praticado pela juventude sobralense narram histórias e descrevem ações em diferentes lugares que circunscrevem a luta de jovens pobres para conquistar trabalho. Elas são significativas dos muitos percursos e encontros que estabeleci durante os quatro anos em que estive no campo para a realização da pesquisa. Portanto, os itens a seguir, se referem a lugares na cidade que frequentei e/ou atividades que desenvolvi durante esses anos de pesquisa. Os elegi como sendo os mais significativos espaços de sociabilidade para o trabalho, no âmbito do conjunto de políticas e ações que formam o mundo do trabalho na cidade de Sobral.

5.2.1 Juventude sobralense nas trilhas do primeiro emprego

Figura 9 – Documentário – “Juventude sobralense nas trilhas do Primeiro Emprego”



Fonte: foto do arquivo pessoal (com elaborações próprias), 2012¹⁰⁴.

Uma das primeiras ações organizadas no segundo ano da pesquisa, em 2012, foi a produção de um documentário intitulado: *Juventude Sobralense nas Trilhas do Primeiro Emprego: não há vagas?*, cuja organização e posterior apresentação ocorreram no período de julho a dezembro de 2012, com a

¹⁰⁴ As fotos que compõem esse quadro são do arquivo da própria pesquisadora. Elas, também, são representativas da minha trajetória como pesquisadora. Junto com minhas bolsistas, acompanhamos um grupo de jovens do coletivo do Projovem Alto da Brasília e de outros jovens já engajados em experiência como “jovens aprendizes”, pelo Projeto Primeiro Passo. No caso dos primeiros, acompanhamos desde as formações no coletivo, o enfrentamento das filas no SINE/IDT, para fins de cadastro para conseguir emprego, bem como seus deslocamentos bairro para escola. Também apresento registros de seus depoimentos durante os grupos de discussão que realizamos na própria sede do coletivo, no CRAS, e na UVA. No caso dos segundos, fizemos um acompanhamento nos seus locais de “trabalho”: no centro da cidade, nos supermercados, nas lojas do centro da cidade.

culminância do IV Visualidades, que é um projeto de extensão coordenado pelo Prof. Dr. Nilson Almino, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

No decorrer dessa ação, percorri tempos e espaços que expressam os variados contextos sociais que demarcam trilhas e atalhos de acesso ao mundo do trabalho. Dos territórios ao SINE/IDT, da SDS aos CRAS, da STDE ao SENAI, SENAT E SESC, às primeiras experiências profissionais da Grendene ao centro comercial da cidade, que mais tarde repercutiriam na produção de identidades profissionais e, conseqüentemente nas suas escolhas profissionais, que serão conformadas de acordo com as possibilidades de alcance de seus projetos profissionais.

Referido documentário estava fundamentado em pesquisas nacionais, as quais têm mostrado que o trabalho está entre os principais assuntos que mais mobilizam o interesse dos jovens. O trabalho também é por eles indicado como um dos direitos mais importantes de cidadania, assim como um dos direitos essenciais dos quais deveriam ser detentores. Vale dizer que a centralidade do trabalho para os jovens não advém tão-somente do seu significado ético, ainda que este seja relevante, mas resulta também, e sobremaneira, da sua urgência enquanto problema.

Nesse sentido, o documentário tratou dos dilemas dos jovens sobralenses face aos desafios do mundo-do-trabalho, desafios esses expressos nas narrativas dos que buscam o primeiro emprego na cidade de Sobral-Ceará. Quem são e quais caminhos e percursos esses jovens precisam traçar para inserção no mundo-do-trabalho? Qual significado e importância o trabalho na vida destes? Essas questões iniciais nortearam a pesquisa, que resultou no Documentário acima citado.

Numa sociedade estruturada sob à égide do trabalho, perguntar ao jovem sobre seus projetos profissionais e sobre as esperanças que os movem na condução desses projetos, tornou-se uma pergunta fundamental, visto que o trabalho ainda se constitui como possibilidade para (re)definir caminhos e trajetórias de vida. Suas trajetórias são constituídas, assim, nas “zonas de sombra”, marcadas

pela instabilização global, que marcam de modo dramático, a passagem para o sistema empregatício. É o que bem revela o depoimento da jovem Iara¹⁰⁵:

Quando se fala em trajetórias juvenis, pensa-se logo na busca dos jovens por empregos e na dificuldade de obtê-los, levando em consideração as exigências feitas pelo mercado de trabalho. Sendo que a entrada do jovem no mercado de trabalho ocorre normalmente, após a conclusão do ensino médio e, principalmente, quando o jovem entra em uma Universidade e sente a necessidade de adquirir dinheiro para suas necessidades.

A necessidade de um capital faz com que eles busquem um trabalho na intenção de adquirir esse capital, para suas despesas e uma espécie de aperfeiçoamento, sempre preferindo trabalho próximo à sua área de estudos, servindo, assim, como uma qualificação na hora de procurar outro trabalho, já que se tem experiência nele.

Mas a dificuldade é grande para o jovem adquirir um primeiro emprego, já que são muitos concorrendo a uma mesma vaga e os empregadores dão sempre mais atenção, para os que já têm um histórico de empregabilidade, ou seja, já tem conhecimentos naquela área, se tornando cada vez mais difícil a entrada do jovem nesse mercado [...] Isso é o problema de muitos jovens, a entrada no mercado de trabalho, ou seja, a entrada no mundo dos adultos, a comprovação de que estão aptos a adquirir responsabilidades e saber manejá-las. Isso é um pouco difícil para eles, no entanto, é necessário, visto que isso tem que acontecer uma hora ou outra, e, quanto mais se demora mais fica difícil.

O trabalho, por ser uma questão-chave tanto na decisão individual do jovem, quanto na perspectiva familiar, tem repercussões significativas e representa, conforme depoimentos desses jovens, a mais sólida expressão da transição para a vida adulta, na sociedade brasileira contemporânea. O ingresso no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, o principal marco da passagem da condição juvenil para a vida adulta. Na visão da jovem Iara, essa entrada ocorre “normalmente”, mesmo que no decorrer de sua fala, essa jovem expresse todas as dificuldades enfrentadas pelos jovens nas suas trajetórias.

No entanto, nas últimas décadas, em função de intensas transformações produtivas e sociais, ocorreram mudanças nos padrões de transição de uma condição à outra. O diagnóstico dominante aponta para as enormes dificuldades dos jovens em conseguir uma ocupação, principalmente em obter o primeiro emprego, dado o aumento da competitividade, da demanda por experiência e por qualificação

¹⁰⁵ O depoimento de Iara e o próximo, de Alci, são resultado de um Grupo de Discussão com jovens ingressantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, 1º período do Curso de Pedagogia, que realizamos em 03/04/2013, durante a apresentação do Documentário, nos espaços dessa Universidade. Nessa apresentação, reunimos além dos jovens universitários do 1º período, também participaram os protagonistas – jovens do coletivo do Projovem e do Primeiro Passo, os representantes do SINE/IDT e a coordenação do Primeiro Passo. As falas e depoimentos durante o GD foram registrados e transcritos, dos quais me valho para consideração e análise.

no mercado de trabalho. Com isso, a transição para a vida adulta tem sido retardada em várias realidades. É o que pensa a jovem Alci:

O desemprego, na atualidade, é tido como uma grande problemática, pois ele afeta uma boa parte da população e, entre eles, estão os jovens, que não têm oportunidade no mercado de trabalho.

Dados mostram que o desemprego entre jovens vem aumentando a cada dia, isso devido às exigências impostas pelo mercado capitalista. Estas exigências impõem muitos requisitos para vagas de emprego no mercado como: qualificação, experiência e, acima de tudo, atitude por parte dos jovens.

Muitos dos jovens que não têm oportunidade de um emprego são os da classe baixa, pois não têm como adquirir a qualificação exigida pelo mercado, devido às condições precárias em que vivem e, isso afeta diretamente na formação profissional dos jovens.

A situação do jovem no mercado de trabalho deveria ser tratada pelas políticas públicas, que deveriam investir mais na formação profissional dos mesmos, pois os jovens até se dedicam, mas não têm a chance de mostrar o seu potencial, pois as exigências por experiência e qualificação são muito grandes, mas aí fica a questão: como os jovens vão ter experiência se não têm oportunidade?

Para muitos jovens, é seu próprio trabalho que lhes possibilita arcar com os custos vinculados à educação. Para muitos também, especialmente os integrantes das camadas populares, os baixos níveis de renda e capacidade de consumo da família redundam na necessidade do seu trabalho como condição de sobrevivência familiar. No Brasil, segundo a PNAD de 2007, 30,4% dos jovens na faixa etária de 15 a 29 anos poderiam ser considerados pobres, pois viviam em famílias com renda domiciliar *per capita* de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo (SM); 53,8% pertenciam ao extrato intermediário, com renda domiciliar *per capita* entre $\frac{1}{2}$ e 2 salários mínimos (SMs); e apenas 15,8% viviam com renda domiciliar *per capita* superior a 2 salários mínimos (ANDRADE, 2008).

Salienta-se que, mesmo quando o trabalho não é uma imposição ditada pela necessidade de subsistência familiar, o que por si só o justificaria, os jovens têm a tendência de encará-lo como uma oportunidade de aprendizado, de ter acesso a variados tipos de consumo e de lazer, de alcançar a emancipação econômica. Desse modo, a associação entre os baixos níveis de renda familiar e a possibilidade de o jovem estar inserido como estudante e trabalhador na estrutura ocupacional não é tão imediata quanto parece. São muitos os jovens cuja renda familiar possibilitaria uma dedicação exclusiva aos estudos, mas que acabam optando, ou melhor,

escolhendo também trabalhar. As falas da jovem Cris e do Guarda Mirim são representativas dessa situação:

O trabalho, para mim, é uma ocupação, tipo... O ser humano precisa estar fazendo alguma coisa, porque senão, se todo mundo tiver vida boa, ficar numa rede, é bom né? Ficar em casa sem fazer nada... Mas, isso cansa. Tudo que é demais cansa... Então, o trabalho serve para isso, para a pessoa correr atrás, se realizar, ter credibilidade, tranquilidade, dependendo do trabalho para sobreviver... (CRIS, 2012)

O trabalho é a pessoa poder viver a sua vida, ter seu próprio meio de vida sem precisar de ninguém para estar pedindo.... Ter uma pessoa para estar ajudando... Vai ter seu próprio meio de vida e ter a sua própria vida, construir a sua trajetória e a sua caminhada. (GUARDA MIRIM)

Durante todo o período de organização do Documentário, fizemos vários percursos na cidade, tentando seguir as trilhas de alguns jovens que buscavam trabalho, buscando descortinar paisagens nos seus diversos deslocamentos, em busca de oportunidades de engajamento profissional. Essas paisagens que compõem estas “experiências” dos sujeitos estão presas a territórios bem delimitados.

As experiências de vida dos sujeitos os localizam na reprodução da divisão de sua vida como moradores e produtores. Como morador, seu território é desvalorizado; como produtor, ele próprio, por sua inserção precária no processo produtivo, é que se torna valorizado. Essa espacialidade impregna o cotidiano dos sujeitos sociais, delimita seus horizontes, circunscreve suas relações e espaços de identificação e seus circuitos de inclusão e exclusão.

Os jovens que contatamos durante a produção do documentário – guardas-mirins, participantes do coletivo do Projovem do Alto da Brasília, universitários, etc., todos reconheciam sobre sua situação de pobreza e das dificuldades que enfrentam e que enfrentariam na condução dos seus projetos pessoais. Quando foi questionada sobre suas perspectivas na cidade de Sobral, uma guarda-mirim assim reflete: “*porque assim, fora a minha experiência de guarda-mirim eu pretendo me formar em alguma coisa, e eu gosto muito da Pedagogia. Pretendo fazer Faculdade de Pedagogia*”.

Já Cris e Lucas, ambos do coletivo do Projovem Adolescente do Alto da Brasília, assim se pronunciaram, quando indagados sobre seus projetos profissionais e sobre a importância do trabalho em suas vidas:

Meu sonho, resumindo assim, é ter independência. O problema é que tá sendo muito difícil saber o que vou querer da minha vida. Sei lá, eu sei que quero me formar... eu quero me formar, ser diferente do meu pai e de minha mãe, né? Mas eu não sei ainda; é muito complicado e difícil dizer o que eu quero seguir. Tem muita coisa que eu me interesso, mas sabe, não tenho ainda certeza do que quero. Já já o vestibular bate na porta, aí não decidi, não sei que caminho vou seguir (CRIS)

O trabalho vai dar aquele dinheiro, vai dar aquela experiência, mas o estudo vai garantir o futuro da pessoa, não é? Trabalho para me sustentar naquele período, durante um tempo, mas o estudo vai garantir que você tenha boas coisas para seu futuro durante anos, durante toda a vida da pessoa. Então, eu acho um pouco puxado, mas que tenha trabalho, mas que não atrapalhe o estudo e que venha trazer boas coisas para o futuro. (LUCAS)

É, portanto, na referência espacial que o sujeito faz escolhas, objetivas e subjetivas e estabelece todo um complexo de relações baseadas, igualmente, nessas escolhas. Os espaços configuram, também, um “que fazer” em cada lugar. Isso se refere tanto a formas de se comportar, de olhar, de assumir determinada postura corporal, como ao tipo de atividade que ele desenvolve em cada um desses espaços. Desse modo, ele está em determinados lugares com visibilidades diferentes.

A produção do documentário, por movimentar diversos sujeitos e instituições, favoreceu, além do estabelecimento de vários contatos, certa intimidade com os jovens, com os instrutores, com os orientadores, com os coordenadores e, através desses últimos, o conhecimento mais detalhado dos programas, nas mais diversas instituições e agências de qualificação e intermediação de empregos.

A seguir, apresento, a partir do ponto de vista dos agentes institucionais e dos jovens, os diversos programas e ações desenvolvidas no período de 2011-2015, que corresponde ao período do trabalho de campo.

5.2.2 O Projovem Adolescente e o Projovem Trabalhador

Em 14 de agosto de 2012 realizamos um grupo focal com a participação das duas coordenadoras do Projovem Adolescente e do Projovem Trabalhador¹⁰⁶. Pedi que cada uma falasse sobre suas experiências junto a esses programas, destacando principais informações e resultados.

¹⁰⁶ Aqui as denomino: Coordenadora do Projovem Adolescente, Fabi, e Ângela, Coordenadora do Projovem Trabalhador, respectivamente. Vale ressaltar, que, para fins de análise nesta tese, dou ênfase às falas da coordenadora do Projovem Trabalhador.

A Coordenadora do Projovem Trabalhador, Ângela, nos fala de sua experiência na coordenação no Projovem Trabalhador a partir de 2010. Vale ressaltar que, em 2010, o Projovem em suas modalidades: Adolescente, Urbano e do Campo estavam sob a responsabilidade da, então, Fundação de Assistência Social (FMAS) e da Secretaria da Educação, respectivamente. Já o Projovem Trabalhador, sob a responsabilidade do SINE e mantinha parceria com a SDS.

O Projovem Trabalhador, em 2010, *era operacionalizado pelo SINE IDT* recebia jovens com idade entre 18 e 29 anos. Contava com *04 turmas que aconteciam em equipamentos públicos através de uma parceria com a Prefeitura de Sobral. Cada turma tinha 25 jovens nos diversos territórios e respectivos cursos: no CRAS Sumaré: curso de cabelereiro (como o CRAS era muito pequeno deslocamos o curso para o espaço CENTRESUM); no CRAS da Expectativa: curso de Recepcionista; no CRAS da Vila União: curso de Auxiliar administrativo; no CRAS Mimi Marinho (Dom Expedito): curso auxiliar administrativo.* A meta era incluir, no mínimo, 30% dos jovens atendidos pelo programa. A escolha dos cursos era feita pelas instituições e não pelos jovens. Os cursos eram distribuídos nos territórios dos CRAS, sendo 25 alunos em cada turma.

Sobre a oferta de cursos, gestão das ações e contribuição do Projovem Trabalhador na vida dos jovens, assim falou:

Os cursos oferecidos para os jovens foram escolhidos pelos profissionais do SINE/IDT, que são de Fortaleza e nem conhecem a realidade de Sobral. Quanto a gestão das políticas públicas de juventude em Sobral, estas são coordenadas pela Fundação Municipal de Assistência Social - FMAS, que, nesse momento, está passando por mudanças na sua gestão. Quanto aos cursos ofertados pelo programa, os jovens não participam dessa escolha, por isso nem sempre entendiam em que aquele curso iria contribuir nas suas vidas. No caso do Projovem Trabalhador, o primeiro curso foi de cabeleireiro, a bolsa era no valor de R\$ 100,00 (cem reais) e teve a duração de seis meses, no período da tarde. A desistência desse grupo foi apenas de uma pessoa. Na minha avaliação, quem sustentou os jovens no curso foi a bolsa. (COORDENADORA PT, 2012)

Seu papel, enquanto coordenação e supervisão do programa, em parceria com o SINE/IDT, era a sensibilização das empresas para receberem os jovens, porém percebia a resistência daquela instituição, para receber os jovens, visto que estes não tinham experiência. As vagas ofertadas nem sempre tinham haver com a formação proposta nos cursos. Vale salientar que a maior parte dos cursos ofertados foi o de vendas. Os jovens que eram inseridos no comércio local, mesmo com

contratos temporários, ainda achavam interessante, por entenderem ser uma experiência.

A Coordenadora fez críticas sobre os “critérios de mercado”, destacando os principais exigidos: desenvoltura, capacidade de dialogar e ter experiência. Os jovens por serem tímidos, geralmente não eram classificados nas seleções.

Sobre seus principais desejos destacou: ser universitário - principalmente destacavam as profissões de enfermeiro e advogado- ter um emprego com carteira assinada, trabalhar na Grendene, entre outros.

Quanto à proposta de inclusão contida nos programas de inserção dos jovens no mundo do trabalho e o seu real alcance, assim refletiu:

Percebi que os jovens tinham muitas dificuldades para o ingresso no mundo do trabalho. O Programa – Projovem Trabalhador – tinha como meta 30% dos jovens trabalhando ao final dos seis meses, sendo essa articulação feita pela coordenação e gerência do projeto. A coordenação tentava “sensibilizar” as empresas e instituições para o recebimento dos alunos, conforme as vagas que surgiam no SINE. Nos contatos sempre dizíamos: ‘Dê uma oportunidade, mesmo que seja de um mês’. Houve períodos, como no final do ano de 2011, que havia uma demanda por empregados provisórios, no período de setembro a dezembro. Então, essa experiência, esse emprego provisório, isso era chamado de “inclusão”. (COORDENADORA PT, 2012)

Partindo da experiência dos jovens no Programa, a referida Coordenadora reflete sobre as condições e modos de inserção destes no mundo do trabalho em Sobral:

Fui coordenadora do Projovem Trabalhador em 2010 e do Projovem Urbano em 2011. O projeto só era renovado pelo Governo do Estado do Ceará para o ano seguinte se ao final conseguíssemos incluir 30% dos jovens no mercado de trabalho. Como a coordenação do projeto era dentro das instalações do SINE ficava acessível às informações a cerca das vagas disponíveis no mercado. Apesar disso os jovens foram submetidos a varias seleções e houve muita dificuldade para conseguir inseri-los no mercado de trabalho. Tiveram jovens que foram submetidos a 10 seleções e não passavam. A capacitação profissional que eles realizavam no projeto não era suficiente para garantir sua "entrada" no mercado de trabalho, pois havia outros fatores que estavam nas entrelinhas, mas que eu tentava perceber nas falas e na não aprovação. Uma delas era a aparência: os jovens, em sua grande maioria, eram negros e de bairros reconhecidos como de risco. Outra questão era o primeiro emprego, eles não tinham experiências, tinham dificuldade de se comunicar devido nunca terem trabalhado antes. Os jovens, às vezes, nem tinham roupas "adequadas" para participar de uma seleção... mas, ao final, conseguimos inserir 30% no mercado de trabalho. Uma coisa interessante era que esses empregos eram bem flexíveis, contratos por tempo determinado, prestador de serviços e em sua grande maioria não conseguiam empregos nas profissões na qual foram capacitados no projeto. Havia situações em que eles mesmos não queriam vagas nas referidas profissões em que foram capacitados, por exemplo, os jovens que fizeram o curso de

cabeleireiro não queriam trabalhar na área, pois, segundo eles, faziam o curso por causa da bolsa de R\$ 100,00(cem reais).

No Projovem Urbano existiram vários núcleos (nas escolas). Aqui em Sobral eu era a técnica responsável e acontecia nas escolas: Estadual D. José Tupinambá da Frota e na Escola Monsenhor José Ferreira (Parque Santo Antônio), cada núcleo tinha cem alunos.

Certa vez ouvi a crítica de uma representante de uma loja do centro de Sobral dizendo que os jovens eram “feios”. Mesmo que nos critérios do Programa a beleza não seja um pré-requisito para o ingresso no mundo do trabalho, o comércio local estabelece outros critérios, como: beleza e boa aparência. Esses critérios são levados em conta, principalmente na hora de escolher os que realmente poderão ser contratados, pós-estágio remunerado. Alguns jovens passaram por seis ou onze entrevistas e, mesmo assim, não conseguia entrar em nenhum desses estabelecimentos comerciais. Lembro-me de um caso, que foi marcante nessa minha experiência no Programa, foi a de uma jovem que passou por todas essas entrevistas e não conseguia ser aceita em nenhuma. Então, entrei em contato com as pessoas que realizavam entrevistas, da parte da contratante, e questionei os motivos, no que fui informada: “falta um dente, não tem boa aparência” (COORDENADORA PT, 2012)

Através da noção de negociação posso perceber como os sujeitos, os jovens e os agentes institucionais, recorrem a variados recursos nas diversas tentativas de impor seus interesses nas lutas sociais. Na negociação cotidiana de seu espaço no tecido da cidade, os jovens adquirem certa visibilidade e tramam uma determinada cultura, presentes nos circuitos de uma outra, por exemplo, através da ideia de “inclusão profissional” e de “oportunidades”, tidas como oficiais e têm ampla divulgação em todos os circuitos da cidade, midiáticos ou não.

Segundo a Coordenadora do PT, em 2011 houve uma lacuna no Projovem Trabalhador, mas logo em seguida, o Estado disponibilizou cerca de oitocentas vagas para Sobral. Em seguida, fez uma breve análise do Programa, especialmente no que se refere a proposta de inserção no mercado de trabalho em Sobral, pontuando alguns resultados no período em que esteve na coordenação deste Programa.

Quanto à bolsa que recebiam no valor de R\$ 100,00 (cem reais), os jovens falavam que gastavam com “coisas de casa”, ou seja, contribuíam nas despesas de casa. Os cursos ofertados nem sempre era do interesse dos jovens e, na maioria das vezes, nem promovia o acesso deles ao mundo do trabalho. Como exemplo, lembro-me do curso de cabeleireiro que foi ofertado e ninguém foi encaixado no mercado de beleza. Algumas empresas, como a Grendene, aplicavam uma “prova” na seleção. Nas turmas que acompanhei ninguém passou nessas provas. Do meu ponto de vista essas seleções não dão certo, porque elas mexem muito com a autoestima desses jovens. Quanto aos trabalhos que conseguiam se encaixar e ser aceitos eram, geralmente, os temporários, como: vendedores de cartão de crédito, vendedores nas lojas de calçados ou de lojas de eletrodomésticos, empacotadores nos supermercados. Além de serem mão-de-obra barata, os empregos que arranjavam não correspondiam ao que aprenderam nos cursos ofertados pelo Programa. Parece

que se quer formar um exército de pessoas que não se preparam devidamente ou, pelo menos, não se preparam para quase nada. Tornam-se mão de obra barata, porque o leque de oportunidades aqui é restrito. (COORDENADORA PT)

Retornando a ideia de negociação, nesse caso, posso entendê-la como um instrumento conceitual básico, para a apreensão da dinâmica dos modos de encaminhamento dos jovens ao mundo do trabalho na realidade sobralense, nas lutas sociais cotidianas. A negociação surge, então, como forma de pactuar os modos de inserção de jovens empobrecidos no mundo do trabalho, de modo a torná-los visíveis e reconhecidos como potenciais trabalhadores. Conforme Cassab,

Tal exigência torna-se particularmente aguda nas sociedades em que, como a brasileira, as desigualdades sociais abrem fossos profundos entre as condições de vida dos vários segmentos sociais. Nessas sociedades a modernização econômica incorporada ao processo de globalização vai aprofundar ainda mais os processos de exclusão social. (CASSAB, 2001, p. 36)

Outro depoimento interessante foi o da ex-coordenadora do CRAS do Alto da Brasília, Fabi. Assim como ela, minhas primeiras observações me haviam convencido do potencial da juventude sobralense em mudar sua realidade, de buscar realizar seus projetos profissionais e de buscar novos horizontes de vida. A fala de Fabi, enquanto ex-orientadora do coletivo do CRAS daquele bairro, evidenciou a importância do programa na vida dos jovens daquele território, bem como expressa os rumos e sentidos que essas ações davam na cidade de Sobral, conforme o depoimento abaixo:

[...] Nesses dois anos de minha atuação no Projovem, 2009-2011, no primeiro momento como orientadora e depois como coordenadora do CRAS, fez com que eu entendesse a importância do programa na vida dos jovens. Primeiro, porque percebi que essa juventude precisa de orientação, pois não recebem essa orientação em casa, por parte dos pais. (...) Esses jovens chegam despreparados, desconfiados e não se percebem como potenciais, capazes de mudar a realidade deles. Tive a preocupação de perguntar qual a necessidade dessa juventude: o que eles iam buscar lá, o que eles querem melhorar na vida deles, o que eles estavam buscando naquele projeto. (...) Pude perceber com relação ao mercado de trabalho, que essa juventude desorganizada, ela procura o mercado de trabalho mais por uma necessidade; não uma necessidade de profissão, de se colocar, de ser profissional no mercado, mas por uma necessidade como: necessidade básica de suas famílias, de sustentar a família. Os próprios familiares pedem que essa juventude vá conquistar seu espaço, porque eles precisam da contribuição financeira desses jovens. E aí esse paradoxo que é a juventude da periferia e a juventude da classe média alta, que é a necessidade da juventude da periferia de estar trabalhando é mais para custear as necessidades básicas deles como: alimentação e vestuário

para suas famílias. Já a juventude da classe média alta já não tem tanto essa preocupação de estar ingressando no mercado de trabalho tão cedo, porque, na sua maioria, têm os pais que custeiam suas despesas básicas, né? (COORDENADORA FABI, 2012)

Fabi destaca o papel desses programas no que diz respeito às orientações para ingresso no mundo do trabalho, mas relativiza suas reflexões, ao se referir às dificuldades enfrentadas pelos jovens para o alcance de seus objetivos, ao assim se expressar:

(...) Como a questão do mercado de trabalho também. E aí ia a orientação desde como se portar diante de uma entrevista, sobre sua documentação, como deveria se posicionar, como ele poderia ali, nessa entrevista de trabalho fazer para conseguir seus objetivos e seus sonhos. Eles têm muitas carências, precisam de atenção, precisam ser ouvidos. Eles querem dizer para a sociedade que eles estão ali... O mundo do trabalho é distante desse jovem. Alguns nem sabem onde o SINE está localizado. Questiono então: qual a distância entre o mundo da periferia do jovem e o mundo do trabalho? Eles são muito carentes, precisam de atenção e precisam ser ouvidos... Eles querem dizer para a sociedade que eles estão ali. (...) Com relação ao mercado de trabalho, se é um mundo distante, é um desejo almejado por todos eles, percebo isso nas falas deles, todas envolvidas nesse sentido de arranjar um emprego, arranjar um trabalho, de arranjar algo mais, e para isso sim, o mundo do trabalho é um mundo distante. Para eles é muito distante. Embora que nós tenhamos casos, como eu tenho caso no meu coletivo, casos pontuais de jovens que já ingressaram no mercado de trabalho, que inclusive já estão na Universidade. Nós temos o caso de uma moça, chamada Joélia, que está fazendo Administração na UVA e trabalha no RH da Grendene. Uns estão em trabalhos temporários, mas outros, na sua grande maioria, ainda não conquistaram esse espaço. Não conseguem esse espaço não sei se por falta de experiência ou se o mercado que eles buscam não está atendendo essa juventude. Mas o jovem hoje, o desejo do jovem é a aspiração pelo mercado de trabalho.

A experiência de Fabi junto a esse coletivo é reveladora desse processo de exclusão, que “conserva” esses jovens nas “zonas de sombra”, permanecendo, por vezes, invisíveis. Esses depoimentos ressaltam que “a exclusão social é uma categoria a ser apreendida na esfera do sujeito e não apenas do capital” (CASSAB, 2001, p. 47). Ela é um “espaço” a que são remetidos, os sujeitos são os excluídos. Isso implica que, na vida cotidiana, os sujeitos sempre não passivos, busquem adaptar-se ou lutar contra uma série de mudanças que, muitas vezes, estão acima de suas possibilidades de compreensão, ou apenas compreendidas na ordem de sua singularidade. Tal aspecto retira da categoria de exclusão qualquer determinismo, pois isso permite vislumbrar as formas pelas quais, no curso da vida

social, os sujeitos vão construindo estratégias de inclusão, em substituição aos circuitos dos quais estão excluídos.

5.2.3 O Projeto Primeiro Passo

Durante os dois primeiros anos do trabalho de campo, 2011 e 2012, mantive vários contatos com a coordenação do Primeiro Passo e, através de sua indicação, fui estabelecendo contatos com alguns instrutores dos cursos. À medida que fui conhecendo as ações do Projeto, fui caminhando em direção dos jovens, tanto nos cursos de formação, como nos próprios locais de trabalho e/ou estágio.

Nesses dois primeiros anos, esse projeto mantinha sua sede num espaço dividido com o Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente - CMDCA, mais especificamente na Casa dos Conselhos¹⁰⁷. Logo nos primeiros contatos pude receber, além das informações, uma pasta constando fichas e informações sobre os jovens lá cadastrados e acompanhados pelo Projeto. A partir de 2013, já sob a gestão da STDE, passei a acompanhar as atividades do Primeiro Passo, através dos contatos um novo responsável pela gerência do Projeto¹⁰⁸.

O Projeto Primeiro Passo¹⁰⁹ tem como objetivo “promover a inclusão social de adolescentes e jovens, que se encontram em situação de vulnerabilidade, risco pessoal e social, e em medidas socioeducativas, pertencentes a famílias registradas no Cadastro Único, viabilizando o desenvolvimento de suas competências sociais e profissionais, contribuindo para a elevação do capital humano e social do Estado e para a ampliação de suas oportunidades de inserção no mundo do trabalho”.

¹⁰⁷ A Casa dos Conselhos fazia parte da estrutura administrativa da Fundação de Ação Social do Município de Sobral – FASM, no Governo Municipal Leônidas Cristino (2005-2008 e 2009-2010), já estruturada desde o Governo Cid Gomes, que o antecedeu. Nesse período os programas destinados à crianças e adolescentes se organizavam dentro de várias secretarias, como a de Educação e Saúde, bem como na FASM, reforçando a ideia de políticas e ações pulverizadas, pontuais e descontínuas.

¹⁰⁸ Aqui denominado Gerente do Primeiro Passo.

¹⁰⁹ As informações sobre o Projeto Primeiro Passo, seu objetivo, perfil dos jovens atendidos, linhas de ação, empresas e instituições conveniadas, entre outras, foram concedidas pela Sra. Gorete (nome fictício), que além de conceder várias entrevistas, permitiu o acesso a várias informações como: relatórios, fichas e cadastros dos jovens, entre outros documentos que foram fundamentais para a produção dessa tese. Também busquei informações no site da STDS, que estão disponíveis em: <http://www.stds.ce.gov.br/index.php/projetos/63-projetos/282-pimeiro-passo>. Acesso em fev/2013.

Quanto ao perfil dos jovens, estes são jovens com idade entre 16 a 24 anos incompletos, alunos do Ensino Fundamental ou Médio de Escolas Públicas, com renda per capita familiar de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo, cujas famílias estejam inscritas no Cadastro Único – CADÚNICO. Para fins de ingresso no Projeto, os jovens devem apresentar, também, sua documentação completa, como: RG, CPF, CTPS, comprovante de endereço e de residência.

A área de abrangência do Projeto no município compreende todos os bairros e distritos atendidos pelos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), nos seus respectivos territórios, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

O Primeiro Passo possui três linhas de ação: 1) *O Jovem Bolsista*: o jovem recebe bolsa-capacitação garantida pelo Governo do Estado e é treinado durante quatro meses nas unidades do Programa. Atende jovens cursando o 3º ano do Ensino Médio, das Escolas Públicas, com idade de 17 anos a 21 anos incompletos. O período de duração é de seis meses. O valor da bolsa¹¹⁰ é de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais), acrescido de mais R\$ 1,80 (um real e oitenta centavos) de auxílio transporte - por dias úteis.

2) *O Jovem Aprendiz*: tem objetivo de proporcionar aos adolescentes e jovens a inclusão em cursos de capacitação profissional, viabilizando a experiência no mercado formal de trabalho, junto as empresas privadas e conveniadas com projeto. Atende jovens, com idade entre 16 a 24 anos incompletos, que estejam cursando o 3º ano do Ensino Médio, ou com este já concluído. O jovem é ocupado com aulas regulares, cursos profissionalizantes e um período de estágio durante um ano. A capacitação tem duração de doze meses, com carga horária de 480h/a, na área de administração e produção. A duração do contrato de aprendizagem é também de 12 meses, cuja remuneração é calculada levando em consideração: as horas trabalhadas (aulas práticas) e horas em sala de aula (horas teóricas), tendo o salário mínimo como base de cálculo ou salário da categoria profissional da empresa onde estão trabalhando.

3) *O Jovem Estagiário*: atende jovens cursando o 1º ou 2º ano do Ensino Médio, das Escolas Públicas, com idade entre 16 a 21 anos incompletos, com

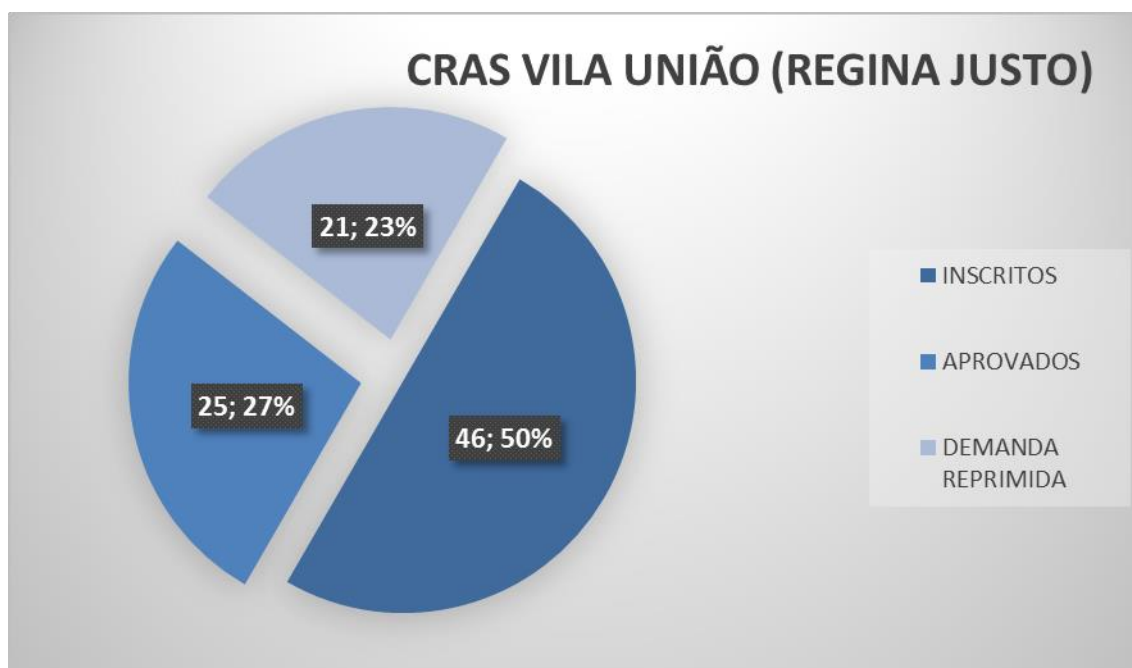
¹¹⁰ Os valores das bolsas expressos nesta tese são relativos ao ano de 2012, devendo ter sofrido alterações nos anos seguintes.

certificação de cursos de informática básica. O período de duração é de 12 a 24 meses. Os jovens participam de estágio durante o período de um ano em empresas públicas e privadas conveniadas com a STDS. As bolsas são pagas pelas empresas conveniadas, cujo valor varia de 291,37 (duzentos e noventa e um reais e trinta e sete centavos) a 720,00 (setecentos e vinte reais).

No ano de 2011, 226 jovens participaram das capacitações sobre Inclusão Produtiva. Esses cursos de formação, com fins de inserção no mundo do trabalho, foram realizados nos próprios CRAS ou nas Associações de Moradores localizadas nos territórios de abrangência dos CRAS, sendo o Instituto Federal do Ceará – IFCE, responsável por essa formação e também pela seleção dos instrutores. À época, outras parcerias foram formalizadas, a exemplo do convênio com a Justiça Federal. Vale salientar, que ambas as instituições federais citadas, mantêm sede na cidade de Sobral.

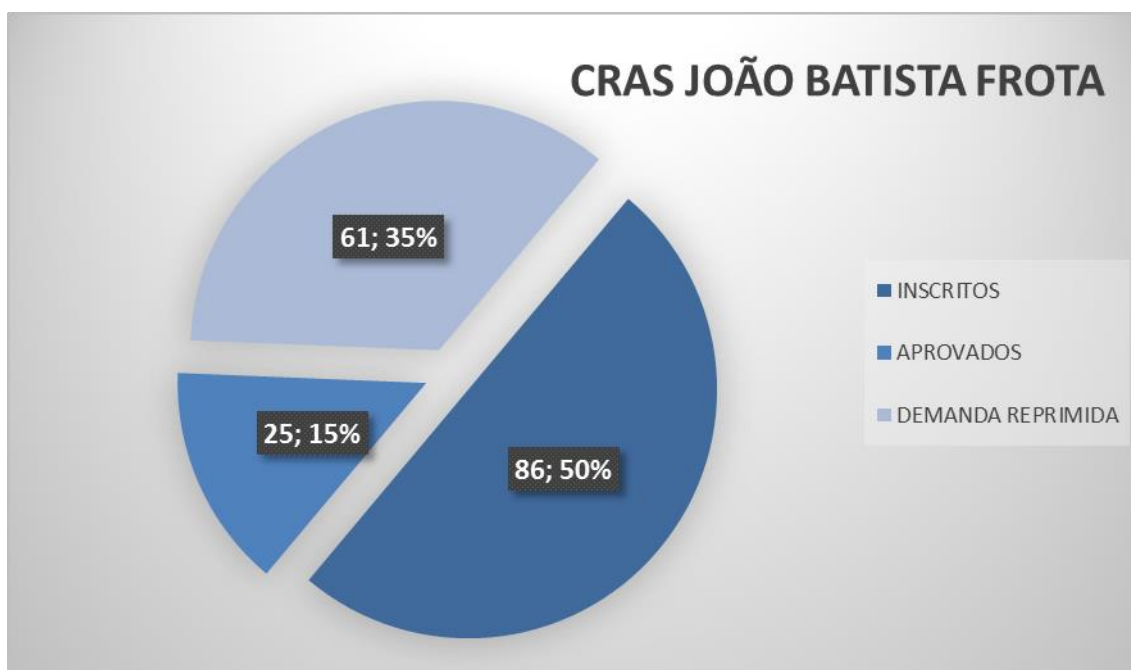
Os gráficos abaixo sintetizam as ofertas de cursos nos CRAS e os resultados preliminares do Projeto decorrentes dessas ações:

Gráfico 4 – Projeto Primeiro Passo: realização de cursos nos CRAS - (2011)



Fonte: Projeto Primeiro Passo, 2012. (Elaboração da pesquisadora)

Gráfico 5 – Projeto Primeiro Passo: realização de cursos nos CRAS - (2011)

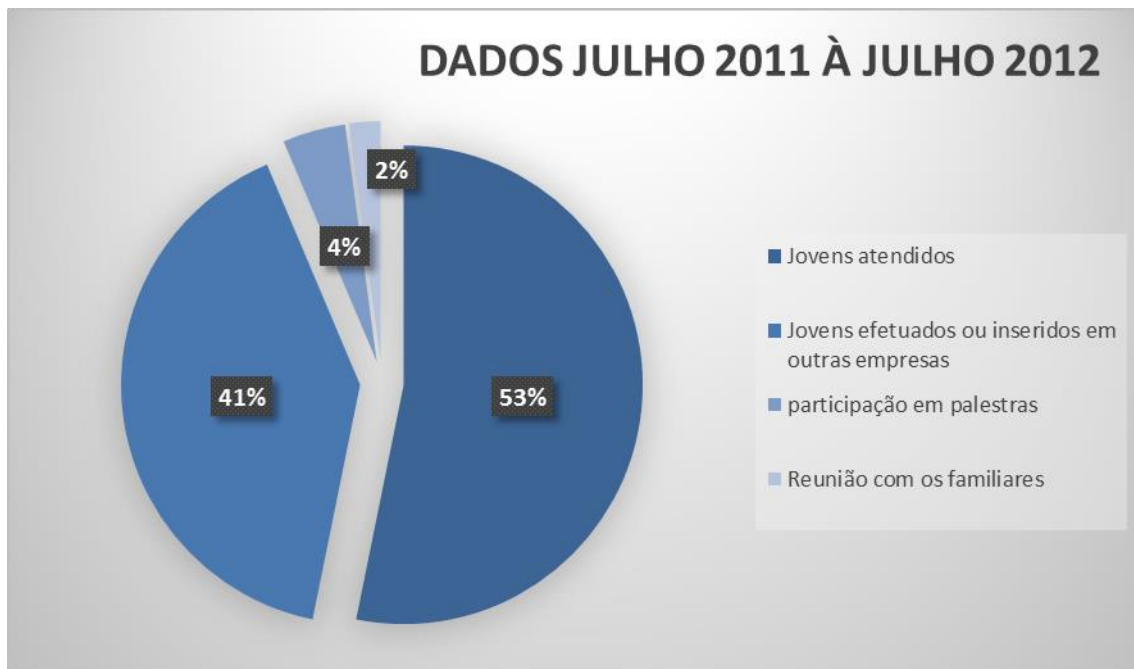


Fonte: Projeto Primeiro Passo, 2012. (Elaboração da pesquisadora)

Abaixo, apresento resumo das atividades realizadas através do Projeto Primeiro Passo no período de julho 2011 a julho de 2012:

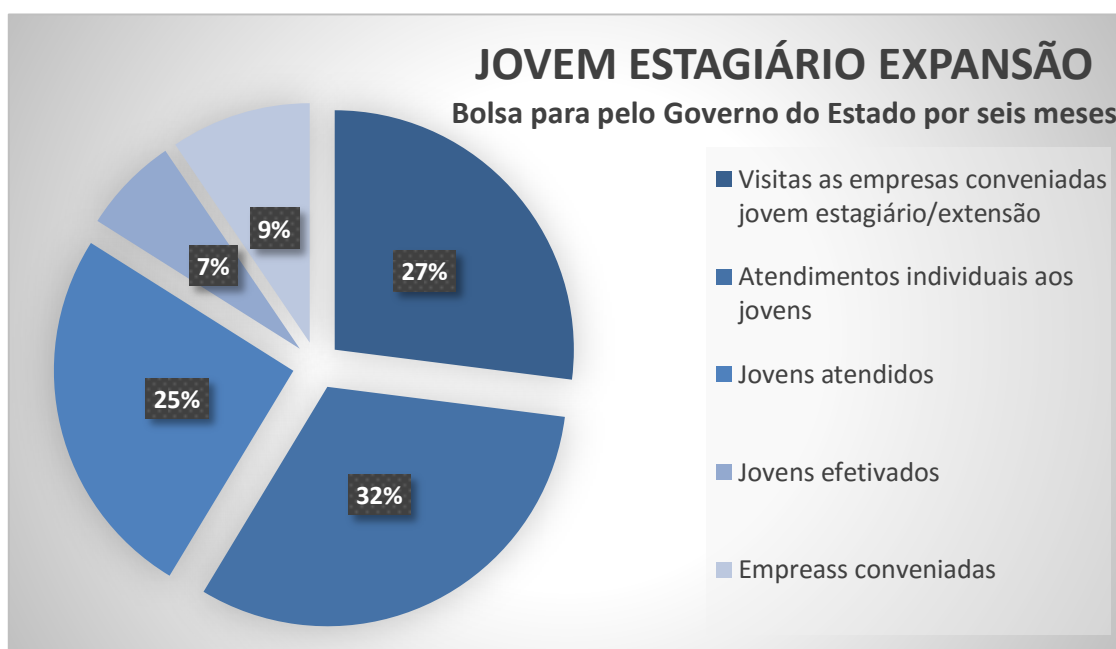
**Gráfico 6 - RESUMO DE ATIVIDADES DO PROJETO PRIMEIRO PASSO DE
JULHO/2011 À JULHO/2012
LINHA DE AÇÃO JOVEM APRENDIZ**

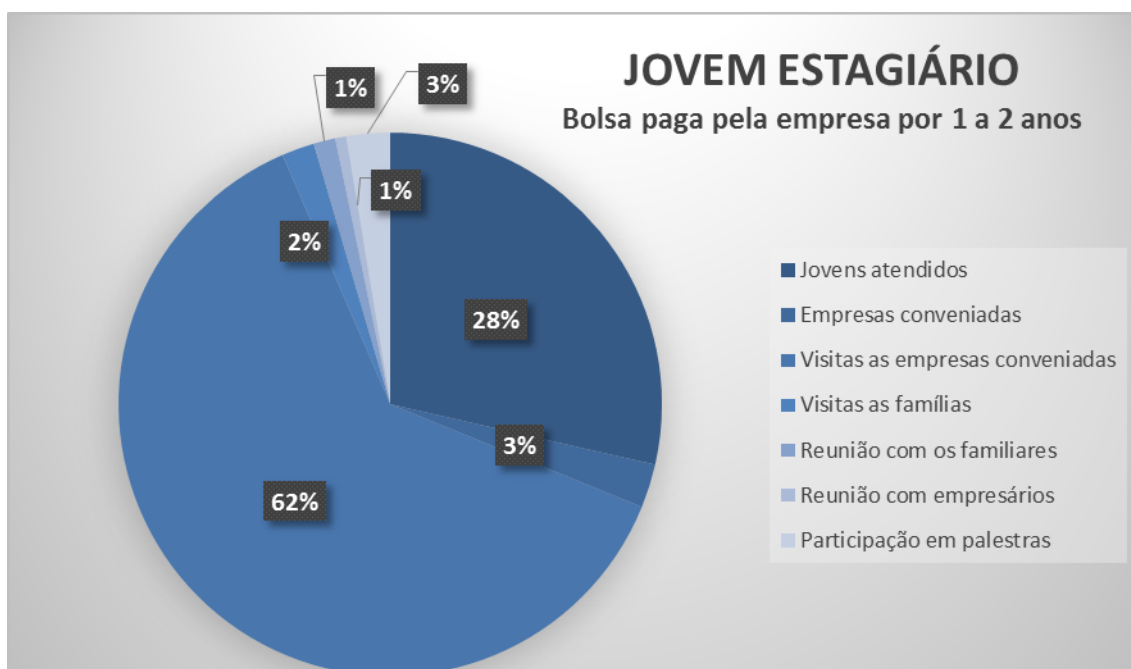




Fonte: Projeto Primeiro Passo, 2012.

Gráfico 7 - RESUMO DE ATIVIDADES DO PROJETO PRIMEIRO PASSO DE JULHO/2011 À JULHO/2012 LINHA DE AÇÃO JOVEM ESTAGIÁRIO





Fonte: Primeiro Passo, 2012. (Elaboração da pesquisadora)

De acordo com as informações prestadas pela Sra. Gorete, então coordenadora do Projeto (2011-2012), desses 226 jovens que participaram da formação, através dos diversos cursos, 45% permaneceram no mercado de trabalho, mesmo que temporariamente. Era realizado um acompanhamento das ações do Projeto, por um período de dois anos, através da parceria dos CRAS, que estão localizados nos diversos territórios em Sobral. Através do Projeto, a FASM estabelecia o convênio com as Escolas de Ensino Médio e as Empresas. As Escolas também trabalhavam na perspectiva de selecionar os jovens para encaminhamento para o Projeto, para a qualificação profissional, e, por sua vez, o Projeto os encaminhava para o mundo do trabalho, através do convênio com as mais diversas Empresas e Instituições¹¹¹.

¹¹¹ As instituições e Empresas que mantinham convênio com a SDS e que foram informadas pela Coordenadora do Primeiro Passo são: **a) Com a Linha Jovem Aprendiz:** Esplanada do Brasil; Fethyl Distribuidora de Bebidas Ltda. – Coca-Cola; Santa Casa de Misericórdia de Sobral; Empreendimentos Pague Menos Ltda.(03 Farmácias: D. José, Junco e Mercado); MWN Comercial de alimentos Ltda. – Supermercado Lagoa; Casa Pinheiro Distribuidora de Alimentos Ltda. – Pinheiro Supermercado; Atacadão Hiper Frios Ltda. – Hipermercado Rainha (03 lojas); Indústria e Comércio Rações Golfinho Ltda.; Polo eletro comercial de Móveis Ltda. – Mega Macavi; Companhia do Pão; Execute Computadores Ltda.; LA Empreendimentos; RS Distribuidora de Cigarros; Sobral Motos e Veículos

D. Gorete, além de descrever o programa, apresentou suas impressões sobre o programa, destacando seu desenvolvimento e suas dificuldades na execução das ações. Ressaltou a importância de algumas parcerias, que muito contribuíram para a obtenção de melhores resultados das ações empreendidas. Destacou, entre essas ações e parcerias, a Justiça Federal; o Centro Integração Empresa e Escola – CIEE; o Instituto Votorantim, através do Projeto “Portas Abertas”; o “Projeto Vida que te quero Viva” e o “Vida nas Teias da Cultura”.

Na avaliação de D. Gorete, nesse período em que esteve na coordenação do Projeto Primeiro Passo, *“a maior barreira que tenho encontrado, diz respeito à mentalidade do empresariado sobralense, pois estes não querem respeitar os direitos dos jovens. Alguns empresários têm uma visão distorcida ao afirmarem que só trabalhamos com marginais”*.

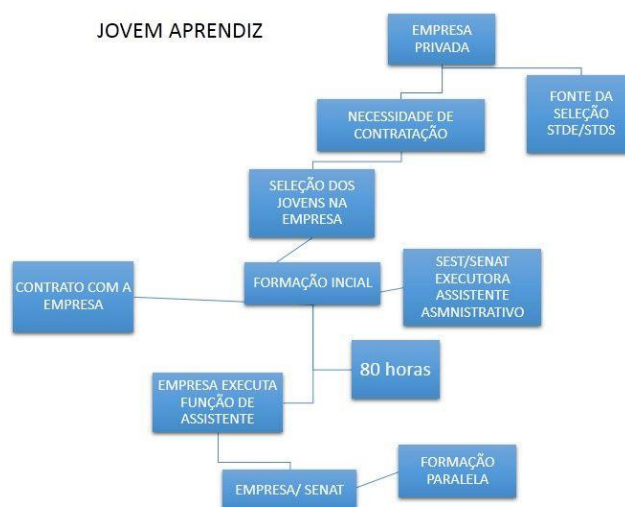
Alisson, um dos instrutores que manteve contato durante os anos 2011-2012, fala de suas dificuldades na condução do módulo de inglês que ministrava na turma do Primeiro Passo, no Território do CRAS Dom José, área considerada de risco na cidade de Sobral. Falou de sua “entrada assustadora no Projeto”, como assim classificou a sua entrada no Projeto como instrutor. Ao falar de sua experiência com essa turma, relata que seu objetivo não era somente ensinar inglês, mas, sobretudo, contribuir para a “retirada de jovens que estão na área de risco”, objetivo esse que se adequa perfeitamente aos objetivos do Projeto. Em suas orientações e conversas com os jovens daqueles bairros, levantava várias questões sobre a formação profissional destes e sobre os seus objetivos profissionais. Assim relatou:

Uma das turmas que acompanhei pelo CRAS Dom José tinha vinte e cinco jovens. Eles participavam da linha de ação “Jovem Aprendiz”. Esses jovens estavam cursando o 3º ano do Ensino Médio e trabalhavam, no contra turno de seus estudos, em Farmácias, Padarias e Supermercados. Sempre perguntava se eles pensavam em ser pedreiros, empacotadores e repositores nos supermercados ou balconistas nas lojas e farmácias. Os jovens respondiam que queriam fazer outros cursos, ter outras profissões, como: ser professor, enfermeiro, administrador, entre outros. O objetivo deles naquele Projeto era adquirir conhecimentos. Participavam dos cursos que eram oferecidos, por falta de opção, porque estavam sem fazer nada. Eles questionavam sempre: ‘por que aprender inglês, se no meu trabalho não preciso

disso? ' Aí, eu os aconselhava a assegurar as oportunidades que o projeto lhes oferecia. (ALISSON, 2012)

A partir de 2013 o Projeto Primeiro Passo passa por modificações na sua estrutura e operacionalização. Sua coordenação passa para o âmbito da Secretaria da Tecnologia e do Desenvolvimento Econômico – STDE, cujas ações são elaboradas conforme as orientações da coordenação do Programa, a nível estadual, mas sofrendo forte influência da proposta do “Projeto Trabalho Pleno”, cujos fundamentos já me reportei anteriormente. Em Sobral, o Projeto Primeiro Passo passa ser articulado a partir da mobilização de uma rede institucional e empresarial de atendimento/referenciamento de jovens para o mundo do trabalho em Sobral, sendo este o campo no qual os jovens constroem suas primeiras experiências socioprofissionais, conforme esboço dos fluxos¹¹² elaborados abaixo:

FIGURA 10 – FLUXO DE ATENDIMENTO JOVEM APRENDIZ

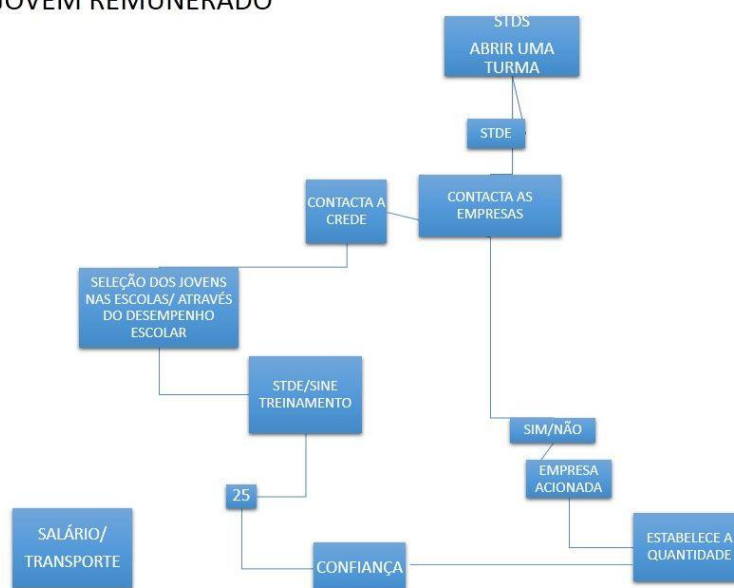


Fonte: Jovem Aprendiz, 2014 (desenho elaborado pelo coordenador)

¹¹² Esses dois fluxogramas foram elaborados manualmente pelo no Coordenador do Projeto Primeiro Passo, por ocasião de minha visita à STDE, em 16/06/2014. Nessa entrevista e noutras duas que a sucederam, pude obter várias informações sobre a reestruturação do Projeto, bem como pude fazer leitura de relatórios com os dados de cursos e formações de turmas referentes aos períodos 2013 e 2014. Parte dos dados foram sistematizados nos outros dois gráficos, já apresentados acima.

FIGURA 11 – FLUXO DE ATENDIMENTO JOVEM REMUNERADO

JOVEM REMUNERADO



Fonte: Jovem Aprendiz, 2014 (desenho elaborado pelo coordenador do Projeto)

Nos meus diversos contatos com a nova coordenação do Projeto, essa ação ganha força à medida que amplia suas vagas e estabelece novos convênios, intensificando suas ações. O Gerente do Primeiro Passo relata sua experiência na coordenação do Projeto, evidenciando as reformas empreendidas, o investimento em marketing, no sentido de ampliar o projeto e conquistar novos parceiros, e também destaca as dificuldades enfrentadas:

O Projeto tem passado por várias reformulações, de modo especial, na Linha “Jovem Remunerado”. Antes, o Governo pagava toda a bolsa no valor de R\$ 383,35 (trezentos e oitenta e três reais e trinta e cinco centavos). No tocante as bolsas, as principais alterações foram: o governo paga três meses e o empresário paga os outros três meses. Daí o governo fazer investimento em campanhas publicitárias. Veja a campanha que está circulando: “Empresário, seja Primeiro Passo!”. Aqui, foi feito um telemarketing (e-mail e telefone), além da publicidade no site e facebook da Prefeitura de Sobral, no blog “Sobral em Revista”. Apesar do investimento em publicidade, até então, somente os parceiros que já tinham convênio, em número de dez, se mantiveram, até junho de 2014. O governo, hoje, tem disponibilidade para pagar até trezentas bolsas para os jovens, mas as empresas não aderiram. Estamos sem muita expectativa, pois o prazo é até o próximo dia 16 de junho desse ano. Além dessas dificuldades de operacionalização do Projeto, destaco outras, como: o preconceito com os jovens, por parte dos empresários e representantes institucionais; as queixas sobre a pontualidade dos jovens; a falta de conhecimentos básicos, principalmente no português e informática; má qualidade dos cursos; as empresas não enxergam como ‘uma possibilidade de moldar o jovem’; e a falta de visão do empresário. Tem o depoimento de um jovem, que escutei durante a

diplomação, que me chamou muito a atenção. O jovem falou assim: ‘querem que a gente seja um ‘super-profissional’, sem nos oferecer as condições’. Aí eu lembrei de uma reportagem veiculada na “Você S/A”¹¹³, em outubro de 2011, a qual falava sobre o mito do profissional perfeito. Querem uma espécie de ‘superman’, querem contratar um super-profissional com o salário de um iniciante. Recomendo você ler também outros artigos que trata sobre a ideia de construir esse super-profissional, que agrega umas duzentas competências, para poder ser reconhecido como um profissional de referência. (COORDENADOR PRIMEIRO PASSO, 2014)

O atual coordenador apresentou um balanço dos atendimentos realizados pelo Projeto Primeiro Passo, no período 2013-2014, nas suas respectivas linhas de ação, a saber:

Quadro 5 - Atendimentos do Projeto Primeiro Passo em Sobral (CE)¹¹⁴

Período 2013-2014

Linha de Ação	Quantidade atendimentos
Ações implementadas a partir de 2013 e 2014	
Estágio Remunerado	25
Jovem Estagiário – TRE (Fórum Eleitoral)	40
Jovem Aprendiz	50
Ações já existentes antes de 2013 (executadas até 2014)	
Jovem Aprendiz	150
Estágio Remunerado – TRE (Fórum Eleitoral)	64

Fonte: STDE – Projeto Primeiro Passo – 2014 (elaboração própria)

¹¹³ Disponível em: <http://administracaoparticipativa.blogspot.com.br/2011/10/voce-sa-o-mito-do-profissional-perfeito.html>. Acesso em: julho de 2014.

¹¹⁴ De acordo com as informações prestadas pelo Coordenador do Primeiro Passo, as instituições e empresas conveniadas nesse período de 2013-2014 foram: a) *Para o Jovem Estagiário Remunerado*: JB Calçados; ZD Móveis; Casa Assunção; Colégio Farias Brito; Autocenter; Sovaril; Ramlive; Odontoclínica Dr. Ilbert Gomes Associados; Cinderela; Global Gráfica; b) *Para o Jovem Estagiário*: Tribunal Regional Eleitoral; c) *Para o Jovem Aprendiz*: FR Distribuidora; Tecnocom; DFA Alimentos; Donizete; Dissobel; Zenir; Atonal; Esplanada Shopping; Idetesf; Hipermercado Rainha; Super Lagoa; Direcional Engenharia; Rio Motos; d) *Jovem Aprendiz II*: Expresso Guanabara; MR Transporte; Posto São Domingos; Rações Golfinho; Santa Casa; Lojas Americanas; Itapemirim; Votorantim Cimentos; Hospital Unimed; Pinheiro Supermercado; Faculdades Inta; Moageira Serra Grande; Lojas Liliani; Cagece; Eficaz Engenharia; LA Empreendimentos; Policlínica; Silcar; Padaria Piray; Macavi; Lassa; d) *Para o Estágio Remunerado II*: Tribunal Regional Eleitoral.

Desses grupos que participaram do Projeto Primeiro Passo, nesse mesmo período 2013-2014, pude acompanhar três jovens da linha “Jovem Aprendiz”, que desenvolveram suas experiências como aprendizes no Fórum Eleitoral de Sobral, cujas narrativas serão discutidas e analisadas na seção VI.

5.2.4 O Jovem Aprendiz

A partir de 2013, amplio meu foco de análise direcionando meu olhar sobre outro projeto: o Jovem Aprendiz. Apresento esse programa numa dupla visão: dos jovens e de dois coordenadores pedagógicos. Destaco pontos referentes à maneira como o SENAI, representado por estes coordenadores, que falam em seu nome, pensam sobre o jovem que dele participa. Do mesmo modo, destaco as impressões dos jovens sobre o projeto, o SENAI e a Grendene. Trata-se de apreender, a partir das suas falas, as concepções e propostas do Jovem Aprendiz, bem como a forma como o jovem pobre é visto, sinalizando representações desenvolvidas sobre sua condição social, que orientam a atuação no projeto.

Dentre os itens das entrevistas e conversas informais apresentados para discussão estão: a apresentação do Projeto; as concepções sobre o que é ser jovem aprendiz; a procura pelo Projeto; a importância da educação profissional; a relação escola- trabalho; a preparação para o trabalho e para a vida; a figura do jovem trabalhador; o coordenador, o instrutor, o líder e o analista; o “acompanhamento pedagógico” do SENAI e a fiscalização dos jovens pela empresa no cumprimento das normas, como a utilização da “bata azul”; a disciplina e o controle dos rapazes e das garotas; as diferenciações dos jovens na empresa; as expectativas do Projeto em relação aos jovens; e, as representações sobre os jovens.

Nos dois primeiros encontros realizados na sede do SENAI, em 15 e 29 de abril de 2014¹¹⁵, a coordenadora pedagógica falou, inicialmente, sobre algumas das

¹¹⁵ Em abril de 2014 realizei duas visitas consecutivas, nos dias 15 e 29. Só depois é que pude estabelecer um cronograma de visitas, para realização de entrevistas e observação direta das práticas dos jovens. O primeiro encontro foi com fins de minha apresentação junto à instituição e para o esclarecimento da pesquisa. Nesse primeiro contato fui apresentada a gerência do SENAI em Sobral, a dois coordenadores pedagógicos e outros dois profissionais que lá trabalhavam, de modo a obter o “consentimento” para conhecer as ações voltadas para a qualificação profissional de jovens, bem como para acompanhar uma turma do curso de confeccionador de calçados. No segundo encontro pude realizar entrevista com dois coordenadores pedagógicos, cujas informações são discutidas neste item. Nesse mesmo dia fui apresentada a turma do curso de confeccionador de calçados.

principais atividades desenvolvidas pelo SENAI, destacando: a formação do trabalhador e os serviços de consultoria para empresas. Depois explicou os detalhes dos tipos de formação. Esclareceu que as ações são planejadas e sistematizadas a partir do Plano de Negócios do SENAI e do Plano de Desenvolvimento Industrial de Sobral - PDI.

Segundo a coordenadora, a aprendizagem industrial do SENAI tem como objetivo principal, ofertar formação para indústria local. Esclareceu que as empresas que contam com um número de funcionários acima de 50¹¹⁶, pelo menos, 5%, deve ser de aprendizes com idade entre 14 a 24 anos, sendo um período na empresa e outro no SENAI. Tanto a Empresa como o SENAI ficam sob a supervisão do Ministério Público.

A aprendizagem tanto pode ser uma modalidade como um programa. Quanto a qualificação profissional básica, ela se dá através de cursos e programas que visam o desenvolvimento de competências profissionais reconhecidas no mercado de trabalho, podendo ocorrer na formação inicial ou sob a forma de saídas intermediárias, na educação profissional técnica de nível médio e na educação profissional tecnológica de graduação. Dependendo do curso ou programa, o pré-requisito escolar pode ser desde o ensino fundamental incompleto ao ensino médio completo, e a idade mínima de 16 anos. A proposta é a pessoa saia com a classificação do Código Brasileiro de Ocupação - CBO¹¹⁷.

De acordo com o Catálogo Nacional de Cursos SENAI

¹¹⁶ A Lei 10.097, de dezembro de 2000, que altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), tornou obrigatória para empresas de porte médio e grande a contratação de trabalhadores aprendizes, adolescentes entre 14 e 18 anos incompletos. A medida determina que todas as empresas de porte médio e grande são agora obrigadas a disponibilizarem em seus quadros no mínimo 5% e no máximo 15% de vagas para aprendizes, proporcionalmente ao número de trabalhadores do estabelecimento cujas funções demandem formação profissional técnica de nível básico.

¹¹⁷ A Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, instituída por portaria ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, tem por finalidade a identificação das ocupações no mercado de trabalho, para fins classificatórios junto aos registros administrativos e domiciliares. Os efeitos de uniformização pretendida pela Classificação Brasileira de Ocupações são de ordem administrativa e não se estendem as relações de trabalho. Já a regulamentação da profissão, diferentemente da CBO é realizada por meio de lei, cuja apreciação é feita pelo Congresso Nacional, por meio de seus Deputados e Senadores, e levada à sanção do Presidente da República. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em 30/04/2014.

Aprendizagem profissional, segundo conceito legal, é a formação técnico-profissional compatível com o desenvolvimento físico, moral, psicológico e social do jovem caracterizada por atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva, desenvolvidas no ambiente de trabalho e caracteriza-se pela articulação entre formação e trabalho. Aprendizagem industrial, tipo de aprendizagem profissional voltada para a indústria, destina-se a qualificar jovens aprendizes para indústria. (SENAI, 2010, p. 15)

A coordenadora pedagógica descreve o “aprendiz” como o jovem maior de 14 e menor de 24 anos de idade, que celebra contrato de aprendizagem nos termos do art. 428, da CLT. A condição de aprendiz, portanto, pressupõe formalização do contrato do jovem pela empresa e da sua matrícula em curso ou programa de aprendizagem no SENAI. A formalização do contrato de aprendizagem se dá através do contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, com duração máxima de dois anos, em que o empregador se compromete a assegurar ao aprendiz, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação.

A duração da aprendizagem compreende uma fase escolar e, quando pertinente, considerando o projeto pedagógico e a viabilidade por parte da empresa, um período de prática profissional curricular nesta, com atividades teóricas e práticas correlacionadas, garantindo a preponderância da dimensão educacional sobre a produtiva, conforme disposto no art. 23 do Decreto nº 5.598/2005. O contrato deverá conter, expressamente, o curso, a jornada diária e semanal, a definição da quantidade de horas teóricas e práticas, a remuneração mensal e o termo inicial e final do contrato, que devem coincidir com o início e término do curso de aprendizagem, previsto no respectivo programa.

Os jovens aprendizes beneficiários são contratados por empresas como aprendizes de ofício, ao mesmo tempo em que são matriculados em cursos de aprendizagem, em instituições qualificadoras reconhecidas, responsáveis pela certificação. A lei garante ao aprendiz o direito ao salário mínimo-hora, observando-se, caso exista, o piso estadual. No entanto, o contrato de aprendizagem, a convenção ou o acordo coletivo da categoria poderá garantir ao aprendiz salário maior que o mínimo. Além das horas destinadas às atividades práticas, deverão ser

computadas no salário também as horas destinadas às aulas teóricas, o descanso semanal remunerado e feriados.

A jornada de trabalho legalmente permitida é de: 6 horas diárias, no máximo, para os que ainda não concluíram o ensino fundamental computado as horas destinadas às atividades teóricas e práticas, cuja proporção deverá estar prevista no contrato; 8 horas diárias, no máximo, para os que concluíram o ensino fundamental, computadas as horas destinadas às atividades teóricas e práticas, cuja proporção deverá estar prevista no contrato. Não é, portanto, possível uma jornada diária de 8 horas somente com atividades práticas.

O jovem aprendiz tem direito ao vale-transporte para o deslocamento residência-empresa e vice-versa ou residência-instituição formadora e vice-versa. Além disso, o jovem aprendiz tem direito a férias, 13º salário, FGTS. Ou seja, os mesmos benefícios dos outros contratados e conforme apresentado na Lei.

Em seguida, um outro coordenador pedagógico interveio refletindo sobre o papel do SENAI frente a essas novas demandas pela qualificação profissional de jovens:

Olhe, o SENAI é uma extensão da batalha de jovens, que se lançam no mundo do trabalho a procura de oportunidades. Os jovens têm medo do mercado, porque ele é 'soberano'. Falo 'soberano' para dizer da força que o mercado tem de selecionar os mais experientes e os mais qualificados. Aí o jovem questiona: 'que mercado é esse que tenho que me preparar mais em menos tempo?'. E aí, pela minha experiência que tenho em acompanhar os jovens nos cursos e na empresa, já escutei alguns jovens dizerem que a empresa sufoca os seus horizontes. E eu lhes pergunto: por que esse mercado os sufoca? Eles dizem que se 'sentem' economicamente ativos. Aí eles passam a valorizar essa experiência, porque representa autonomia, porque pode representar uma oportunidade de entrar para a Universidade ou de participar de um outro curso. Eles querem trabalhar, querem atuar e se tornarem responsáveis. Desse modo, precisamos, enquanto escola de formação profissional, quebrar esses paradigmas que eles vão ser sufocados pela empresa. [...] Aqui nós organizamos nosso currículo por competências. Lá na Grendene a aprendizagem é corporativa. Lá tem um setor, de Treinamento e Desenvolvimento – T&D, que é o setor que cuida da formação dos seus colaboradores. Então, quando os jovens aprendizes chegam na Grendene, todas as competências aprendidas ficam comprometidas, porque lá tudo é compartimentalizado e a aprendizagem é corporativa. Mesmo assim, eles aprendem todas as competências na formação do SENAI. Daí entra o processo de negociação com a Grendene. Nós não somos uma Escola da fábrica, mas se a missão dessa Fábrica tem a ver com a missão do SENAI, aí sim, nós temos que ter estratégias para falar da nossa própria proposta metodológica. (COORDENADOR 2)

As falas do Coordenador Pedagógico, acima, e a das duas jovens aprendizes, abaixo, levantam pistas interessantes para análise das condições a que estes jovens

são submetidos, para se qualificarem como trabalhadores. Alguns trechos de suas falas corroboram com algumas questões levantadas pelo coordenador:

Quando chegamos à Grendene, nem sempre sabemos o que vamos fazer [...] O superior e o peão perguntam: “é aprendiz?” Aí a gente fica jogada, a gente fica se sentindo yôyô. Se pelo menos dissessem assim: ‘você vai ficar aqui e pronto...’ Mas, todos os aprendizes são separados, no mínimo, três em cada esteira. E aí fico me perguntando: ‘o que é ser jovem aprendiz?’ É como se a gente não soubesse nada, que fosse dar prejuízo para eles. Um dia, um líder perguntou: ‘vocês são aprendizes? Aí ele pediu um momentinho e não nos deixou ficar lá’. Quando você é estagiário, você não sabe se fica ou se não fica. Na Grendene, você fica fazendo a mesma coisa. Os meus movimentos durante as quatro horas que passo lá é um só. Quando eu chego em casa, eu não aguento. É um só movimento. Quando a gente chega ao SENAI é bem melhor. A gente prefere ficar aqui, é o que diz todos os aprendizes. No dia em que discuti com o meu analista, da Grendene, disse que não aguentava mais arrastar caixas e nem trazer material e quem deveria fazer isso era o líder. Ele acha que nós é que temos que fazer o nosso processo. (APRENDIZ MAIARA)

Outra aprendiz complementa:

Chego lá e ‘ó’. Lá demora demais. Nós chegamos às 06h00min, porque se chegar às 06h10min, já é falta. Quando chego lá, não sabemos onde vamos ficar. Se você chegar às 06h10min e ainda for arrumar a esteira, aí não dá tempo. Precisamos saber como vai ser o processo. Eu acho que todos os aprendizes pensam assim: dá graças a Deus, quando termina o horário, que é das 06h10min às 10h10min. Tem que ser horário certo, nem mais e nem menos, porque a gente não pode ter banco de horas. (APRENDIZ BEL)

As reflexões e críticas dessas duas aprendizes sobre o programa que participam, o Jovem Aprendiz, me conduz a outras indagações: qual “tipo de trabalhador” essa parceria SENAI/Grendene pretende formar? Como se dá essa formação? Qual a sua contribuição para a construção de experiências desses jovens?

Para a coordenadora, o trabalho do SENAI junto aos jovens é qualificado como uma “oportunidade profissional”, através da qual os jovens aprendem todo um processo de trabalho a partir da sua inserção nos cursos ofertados, contando com uma coordenação pedagógica e instrutores educacionais. Como método de ensino e aprendizagem adota a “Pedagogia das Competências”, cujo projeto se adequa às necessidades da empresa, bem como influencia no processo de formação desses jovens, não sendo, portanto, uma via de mão-única.

Quanto aos trâmites internos, SENAI/Grendene, mais especificamente ligado ao processo de ingresso de jovens no programa “Jovem Aprendiz”, a coordenadora assim sintetizou: “1) O Sistema Nacional de Empregos (SINE) - Agência Sobral – cuida da inscrição e prova de seleção dos candidatos; 2) a Grendene interfere diretamente no processo seletivo, visto que a empresa dita as normas, quantidade de vagas e perfil do futuro trabalhador; 3) O SENAI oferta o curso e “qualifica” o futuro trabalhador”.

Em seguida, a coordenadora reitera, mais uma vez, as suas hipóteses sobre o porquê da procura dos cursos do SENAI pelos jovens, quando assim falou: “*penso que, na cabeça deles, eles querem arranjar um emprego na Grendene*”, mas logo afirma que são suas impressões, mas acredita que, “*muitos deles, depois descobrem a importância do aprendizado e da preparação para o mercado de trabalho*”. Ou seja, parte dos que entram é pelo emprego, principalmente motivados pela necessidade, só depois é que descobrem a importância da aprendizagem.

Depois procurei saber informações sobre as turmas do Jovem Aprendiz, relativas ao período 2013 e 2014: quantas turmas? Quantas concluíram os cursos? Quantos jovens engajados no mundo do trabalho, pós-qualificação? Quais mudanças ocorreram nesse período? Enfim, pedi que relatasse sobre a condução do programa e o destino dos jovens nele engajados. Logo fui informada que não poderia receber nenhum documento onde constassem os dados oficiais da instituição, com a justificativa que eram “dados internos” e não poderiam ser divulgados para terceiros, mas, noutra ocasião, concedeu-me os dados consolidados, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 6 – Cursos realizados pelo SENAI no período 2012-2014

CURSO CONFECCIONADOR DE CALÇADOS – APRENDIZAGEM		
2012	Matriculados	99
	Concludentes	93
	Reprovados	0

	Desistentes	06
2013	Matriculados	160
	Concludentes	117
	Reprovados	01
	Desistentes	42
Aprovados	Reprovados	Desistente
18	01	01
2014	Matriculados	24
	Concludentes	23
	Reprovados	01
	Desistentes	0

CURSO DE MECÂNICO EM MANUTENÇÃO DE MÁQUINAS INDUSTRIAIS

2013	Matriculados	20
	Concludentes	17
	Reprovados	00
	Desistentes	03
2014	Matriculados	27
	Concludentes	24
	Reprovados	03
	Desistentes	00

CURSO DE ELETRICISTA INDUSTRIAL – APRENDIZAGEM

2013	Matriculados	20
	Concludentes	18
	Reprovados	01

	Desistentes	01
2014	Matriculados	24
	Concludentes	23
	Reprovados	01
	Desistentes	0

Fonte: SENAI, 2015 (elaboração da pesquisadora)

A Coordenadora informou que a Grendene, enquanto indústria, trabalha na perspectiva de manter em seu quadro 5% de “Jovens Aprendizizes”. No caso de Sobral, há um maior investimento no curso de formação em “Confeccionador de Calçados”. Para o ano de 2015, a meta do SENAI prevê a qualificação de 1.000 (mil aprendizes). Nos dois últimos anos, 2014 e 2015, o SENAI tem se empenhado, significativamente, na organização de novas turmas. Em 21/08/2014, 60 alunos finalizaram os cursos de 2013; em 08/09/2014, 630 alunos iniciaram novos cursos e, em 10/02/2015, 597 alunos finalizaram os cursos de 2014.

Informou que em 08/09/2014 contavam com seiscentos e trinta (630) aprendizes matriculados, cujas atividades estavam assim distribuídas: quatro (04) horas no SENAI, na qualificação teórico-prática, e quatro (04) horas na Empresa, exercitando a prática profissional. Dos 630 que iniciaram, em 2014, 597 finalizaram os cursos, em 2015, e serão certificados¹¹⁸. Segundo a coordenadora, dos que finalizaram os cursos, 390 terão possibilidade de contratação pela Grendene, cuja meta estabelecida nessa parceria será de contratar até 420 jovens devidamente qualificados. Quanto ao estabelecimento dessa meta, prossegue a coordenadora, afirmando que a contratação será algo real, o que diferenciou dos anos anteriores (2012 e 2013), cujas contratações foram mínimas.

Quanto aos cursos ofertados em 2014, percebo que há um forte investimento na formação do ramo calçadista, conforme o quadro abaixo:

¹¹⁸ Numa de minhas últimas visitas ao SENAI, em janeiro de 2015, presenciei a preparação dos certificados para serem entregues aos que concluíram em fevereiro desse mesmo ano.

Quadro 7 – Quantidade de turmas oferecidas em 2014

Cursos	Quantidade de turmas
Assistente Administrativo	02
Mecânica de máquinas industriais	01
Eletricista industrial	01
Confecção de calçados	27

Fonte: SENAI, 2015 (elaboração da pesquisadora)

Quanto às metas para as entradas no Curso de Confeccionador de Calçados, estão previstos 360 cursistas para 23/02/2015; 360 cursistas para 14/04/2015 e 360 cursistas para 08/09/2015. Aliado a perspectiva de ampliação de metas, de modo especial, para as entradas no Curso de Confecção de Calçados, a coordenadora destaca outras “*novidades de 2015*”, como a Portaria do MTE, nº 723/2012, evidenciando a importância da inclusão do Módulo “Educação para o Trabalho”¹¹⁹, com 120 h/a, nos planos de Curso de Aprendizagem. Outro destaque dado foi a construção da Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial (UAAI), cuja estrutura física foi montada ao lado das fábricas da Grendene.

Em reportagem veiculada pelo “Ceará em Rede”, em 08/09/2014¹²⁰, o diretor regional da instituição, Fernando Ribeiro de Melo Nunes, esta é uma unidade destinada exclusivamente à indústria de calçados Grendene para aprendizagem industrial básica. Com o equipamento, a Grendene implementa um programa para manter em caráter permanente de treinamento 1.100 aprendizes na área de calçados. “*E para apoiar isso, o SENAI construiu esse posto avançado vizinho à fábrica, em terreno cedido pela Prefeitura. A unidade é uma inovação em termos de construção civil, porque é fixa, mas totalmente desmontável. Até as fundações podem ser levadas para outro local*”, destacou Nunes.

¹¹⁹ Leitura e Educação – 20h/a; Relações Sócio-profissionais, Cidadania e Segurança do Trabalho – 36h/a; Planejamento e Organização do Trabalho – 20 h/a; Raciocínio Lógico e análise de Dados – 20 h/a. Sobre a prática na empresa – 860 h/a; Módulo Específico – 740 h/a: Fabricação de palmilhas, solados e injeção de termoplásticos – 240h/a; Corte de peças e componentes – 100 h/a; Preparação e costura de cabedais – 160 h/a; Montagem e acabamento de calçados – 80 h/a; Modelagem de calçados – 100 h/a; Confecção de protótipo – 60 h/a.

¹²⁰ Disponível em: <http://www.cearaemrede.com.br/2014/09/senai-conta-com-nova-unidade-para.html>. Acesso em: 10/set/2014.

Figura 12 – Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial (UAAI)



Fonte: fotos cedidas por cursistas, 2015 (com elaboração da pesquisadora)

Outro destaque feito pela coordenadora foi que, a cada final de módulo ocorre um feedback com a empresa, no caso, a Grendene, que se dá através da produção de relatórios, além do acompanhamento pedagógico permanente, visitas institucionais, que são realizados pela equipe pedagógica do SENAI. Destacou também a importância do Planejamento Articulado entre as instituições parceiras.

Quanto aos Relatórios, eles se classificam em três (03) tipos: Relatório produzido no âmbito do SENAI (modelo próprio); Relatório da Empresa (organizado pela Grendene; escala de insuficiente a ótimo); e a Auto-Avaliação (pontos sinalizados para avaliação da prática profissional, também numa escala de insuficiente à ótimo).

Durante nossa entrevista, sugeri que a coordenadora destacasse alguns pontos relevantes presentes nas Avaliações dos cursistas, dos quais apresento os que ela deu maior ênfase, como:

Agradecimentos por participarem do processo de aprendizagem entre SENAI e Grendene (qualificação e prática profissional); manifestam a vontade de passar por todos os processos na Grendene. Isso significa que, às vezes, os alunos percebem o “descompasso entre formação do Curso e o exercício de atividades na empresa”,

pois nem tudo que aprendem no curso pode ser aplicado na empresa. Pude perceber esse desconhecimento quando conversei, noutro momento, com alguns alunos do Curso de Confeccionador de Calçados. Alguns relataram que aprendem todo o processo de produção de um calçado, porém quando vão para prática na Grendene, não seguem o mesmo processo de aprendizagem, ou seja, semanas vão para a “esteira”, noutra vão para a “colagem” ou “serigrafia”, mas nunca conseguem acompanhar todo processo de produção conforme aprendem no curso no SENAI. Tive oportunidade de acompanhar uma turma em 2013/2014 e outra em 2014/2015, as quais produziram pares de sandália dentro da Unidade de Qualificação do SENAI, seguindo todo o processo. Também apresentam manifestações de desejos de empregos, ou seja, de garantirem seu emprego na empresa, no sentido de fazer valer o curso que fizeram.

Ao final, a coordenadora pedagógica, ressalta em sua fala: *“Eles sabem muito bem o que eles querem, às vezes dizem, ‘quero isso e não quero aquilo’; eles querem seguir carreira e querem uma profissão qualificada”*. Certa vez, durante uma avaliação final de curso, uma determinada aprendiz, assim se expressou: *“eu me vejo para além do SENAI e fora dele. Eu me vejo professora/profissional do SENAI”*.

5.3 Políticas Públicas: vias que se abrem para os jovens sobralenses empobrecidos

O exame das políticas destinadas aos jovens empobrecidos foi guiado pela pergunta: em que medida elas favoreceram a inserção dos jovens no mundo do trabalho? Qual o aprendizado a partir dessas experiências?

O esboço delineado anteriormente permitiu visualizar em que lugar se encontram os jovens empobrecidos na cidade de Sobral, revelando a defasagem de “oportunidades” existentes para os jovens, apesar do esforço empreendido pelo município, quanto ao investimento de ações e programas específicos para a juventude, a exemplo do Primeiro Passo, especialmente na linha Jovem Aprendiz. O SENAI, através do Jovem Aprendiz, tem feito grandes investimentos, merecendo especial destaque, a criação da Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial (UAAI), localizada ao lado da Empresa Grendene e a reformulação do seu projeto pedagógico, o qual incrementa a proposta de educação profissional e fortalece sua parceria com a escola do SESI, ao ratificar a educação profissional através do EBEP.

As experiências em destaque, a partir das unidades executoras dos programas Primeiro Passo, Jovem Aprendiz, Projovem Adolescente e Projovem

Trabalhador têm sua ação balizada pelas exigências das empresas e instituições onde os jovens desenvolvem suas primeiras experiências profissionais. Tais exigências, de acordo com os relatos dos agentes institucionais, por reforçarem a ideia de um “super-profissional”, conforme já discutido anteriormente, além de limitar a participação de muitos jovens nesses programas de qualificação profissional, também diminuem as possibilidades destes se inserirem no mundo do trabalho. Na maioria das vezes, apenas favorecem uma passagem provisória, visto que seus perfis não atendem às exigências ditadas pelo mercado de trabalho, que por sua vez sofre alterações contínuas, a cada reestruturação produtiva do capital.

Um dos Coordenadores Pedagógicos do SENAI, conforme já destacado em depoimento anterior, observa com preocupação o nível crescente de exigências e a consequente exclusão de grande número de jovens que procuram a instituição. Ao se referir à relação Escola-Aprendiz-Indústria, a Coordenadora tece as seguintes considerações:

- . *Assim, contextualizo de forma breve o cenário escolar e da oportunidade de emprego, sendo esta última, a expressão mais próxima da realidade do jovem, sendo esta que o leva à sala de aula na condição de Jovem Aprendiz, aqui no SENAI. Para tanto, procede-se inicialmente, alguns encaminhamentos por ambas as partes. De um lado, age a indústria submetida à condição de cumprimento da quota de cinco por cento do quadro corporativo na obrigatoriedade de tê-los como Jovem Aprendiz. O referido procedimento se ampara na Lei Nº 10.097/2000, ampliada pelo Decreto Federal nº 5.598/2005. Determina que todas as empresas de médio e grande porte contratem um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% do seu quadro de funcionários, cujas funções demandem formação profissional. No âmbito da Lei da Aprendizagem, aprendiz é o jovem que estuda e trabalha, recebendo, ao mesmo tempo, formação na profissão para a qual está se capacitando. Deve cursar a escola regular - se ainda não concluiu o Ensino Médio - e estar matriculado e frequentando instituição de ensino técnica profissional conveniada com a empresa. Os jovens devem estar na faixa etária de 14 a 24 anos incompletos e que estejam cursando o ensino fundamental ou o ensino médio. A idade máxima prevista não se aplica a aprendizes com deficiência. A comprovação da escolaridade de aprendiz com deficiência mental deve considerar, sobretudo, as habilidades e competências relacionadas com a profissionalização. Do outro lado, está a instituição de ensino, que tem em seu compulsório, a contribuição direta da empresa, tornando-se necessária no cumprimento do atendimento ao empregador. O referido atendimento se dá através da modalidade de ensino Aprendizagem Industrial, palavra contexto, que compõe a sigla SENAI, visto o significado ser Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Além da importância implícita, convém tratar a Aprendizagem com a ênfase necessária, que se constrói no decorrer dos cursos que perpassam diversas situações que agregam ao ato de ensinar e ao ato de aprender. Para tanto, se faz necessário estabelecer na rotina cotidiana, o acompanhamento, sendo este desenvolvido pela figura do coordenador pedagógico que vai processualmente validando sua existência no cargo e função. (COORDENADORA PEDAGÓGICA 1)*

O problema da escolarização, condição *sine qua non* para participação nos programas ligados à qualificação profissional de jovens, é uma constante nos programas diretamente ligados à capacitação de jovens. Aí surge uma questão importante, pois se todo o discurso é para o estudo, inclusive com exigências formais de matrícula escolar, a prioridade é para o trabalho. No caso do SENAI, os jovens cumprem 04 horas nos cursos de aprendizagem industrial, 04 horas na Grendene e, a escola, fica relegada a segundo plano, feita no horário noturno.

A Coordenadora ressalta a experiência do SENAI, destacando as inovações com relação à inclusão de nova modalidade na educação profissional:

Hoje contamos com o programa de Educação Básica e Educação Profissional – EBEP. É um programa de educação básica com educação profissional, que é uma articulação da educação básica SESI e a educação profissional SENAI. Esse programa, a gente iniciou com duas turmas que finalizaram no último dia 10 de fevereiro de 2015. Foram duas turmas de 75 alunos. De 06h00min as 10h00min da manhã, a turma estava na Grendene; de 12h00min as 16h00min, no SENAI, no curso de confeccionador de calçados; e, das 17h00min às 21h00min, no SESI cursando EBEP. Existe um plano articulado, assim, o programa que eles vão fazer, de ensino médio, vai estar contextualizado com o curso. Então, o planejamento é feito em conjunto com o SENAI e SESI. Na escola SESI, chama-se educação de jovens e adultos, mas na modalidade do nível deles, que é o ensino médio. Quando eles terminam o ensino médio, pelo EBEP, eles recebem uma certificação que corresponde no ensino médio.

Apesar do discurso dominante, principalmente por parte dos agentes institucionais e que reverberam nos meios de comunicação, sobre a questão da qualidade da educação ofertada, cuja educação profissional ganha espaço e repercussão, especialmente com a adesão ao PRONATEC/BSM em nível de município.

No caso específico dos cursos profissionalizantes e do ensino médio, pelo EBEP, essa formação é reduzida a uma sequência formal de segmentos e certificada, ao fim de cada um. Apesar de constar algumas ações educativas de formação para cidadania, predominam conteúdos e ações de caráter instrumental, voltados diretamente para o treinamento de habilidades profissionais.

Percebe-se que não se desenvolvem ações com vistas a propiciar aos jovens oportunidades para a superação dos déficits culturais, que acumulam em razão de suas dificuldades de acesso aos bens de cultura produzidos na vida social. Segundo Cassab,

[...] As concepções de educação e capacitação para o trabalho que presidem estes programas estão impregnadas por uma lógica de formação para a subalternidade, sem romper com os lugares sociais que estão indicados para eles. É, porém, uma subalternidade modernizada de acordo com os ditames da nova organização do trabalho, em razão da reestruturação produtiva. (CASSAB, 2001, p. 95)

O foco central não é mais a perspectiva de ser assalariado, como fica claro na reestruturação das atividades propostas pelo SESI/SENAI, através do EBEP:

Ai, uma outra novidade desse programa, é que nós implementamos o “EBEP” – Educação Básica e Educação Profissional. A educação básica é ofertada pelo o SESI e educação profissional pelo SENAI. Como é que funciona esse programa? Os alunos que foram selecionados pela Grendene, eles vão assinar um contrato. Dentro desse processo de matrícula, eles estão recebendo um convite de participarem do EBEP. Quem participa do EBEP? São aprendizes que chegam ao SENAI e que ainda não concluíram o ensino médio e, aí, vão ter a oportunidade de terminar pelo o SESI, na modalidade de jovens e adultos regulada pelo MEC, sem nenhum problema, com certificação igual a qualquer escola. Então eles estão sendo convidados, e a gente não quer causar nenhum impacto com o Estado, porque não faz nenhum sentido. Inclusive quando nós tivemos essa proposta, nós nos reunimos com a Grendene, com a 6ª CREDE e SENAI. (...) Aí, nós nos reunimos também com a secretaria da educação do município, a partir da modalidade jovens e adultos. A Escola da Noite¹²¹ só vai até o 9º ano, ai não tem continuidade, e como eles já estão fora da faixa da educação regular, eles muitas vezes não vão procurar o Estado, enfim, e ficam na marginalidade mesmo, ou preso ao trabalho. Então o SENAI apresentou junto com o SESI o EBEP, para que não gerasse, também, problemas ainda não resolvidos, como a evasão na escola. Ai nós tivemos esse cuidado de apresentar para as partes representativas dessas instituições. Essa experiência começou na turma do dia 08 de setembro de 2014: 70 alunos que entraram no EBEP, ai teve aquela festinha de formatura foi bem bacana. São 1200 horas e, aí, a proposta pedagógica do SESI é diferente da educação básica regular. Aí nós vamos convidar estes que estão se matriculando agora. A gente já matriculou e já formamos uma turma de 20 alunos. Ai eles tem um ensino todo articulado SESI e SENAI, então se eles estudam a matemática, a matemática é aplicada à atividade profissional. Tudo é aplicado ao curso. Porque, quando eles chegam na modelagem, lá na Grendene, eles têm uma grande dificuldade em medidas, aquela coisa de saber calcular. Ai, o professor do SESI trabalha também essa competência dele, para que ele saia bem no curso. Então a gente chama de um planejamento articulado do SESI e SENAI. (COORDENADORA PEDAGÓGICA)

¹²¹ A Escola da Noite, assim denominada pela Secretaria de Educação de Sobral, corresponde à modalidade de Jovens e Adultos, cuja proposta se adequa as ações do Projovem Urbano.

As concepções que os programas apresentam não são somente escolhas aleatórias ditadas por seus formuladores, mas estão orientadas por leis, normas, enfim, por um conjunto de concepções que fundam as ações, a partir das formas pelas quais seus usuários se apresentam na vida social. Ao mesmo tempo, as ideias que são produzidas e difundidas por essas ações formadoras e outras, acabam também por circular na vida social, reforçando ou rompendo com o instituído.

A fala das duas coordenadoras pedagógicas, ao tempo em que avaliam as alterações e mudanças das ações empreendidas pela instituição da qual fazem parte, confirmam a incorporação das mudanças no projeto dos cursos, que por sua vez são orientadas pela Portaria 723/2012, do Ministério do Trabalho. E esclarecem:

[...] Aí, eles vão mudando um pouquinho esse foco, dos talentos que eu estava falando para você. Tem gente que se revela o melhor costureiro, conseguem grandes habilidades no corte, porque eles têm acesso a todo o maquinário. Por isso que eles fazem NR12, que é a norma regulamentadora que dá segurança para eles. Eles só entram na empresa depois que eles fazem esse curso. Esse curso acontece na primeira semana de aula, aqui no SENAI. Então eles não chegam à empresa de qualquer jeito, eles passam por esse curso, dentro do curso de confeccionadores de calçados, aí o SENAI também é que oferta esse curso. (...) Durante os outros dias já vão estar participando da NR12 e vão estar dando sequencia as aulas do curso. Assim, então, a novidade no plano de curso é a portaria do Ministério do Trabalho, que é a portaria 723/2012. Essa portaria nos coloca na obrigatoriedade de incluir, nos planos de curso, de todos os cursos da modalidade aprendizagem industrial, o Módulo Educação para o Trabalho. (...) Essa portaria é pública e diz para o SENAI que é para incluir nos planos de curso, de qualquer curso que for ofertado da aprendizagem industrial, que trabalham com jovem aprendiz, se for um curso de mecânica, tem que ter o módulo educação para o trabalho, se for eletricitista industrial, tem que ter esse módulo. Então, o que é esse módulo de educação para o trabalho de 120 horas? Ele é composto por aquelas unidades curriculares ali. O aluno vai começar o curso de calçados, mas antes de entrar na área específica do curso, ele vai fazer aquelas disciplinas ali. (COORDENADORA PEDAGÓGICA 1)

A outra coordenadora pedagógica complementa:

Cidadania e ética são 24 horas. Saúde e segurança do trabalho 36 horas. Planejamento e organização do trabalho, 20 horas. Raciocínio lógico e análise de dados, 20 horas. Módulo de educação para o trabalho. Os outros estão como módulos específicos, que são as unidades curriculares. Esses são 740 horas: Fabricação de palmilha; Solados e injeção de produção; Preparação e costura de cabedais; acabamentos de calçados; modelagens de calçados e confecção de protótipos. (COORDENADORA PEDAGÓGICA 2)

Outro aspecto a se ressaltar é que esses programas se dirigem, especificamente, a jovens pobres, moradores de cidades de médio e grande porte. Este direcionamento é uma tentativa de responder aos desafios que esses jovens representam nas cidades, como pressão sobre o mercado de trabalho e demandas por serviços. Sua presença imprime algumas dinâmicas no desenho das cidades e nas formas de relação estabelecidas com os jovens no controle do espaço urbano.

O reconhecimento destas intrincadas dinâmicas é fundamental para que possamos, a partir das experiências vivenciadas por esses jovens, discutir as reais possibilidades de inserção no mundo do trabalho na contemporaneidade, examinando as estratégias de inclusão que vão negociando no curso de suas vidas, e os elementos que articulam a favor da elaboração de seus projetos pessoais e profissionais dentro de um campo de possibilidades.

6 TRAJETÓRIAS JUVENIS NAS EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO

“Eu poderia ver bem melhor o jardim”, disse Alice a si mesma, “se pudesse subir no topo daquele morro: e aqui está um caminho que vai direto até lá... ou, pelo menos, não, não é tão direto assim...” (depois de caminhar alguns metros pela trilha, dobrando em algumas esquinas bruscas), “mas acho que afinal chego lá. É esquisito como esse caminho se enrosca. Parece mais um saca-rolhas do que um caminho! Bom, por este lado aqui eu chego ao morro, acho... não, não vai! Vai direto de volta para a casa. Já que é assim, vou tentar em sentido contrário.” (LEWIS CARROL, 1987, p. 25)

Nesta seção serão trabalhados os modos pelos quais os jovens empobrecidos de Sobral constroem suas trajetórias profissionais, em suas tentativas de inserção no mundo do trabalho. Assim, trago para a discussão as narrativas destes jovens, no sentido de apreender as expectativas que nutrem em relação ao trabalho e ao futuro profissional, bem como as impressões que agora possuem referentes às experiências que viveram e aos programas que integraram – *Projovem Adolescente e Trabalhador, Primeiro Passo, Jovem Aprendiz* - ou, nas rotas alternativas, que construíram nos trabalhos “a céu aberto”, nas vias públicas da cidade. Também serão discutidas questões relativas ao percurso profissional após a saída do programa ao qual estavam vinculados, à permanência na Grendene, e aos projetos profissionais e pessoais.

De fato, este segmento de narrativas é o ponto de chegada de toda a reflexão até aqui empreendida e, em certa medida, é também um retorno ao ponto de partida, pois da decomposição feita nos elementos categoriais, busco configurar percursos vividos no capítulo especificamente metodológico, agora, com nova dimensão conferida pelas discussões elaboradas nos capítulos anteriores.

Os depoimentos colhidos e analisados permitem a compreensão de como os programas destinados às juventudes foram sendo trabalhados pelas instituições de qualificação profissional e intermediação de empregos e vividos pelos jovens, segundo as esperanças que alavancam seus projetos profissionais e as oportunidades que foram surgindo, a partir das quais redesenham suas trajetórias e reelaboram tais projetos.

No capítulo anterior, para o exame das condições de produção das identidades profissionais, foi traçada uma discussão que localizou na dinâmica da relação Estado-agências-mundo do trabalho, diferentes vias e demandas oferecidas

às juventudes sobralenses que vivenciam os dilemas da pobreza. É desse ponto que partem as reflexões sobre as estratégias de inserção profissional que vão sendo tentadas pelos jovens no seu cotidiano de formação e de vivências laborais.

Tais trajetórias são os caminhos pelos quais eles vão tentando estabelecer sua inclusão no mundo do trabalho e na vida social. A rigor, essas estratégias juvenis estão relacionadas à inserção produtiva no mundo via trabalho. Para realizar essa inserção, “eles vão negociando com a moeda de seus sonhos e corpos, que, na maioria das vezes, é o único patrimônio que possuem”. (CASSAB, 2001, p. 179)

6.1 Balizando o campo de análise: projeto e campo de possibilidades

Para que seja possível estabelecer uma análise dessas trajetórias, entendo necessário delinear uma reflexão sobre *projeto* e *campo de possibilidades*. Beneficiei-me, principalmente, das obras de Velho que, por sua vez, recorre a Schutz (1979) para definir o que é projeto. Projeto, nos termos de Schutz, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. A partir dessa compreensão, lida com um possível viés racionalista, dando ênfase na consciência individual, auxiliando, desse modo, na compreensão de campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos. Nessa direção, “as noções de projeto e campo de possibilidades podem ajudar na análise de trajetórias e biografias, enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” (VELHO, 1999, p. 40).

Dos jovens cujas trajetórias pude acompanhar, no exercício do ofício da pesquisa, num período entre três a quatro anos, em tempos distintos e com intervalos, características do perfil familiar se assemelhavam, quais sejam: são jovens originários de famílias empobrecidas e cadastradas no CADÚNICO; os pais ou responsáveis trabalham freneticamente para dar conta das “responsabilidades familiares” e têm baixa escolaridade; os pais têm investido na formação educacional e todos os jovens – sujeitos da pesquisa - estavam estudando no período da investigação. Pelos seus relatos, era perceptível a existência de projetos de melhoria de vida e ascensão social, creditando à educação e a formação profissional, vias de possibilidades para a almejada mudança de vida.

É o que podemos constatar no relato de Marlon¹²², um jovem pai, de 27 anos, que, em 2014, participou de cursos ofertados pelo PRONATEC/BSM, encaminhado pela Agência de Inclusão Produtiva de Sobral. O Marlon é do município de Granja, porém já tem uma residência fixa aqui em Sobral, e mora no Paraíso das Flores, bairro próximo ao *campus* Betânia da Uva. Atualmente ele está assumindo a profissão de servente aqui nas Faculdades INTA, mas fez recentemente um curso de eletricista predial através do PRONATEC. Ele tem ensino médio completo, é casado, tem dois filhos, o curso que ele fez foi de 220 horas e hoje trabalha pela a empresa GORJE, de propriedade do então empresário e, também, diretor geral das Faculdades INTA.

Ele fala sobre a importância do trabalho na vida das pessoas, como meio de ascensão profissional. Credita na educação dos filhos, e da família como um todo, a possibilidade de superar as situações de pobreza, conforme seu depoimento abaixo:

O trabalho, pra mim é, no meu caso, que eu sou pai de dois filhos, um casal - a Raísa, de 9 anos, e o Marlon Júnior, de 3 anos - é ter a responsabilidade de todo o dia de ter o que dar para eles comerem. Como pai, primeiramente, quero que eles deem bastante valor aos seus estudos, que é pra não seguir uma profissão tão puxada como a da gente, de sol a sol. E eu quero que eles se formem como uns bons profissionais pra trabalhar dignamente, sem ter que passar tudo o que eu tive de passar no decorrer da minha trajetória de trabalho. É um trabalho um pouco puxado, um trabalho cansativo. Aí, é como eu lhe falei, queria né, que eles se formassem em uma graduação boa, fazer de tudo pra educação deles, ser de primeiro; mesmo se não for, mas que eles deem bastante valor aos estudos deles, para que cresçam no mundo e no mercado de trabalho. No campo profissional, para eles procurarem uma opção boa de trabalho, sem ser tão puxado como o que eu exerço. Trabalho pra mim é isso: ter responsabilidade, pra que toda vez que você acordar, não existe nada melhor do que você, como pai de família, você acordar se benzer e saber pra onde ir, entendeu? Pra mim é isso. É sempre prazeroso, acho muito prazeroso trabalhar com a equipe que a gente tem, no caso, como se diz o trabalho da gente é o local onde a gente vive, pois a gente vive mais no trabalho do que na própria casa. A gente tem que fazer o local do trabalho como se fosse a casa da gente. No caso, a gente passa oito horas no trabalho, ai tem que conviver como amigos, como irmãos como se fosse uma família por inteiro. (...) Toda mãe quer ver seu filho atrás de uma mesa e na frente de um computador, ou na frente de um quadro desses [quadro da sala de reuniões], ou fazendo uma cirurgia, ou uma operação, para a gente se orgulhar e dizer: Oh! Meu filho é um médico, ou meu filho é um policial, meu filho é um professor e está ajudando a educação do país dele. No caso da minha mãe, quando eu terminei com 17 anos, eu fechei os meus estudos, mas nunca repeti o ano, foi do Jardim I até chegar no 3º científico, quando terminei. Aí ela falou: Pronto, você vai estudar em Sobral e fazer uma faculdade. E eu não consegui fazer nenhuma faculdade até agora. (MARLON, PRONATEC/BSM)

¹²² Entrevista realizada em 06/11/2014.

Para Velho (1999), um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação, devido a particularidades de *status*, trajetória e, no caso das famílias dos jovens, de gênero e geração. Como seus projetos são edificados a partir da perspectiva dos grandes centros urbanos, os jovens e suas famílias “pagam” caro na edificação desses sonhos. No momento em que os jovens se mantêm na escola e passam a participar de projetos de qualificação profissional e de inclusão produtiva, parece abrir-se para todos, perspectivas novas, impulsionadoras de mudança.

Fica evidente, pois, que não é um processo linear, sem hesitações e complicações. Para o autor, os projetos individuais sempre interagem entre si, dentro de um campo de possibilidades. Não operam no vácuo, mas, sim, a partir de premissas e paradigmas culturais, compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente.

Sabemos que nenhuma sociedade é efetivamente simples ou homogênea. Mesmo nas de menor escala, encontra-se alguma diferenciação, seja de natureza sociológica, seja a nível dos universos simbólicos. Pode-se dizer que a própria possibilidade de vida social reside na interação das diferenças, com a conhecida problemática antropológica da troca e da reciprocidade. O que está em jogo, constantemente, é a unidade social com que se trabalha, de modo mais ou menos arbitrário.

No caso das sociedades complexas modernas, essas características assumem outras proporções e significados. A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita à alterações drásticas. O trânsito intenso e frequente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores *de* e produzidos *por* escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. Essa situação, como já percebia Simmel no início do século, é particularmente aguda nas metrópoles. Mas o desenvolvimento da comunicação de massas e dos processos globalizadores expande e generaliza essa problemática. (VELHO, 1999, p. 44-45)

O caso dos jovens aprendizes, em processos de formação profissional, a buscarem a realização de seus projetos e o reconhecimento de seus esforços no campo profissional, ilustra e pode ajudar a pensar as implicações desse estado de

coisas. Esses jovens lançam-se à descoberta do novo, de horizontes que possibilitem a realização de seus sonhos. Não são, no entanto, atores-sujeitos na sua plenitude, a utilizarem a livre-escolha. Pelo contrário, são empurrados por forças e circunstâncias que têm de enfrentar e procurar dar conta. Logo, vão mudando seus papéis de acordo com o contexto.

É o caso dos jovens do Projovem Adolescente do coletivo do Alto da Brasília. Eles veem no trabalho uma “oportunidade”, para alcançar seus projetos e, sobretudo adquirir independência.

O trabalho é a pessoa poder viver a sua vida, ter seu próprio meio de viver, sem precisar estar pedindo nada para ninguém, ou de estar sempre dependendo de uma pessoa para estar te ajudando. O trabalho vai possibilitar você ter o seu próprio meio de vida e ter a sua própria vida, ser independente, não ficar só dependendo dos meus pais, poder construir sua trajetória e caminhada. O emprego me levará a ter independência. Primeiramente quero ganhar experiência como Guarda Mirim e, futuramente, ser Guarda-Municipal. Futuramente, além de ser guarda-municipal, eu quero fazer um curso superior, quero me formar em Pedagogia. (GUARDA-MIRIM)

O meu sonho é ter independência (CRIS, PROJOVEM)

Lembro-me do caso do menino que queria fazer um foguete. Ele era muito estudioso. O pai dele dizia: ‘estudar é coisa para mulher, o homem tem que trabalhar. (LUCAS, PROJOVEM ADOLESCENTE)

Cada jovem transita por vários mundos sociais: escola, agências, lazeres, contextos familiares e trabalhos. Tal qual Alice de Lewis Carrol, em suas aventuras, os jovens lançam-se em caminhos que se enroscam, à medida que pensam chegar ao caminho desejado. São mundos diferenciados, com padrões contrastantes, concepções particulares, olhares e prioridades distintas. Eles aprendem a lidar com várias situações, desenvolvendo não só estratégias racionais, mas, sobretudo, uma capacidade de adaptar-se às circunstâncias. As escalas de valores de suas famílias e de outros grupos que participam não são necessariamente antagônicas. Lidam com aspectos diferentes da realidade ou estabelecem recortes próprios nas suas visões de mundo.

Vejo na história narrada por Marlon, que ele aprendeu lidar com situações adversas, ao mesmo tempo em que busca novas oportunidades no campo profissional, tanto para ele, como para esposa e filhos:

Quando eu disse que minha mãe falou quando eu concluí o ensino médio: pronto, você vai estudar em Sobral e fazer uma faculdade. Só teve um, porém, qual foi? Foi quando eu engravidei a Joyce, que é a minha esposa, a Joycileia. Aí eu disse para minha mãe: a Joyce está grávida, e agora? Então, dei tchau mãe. Eu já completei meus 18 anos e agora vou tentar buscar meus horizontes, vou trabalhar pra colocar ela dentro de uma casa e a gente construir a nossa própria família. Porque, aí no caso, eu não vou querer sofrimento pro meu filho, nem pra minha filha. Eu quero que eles estudem, estudem até se graduar, para a gente ver e se orgulhar deles. No caso, a minha filha só fala em querer ser uma gerente de banco. A menina tem nove anos, uma coisa que nunca passou pelo meu juízo. Eu sempre pergunto: filha o que você quer ser quando crescer? Ela diz: pai, eu quero ser gerente de banco. É, então, você tem que estudar muito, muito, muito e se depender de mim e da sua mãe, você vai estudar bastante. Ela é super-inteligente. Ela chega do colégio dela, se senta, pega o livro dela e responde a tarefa dela e a gente só faz perguntar se ela terminou ou não. Se terminou, a mãe dela pega e olha se está ok. Ela senta e estuda e se destaca nos estudos dela. E a gente faz de tudo para não desandar os estudos dela, fazemos de tudo, de tudo. E ela mesma quando dá 12h30min a menina já está no ponto de ir pro colégio e ela estuda bem ali no CAIC. A mãe dela falou, que lá no CAIC é só até o 4º ano, no caso, é só até o próximo ano dela. Aí, ela vai para o Raul Monte ou, no caso, se eu estiver trabalhando, exercendo uma função boa, sendo eletricitista lá, e a mãe dela trabalhando também, no caso também se Deus quiser, lá no ASSAÍ, aí já da pra gente pagar uma formação particular pra ela, lá no colégio Coração de Jesus. Que o ensino do CAIC é excelente, excelente o ensino de lá. A menina é uma seda nos estudos dela, é ótima ela. Ótima, ótima nos estudos. No caso se Deus quiser e Nossa Senhora ajudar os dois trabalhando, dá pra pagar a partir do 5º ano dela, pois só tem aqui no Trajano, que é aqui do lado e no Raul Monte. Lá tem aquelas desavenças do pessoal e ninguém aprende nada, os professores querem ensinar, mas muitos não querem aprender, aí já não fica bem complicado. No colégio onde eu estudei foi dito que o 5º ano é a base de tudo. (MARLON, PRONATEC/BSM)

O jovem pai levanta várias preocupações, quanto ao futuro educacional e profissional da filha mais velha, por isso, pensa, junto com a esposa, em estratégias para superação desses problemas, que ameaçam seus projetos familiares. A noção de estratégia liga-se a ideia de ação. Ela é uma noção que se refere à decisão sobre um percurso a ser seguido em uma ação racional, orientada por objetivos que estão esboçados em um projeto que se realiza na mediaticidade. A noção de estratégia pressupõe ainda uma certa reflexividade e cálculo que orientem as decisões que os sujeitos, individuais ou coletivos, tomam no curso de suas ações. Desse modo, a estratégia supõe um pesar e um medir as condições e o grau de sua conveniência em relação aos objetivos desejados. Assim, afirmam os jovens sobralenses, ao falarem de seus sonhos e projetos profissionais, podendo coincidir ou não com os projetos do conjunto de suas famílias:

Eu quero compartilhar os sonhos delas comigo. Eu quero ser um grande electricista conceituado e minha esposa estuda muito, é direto nos livros, ela vai fazer até o Enem agora. Até eu conversando com ela disse: taí, né? Se você for selecionada, mesmo para o cargo de operador de caixa, ou for selecionada para qualquer uma dessas outras oportunidades. Ai quando for terça-feira, com certeza, ela já vai pra um deles. Eu já falei pra ela: quando você for chamada para essa entrevista, você deve estudar muito, pois se tirar uma pontuação muito boa no Enem, já dá pra ingressar em uma faculdade da área financeira ou em uma faculdade de administração. No caso, ela estando lá dentro, e depois dela se graduar, ela poderá ser uma gerente. Lá dentro mesmo ela poderia ir pra outro setor. E pra eu me tornar um grande electricista, só basta eu querer, tudo só depende de mim. E ela, como ela vai fazer o Enem, se ela tirar uma nota muito boa e ingressar na faculdade, poderá ser uma boa gerente na administração. (MARLON, PRONATEC/BSM)

Bem, como eu comecei a trabalhar aos 14 anos, não sei mais viver sem trabalho. Comecei a trabalhar muito cedo... Minha mãe não tinha condições financeiras muito boas e eu senti a necessidade de ajudar em casa. E, também, porque eu sempre tive aquele sonho de liberdade, de sair, de ser independente, não só financeiramente, mas eu queria ser independente, é ... eu também queria ter o meu espaço... (CONCEIÇÃO, PROJÓVEM ADOLESCENTE)

Eu vejo essa experiência na Grendene não como o que eu quero para minha vida, mas vejo como uma possibilidade que vai favorecer a minha passagem para outra coisa, para outro trabalho. É isso, eu quero juntar um dinheirinho e a aprendizagem, a partir dessa experiência. Eu penso assim, que eu estou lá e vejo o que a gente pode aproveitar... Até, porque, o que a gente aprendeu a fazer lá, nós não vamos fazer em lugar nenhum, só lá mesmo. Aí, eu não vejo pela parte do trabalho não, mas pela parte financeira, entendeu? O dinheiro que eu vou ganhar lá eu vou empregar numa coisa que vai me favorecer mais na frente: vou pagar o meu cursinho, fazer o vestibular e depois fazer minha Faculdade... e por aí vai. (BEL, JOVEM APRENDIZ 2014)

Percebo, nesses depoimentos, que os jovens, ao refletirem a partir de suas experiências, criam alternativas para alcançar seus projetos pessoais e profissionais. Desse modo, vão construindo suas identidades profissionais, cujo processo é permeado pela dinâmica de mercado, pela concepção de trabalho e pela posição e status da profissão no contexto social.

Giddens (1991) vai ressaltar que a contemporaneidade se tem apresentado como um período em que se desenvolveu ao máximo a reflexividade, tanto individual como socialmente. Para este autor, tal desenvolvimento inscreve-se em um quadro no qual os sujeitos buscam maximizar o princípio de realidade, através de uma consciência de caráter discursivo e prático. Assim, para Giddens, a reflexividade -

característica de nossa época - é essencialmente cognitiva e está baseada em um universo de informações disponíveis que circulam na vida social.

Cassab (2001) assinala um outro elemento para que se possa apreender a extensão da noção de estratégia, quando se fala de escolhas em ação no tempo. Este elemento é o caráter identitário que a reflexividade carrega, pois ela se realiza no jogo das relações sociais, nas cenas coletivas que configuram o processo de produção das subjetividades. Desse modo, as escolhas são sempre referenciadas pela identidade e/ou diferença que os sujeitos, ou grupos, querem estabelecer uns com os outros.

Por isso pode-se dizer que as estratégias assumidas pelos sujeitos se encontram em um universo mais ou menos delimitado de alternativas socialmente construídas, em padrões institucionalizados de práticas. No caso desses jovens, com idade entre 15 a 29 anos de idade, suas escolhas podem aparecer, de um modo mais dramático, na medida em que caracterizam uma ruptura com uma escala de valores anterior que os englobaria, através da família e do trabalho, dentre outros parâmetros. Mas, efetivamente, esse mencionado jogo de papéis se realiza acompanhando a emergência de um projeto pessoal de alguma singularidade. Identifico nas narrativas dos jovens o desejo por estudar, alcançar a Universidade, conseguir um bom trabalho e ascender profissionalmente.

É o que pude perceber no depoimento de Felipe, 19 anos, estudante do segundo período do Curso de Tecnologia da Construção Civil da UVA, durante um dos nossos encontros¹²³, quando assim falou:

Sou um jovem nascido e criado nos Terrenos Novos, um bairro de periferia da cidade de Sobral. Moro com minha avó e meu tio. Tenho projetos de vida. Um deles era cursar Geologia em Fortaleza, porém as condições não permitiram. Vejo no trabalho a chance de construir uma vida digna. Por vida digna entendo que é você não estar na "ilegalidade", ou seja, não cometer crimes, não roubar, não usar drogas, etc. Acredito que, às vezes, isso acontece porque os jovens não têm oportunidades, principalmente os jovens das periferias.

Hoje sou acadêmico do curso tecnológico, que tem área de atuação relacionada a Construção Civil, ou seja, totalmente diferente do que estou aprendendo no Curso Confeccionador de Caçados, do programa Jovem Aprendiz. A indústria que trabalho, é de bens de transformação, no caso, produção de calçados, e o curso necessário para estar no programa, também se relaciona com a confecção de calçados. Não era bem isso que queria fazer. Optei por esse emprego de forma temporária, pois tinha objetivos como qualquer outro jovem com ensino médio concluído, em busca de

¹²³ Encontro realizado em 27/11/2014, na sala de reuniões do GEPECJU/UVA.

trabalho pra complementar a renda familiar. Inicialmente eu estava atrás de emprego, já que havia concluído o ensino médio e tinha passado no vestibular e estava aguardando começarem as aulas na Universidade, que estava com o calendário acadêmico atrasado por conta de uma greve. Então, fui a SINE/IDT, me informar sobre as vagas de emprego, até mesmo pelo fato de ter apenas cursos de informática e um estágio no Programa Guarda Mirim, da Guarda Civil Municipal de Sobral, que oferecia remuneração de R\$ 116,00 (cento e dezesseis reais), e também palestras e cursos voltados para ética e moral. Porém, as ofertas de emprego não se enquadravam pra mim, pois necessitavam alguma qualificação, ou então, não me interessavam. Também tinha que ser um emprego que desse para conciliar os horários de estudo e trabalho, já que o meu curso superior é noturno. Foi que pensei na empresa Grendene, por indicação de amigos e parentes, ai foi que me informei sobre a jornada de trabalho, as vantagens e pedi dicas. Então, foi que apareceram vagas para Jovem Aprendiz Confeccionador de Calçados, pelo SENAI, e me inscrevi e deixei o currículo, incentivado por conhecidos que fizeram esse mesmo estágio, e me informaram os horários e vantagens do emprego. Eu já queria ter entrado na empresa como funcionário efetivo (horário integral), porque levando em conta que a renda da minha casa era apenas o benefício de minha avó, eu receberia conseqüentemente o salário completo, já que eu visava ajudar na renda de casa, e de certa forma independência financeira, já que a economia capitalista impulsiona o consumo, não o meu caso de consumir exageradamente, mas de certa forma ter conforto e usufruir de bens, como: internet, roupas, produtos de uso pessoal, perfumaria, e também de Poupança para eventuais necessidades. (FELIPE, JOVEM APRENDIZ 2015)

Com isso quero dizer que as vias de que os sujeitos dispõem para a realização de seus objetivos são aquelas oferecidas no escopo de uma cultura de uma sociedade, em um tempo histórico determinado. De fato, é considerando elementos culturais da contemporaneidade, que os sujeitos traçam seus objetivos. Posto que então, “mesmo as alternativas que apontam no sentido da intenção de ruptura da *ordem*, encontram-se inscritas na própria *ordem*” (CASSAB, 2001, p. 181).

Nesta perspectiva da inserção na ordem instituída, mesmo no âmbito de programas direcionados para os jovens sobrantes, cabe destacar o depoimento de uma agente institucional sobre o fato de os jovens que, mesmo fazendo o curso de formação exigido pelo programa, ao submeterem-se a seleções para emprego, por vezes consecutivas, não conseguiam serem selecionados. E, esta agente, ao dirigir-se as empresas ofertantes de vagas, foi informada que estes jovens fugiam do padrão exigido pela empresa, no tocante à boa aparência.

O Projovem Trabalhador (2010) era operacionalizado pelo SINE IDT e tinha quatro turmas que aconteciam em equipamentos públicos através de uma parceria com a Prefeitura de Sobral. Cada turma tinha vinte e cinco (25) jovens, distribuídos nos CRAS de Sobral: CRAS Sumaré - curso de cabelereiro e, como o CRAS era muito

pequeno, deslocamos o curso para o espaço CENTRESUM; CRAS da EXPECTATIVA - Recepcionista; CRAS da VILA UNIÃO - Auxiliar administrativo; CRAS MIMI MARINHO, no Bairro Dom Expedito - auxiliar administrativo.

O projeto só era renovado pelo Governo do Estado do Ceará para o ano seguinte se, ao final, conseguíssemos incluir 30% dos jovens no mercado de trabalho. Como a coordenação do projeto era dentro das instalações do SINE ficava acessível às informações acerca das vagas disponíveis no mercado. Apesar disso os jovens foram submetidos a varias seleções e houve muita dificuldade para conseguir inseri-los no mercado de trabalho. Tiveram jovens que foram submetidos a dez seleções e não passavam. A capacitação profissional que eles realizavam no projeto não era suficiente para garantir sua "entrada" no mercado de trabalho, pois havia outros fatores que estavam nas entrelinhas, mas que eu tentava perceber nas falas e na não aprovação. Uma delas era a aparência: os jovens, em sua grande maioria, eram negros e originários de bairros reconhecidos como de risco. Outra questão era o primeiro emprego, eles não tinham experiências, tinham dificuldade de se comunicar devido nunca terem trabalhado antes. Os jovens, às vezes, nem tinham roupas "adequadas" para participar de uma seleção, mas, ao final, conseguimos inserir 30% no mercado de trabalho. Uma coisa interessante era que esses empregos eram bem flexíveis, como contratos por tempo determinado e prestador de serviços e, em sua grande maioria, não conseguiam empregos nas profissões na qual foram capacitados no projeto. Havia situações em que eles mesmos não queriam vagas nas referidas profissões em que foram capacitados, por exemplo, os jovens que fizeram o curso de cabelereiro não queriam trabalhar na área, pois, segundo eles, faziam o curso por causa da bolsa de R\$ 100,00 (cem reais).

Portanto, o aprendizado decorrente das experiências juvenis no mundo do trabalho não deve ser entendido tão somente como um esforço deliberado e calculado. O que fundamenta seus projetos é a emergência de um projeto individual que, aos poucos, vai se distinguindo do familiar e de outras instâncias socializadoras, em função de interações e experiências inéditas. Assim, desenvolve-se um processo de definição e negociação da realidade, implícito ou explícito, possibilitando a manutenção das relações sociais em seus diversos âmbitos: familiar, educacional, social e profissional.

É o caso das narrativas de quatro jovens sobralenses na afirmação de seus projetos individuais: Laiane, Naiara, Nayra e Valdilene. Essas quatro jovens participaram do Projeto Primeiro Passo, na linha Jovem Aprendiz, cuja experiência ocorreu no Tribunal Regional Eleitoral de Sobral (TRE), no ano de 2013, como assistente administrativo, realizando atendimento durante o recadastramento eleitoral, mais especificamente na biometria.

Para mim, ser jovem é o começo de uma responsabilidade, é uma fase da vida que é para se conhecer e aprender com quem já é experiente. Para mim, o trabalho é importante, para podermos adquirir conhecimentos, experiência e capacitação. Sobre os meus sonhos e projetos de vida é me formar na área de meu interesse, como Assistente Social, e poder ajudar pessoas necessitadas. Estudar é uma coisa bem

cansativa, mas espero que esse cansaço seja nosso repouso de amanhã, com nosso esforço e interesse. (LAIANE, PRIMEIRO PASSO/TRE)

Ser jovem é curtir o momento, pois a vida nos dá oportunidade de curtimos e sermos sempre jovens. Para mim o trabalho é importante, porque nos ajuda a construir uma vida melhor. Meu sonho é me formar em Medicina, e dar o meu melhor para meus pais e minha irmã. Quero estudar bem muito, para ser melhor na vida. (NAIARA, PRIMEIRO PASSO/TRE)

Eu sempre quis trabalhar, pois acho que o trabalho ensina muito os jovens. Faz com que a pessoa tenha um crescimento e mais maturidade e ensina a ser um bom cidadão. Gosto de ser jovem e sei curtir minha juventude, aproveitando a escola, os amigos e a liberdade que temos de nos expressar. Sonho em fazer uma faculdade e ser uma grande profissional, ter sucesso na minha carreira e, assim, ajudar a minha família e fazer a diferença na minha comunidade, dentro da minha área. Quero ser uma grande Fisioterapeuta, e entendo que preciso estudar muito. As atividades que praticamos com o estudo é o que vai trilhar o nosso futuro. (NAYRA, PRIMEIRO PASSO/TRE)

Vejo o trabalho com muita importância para nossa vida, e também uma grande experiência. Gosto de trabalhar, principalmente porque preciso. Para mim, ser jovem é uma das melhores fases da vida, um tempo de experiência e aprovações. Mas temos que aproveitar cada etapa da vida, seja ela qual for. Meu projeto de vida é, ao sair do ensino médio, cursar a faculdade de Serviço Social. Em seguida, conseguir um bom emprego e fazer o curso técnico de recursos humanos. Vejo que é necessário continuar adquirindo conhecimentos. (VLADILENE, PRIMEIRO PASSO/TRE)

A partir dessas delimitações retomo, então, as estratégias de inclusão tentadas pelos jovens. Conscientes da ordem, eles sonham seu futuro dentro das fronteiras que estão desenhadas para eles ou tentando ir mais além. Neste desenho vão negociando seu lugar na vida social, porém, muitas vezes sem condições de acompanhar e entender as mudanças que ocorrem mais rápido que sua capacidade de entendê-las e produzir novas estratégias frente a elas.

Para Velho, as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo de interações com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. Para o autor:

Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. A heterogeneidade, a globalização e a fragmentação da sociedade moderna introduzem novas dimensões que põem em xeque todas as concepções de identidade social e consistência existencial, em termos amplos. (VELHO, 1999, p. 48)

Portanto, interrogar-se hoje sobre as estratégias que apontam para o futuro apresenta um patamar de dificuldade muito mais elevado. As novas formas de ordenação da vida social, em particular aquelas ocorridas no mundo do trabalho, diminuem, senão inviabilizam, as seguranças mínimas com as quais os sujeitos pensam sobre seu futuro e estreita a já pequena margem de controle sobre os destinos dos sujeitos e da sociedade.

É a partir dessa compreensão que Luana faz sua reflexão sobre a relação dos jovens com o mundo do trabalho:

São milhões de jovens que andam ansiosos nesse momento, porque a cada minuto vão ocorrendo mudanças econômicas, religiosas, dentre outras, e de maneira explosiva. Para milhares de jovens tudo hoje se torna bem mais fácil do que em anos anteriores. As oportunidades são bastante visíveis: em todo canto presenciamos jovens nos campos de estágios e também se capacitando para o mercado de trabalho em diversos cursos profissionalizantes. Quando um jovem procura o seu primeiro emprego e passa a ser um novo trabalhador, traz consigo a liberdade, autonomia e crescimento pessoal e intelectual. Porém, existem muitos jovens que são bastante descontentes com seu país e esperam que seus familiares corram atrás de seus sonhos. De uma maneira bem breve, grande parte desses jovens precisa despertar para isso, e, os seus pais, que são uma referência na vida deles, deveriam estar mais atentos, para que pudessem orientá-los quanto ao seu crescimento, e os jovens fiquem mais atentos ao seu futuro, ao invés de apenas reclamarem. O aumento de vagas ofertadas e de pessoas em busca de um emprego, automaticamente amplia a concorrência, o que deixa o jovem mais exposto e exige que os jovens se preparem melhor para a entrada em um novo emprego ou um estágio. Para enfrentar suas necessidades e enfrentar o mundo lá fora, os jovens precisam mudar sua visão de mundo, para poder se desenvolver. (LUANA, JOVEM ESTAGIÁRIA/TRE)

Marlon, por sua vez, fala de sua trajetória de dez anos de “peleja” no mundo do trabalho. Marlon iniciou sua trajetória profissional aos 17 anos de idade. Segundo seu depoimento, teve que interromper sua vida estudantil para assumir outros compromissos, como o casamento. Logo em seguida, veio de Granja a procura de um emprego na Grendene, onde passou seis anos. Em tempos descontínuos, vem assumindo outras “obrigações” e tentando se capacitar para assumir novos desafios no mundo do trabalho. Assim, fala de outras experiências de formação e de busca de novas oportunidades de trabalho:

Foram seis anos na Grendene. Fazia curso de matemática, o último curso que a gente estava fazendo era de formação para o trabalho. O curso era lá mesmo, na Grendene. A professora era de São Paulo e era uma formação boa, acontecendo duas vezes na semana. Pra mim, a formação para o trabalho ofertado pela Grendene foi tudo de bom, porque lá que eu me sentia uma pessoa melhor. Ingressei no

mercado de trabalho na Grendene e me formei. Mas já trabalhava muito fora, mas era só trabalho braçal: era metalúrgica, pintura de carro, isso lá em Granja. Ai quando vim pra Sobral, foi onde eu tive um amadurecimento, aonde a gente vai tendo responsabilidade. Porque, logo quando eu saí da Grendene, eu saí como líder, porque, no caso, eu era o preparador de processo. A gente era a cabeça, tem até uma farda com umas bolinhas amarelas, aí já diz que você é o dono da esteira, o chamado líder. Ai, agora na minha carteira, a minha ultima assinatura foi de preparador de processo, que é quando você que toma conta da esteira. Preparador de processo, ou seja, você sai lá embaixo e o calçado já sai pronto para ir pra loja, desde a pintura da sola até colocar aquele lacinho. Preparador de processo é o cabeça, é o que faz tudo, é o que vai para as reuniões, no caso, é o líder mesmo. Você é responsável por equipes com vinte pessoas e você pega as chicotadas por elas todinhas. Essa experiência me amadureceu muito, muito, muito. Até na nossa relação familiar, a gente aprende a dar “bom dia meu amor”, porque no caso, eu não tinha essa delicadeza. Eu acordava, tomava um banho, escovava os dentes, tomava o café, me arrumava e ia para o trabalho. Chegava às 11h00min do mesmo jeito, saía do mesmo jeito e chegava 05h00minh do outro dia. Aí, de tanto você fazer reuniões, aqui e ali, você vai levando esse aprendizado pra casa. Porque toda a reunião formava a equipe e ai tinha bom dia pessoal e tinha isso, isso e aquilo. Todo dia a gente tinha que agradecer. Partia de você mesmo quando você quisesse fazer uma reunião de manhãzinha, às 06h00min, no caso, era de 06h00min até 06h10min. Reunia logo a equipe e agradecia pelo o que tinha sido feito no dia anterior. Aí dizia: vamos lá, que hoje vai ser do mesmo jeito. (...) O curso preparador de processo, e isso exige muita disciplina. Exige o máximo, mas tem gente que não entende isso, sabe que não pode estar gritando com o pessoal, mas muita gente grita aí você chega pede, por favor, o que der para você tirar para disciplinar as pessoas, você vai tentando.

Eu fiz os dois cursos na Grendene porque eu morava de frente com o CRAS. É a creche e o CRAS no mesmo prédio, só que dividido. Eu fiz dois cursos lá através do CRAS, que é o de eletricista e o predial. O Pronatec é voltado para pessoas de baixa renda, aquelas pessoas que ainda não são formadas e que estão voltadas para o mercado de trabalho, querem ter uma oportunidade. Um curso desses que eu fiz ganhando, só o curso de eletricista era R\$ 580,00 (quinhentos e oitenta reais). Ainda ganhamos uma bolsa, no caso da gente como Sobral não tem, é como se fosse para você comprar ferramentas, durante o curso quinzenal. Tem uns que é quinzenal, varia de instituição, como o CENTEC é um jeito, o SENAI já é outro. O meu é quinzenal, só que deu um problema e recebi todo no final do curso. No caso como se fosse um vale transporte. Só que o primeiro que eu fiz que foi o básico que foi o sindicato dos calçadistas, Grendene e o SENAC. O primeiro foi pelo SENAC, de 160 horas, depois foi pelo SENAI, que foi o Pronatec. (MARLON, PRONATEC)

Ao narrarem suas experiências, a maior parte dos jovens, com quem estive nesses últimos quatro anos da pesquisa, deseja um presente e um futuro assentados no trabalho estável, enquanto suporte para o alcance de poder ter algo mais: independência, liberdade, lazer, tranquilidade, consumir o que lhes convier, entre tantos desejos que entendem poder alcançar através desse trabalho estável.

Nesta pesquisa, alinhada a uma perspectiva narrativista, empenho-me em examinar as trajetórias sociais e profissionais de jovens empobrecidos, a partir de

suas experiências socioprofissionais. Tais experiências envolvem desde a inserção em programas de inclusão de jovens ao mercado de trabalho, até as vivências diferenciadas no mundo laboral. Na estruturação narrativa das histórias contadas, focalizo determinados elementos: como o jovem avalia suas trajetórias; que conhecimento do mundo e de si mesmo é elaborado no relato e como esse conhecimento é tecido culturalmente.

6.2 Os “caminhos que se enroscam no mundo do trabalho”

- Ora essa, parece mais um grande tabuleiro de xadrez – terminou por dizer. – Deve haver algumas peças sendo mexidas por ali... e lá estão elas! – acrescentou, encantada, e seu coração ficou aos pulos enquanto continuava a falar: - É uma grande partida de xadrez que está sendo jogada no mundo inteiro se é que isso é o mundo. Oh, mas que coisa engraçada é isso tudo. Como eu gostaria de ser um deles! Não me importaria se eu fosse apenas um peão, contanto que pudesse... embora, é claro, eu preferisse ser uma Rainha. (LEWIS CARROL)

Movimentando as vias analíticas aqui demarcadas, como balizamento, circunscrevo as trajetórias dos jovens sobralenses, na sua saga de formação e inserção no mundo do trabalho em dimensões-chave a partir das inspirações teórico-metodológicas aqui assumidas: 1) Contexto social onde a vida acontece: lugar social dos jovens; 2) Percursos trilhados na formação profissional; 3) O estreito funil da seleção. Vale ressaltar que as narrativas, qual peças de um jogo de xadrez, foram sendo montadas ao longo de muitos encontros em diferentes espaços¹²⁴.

Em suma, as narrativas dos jovens aprendizes aqui apresentadas, possibilitam, a um só tempo, configurar dimensões centrais da vida social destas juventudes sobralenses empobrecidas, e das construções subjetivas destes sujeitos

¹²⁴ Os primeiros contatos remontam das sedes dos CRAS, de modo especial: do Bairro Alto da Brasília, do Bairro D. Expedito; o do Bairro D. José e o do centro da cidade, que atende, também, o Bairro Tamarindo. Depois segui os jovens nos seus diversos deslocamentos e instituições que os abrigavam: Secretarias do Desenvolvimento Social e Combate à Extrema Pobreza (SDS); a Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico (STDE); a Casa dos Conselhos, local que abrigou inicialmente o Projeto Primeiro Passo; a Agência de Inclusão Produtiva de Sobral; o SENAC; o SENAI; o SINE/IDT; a Grendene; a Unidade Avançada de Aprendizagem Industrial (UAAI); o Centro Comercial de Sobral. Também pude visitar alguns locais onde os jovens desenvolveram suas atividades profissionais, como: Santa Casa de Misericórdia de Sobral, lojas do Centro Comercial; Supermercados, entre outros. A Grendene foi o único espaço que não pude ter um contato direto, dado a rigidez de suas normas, inviabilizando uma observação direta das práticas dos jovens. Todas as informações foram dadas pelos jovens e pelos coordenadores pedagógicos do SENAI.

juvenis. Em verdade, tais narrativas permitem-me, como pesquisadora, acessar elementos decisivos: os contextos sociais; as subjetividades e as configurações do meu encontro com eles, no exercício do ofício da pesquisa. Dessa forma, as narrativas permitem adentrar nas experiências no mundo do trabalho.

Procuro tomar, como foco epistemológico central das narrativas, a noção de experiência. Uma vida narrada constitui um entrelaçamento de experiências do sujeito no tempo e no espaço. Entendendo a noção de experiência como a do agenciamento do sujeito na estrutura social (THOMPSON, 1981). Essa noção permite inter-relacionar, analiticamente, os vários aspectos das narrativas de jovens até aqui apontados, problematizando as relações entre sujeito e sociedade, e entre as diversas experiências que foram se constituindo ao longo de sua caminhada no mundo do trabalho. Nesse sentido, a experiência é, ao mesmo tempo, subjetiva, social e também crítica, pois incorpora o posicionamento reflexivo do sujeito diante do seu contexto social (DUBET, 1996).

As narrativas permitem que consideremos a noção de experiência como a história do próprio sujeito (SCOTT, 1999) que, com isso, constrói suas identidades pessoais e coletivas. Mas, trata-se aqui de entender a experiência entre o que é vivido e aquilo que é narrado pelo sujeito, pois a narrativa é a forma como aqui se expressa a experiência.

Duas implicações epistemológicas podem ser postas ao se tomar a experiência como foco central. A primeira é a de que a experiência, vivida e narrada, constitui um processo de aprendizagem do sujeito construída nas esferas da sociabilidade humana e da cultura (GUSMÃO, 1999). A segunda implicação epistemológica é que as noções de experiência e aprendizagem podem ser alargadas quando se pensa a dimensão da intersubjetividade nas narrativas, como um processo que envolve saberes distintos, o dos sujeitos e o saber do pesquisador, ancorado no conhecimento científico e na sua própria experiência autobiográfica.

Desta forma, as narrativas dos jovens aprendizes possibilitam a construção de uma narrativa teórica ao se estabelecer relações entre a experiência, aprendizagem e intersubjetividades, quando se toma a vida como central para a construção do conhecimento. E, por isso, as narrativas são aqui compreendidas como aprendizagem sobre a experiência de jovens no mundo do trabalho.

Considero necessário destacar que os termos ou categorias apresentadas nesta tese são tomados pelos jovens a partir dos significados que atribuem às suas vivências e experiências no mundo do trabalho. Tal observação decorre das diversas compreensões que estes jovens abstraem de cada experiência, que vai sendo construída, nem sempre de modo linear, como assim desejam e esperam.

As percepções, vivências e experiências relatadas pelos entrevistados sobre os estágios e primeiras inserções profissionais que realizam ou realizaram remetem, de maneira direta ou indireta, a um importante aprendizado, conforme expressão dos próprios narradores, à construção pessoal ou à adequação a um determinado *perfil* valorizado e reconhecido no atual mercado de trabalho. É o que pude constatar nos depoimentos de dois jovens¹²⁵ que acompanhei nesses últimos dois anos – 2014-2015.

Sávio - Uma história, várias peças, e o jovem como protagonista.

Como na vida de todo jovem, o que acontece após a conclusão do ensino médio é um período de transição um tanto que conturbado e cheio de incertezas, pois se inicia daí uma nova etapa que traz consigo novas e maiores responsabilidades que podemos chamar assim de “vida adulta”. Não diferentemente, no período do ensino médio, eu não quis e nem precisei adiantar essa fase, como é o caso de alguns que por falta de recursos financeiros, rapidamente foram introduzidos prematuramente nesse novo mundo de responsabilidades.

Em contrapartida, eu, antes mesmo de tudo acontecer, procurei me preparar para esse novo mundo, fazendo cursos, estudando bastante e agregando conhecimento, para que quando eu fosse realmente iniciar essa nova vida, não fosse tão surpreendido e nem ficasse desnorteado. Recebendo apoio dos meus familiares, em especial, meus avós, fui fazendo uma série de cursos, pois eles viam que eu precisaria disso para me qualificar profissionalmente, e tal como uma mercadoria, teria que ser atrativo para o mercado de trabalho, sendo “um produto com qualidade”. Desde os meus 12 anos, então, fui fazendo muitos cursos, todavia, eu fui voltado para a musicalidade, o que me levou a participar de várias aulas de instrumentos na Escola de Música de Sobral, passando por vários instrumentos de corda, sem ter talento para tal. Fui parar nas aulas de técnica vocal, e posteriormente cheguei a ser integrante do Coral Vozes de Sobral. Mas tive de sair por consequência do cursinho pré-vestibular, que ocupou muito meu tempo, pois quando eu cheguei no terceiro ano do ensino médio, a pressão tanto dos pais, dos professores e da própria sociedade era atemorizante, pressionando-me para

¹²⁵ Dentre os jovens que acompanhei, aqui destaco esses dois, Sávio e Felipe, que “nomearam” suas histórias relativas ao período em que concluíam o ensino médio, buscavam trabalho e desejavam entrar num curso superior.

conseguir uma vaga numa faculdade através do vestibular. (SÁVIO, JOVEM APRENDIZ SENAI/GRENDENE)

Felipe - Primeira experiência de trabalho remunerado!

No ensino médio escolar, eu já tinha uma vontade em conciliar o meu curso acadêmico (curso superior) e o trabalho remunerado, pois apesar de estudar em escola particular, eu fui bolsista, no qual obtive essa ajuda por me adequar ao perfil socioeconômico que o colégio exigia. E com uma renda até então de um salário mínimo, eu não podia usufruir de certas coisas, ou pelo, menos eu demorava pra receber por parte de minha avó e do meu tio. Isso me motivava a passar no vestibular e trabalhar, para que, através do meu trabalho, não somente suprir algumas necessidades pessoais, que são comuns a todo adolescente, mas principalmente da independência financeira. Por essas e outras razões, decidi não prestar vestibular para o curso de engenharia civil, por ser integral, e dessa forma me impossibilitaria de trabalhar. Optei pelo curso de Tecnologia que é noite, e se adequaria perfeitamente na minha rotina.

Quando pensei na empresa de calçados Grendene, já tinha uma certeza, que de que horário seria bom pra mim, pois a jornada de trabalho começaria muito cedo, mas em compensação terminaria cedo também, ou seja, eu teria umas três horas para estudar e resolver as atividades da Universidade. Mas, claro, que se aparecesse outras oportunidades de trabalho, principalmente na área que estou em formação, eu optaria.

A partir disso comecei a frequentar no SINE/ IDT, me informar das disponibilidades de empregos, mas muitas exigiam alguma experiência na área, ou não se adequava ao meu perfil. Mas meu “foco” era o emprego de empresa de calçados (risos), e nada de aparecer vagas. E fui varias vezes, inclusive um colega meu, mas não havia oferta nem para mim nem para ele. Mas, certa vez, esse mesmo colega foi lá e viu que havia a oferta de emprego para o Jovem Aprendiz, da Grendene, no qual ele não podia mais se inscrever, pois já tinha sido um, ai ele me avisou das vantagens de ser um Jovem Aprendiz. Fui lá ao SINE, levei o currículo e todos os documentos que precisavam, não deixei faltar um, afinal eu não podia perder aquela chance. A partir daí que começa o meu ciclo como Jovem Aprendiz. (FELIPE, JOVEM APRENDIZ SENAI/GRENDENE)

Ao observar as estratégias a que os jovens recorrem para conseguir um trabalho, percebo que eles são chamados a exercitar dilemas, a enfrentar encruzilhadas e a ultrapassar obstáculos que poderão experimentar, quando transitam para a vida adulta (PAIS, 2001). Quantos projetos perdidos no meio do caminho, impondo um “desvio” da caminhada, pois precisavam largar alguns objetivos e, imediatamente, elaborar outros, conforme suas necessidades pessoais e de seus familiares. Largam “o lance” no meio da jogada, mas logo elaboram e programam novas jogadas, novos lances.

Movimentam suas perspectivas num tabuleiro de necessidades, tentando dar o lance da vitória, porém, muitas vezes, são golpeados pelo infortúnio. Pais, entende

que o que está mais em jogo é o jogo com a própria vida, “é uma ética de vida que a toma como aventura” (2001, p. 22). Desse modo,

Os jovens (jogadores) definem as performances a atingir em quatro principais dimensões de vida – riqueza, felicidade, educação e carreira profissional – cujos predicados se encontram ‘prescritos’ na própria programação do jogo. Por vezes, o caminho não é tão rápido (*fast lane*) quanto se supõe. Faz parte do jogo (que a vida é). Apenas os mais hábeis conseguem, com sucesso e rapidez, atingir os seus objetivos – o que pressupõe que os adversários com quem jogam fiquem pelo caminho. (PAIS, 2001, p.22-23)

Felipe e Sávio se viram nesse jogo logo nos primeiros passos no mundo do trabalho, e fazem profundas reflexões sobre suas experiências de ser jovem pobre, ao tentar trabalho e buscar novas oportunidades:

Como mencionei anteriormente, eu estava muito contente com o êxito da minha inscrição no Jovem Aprendiz, pois eu já almejava trabalhar. Mas, o que me deixou desmotivado, foi a demora para ser chamado, depois da inscrição no SINE; só depois fui chamado pela empresa para entregar xerox de documentos - geração de um formulário - até a integração que foi o processo definitivo, que demorou mais de seis meses. E imagine só, passar esse tempo ocioso, sem perspectiva, entediado, e pessoas dando indiretas?! Pois é, não foi legal. E quando definitivamente eu estava com a carteira assinada, trabalhando e me qualificando, me senti muito realizado e já pensava na efetivação e ascensão na empresa, pois a mesma oferece oportunidade de crescimento. (FELIPE, JOVEM APRENDIZ SENAI)

Esse período da minha vida, eu meio que fiquei sem lazer, pois fui deixando as artes de lado e me voltei aos livros de conteúdo sistemático e alienante de conteúdo pré-vestibular, o que se tornou enfadonho demais para mim, mas eu também possuía meus objetivos, que era realmente conseguir uma vaga, mas como todo jovem, minha mente era e é imprecisa, quando se diz respeito a escolha do curso, daí podemos dizer que foi um bicho de sete cabeça. Foi quando fiz o vestibular para Direito, creio que fui levado a fazer pensando no status e questão financeira e não por que eu gostava, o que me levou a fazer o vestibular desmotivado e desgostoso, e que acarretou em um resultado oposto ao que eu esperava. Fiquei bastante frustrado quando soube o resultado a ponto de ficar desesperado, por ter concluído o ensino médio sem uma vaga na universidade. Mas, mesmo depois de tudo que aconteceu, eu não fiquei sem esperança, reví meus conceitos sobre o que eu realmente queria, o que eu tinha pretensão e prazer em ser, e o que veio logo em minha mente foi a profissão que eu sempre estimei, a de professor, e como sempre fui inclinado para área das humanas e ter admiração aos meus professores dessa área, aí fui tentar novamente o vestibular para o curso de História e, enfim, passei.

Nessas etapas de vitórias conquistadas, eu já estava passando por uma seleção de emprego na famosa Grendene, pois lá possibilitava jovens a conseguirem seus primeiros empregos, através do programa Jovem Aprendiz, e o resultado da minha aprovação foi simultâneo com o resultado do vestibular. E, esse, creio eu, foi um período que conquistei muitas experiências, tais como: conseguir conciliar tempo para faculdade-trabalho, trabalhar em um sistema de processos fabris bastante

pesados, e conseguir conviver com as diversas pessoas que trabalhavam comigo no meu setor, que era produção dividida por processos, semelhante ao modelo Ford, o que necessitava de um trabalho grupal dividido por tarefas específicas para cada função, e, no meu caso, era o enfurquilhamento, ou como comumente chamado “colocar o cabresto da chinela”, e isso precisou de muito movimento repetitivo e desgastante. Meu trabalho era feito com um período dentro da indústria e outro no anexo do SENAI, onde eu aprendia todo o trabalho manual de se fabricar o calçado, como a colagem, modelagem, costura e corte. Esse, sim, foi para mim o lucro do meu trabalho, aprender realmente como tudo se fabrica e não ficar na mesma função como fazia na indústria. Mas, eu digo que foi uma experiência sim, mas não boa, pois enquanto eu via Marx criticando o trabalho alienado e fabril, na faculdade eu era um agente produtor desse trabalho, e isso para mim era meio que contrariante. E como meu contrato era apenas de cinco meses, eu rapidamente concluí meu trabalho na empresa onde eu trabalhava e voltei para labuta normal de um acadêmico. (SÁVIO, JOVEM APRENDIZ)

Sávio e Felipe enfatizam que, para conquistar um lugar no mundo do trabalho, precisam fazer muitos sacrifícios, inclusive abdicar de seus desejos de consumo e lazer, tendo que forjar um estilo de vida mais recatado e mais centrado em objetivos focados para a constituição de uma trajetória profissional que os conduza a alcançar as quatro principais dimensões de vida – riqueza, felicidade, educação e carreira profissional, conforme já acima indicado por Pais.

Os jovens argumentam que, para começar a ingressar na vida profissional, é necessário ter talento, apresentar um *perfil* que se traduz não só em aprender a realizar as tarefas relacionadas às suas áreas de atuação: o *saber-fazer*, mas, principalmente, em adquirir maneiras de se portar e de se relacionar: o *saber-ser*. Para eles, o *saber-ser* refere-se à possibilidade de mostrar que se tem uma série de características de personalidade, nomeadas, por vezes, de *competências*, que tornariam o jovem profissional capacitado a atingir altos desempenhos, como assinalado pelos jovens do “JOVEM APRENDIZ – SENAI/GRENDENE”:

De uma forma geral, as exigências no mundo do trabalho dificultam a maior parte dos jovens, como eu falei antes, o fato de muitos jovens estarem no mundo da criminalidade é a falta de oportunidades. Então, o fato de ter exigências e qualificação específica, exclui uma parte daqueles jovens que são ativos para trabalhar, os que não têm qualificação e aqueles que não têm experiência na área. Então, a forma de exigência assim por que hoje em dia o capitalismo, a globalização as mudanças de tecnologias, então meio que afasta a grande parte da juventude. Quando eu soube da seleção para o Jovem Aprendiz, eu me interessei por conta de ter amigos colegas que já participaram e que gostaram do emprego, porém na seleção não exigia nada, não exigia experiência até porque o projeto buscou jovem aprendiz e, como o próprio nome fala, você vai aprender e se qualificar no curso sendo que você vai trabalhar. Então, eu fiz a minha inscrição no SINE, esperei um mês a empresa chamou para uma prova, e tinha mais de mil inscritos. Fiz uma prova

e passei, uma prova bem básica mesmo as quatro operações. Passei mais um tempo e fui para fazer os exames físicos pra ver se não tinha nenhum problema que me impedisse assumir o emprego de produção. Depois passou mais um tempo, que era o período de entrega de documentos porque ali já era possível a escolha de quem entraria no programa. Passou mais um tempo, para que eu tivesse a confirmação que eu passei, aí, escolhi o meu período, a minha turma o horário que eu queria. Passei, entreguei a carteira de trabalho e, depois, foi mais ou menos com duas semanas, foi que teve a integração. A integração é uma palestra, no qual explica tudo da empresa, como vai ser a relação do SENAI com a empresa Grendene, a postura dos aprendizes e a entrega da farda. Também participamos de um mini- curso, no caso, para termos a noção de como lhe dar com a máquina, que é chamada de NR12. Foi uma semana todinha no SENAI explicando tudo o que seriam os cinco meses de estágio, a preparação, como que eles fazem as disciplinas, e apresentar os professores e os instrutores que iriam ensinar a gente. Só na semana seguinte que a gente começou na empresa: pela manhã, na Grendene, das 06h00min às 10h00min e, à tarde, no curso no SENAI, das 12h00min às 16h00min. Quanto aos exames físicos exigidos para ingresso na Grendene, a gente mede a pressão arterial, a gente fez exame de fonoaudiologia, que é do ouvido pra ver se a gente não tem nenhum problema auditivo, como escutar sons e ruídos pequenos. Teve uma vez que foi avaliado nossos batimentos cardíacos, verificado se nós não tínhamos nenhum braço quebrado, se nós não tínhamos nenhum impedimento físico, como no joelho, aí a gente teve que andar de cócoras, acororado uns dois metros mais ou menos assim, pra ver se a gente não tinha nada, não sentia dor, algum impedimento físico que impedisse no trabalho, até porque a empresa, em si, ela exige, porque lá a produção é pesada mesmo, corrida, era basicamente isso os exames. É porque assim, pelo que entendi, esses exames físicos são basicamente para a empresa, porque a gente sabe que existem trabalhadores que adoecem e que não tem condicionamento físico. Porque, como eu falei a empresa grande ela quer produção, produção é o que é mais tempo de trabalho, mais produção por pouco tempo. Porque é aquela ideia geral, a gente aprendeu lá os valores da Grendene, e um dos valores da Grendene é lucro, competitividade e agilidade. Se o aprendiz que fez os exames físicos basicamente pra isso, pra ter agilidade para ficar apto aos cargos que a empresa requer. (FELIPE, JOVEM APRENDIZ)

Ao observar e analisar as diversas atividades, normas e condutas que os jovens devem se submeter para poder lançar mão de suas primeiras experiências profissionais, fico a indagar: quais os sentidos dessa formação profissional para os jovens? Qual o sentido do trabalho?

Tais questões sugerem levantar algumas perspectivas de análise. Uma delas diz respeito a atual situação dos jovens. É verdade que os jovens de hoje estão muito mais escolarizados que há poucas décadas. No entanto, enfatizar muito a escolaridade é pressupor que existam empregos disponíveis para os escolarizados. Há muitos jovens, hoje, cujas possibilidades de inserção no mercado de trabalho não são condizentes com os anos de estudo. Mesmo com o surgimento de novos postos de trabalhos para os jovens, a exemplo dos “call

centers”, caixa de supermercado, entre outros, possivelmente nos requisitos para algumas dessas ocupações inclui-se até mesmo o ensino médio.

Entretanto, não é necessariamente uma mudança no conteúdo do trabalho que exige uma pessoa mais escolarizada, mas são exigidas pessoas com maior qualificação e preparação técnica. Para Novaes (2006), a questão da inserção do jovem no mercado de trabalho é um dos mais frequentes motivos de conflitos entre pais e filhos, tanto nas famílias mais pobres quanto nas famílias de classe média.

Hoje, nas relações familiares, a incerteza quanto à inserção no mundo do trabalho tem um peso semelhante ao que a questão sexual, sobretudo para as mulheres, teve nas gerações passadas. Os conflitos que aumentam em casa são aqueles relacionados à área do trabalho, no presente ou no futuro. Dispensas constantes e contratos de trabalho de curta duração acontecem tanto nos supermercados como nas agências de publicidade.

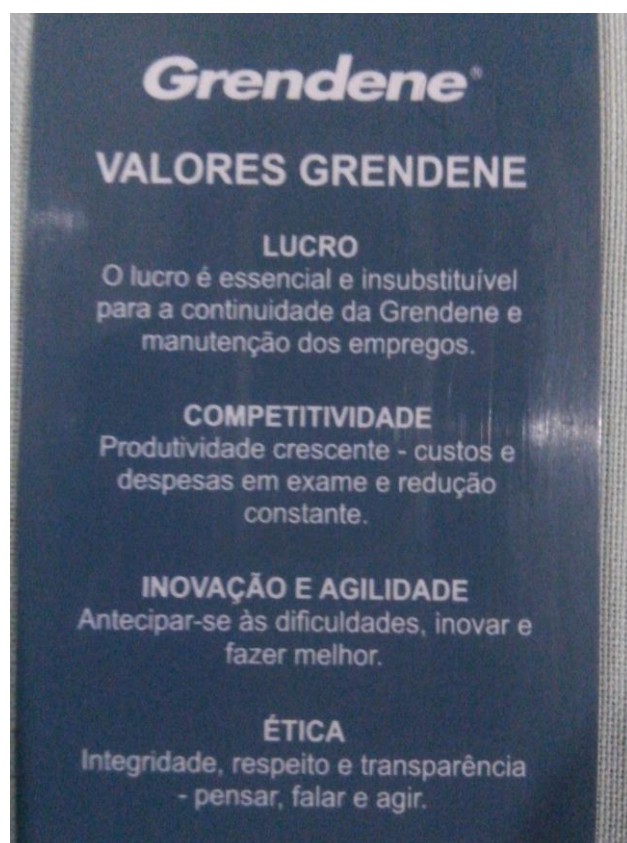
Os jovens que já trabalham hoje já trabalharam em muitos lugares, com variados vínculos de emprego e em tempos diferenciado. A geração dos pais, mesmo que também atingida pelo fantasma do desemprego, ainda tem muito a aprender sobre o funcionamento desse mundo do trabalho tão complexo e modificado. Segundo Novaes, “os mais velhos estão sendo desafiados a mudar suas concepções de trabalho e a ampliar o elenco das maneiras possíveis de ‘estar no mundo’. Os jovens são convidados a reinventar maneiras e sentidos de inserção produtiva” (2006, p. 112).

A narrativa de Mayara é reveladora de outros desafios a serem enfrentado pelos jovens:

Lá [na Grendene] dá vontade de chorar, porque eles exigem um tipo de comportamento... Lá tem também muita gente “enxerida” e eu não gosto de ouvir besteiras. Lá, a minha postura é totalmente diferente. Aqui, no SENAI, eu converso com as meninas, mas lá não. Quando eu estou na esteira, eu só falo com o pessoal o necessário, só coisas ligadas ao trabalho. Vida pessoal eu não falo. Teve até um rapaz que veio “se chegando”, aí eu disse: - Se você quer ser meu amigo, aí a gente continua sendo amigos e eu falo normal, mas se você quiser outra coisa, aí eu não quero. Eu lhe respeito e você me respeita. Aqui nós aprendemos regras ligadas ao aprendizado e também de postura profissional. Lá na Grendene são outras regras: não ir de short muito curto, não quer que a gente vá de sandálias havaianas, até porque é concorrente, né? [risos]. Querem que a gente use o produto deles. É muito complicado, porque, às vezes, a gente quer ir de havaianas mesmo, ir bem à vontade, mas não pode. (MAYARA, JOVEM APRENDIZ)

No caso dos que participam do Jovem Aprendiz – SENAI/GRENDENE – o perfil desse novo tipo de trabalhador é fundamentado em “valores” ditados pela empresa conveniada, sobre os quais os jovens levantam muitas críticas. Desse modo, tanto a agência formadora, como a empresa que recebe o “jovem aprendiz”, trabalham na perspectiva de os jovens incorporem esses valores, exigindo novas posturas profissionais e, conseqüentemente, assumir o papel de um novo trabalhador conforme valores capitalistas.

Figura 13 – Crachá: Valores Grendene¹²⁶



Fonte: foto cedida por um jovem aprendiz, 2015.

Conforme já colocado nas reflexões de Sávio e Felipe sobre os valores propagados pela empresa, percebe-se que a imposição de tais valores induz a constituição de referenciais identitários específicos, de um tipo ideal de trabalhador -

¹²⁶ Essa foto foi cedida por um jovem aprendiz. Trata-se da imagem que consta no crachá que os trabalhadores da empresa recebem e sintetiza as principais normas da empresa, as quais devem ser seguidas e cumpridas rigorosamente.

de caráter quase exclusivo da empresa -, porém, se apresenta como um dos obstáculos para a fixação dos jovens na empresa, visto que alguns desses valores ou não fazem parte do repertório do conjunto de valores assumidos por suas famílias ou de outros grupos que participam, ou por estes assumirem múltiplas significações entre os jovens pesquisados, provavelmente pelo trânsito de marcadores entre as diversas experiências, especialmente no movimento fluido de alguns jovens por diferentes espaços de sociabilidade, que vão se afirmando a partir de negociações em várias dimensões da vida social. Aqui, esses valores misturam-se nas percepções juvenis, de modo que sua aceitação ou recusa são descritos por diferentes olhares e incorporados de diferentes maneiras. A farda, o comportamento e os modos de interações são referenciais para a identificação dos modos de ser trabalhador, que nem sempre se afirmam como identidade.

Outros distintivos culturais do mundo do trabalho são destacados nos depoimentos de Bel, Samara e Mayara:

Se os trabalhadores da Grendene valorizassem o emprego que têm, a bata podia até ter algum significado para eles, mas vejo que eles mesmos derrubam a empresa. Não vejo nenhum significado nesses valores prá mim. (BEL, JOVEM APRENDIZ)

É muita pressão, é muita coisa assim, e tem horas que dá vontade da gente explodir lá dentro. No meu terceiro dia o meu líder veio lá e disse: - Mayara, 'vá fazer isso'... e eu estava fazendo outra coisa, mas mesmo assim, ele me mandou fazer outra coisa. Aí eu disse: - cara, se eu deixar de fazer a produção, o que eu estou fazendo aqui, aí vai atrapalhar. Tem umas pessoas lá que dizem: '- eu estou aqui e não sei nem porque'. Que a Grendene é uma empresa só para escravos, que não tem descanso, trabalha direto, eles mesmos se diminuem. Posso até ser chamada de peão. Sim, é peão, escravo, é um monte de coisas que eles falam. (MAYARA, JOVEM APRENDIZ)

Quanto a bata que a gente recebe, ela é diferente das dos outros trabalhadores. A nossa, do Aprendiz, é vermelha. A dos outros trabalhadores é azul. Quando a gente sai na rua eu não me sinto bem, eu não vou nem mentir. Porque há uma distinção. Agora, depois que eu botei a farda aí eu passei a me sentir assim, sei lá, me sentindo parte daqui, a ter uma identidade. É, é isso mesmo. Prá mim é assim, não sei para Samara. (BEL, JOVEM APRENDIZ)

Ainda com relação aos distintivos profissionais, no caso dos jovens, representados pela bata vermelha, a priori, o aprendiz é facilmente identificado a partir da indumentária. Alguns desses jovens falam que o tom vermelho é chamativo, provavelmente para distingui-los dos outros que usam bata azul, que é uma cor não chamativa. A essa indumentária é acrescentada o crachá com os valores da

empresa, provavelmente a referência mais generalizada para a identificação do trabalhador do “chão da fábrica”.

De um modo geral, há nesses depoimentos muitos elementos a serem considerados. Um deles diz respeito ao modo como o trabalho aparece na vida desses jovens. O trabalho aparece como fator de autonomia do jovem frente a família e a sociedade. Ou seja, o trabalho, na percepção desses jovens, é forma de, ao auferir um rendimento, autonomizar-se frente à família.

Porém, noutros depoimentos, as falas dos jovens revelam, também, que o trabalho vem assumindo significados diferenciados. Conscientes dos riscos de vida que a perspectiva do ganho imediato e provisório lhes traz, especialmente considerando tempos em empregos provisórios, a busca da inclusão social através do mercado de trabalho revela que esses jovens consideram a possibilidade de, ao adiarem a satisfação imediata de seus desejos, jogarem no tempo com outras possibilidades, principalmente com investimento nos seus estudos.

Nesse sentido, o trabalho, pelos baixos salários percebidos e pela provisoriedade, não é visto somente como meio de satisfação de desejos, mas como forma de autorregulação, de investimento educacional e autoproteção frente aos riscos a partir de sua diferenciação do “desempregado”, “desocupado” e “sem futuro”, através da adesão da identidade de trabalhador.

Dessa forma, pode-se também afirmar que o trabalho confere a esses jovens uma visibilidade social, que os credencia como confiáveis e capazes de serem respeitados. O trabalho é ainda a ocupação do tempo livre, desejável como prevenção das “más amizades” e, sobretudo, como “passaporte” para o alcance de outros mundos sociais, inclusive o ensino superior. Provavelmente, esse seja o mais seguro “lance” nesse jogo de reconhecimento e ascensão social.

6.3 Projetos e expectativas para além das margens circunscritas

Ser jovem é, hoje em dia, duplamente tentador, por exigências do sonho e da realidade. Apalpam-se as oportunidades no mercado de trabalho, como na discoteca se acaricia o par, numa tentativa de ver até onde se pode chegar. É nesta obscuridade - indo às cegas, às apalpadelas – que melhor se vê como as trajetórias dos jovens se encontram crescentemente em jogo (MACHADO PAIS, 2001, p. 28)

Para Maia e Mancebo (2010), a noção de preparação para a vida adulta está intimamente ligada à forma com que a ideia de tempo foi instituída dentro da sociedade ocidental, e traduz os esforços dos homens para se situarem no interior do fluxo incessante dos acontecimentos. Em Elias (1998) o conceito de tempo não apenas oferece, do ponto de vista social, a função de coordenação e de integração das atividades humanas, mas também, do ponto de vista subjetivo, a ideia de certa consistência pessoal - ou identidade pessoal, conforme o autor - constituída por um encadeamento de acontecimentos sucessivos que se organizam a partir de uma sequência irreversível, fornecendo a experiência de continuidade.

Logo, na experiência humana, e somente nela, se encontram essas grandes linhas demarcatórias entre ontem, hoje e amanhã que, seguindo uma lógica sequencial, fornecem um sentido de *continuum* à diversidade de vivências pessoais que, unidas, formam uma história de vida.

É a partir dessa ideia de biografia e de história de vida que se constrói, conforme ressalta Velho (1999), o projeto de vida. Os projetos individuais são desenvolvidos, assim, em torno dessa noção de tempo com etapas se encadeando, que implica a elaboração de planos e condutas orientadas para atingir determinados fins, em uma tentativa de dar sentido ou coerência às experiências vividas.

Já Pais (1991), ao biografar trajetórias de jovens portugueses, percebe que os cursos de vida, entre eles, são textos cada vez mais bifurcados e baralhados, porque também os respectivos contextos de vida são cada vez mais instáveis e variáveis. Sistemáticamente, novas formas de mobilidade funcional e geográfica balizam o futuro profissional de jovens.

Nessa linha de raciocínio, “atravessei” as trajetórias de jovens no sentido de conhecer suas expectativas e seus projetos sociais e profissionais, os quais muitas vezes são difíceis de serem reconhecidos e reconstituídos pelos próprios jovens, vez que são “baralhadas”, por isso (re)constituir suas histórias pela narração, implica em saber suspender o tapete do tempo e ir “escovar” os fragmentos daquelas, que, por vezes não se fixam no tempo, tão passageiras são, mas ficam suspensos na memória e ganham significado quando acionados por determinadas situações ou eventos.

As narrativas de Wesley, Luana e Geilson expressam não só as “suas passagens” pelo Fórum Eleitoral, mas resgatam elementos importantes que simbolizam um modo de ser jovem, trabalhador e estudante, conforme as

experiências advindas de seus percursos no âmbito da família, da escola e do trabalho. Assim como Sávio e Felipe, Wesley e Luana deram um “título” ao fragmento de suas histórias, de modo a representar o que eles destacam de maior importância nessa experiência da constituição de ser jovem “agricultor de si”, responsável, amigo, entre tantos atributos que resgatam debaixo do tapete de suas histórias.

Wesley - “O agricultor de nossas vidas”

Difícil é expressar-me em questão de minha vida. Experiências boas, fases ruins, diversas oportunidades, que não as tive por desleixo. Antes dava importância só as diversões, sem pensar em seriedade e em compromisso, mas trazia comigo uma grande riqueza de conhecimento em relação pessoal, social e profissional, passado pelos meus pais, que desde os primeiros passos, me apoiaram, me aconselharam e me disciplinaram. A eles só tenho a agradecer, que mesmo em meio às dificuldades, me formaram. Meus sonhos e projetos de vida começaram realmente no dia 16/06/2012, às 12h10min, quando, ao tocar o celular, recebemos a notícia de que minha mãe havia falecido e deixado seis irmãos órfãos, dentre eles: um usuário de drogas, três juntas¹²⁷ – dentre elas uma menor de idade – e os outros menores de idade, os quais hoje eu ajudo o meu pai a cria-los – pai esse alcóolatra, mas que amo. Então, olhando para a minha família, senti a necessidade de amadurecer e expor o conhecimento dos estudos, do intelecto e o conhecimento transmitido pela família. Então, me baseei por um agricultor, que por não ter muitas oportunidades no mercado de trabalho, senti a necessidade de crescer e, ali ele começa a plantar árvores frutíferas e a criar animais mamíferos de utilidade, para poder crescer financeiramente. Eu fiz simplesmente isso: plantei cursos, criei sonhos e projetos, estudei e suei, desde meu trabalho num lava-jato, até hoje. E quando essa árvore de experiência der frutos mais doces e grandes, chegarei ao meu objetivo. (WESLEY, JOVEM ESTAGIÁRIO TRE)

Assim como Wesley, outros jovens, seus colegas da família TRE¹²⁸, também são tentados a “tentar a sorte”, conforme se expressa Machado Pais na epígrafe inicial desse segmento.

No caso de alguns jovens, como Wesley, que se equilibram na tênue fronteira entre a “ordem” e a “desordem”, imagina uma vida que mescla ideais da família e da segurança, cujo paradigma da felicidade, já mencionada por Pais, significa uma

¹²⁷ “Juntas” é uma expressão que significa morar com outro, um casamento não “legalizado”.

¹²⁸ Na foto de Luana e suas colegas da “Biometria”, no Fórum Eleitoral, em Sobral – Ceará, a blusa com distintivo do Primeiro Passo é a farda oficial do Programa, comum a todos os jovens em qualquer modalidade. Já a bata preta, da jovem á esquerda, é o distintivo do Fórum Eleitoral, específico para o trabalho com a Biometria. É essa bata que tanto Wesley e Luana se referem como o grande distintivo entre outros jovens e que dá toda uma importância e destaque nessa experiência. Quanto a expressão “Família TRE” foi identificada num dos Grupos de Discussão – GD, que realizei no Fórum Eleitoral e também na página do facebook de Wesley, quando na publicação dessa foto.

família estável e emprego estável – que dá dinheiro para viver. Alguns expressam uma opção vocacional, outros não. Essa, nem sempre é uma escolha para eles, o trabalho é o que for possível, desde que ofereça boa remuneração e segurança. Regam essas expectativas num terreno de incertezas e inseguranças. Por isso, quando expressam algum desejo mais definido em relação a uma profissão, é mais por imaginarem um estilo de vida que lhes parece sedutor.

Nos contatos realizados nos meses de novembro e dezembro de 2013, no Fórum Eleitoral, pude conhecer outras histórias de Wesley, Luana e Geilson, identificando nelas, seus sonhos, projetos e a constituição de um modo de conceber a vida e o enfrentamento de seus problemas.

Luana, 18 anos, estava cursando o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual D. José Tupinambá da Frota, em Sobral – Ceará. É órfã de mãe e mora com sua avó, mas tem um grande apego a uma irmã pequena, que ajuda a criar. Geilson, 18 anos, estava cursando o 3º ano do ensino médio no Colégio Aires de Sousa, no distrito de Jaibaras. Wesley, 19 anos.

Os três jovens participavam do Projeto Primeiro Passo na modalidade “Jovem Estagiário”, através do convênio com o Tribunal Regional Eleitoral – TRE/CE. Os três se distinguiam dos mais de cem estagiários que foram contratados, por um período de seis meses, com possível prorrogação de mais seis meses, para realizar recadastramento eleitoral na cidade de Sobral, a chamada “biometria”. A distinção que me refiro tem haver com o tipo de contrato e com a “bata preta distintiva”¹²⁹, que os diferenciavam entre jovens estagiários pelo TRE e jovens aprendizes pela STDE, conforme ilustra a figura abaixo.

¹²⁹ Destaco a forma de contrato, já esclarecida em capítulo anterior, e também a “bata”, que aqui é compreendida como um distintivo cultural no mundo do trabalho, cuja importância é verificada nos depoimentos dos jovens citados.

Figura 14 – Turma Biometria TRE – Sobral (CE)



Fonte: arquivo da pesquisadora, 2013.

Quanto aos jovens que estiveram no Programa Primeiro Passo – Jovem Estagiário - no Cartório Eleitoral, percebi que muitos, assim como Luana, se sentem “diferentes”. Há uma distinção entre esses jovens que estão “trabalhando” numa instituição pública renomada e aqueles que estão fora do mundo do trabalho ou nas periferias dele, quando afirma: *“Nós temos outro status, somos reconhecidos, somos mais respeitados”*. E complementou: *“acho muito legal quando saio às ruas e algumas pessoas nos reconhecem e dizem: ah! Você é aquela menina que trabalha no Cartório Eleitoral!”*

No decorrer dos meus contatos com a turma da biometria do TRE, percebi Luana como “uma líder”, no meio dos jovens que faziam parte do grupo da biometria. Falou sobre trabalho, formação escolar, família, religião e amizades. Ao falar sobre seu trabalho na biometria, ressalta a participação dos jovens da “Família TRE” nas atividades do Fórum Eleitoral em Sobral, tentando enfatizar a sua trajetória socioprofissional.

Destaca as primeiras experiências profissionais como possibilidade de alcance de outros trabalhos, visto que o aprendizado possibilitará a formação de um profissional mais qualificado e com mais chances de conquistar novas oportunidades

de trabalho. Quanto a sua primeira experiência profissional, procura afirmar que os jovens “devem buscar experiência, não somente o certificado”.

Luana - “Lá é o primeiro passo para muitos outros”.

São muitos conhecimentos para meu futuro... um simples estágio traz muitos conhecimentos e reconhecimentos. As pessoas passam a nos ver como ‘jovens de futuro’, num local tão importante, num patrimônio tão importante como é o Fórum Eleitoral (TRE/Sobral)”, ou Cartório Eleitoral, como é mais conhecido na cidade. Foi a minha melhor oportunidade. Por estarmos trabalhando no Fórum, as pessoas acham a gente mais superior. As pessoas têm preconceitos, fazem distinção... Já estou pensando quando nosso contrato terminar. Lembrar que a gente ao acordar todo dia, a gente ia trabalhar [fez pequena pausa e suspirou]... e vai acordar e não ter mais isso, mas muitas pessoas passam por isso. É a melhor oportunidade que uma jovem pode ter. Sempre tive o pensamento positivo e, para mim, trouxe um sentimento melhor que eu estava ali e poderia ter coisas melhores. Entrei com o pé direito e vou sair com o pé direito. Isso traz uma sensação de missão cumprida. A gente entrou sem experiência, mas entramos com a intuição de querer aprender, saber entrar e saber sair. Acredito que os jovens devem buscar experiência, não somente o certificado. Nesse ano de 2013 eu agarrei essa oportunidade, que fez com eu acreditasse mais no meu futuro e em mim. Essa oportunidade foi uma grande coisa para mim. Acredito que os jovens estão abrindo mais os olhos e os pais estão orientando seus filhos para procurarem essas oportunidades de trabalho. Para mim, viver a primeira experiência é saber conviver com pessoas diferentes, cada qual com seus objetivos e com suas qualidades. Você, na escola, é diferente de ser no trabalho, você aprende outros assuntos”. (LUANA, JOVEM ESTAGIÁRIA/TRE)

Considero interessante a colocação de Luana, pois abre a possibilidade para discutirmos o papel da família, especialmente no que diz respeito a contribuição dos pais - ou, preocupação dos pais, como ela refere, sobretudo quanto às orientações destes sobre a questão do trabalho. Talvez por Luana ser órfã de mãe e ter uma vida meio “dura”, tanto reclama e exalta a importância dessa família, quanto ao apoio e orientação dos filhos.

Outro aprendizado destacado por Luana no TRE, é quanto ao desenvolvimento de uma visão mais crítica com relação a política brasileira, ao afirmar: “Passei a ter o meu lado crítico com relação à política. Eu tive a sensação de ter aprendido isso. Saio daqui com aquela sensação de ter aprendido lá”. Luana faz referência à política, porque durante sua experiência no TRE trabalhou com pessoas que iam tirar seus títulos, antes dessa última eleição. Ela, com demais colegas, trabalhou na biometria - recadastramento eleitoral - e tinha muitos contatos com pessoas que falavam sobre política, suas opiniões e suas opções. Também falou que foi uma das suas primeiras aproximações com esse assunto, política,

exceto aqueles contatos que tem pelos livros. Falou que aprendeu muito. Também teve oportunidade de conhecer candidatos, entre outros conhecimentos que julga importante, inclusive fazer escolhas mais conscientes daqui em diante.

Já Geilson é um jovem muito simpático e conhecido lá pela “família TRE” como o “mestre da informática”, dado sua habilidade em lidar com as mídias. Durante nossos encontros percebi que sempre destacava a importância dos jovens perceberem as oportunidades que estão a sua volta, como uma forma de alcançar seus sonhos e projetos de vida. “*O mundo do trabalho está fácil, o que não está fácil são as pessoas*”, isso para falar das dificuldades e discriminações que tem enfrentado, entre outras situações desagradáveis que tem passado, enquanto jovem do interior.

“Todos nós jovens temos oportunidades. Devemos agarrar as oportunidades como se fossem as últimas”

*Minha vida educacional foi uma vida normal, sempre gostei de estudar e sempre tive uma aptidão pelas matérias que envolviam cálculos. Desde muito novo sempre tive uma perspectiva da vida bem como ela é, vendo-a ela de modo real, ou seja, **vendo** a vida sem muito encanto e magia como uma boa parte das crianças veem. Sempre fui muito ativo e alegre, sempre gostei de fazer amigos e receber atenção. Durante meu ensino fundamental era um dos destaques da escola, sempre gostei de sentar nas primeiras carteiras da sala, porém eu adorava conversar, e esse era meu defeito. Durante o ensino fundamental foi em Sobral, nas escolas Trajano de Medeiros, Ver Crescer e, em Jaibaras, na escola Leonília. Durante o Ensino Médio eu cursei integralmente na Escola Ayres de Sousa. Sempre estudei, sempre tive notas acima da média, meu boletim é totalmente positivo, desde meu 1º ano até o final do 3º ano. Durante o 1º ano eu sofri muito Bullying por parte do meu jeito afeminado, mas eu não deixei me abalar e dei a volta por cima, mostrando que eu era mais inteligente e esforçado que muitos que me criticavam. Atualmente estou fazendo um curso Técnico de Agroindústria, e um curso Superior de Irrigação e Drenagem, no Instituto Federal do Ceará – IFCE.*

“Todo trabalho é digno, seja ele qual for”

Comecei a trabalhar muito cedo. Aos quatorze (14) anos já estava trabalhando para um dono de uma Lan House, sendo que a jornada de trabalho era de 8 horas por dia, entrava as 14h00min e saía as 22h00min, mas durante o dia eu estudava nas horas vagas. Sendo que meu salário era de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). E assim foi meu primeiro emprego, que durou cinco meses. Minha segunda experiência de trabalho foi em um restaurante, onde eu era garçom e ajudava na cozinha. Eu entrava no 12h00min e saía as 18:00h, e eu ganhava R\$ 60,00 (sessenta reais) por quinzena e isso resultava em R\$ 120,00 (cento e vinte reais) por mês, durante o período de oito meses. Minha terceira experiência foi em outra Lan House, onde eu era gerente, e atendente. Entrava 14h00min e saía as 21h00min sendo que eu estudava nas horas vagas, nunca deixa de estudar. E ganhava R\$ 150,00, sendo

que sempre dava boa parte dos meus “salários” pra minha mãe pra ajudar nas despesas de casa. Minha quarta experiência foi o estagio no TRE, sendo meu trabalho mais satisfatório, não pela a renumeração, mas sim por ter convivido com pessoas muito especiais que até hoje mantenho contato com boa parte deles. E ter aprendido o verdadeiro significado de trabalho de equipe. Sendo que não foi fácil pra eu conseguir este estágio, pois participei de seleções e eu conseguir passar nas duas, sendo que minha rotina¹³⁰ era “super” corrida nesta época, pois eu estava no meu último ano de ensino Médio, e eu estava tendo cursinho pro vestibular. Mas, no final de todo esse esforço vem as recompensas, no meu caso, foi conseguir ingressar na Universidade, podendo assim me satisfazer comigo mesmo, e saber que todo esforço que eu tive valeu a pena, mas temos que saber que nossas vidas nunca param, mesmo que tenhamos obtido o melhor pra si, temos que sempre ter esperança e ir em busca do melhor para nós cada vez mais. E tendo em frente a nossa fé de vencer e saber que, na vida nem tudo são “flores”, pois se você que realmente algo vai passar por maus bocados para conseguir isso. O maior ensinamento que eu posso ressaltar durante esses meus anos de experiências de que “Todo trabalho é digno, seja ele qual for”. E independentemente se a sociedade critica ou não. Aprendi também que “O estágio é uma experiência para o futuro... ele vai servir como uma forma de experiência”. Tenho Planos para o futuro sim, e acho que o futuro depende do seu presente, pois e por suas atitudes que você vai colher seus resultados. As oportunidades surgem de acordo com o passar do tempo, já a esperança depende da sua Fé.

Percebo nas narrativas desses jovens todo um esforço empreendido para realização de seus projetos, que resultam dos vários elementos advindos da experiência em cada campo: familiar, educacional, social, cultural e profissional. A renúncia a alguns projetos, a disposição para o trabalho a escuta dos conselhos da família, tudo é feito em prol do reconhecimento desses jovens como cidadãos e trabalhadores. Toda essa luta é feita em favor da manutenção de sua própria vida, de uma vida digna, talvez expresso na fala de Geilson ao afirmar que “todo trabalho é digno”. Ao afirmar isso, percebo que, como Geilson, muitos jovens vão conformando os seus projetos e, conseqüentemente, as suas trajetórias, de acordo com as possibilidades que estão postas ao seu alcance. Conforme expresso por Geilson, ele mudou seus planos várias vezes, inclusive manifestava o desejo de se

¹³⁰ Geilson fez questão de detalhar sua rotina. “Minha rotina baseava-se desta forma: Acordava 05h00min da manhã e pegava o ônibus as 06h00min; chegava ao estágio às 07h15min; Saia do estagio às 11h45min; Chego em casa às 12:35h; Saia de casa para ir pra Escola às 13:00h e chegava na escola às 13:20h; Chegava da escola às 17:30h; Saia de casa para o cursinho pré-vestibular às 18:30h. Chegava do cursinho às 22:15h; De 22:30 às 1:00 da manhã eu estudava; 1:30 da manhã eu dormia”.

formar em Serviço Social. As circunstâncias lhe conduziram a cursar um curso superior da área tecnológica.

Com relação as suas experiências no mundo do trabalho, Luana assim se expressa:

Experiência é ter maior visão sobre o mundo. Adquirir mais experiência e ter mais informações. É também se tornar independente. É estranho eu ser independente de mim mesma. Eu não terei mais aquele professor para me orientar... agora tudo depende de você. Na Faculdade a gente tem que ser independente. Você tem que crescer. Eu me sinto, hoje, mais fortalecida: vai que eu não tivesse essa experiência de trabalho (?). O mundo do trabalho requer a experiência de emprego e estágio. Essa oportunidade tanto me deu experiência como reconhecimento do que é o trabalho. (LUANA, JOVEM ESTAGIÁRIO/TRE)

Considerarei uma excelente reflexão de Luana, pois mesmo muito jovem, parece ser marcada por experiências de vida. A escola e o trabalho representam mudanças no modo de ser jovem e também reconhecimento, já que consideram oportunidade para vivenciar um modo de ser diferente, mais adulto, mais preparado para enfrentar as adversidades da vida.

Já Wesley destaca as suas expectativas com relação ao trabalho e ao seu futuro, visto que seu contrato como jovem estagiário estava findando. Mesmo diante da ameaça do desemprego, destaca o reconhecimento que resultou do seu empenho durante o tempo em que esteve no programa. E desabafa:

Para mim está sendo uma fase difícil, porque a galera se apoiava... E daqui pra frente e as pessoas me desejam sucesso... É muito bom você trabalhar com pessoas que querem seu sucesso... Uma coisa é você entrar, outra é você sair. Ali vai ter seu reconhecimento. Entrar com o pé direito e sair é prezar mais com a imagem, ter reconhecimento. É saber preservar a sua imagem. (WESLEY, JOVEM ESTAGIÁRIO/TRE)

Ao narrarem as suas experiências escolares, a família – ou membros específicos da família - é citada pelos três jovens, deixando claro que a configuração familiar é uma variável significativa na trajetória de cada um. Um primeiro aspecto mencionado é a condição de sobrevivência material da família, o que pode explicar em parte a diferença existente entre os três jovens na sua relação com a formação profissional e o mundo do trabalho. Pode-se dizer que, para eles, a família se realiza como uma instância cultural, possibilitando a construção de uma visão de mundo própria, pela acumulação de experiências pessoais e da transmissão oral direta por meio dos contatos interpessoais. Nela os jovens vão sendo socializados nos valores

do trabalho, da responsabilidade e da solidariedade e sedimentam laços afetivos. Nesse sentido, a família gera uma forte interdependência com a formação profissional, interferindo, na produção de sentidos para as escolhas profissionais.

E falar na família é levar em conta a realidade do trabalho, que é uma realidade comum à grande maioria dos jovens pobres. Se se diz que a escola *faz* as juventudes, também pode-se dizer que o trabalho *faz* as juventudes. Para grande parte dos jovens, trabalhar é a condição de vivenciar a própria juventude: comprar uma roupa, namorar, poder ir a festas no final de semana e ter autonomia em relação à família. É também reconhecimento, de acordo com o que diz Luana: *“Trabalho é reconhecimento. Está voltado para a formação de uma imagem, são aquelas pessoas que reconhecem o que você fez e construiu.”*

Essa manutenção da vida exige dos jovens a capacidade de trabalhar com duas medidas de tempo diferentes: o imediato e o mediato. Tal escolha envolve recursos internos dos sujeitos, acionados também, por algumas forças externas, visto que *“as oportunidades surgem de acordo com o passar do tempo, já a esperança, depende de sua fé”*, conforme refletiu Geilson. A experiência de trabalho com esses jovens e as suas narrativas confirmam a presença de algumas dessas forças. Elas estão centradas, principalmente, em relações afetivas e de proximidade, como o caso da família – nuclear – e da família formada por amigos e novos companheiros, a exemplo da família TRE.

As alternativas não incluem nada além de uma perspectiva individual. Seus sonhos estão conformados no ponto de vista de busca da felicidade como alternativa de indivíduos. Mesmo quando confrontados com as dificuldades de realização desses desejos, eles continuam a ser expressos.

Retomando a discussão de projeto em Velho (1999), entende-se que o projeto de vida é uma noção que está intimamente ligada à de indivíduo construída na sociedade ocidental, sustentado por duas concepções nela contidas. A primeira, o ponto de partida para se pensar em projeto, se refere à noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher. A segunda está ligada à ideia de que cada um é portador de um conjunto de potencialidades peculiar, que constitui sua marca própria, e de que sua história – biografia - é uma atuação mais ou menos bem-sucedida destas. Logo, o projeto carrega consigo a necessidade colocada na

sociedade ocidental de que é preciso definir e descobrir o que o indivíduo quer e pretende, ou seja, de alguma forma, o indivíduo precisa se distinguir, diferenciar-se de sistemas mais amplos.

Dessa forma, os projetos, longe de serem naturais e inerentes ao sujeito, são elaborações e construções realizadas em função de experiências socioculturais, de vivências e de interações interpretadas, devendo ser, portanto, sempre relativizados. O projeto como conjunto de ideias e formas de conduta está sempre ligado a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade.

Dubar (2005) fala de configurações identitárias resultantes da articulação de uma dupla dimensão: a biográfica e a relacional. A primeira dimensão se refere à construção no tempo, pelos indivíduos, de identidades sociais e profissionais a partir das categorias oferecidas pelas instituições sucessivas: família, escola, mercado de trabalho, empresa. Já a segunda dimensão concerne ao reconhecimento, em um momento dado e no interior de um espaço determinado, de legitimação das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação.

De uma maneira ou de outra, mesmo partindo de referenciais teóricos diferenciados, o conceito de projeto elaborado por Velho (1999), sem abordar a noção de identidade, acaba por relacionar as duas dimensões da construção identitária explicitadas por Dubar (2005) – biográfica/subjetiva e relacional/ objetiva – ao deixar claro que os projetos de vida são elaborações subjetivas que se dão dentro de contextos objetivos específicos e que, portanto, sua formulação só poderá acontecer na articulação feita pelos sujeitos dessas duas dimensões.

6.4 Dilemas e angústias: o encontro com a realidade de inseguranças e instabilidades

*“Nós
Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter”
Engenheiros do Hawaii*

No Programa Jovem Aprendiz – do SENAI/GRENDENE ou do Primeiro Passo – existe jovem egresso que permanece na empresa onde se deu a experiência. No caso dos aprendizes do SENAI realizaram suas experiências na Fábrica de calçados Grendene. Não é o caso de muitos egressos, mas é o caso de Felipe, que pertenceu a uma das turmas do período 2014-2015, que atualmente assume a função de “auxiliar de produção” na Grendene.

“Estar na legalidade”. Expressão já utilizada por Felipe, para afirmar seu desejo de ser um trabalhador “legal”, com carteira assinada, hoje traduz sua situação atual na Grendene. A de quem foi aprendiz e retorna agora com outro *status*: de trabalhador com carteira assinada – “trabalhador legal”.

Fazer parte da Grendene ou do Fórum Eleitoral para jovens da periferia, como é o caso de Felipe e Luana, tem o significado de poder gozar de um *status* diferenciado de muitos jovens de sua classe social. Significa também o acesso a bens, serviços e a profissionalização. Para muitos jovens, o seu lugar no mercado de trabalho é marcado pelas “oportunidades” oferecidas pelos Programas e empresas, que se propõem “encaixá-los” resultante da parceria com empresas e instituições, mediadas pela ação do Estado.

Conhecer as trajetórias de Felipe e dos outros jovens que acompanhei, me fez lançar numa aventura que me levou, através das histórias narradas, a conhecer os portos de passagem circunscritos nas diversas experiências, ora como aprendizes, ora como trabalhadores.

Na sua avaliação sobre a experiência no Jovem Aprendiz, Felipe tece algumas considerações.

Experiências – “pegado” o tempo na esteira

Com o término do Programa Jovem Aprendiz - Confeccionador de Calçados, eu e boa parte dos aprendizes já tínhamos uma ideia dos que iam ser efetivados na empresa, pois como mencionei em narrações anteriores, os jovens de modo geral demonstravam insatisfação com a rotina do curso e do trabalho, pelas dificuldades e por acharem que o estágio não superou as suas expectativas. Porém, por questões socioeconômicas, no caso pra auxiliar na renda das famílias e tal, muitos decidiram aceitar a efetivação. Alguns critérios pra efetivação da empresa era ter “pegado” o tempo na esteira, ou seja, lá na empresa como é produção em massa, grande quantidade - como no filme do Charles Chaplin, Tempos Modernos. As esteiras e outros equipamentos industriais requerem agilidade na função desempenhada por cada ajudante de produção, então os aprendizes, que são ágeis já levam vantagem, além da frequência regular, de não ter faltado nem no curso muito menos o trabalho, boa disciplina, demonstrar vontade de trabalhar. E isso, modéstia parte, me enquadrei nesses aspectos. Inicialmente, só tinha vagas para o segundo turno, das 14h50min às 23h30min, um horário que não dava pra mim, pois minhas aulas na Universidade eram de noite. Os interessados nos outros dois turnos, no meu caso o turno acessível foi o primeiro, deixamos as informações no RH da empresa, porém não tínhamos a certeza de quando íamos ser chamados, pois o primeiro turno é o mais requisitado, podia ser em uma semana, mês ou meses, não dava pra determinar. O dia pra mim e muitas outras pessoas para entrega das xerox dos documentos – para confirmação de que estávamos interessados em ser efetivado na empresa- foi numa sexta-feira, porém, no dia seguinte já me ligaram perguntando se ainda tinha interesse e para o primeiro turno. Foi mais rápido do que imaginei, e, com a minha vontade de trabalhar, fiquei contente e tal. Isso foi eu mais umas cinquenta (50) pessoas que conseguiram o primeiro turno, dentre os seiscentos e cinquenta (650) aprendizes, uma outra parte foi mesmo para o segundo e terceiro turnos, e muitos outros não foram efetivados. Fizemos a integração novamente, mas, dessa vez, como efetivado, e um curso obrigatório de normas de Segurança do Trabalho, em determinados equipamentos.

De aprendiz a trabalhador “legal”

Já como efetivado, fui desempenhar outra função diferente do que fazia como Jovem Aprendiz, assim como os outros colegas também ficaram dispersos em outras funções, em vários setores das fábricas. Apesar de ser outra função, consegui desempenhar bem. O difícil foi me acostumar com o novo horário, novas cobranças dos “superiores” – líderes e supervisores-, assim como a rotina cansativa de um ambiente industrial com tantas regras, e convivência com muitas pessoas. Acho que você não vai entender bem o equipamento que trabalho: uma esteira longa com uma maquina que faz a impressão nas solas e outros processos e, também, porque todos os funcionários não podem repassar informações de máquinas, equipamentos e processos, cabendo advertências e ate demissão por justa causa. Mas só pra explicar: faço o que os supervisores mandam fazer, que isso varia de acordo com escala de produção, falta, ou troca de outros funcionários, tendo a necessidade de substituição temporária. Já fiz a função de carregar umas caixas, no qual reclamei, pois é serviço pesado. Ai que comecei a ter noção dos contrapontos de um ambiente industrial grande, complexo e com pessoas de bom caráter ou não. Lá tem pessoas que fofocam das outras, pessoas que querem ser melhores do que as outras, seja por cargos mais altos, comentários maldosos, superiores que exageram nas cobranças, e muitas outras coisas que acho que a senhora já deve ouvido falar de

outras pessoas ou até mesmo nos seus estudos, também como eu e o Savio já mencionemos a você.

Dilemas e angústias

A empresa paga os salários em dia, até mesmo adiantado, nos casos solicitados, cesta básicas mensal, presentes, abonos e tal. O que motiva mesmo é em saber que é um emprego certo, e que levando em conta os tais valores que a empresa presa, é possível a promoção para cargos mais altos, com uma melhor remuneração, e o mais importante, a melhor condição de trabalho seguido do reconhecimento, já que devido a proporção da indústria tem muitas funções em diversos setores. Isso somado ao fator independência financeira, no qual julgo importante pra um jovem num mundo cada vez mais globalizado e dinâmico. Não adianta ter os valores se não forem seguidos, pois acho que o que vale mesmo é uma pessoa consciente e responsável, ágil e competente. Na rotina repetitiva, os valores não implicam, pois acabam passando despercebido nas pessoas, pois o que fica evidenciado é a produção que cada funcionário tem que cumprir. Os “superiores”, sejam líderes ou supervisores, cobram determinada função e por ai vai, todos os dias é aquela mesma coisa, repetitiva, às vezes. Acho que você entende, baseando numa produção industrial que o que leva em conta é o que foi produzido, e produzido com qualidade. Um objetivo é que o emprego pode me proporcionar, seja pela remuneração que vai ajudar na aquisição da habilitação, compra de alguns objetos e tal, e pela promoção de cargo, já que converso com colegas e conhecidos almejando um cargo que me interesse. E, sem duvida, o fato de estar cursando nível superior para empresa já é um bom critério para essa promoção, numa área de engenharia de produção ou mesmo controle de produção que envolve computação e informática uma área que gosto.

Tais “oportunidades”, são compreendidas, na ótica dos jovens, como experiências profissionais, que conformam projetos nos tempos-espacos, nem sempre (pre)vistos, mas que favorecem a continuidade do jogo da vida, mesmo que suas peças se embaralhem vez em quando. Para uns o caminho é mais longo e apenas os mais “competentes” conseguem atingir seus objetivos, o que pressupõem que os adversários com quem jogam fiquem pelo caminho.

Da minha turma poucas pessoas ficaram na Grendene, porque terminamos numa época em que a produção estava baixa, mas depois eles chamaram algumas pessoas. Dos jovens que estiveram no Jovem Aprendiz da minha turma e que tentaram o ensino superior, além de mim, que estou cursando Administração na UVA, só sei da Taís que está fazendo Matemática na UVA. O Paulo Vitor, a última vez que o vi, ele estava estagiando na biblioteca do SENAC. Eu mesmo já fui fazer meu cadastro no SINE/IDT e fui também para o CIEE. No SINE não tem nada que encaixe no meu perfil. No CIEE lá tem muita vaga de estágio, mas como eu ainda estou no 2º período, não posso participar. Na UVA me inscrevi no PBU¹³¹, mas houve

¹³¹ Programa Bolsa Universitária (PBU).

uma redução de vagas e também alteração nos horários, para o qual eu estava selecionado, na biblioteca do CCH. (RAFAEL, JOVEM APRENDIZ)

É o que pude constatar com as duas turmas do Jovem Aprendiz do SENAI, 2013-2014 e 2014-2015, poucos se “engajaram”, conforme expressão utilizada por eles. Dos oito jovens - do “Jovem Aprendiz” do SENAI -, que acompanhei nesses dois últimos anos, apenas Felipe foi “pegado na esteira” e conseguiu ser um trabalhador “legal” na Grendene. Os outros pegaram outras estradas: constituíram família, como é o caso de Mayara e Samara; ingressaram na Universidade, como Sávio, Felipe e Rafael. Bel continua tentando ingressar no ensino superior. Quanto a Luan e Rosana, não tivemos mais informações. Seus ex-colegas do Aprendiz “desconhecem o caminho que eles seguiram”.

Sávio questiona o caráter da primeira experiência exigido pelas empresas para o primeiro emprego. Coloca o exemplo de empresas já estabelecidas em Sobral que pedem experiência até para ser “repositor de perdas”, “encaixotador”, ressaltando se realmente há necessidade em você ter experiência para certos tipos de atividades.

Eles cobram experiência no primeiro emprego. Eu não entendo (!?) Ir atrás de emprego em Sobral é, para o jovem, uma questão de necessidade. Em Sobral tem muito estágio. Prevalece um discurso de que aqui se dá oportunidade. O caminho é: primeiro a pessoa vai atrás da experiência e só depois é que vem o primeiro emprego. Eu, por exemplo, já entrei com a ideia de adquirir experiência. Minha ‘experiência’ na Grendene vai servir como um passaporte para entrada no mundo do trabalho. (SÁVIO, JOVEM APRENDIZ)

O questionamento de Sávio é confirmado na narrativa de Rafael, quando faz um breve esboço de sua experiência no Jovem Aprendiz do Primeiro Passo e depois no Jovem Aprendiz do SENAI/GRENDENE.

Bem, o que ficou da minha experiência no Aprendiz do SENAI? Foi bom conhecer a experiência de uma fábrica. Lá é um pouco pesado. As pessoas que trabalham lá são como um peão. Não fiquei lá porque os horários são muito rígidos e não batiam com meus horários da minha Faculdade. Quando eles me chamaram eu já tinha passado no vestibular. Apesar disso, lá foi uma experiência boa, porque recebemos um certificado como aprendiz e vai servir para o futuro. Lá basicamente ensina a ser trabalhador do primeiro emprego. No curso inicial, que recebemos pelo SENAI, eles ensinam a importância do ser ético, saber agir conforme as normas da empresa. Outro ponto positivo foi porque conquistei muitos amigos. Também somos incentivados a estudar mais e buscar mais qualificação.

Sobre as minhas outras experiências, eu já tinha participado de outros estágios, pelo Primeiro Passo. A primeira experiência foi em 2010, Jovem Bolsista do Primeiro Passo, quando estava no 3º ano do Ensino Médio, foi lá na Construpiso, durante seis

meses. O cargo era pra ser auxiliar administrativo, mas como era uma empresa pequena, acabava 'desviando as funções': passei a ser vendedor, entregador, etc. Fazia tudo o que era preciso. Depois, já em 2012, fui para o Supermercado Lagoa, através do Jovem Bolsista do Primeiro Passo. Foram dez meses. Lá era, também, para auxiliar administrativo, mas rodava noutros serviços, fui até repositor de mercadorias, fazia de um tudo. Durante 2013-2014 estive no SENAI JOVEM APRENDIZ, com a experiência na Grendene, durante dez meses.

Enfim, para ser trabalhador a pessoa tem que ter experiência e precisa comprovar. Aqui em Sobral, além de pedirem a comprovação da experiência, às vezes você precisa de uma indicação. Existe muito a questão da indicação e os empresários não querem nem pagar um salário, às vezes querem pagar menos. Oferecem menos de um salário e sem carteira assinada. Não eu acho que não tem muita oportunidade, às vezes tem até as vagas, mas os empresários exigem demais e querem experiências mais de seis meses. Minha prima fez cursos de mais de seis meses, de auxiliar administrativo, mas como ela não tinha experiência acabou não sendo aceita. Quanto à experiência da Grendene só serve prá ela, não serve para outro canto. Por isso, muitas pessoas desistem e vão procurar outras coisas. Em tese, essas experiências não servirão para outro lugar, porque o trabalho de lá é muito específico e só serve prá lá. E cada um desses estágios tem uma finalidade específica. Na carteira de trabalho ficou registrado: "Jovem Aprendiz". Eu estive procurando emprego numa loja e não consideraram minha experiência. Lá disseram que essa experiência só servia para um trabalho mais "braçal", pela natureza do trabalho da Grendene. Ser trabalhador é saber se adaptar as normas de cada empresa e se adaptar a cada emprego, senão você vai ser mandado embora.

Para Pais (2001), a estratégia de arranjar trabalho é como um lance num jogo de cartas. Ela depende da qualidade do jogo que se tem em mão – títulos escolares, experiência comprovada, etc. – da maneira de jogar – rede de conhecimentos, e da astúcia do jogador. Os lances de jogo ocorrem por entre postulados e regras que condicionam o espaço de jogo. Mas os jogadores têm um papel fundamental. Os resultados do jogo dependem das performances do jogador, da sua habilidade e, principalmente, da sua astúcia.

Alguns jovens inventam verdadeiros expedientes para vencer na vida. Em fases mais críticas do jogo, o jovem recorre a estratégias ou se lança em "aventuras", tentando a sorte, o jogo proporciona, com efeito, o envolvimento em trabalhos temporários ou em atividades atípicas, como os jovens que encontrei no centro comercial de Sobral. Para estes jovens, um novo dia representa uma partida.

É o caso dos jovens que encontrei no centro comercial da cidade de Sobral. O caso destes jovens é um bom exemplo de vida performativa. (PAIS, 2001)

Dentre estes jovens que acompanhei¹³² estão: João Paulo, vendedor Jequiti; Kaká, a jovem universitária, engajada numa empresa de propagandas, Cissa e Raquel, revendedoras dos produtos e serviços TIM. Destaco a “experiência” de Cícera e Raquel, revendedoras dos serviços TIM.

Figura 15 – Trabalhadores da/na rua – “Escritório de céu aberto”



Fonte: arquivos de domínio público, 2014.

¹³² Acompanhei esses jovens no período de abril a junho de 2014. As turmas de revendedoras da TIM, Claro e Oi demarcam seus espaços na lateral do Palácio de Línguas e na Praça de Cuba, ambas no “coração” do centro da cidade. As garotas propaganda, a exemplo de Kika, circulam pelo centro e também “representam” e “divulgam” os diversos produtos nos diversos restaurantes da cidade.

Figura 16 – Trabalhadores da/na rua: agências de propaganda



Fonte: arquivos de domínio público, 2014-2015.

Para falar da experiência de Cissa, recorro aos registros do meu diário de campo, síntese dos registros dos dias 20/04, 30/05 e 15/06, além das observações que realizei nesses dois meses. Além dos contatos pessoais, outros acessos foram realizados pelo facebook e celular, via WhatsApp. Quase todos os nossos encontros foram agendados para o período da tarde, pois segundo Cissa, “é mais tranquilo”. Às tardes, nos horários de 14h00min às 15h30min, as consultoras de venda ficam na Praça de Cuba, próxima ao Palácio de Línguas. É que nesse horário da tarde a temperatura em Sobral ainda é mais elevada, e todos procuram “uma sombra”, um local mais fresco. Pela manhã o horário delas é de 08h00min às 12:00h. Císsa é consultora de vendas da TIM, tem ensino médio completo e mora com uma filha pequena.

De abril a junho de 2014 “fixei” minhas observações nas atividades alternativas de jovens que circulam no centro da cidade de Sobral e nos circuitos noturnos dos restaurantes de Sobral. No primeiro caso, trata-se de jovens, na maioria jovens mulheres, com idade entre 18-29 anos, que vendem os produtos das operadoras Oi, TIM e Claro. No segundo caso, são jovens ligadas as agências de

propaganda, que circulam em horários noturnos “estratégicos” nos principais restaurantes de Sobral.

Parti, então, em busca dos enigmas do social, nas rotas do cotidiano, explorando os caminhos entre a rotina e a ruptura, nos quais se revela a construção do cotidiano. Para Pais (2003), “o trilhar sociológico das rotas do cotidiano não obedece a uma lógica de ‘demonstração’, mas antes uma lógica de ‘descoberta’, na qual a realidade social se insinua conjectura e indicia” (p. 17). O movimento do corpo que deambula na cidade é guiado pela percepção descontínua e saltitada de um olhar que a sociologia do cotidiano exercita no seu vadiar sociológico.

Surpreendida não só pelas cenas que vi e me envolvi, me aproximei das vendedoras da TIM. Fui ao encontro de uma vendedora que mantive um contato anterior, mas que naquele outro momento não pudemos conversar por conta das suas atividades de venda, que são avaliadas pelas metas. Dirigi a ela uma primeira pergunta sobre seus produtos (um mote para aproximação). Depois me identifiquei como pesquisadora e Professora na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Cissa e sua companheira de vendas, Raquel, foram as primeiras revendedoras com quem pude estabelecer contatos mais regulares, e ambas se dispuseram participar da pesquisa. Entre chamadas e atendimentos aos clientes que por ali passavam, tive toda paciência para uma conversa bem informal e registros no meu caderno de campo. Aproveitei a ocasião, entre conversas, respostas e perguntas e, nos intervalos, nos atendimentos aos clientes transeuntes, fotografei o “local de trabalho” e as janelas onde elas guardavam seus pertences – *escritório de céu aberto*. Também flagrei uma venda. Tudo com a permissão das meninas e da consumidora que adquiriu um chip.

Cissa, falou sobre a sua condição de trabalho, que ela denomina “*efetiva*”. Achei estranha a resposta, mas entendi depois, pois ela entende que tem um contrato formal, salário e algumas vantagens, por isso entende que é efetiva. Quanto a forma de contratação para aquela atividade que estava desempenhando e como conseguiu aquele emprego, ela falou que foi por indicação. Explicou,

Um/a supervisor/a da TIM, que fica nos circuitos das ruas, é quem faz esse serviço, que a empresa chama de “recrutamento e seleção”. No meu caso, foi uma amiga quem me indicou e, eu, por minha vez, indiquei Raquel. E assim vai. É na base da

indicação. Forma-se uma corrente de amigos e conhecidos que vão indicando uns aos outros, num ato de cumplicidade e companheirismo. Somos sempre indicadas por uma amiga.

Outro dado importante foi o fato dela expressar os sentimentos que as unem. Das que estavam próximas do grupo de trabalho, afirma Cissa, “*somos todas mulheres, temos filhos e responsabilidade*”. Compreendi que as jovens trabalhadoras se identificam tanto pela condição de mulher que precisa sustentar e manter uma família, bem como pelos laços de amizade e solidariedade. Percebi que elas se auto-ajudam, sempre colaborando umas com as outras. Nos momentos em que estive com elas percebi que quando uma precisa sair do “posto de serviço” para resolver algum problema, a outra dá cobertura. São sempre solidárias.

Fiz um certo ar de estranhamento sobre a modalidade de emprego. Mas Cissa explicou sobre a sua condição. Indaguei sobre o salário. Fui informada sobre a sua composição, mas não me revelou os valores: comissão + ajuda de custo + salário fixo. Em seguida, perguntei sobre a importância do trabalho para ela e para as companheiras, considerando aquelas condições de trabalhar na rua, sem proteção e sem um abrigo, no que ela respondeu:

É melhor aqui do que numa loja, porque na loja você fica trancada... Aqui não temos que bater ponto, mesmo que o nosso horário seja definido, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 15h30min. Não precisamos ter que dar satisfações a todo tempo, mesmo sabendo de nossos compromissos, pois temos responsabilidades. Aqui somos mais livres, é bem melhor. Compromisso para poder confiar no próprio trabalho, não bater ponto e se fixar em horário. Nossa meta? Deveremos vender uma média de 340 (trezentos e quarenta) chips ao mês. A importância do trabalho... trabalhamos porque precisamos, todas nós temos família e filhos para criar...

Percebi que elas se sentem mais livres e conscientes das suas metas a cumprir. Aproveitei para perguntar sobre um possível gerente, supervisor, enfim, aquela pessoa responsável pelo trabalho delas. Noutra ocasião fui apresentada a outra jovem, chamada Heloisa. Ela era consultora de vendas, há um ano e seis meses e, naquela ocasião, estava tirando as férias do supervisor de vendas, a pessoa que circula nas ruas coordenando e acompanhando os trabalhos das consultoras de venda. Heloísa explicou sobre os procedimentos de seleção de vendedoras e das metas a serem alcançadas.

A empresa quer metas e pessoas qualificadas. Caso haja uma oportunidade de crescer, vai exigir vários fatores: nível superior, conhecimento e experiência de rua. Depois você passa a ser supervisor/a, coordenador/a, até gerente”. Quanto aos

outros requisitos exigidos pela empresa para contratação de jovens e o perfil de trabalhador idealizado pela empresa, *eles dão preferência as mulheres, por serem mais ágeis e dinâmicas. A loja joga o produto e nós organizamos as informações e ‘peneiramos’ tudo para a venda. Temos que ter o dom da palavra e questionar. Temos que vir maquiadas e bem vestidas.*

Sobre as condições de trabalho na rua, no “escritório de céu aberto”, Cissa comentou:

Nosso escritório, nossa mesa, nosso trabalho é de céu aberto. Nosso escritório é a janela do Palácio de Línguas. É aqui que guardamos nossos pertences, como capacetes, bolsas e os kits que temos para vender. . A Praça de Cuba é nosso outro escritório. Sempre que possível, trazemos nosso lanche ou compramos de vendedores ambulantes que circulam nessas proximidades. Às vezes, temos nosso mau humor, mas sabemos que temos que ficar bem, para receber bem os clientes. São escolhidas mulheres porque elas são mais cuidadosas na abordagem com os clientes, para falar mais com clientes e explicar melhor sobre o produto.

Já a turma de Kaká, uma das representantes da agência de propaganda, também desenvolve um trabalho “alternativo”, que é realizado tanto no período noturno como diurno. As moças, em sua maioria, são contratadas para fazer propagandas de grandes lojas e ou servirem de “expositores ambulantes”, conforme podemos observar nas fotos acima. Não têm um local fixo, cada grupo circula nos mais diversos pontos estratégicos da cidade, sob a supervisão de um coordenador ou gerente. Durante o dia ou noite, elas se vestem conforme o produto que precisam representar e vender.

Identificadas como esse modo de ser trabalhadoras – nas ruas, à céu aberto, com contratos temporários - não questionam em seu horizonte um rompimento radical com estas identificações de trabalhadores precários. Falam sobre as dificuldades de inclusão no mercado de trabalho, da sucessão de atividades “freelance” que já experimentaram, que não definem uma situação de emprego mais clara e relataram sobre os períodos de desemprego, seguidos daqueles, de trabalho instável e incerto como o que assumiam no período da pesquisa.

Seus vínculos profissionais são fluidos. O provisório vai sendo a marca mais perene em suas vidas. Acabam por ter dificuldades de reconhecer seu lugar no mundo do trabalho e de elaborar seus projetos pessoais. É nesse quadro de instabilidades que esses jovens estabelecem suas ações, interpelando e negociando quotidianamente sua inclusão na vida social. Nessa negociação trabalham com

tempos diferenciados, jogando com os recursos que encontram na cidade, buscando o seu reconhecimento.

Quanto ao futuro e à noção de longo prazo, os discursos dos entrevistados parecem corroborar a afirmação de Bauman (2001), quando analisa que, dentro do cenário moderno, o futuro aparece como uma concha vazia de significados. A noção de longo prazo soa de maneira estranha, como algo difícil até mesmo de ser imaginado diante das inúmeras e rápidas mudanças que percebem acontecer em seu redor.

Inquiridos sobre os planos para o futuro, respondem com grandes sonhos, em que o principal, no campo do trabalho, é a realização profissional. Foi na abordagem desse aspecto que surgiu o medo, no discurso dos jovens, relacionado à possibilidade de não conseguirem realizar seus sonhos, de não serem reconhecidos como esperam, de ficarem estagnados ou de não conseguirem fazer nada. Na realidade, temem o oposto da lógica do movimento na qual aparecem inseridos na, atualidade.

No entanto, mesmo a esses temores não foi concedida tanta importância, pois os medos quanto ao futuro acabavam por ficar embaçados diante do otimismo do presente, sustentado pela crença em si mesmos, em seus potenciais e talentos. Foi recorrente, no discurso dos jovens, a ideia de que, se quiserem muito e se correrem atrás do que querem, serão capazes de conseguir o que desejam, apesar de todas as dificuldades que o mercado de trabalho apresenta.

É no curto prazo que os entrevistados apresentam algum conforto de atuação e até mesmo de capacidade de planejamento. O curto prazo é problematizado e ganha lugar de destaque para esses sujeitos. O campo de ação desses jovens se sustenta nessa noção, e mesmo seus planos, abordados acima, na verdade, se referem a ações mais imediatas para questões que estão prestes a surgir em suas vidas: entrar no ensino superior, concluir a faculdade, para outros; conseguir outra colocação noutro emprego. Assim, atuam dentro de um *presente estendido*, conforme proposto por Leccardi (2005), ou, como preferimos chamar, de um *futuro encurtado*.

Figura 17 – Festa Diplomação Jovem Aprendiz 2015



Fonte: arquivo cedido por cursista, 2015.

Concluindo o curso: a despedida e a diplomação¹³³

A turma de jovens aprendizes do estágio Confeccionador de Calçados, que começou no dia 8 de setembro de 2014 terminou no dia 10 de fevereiro de 2015, com mais de 600 aprendizes; isso contando com todos os turnos de estagiários. No dia 10 houve confraternizações em todas as salas (lembrando que a minha era do anexo do SENAI – foto 1- somando com as salas da sede próximo ao centro de convenções). Foi um momento de confraternizar, apesar de ter ocorrido ao longo do estágio estresse cansaço por conta da rotina de trabalho e curso, somando oito horas diárias. Em praticamente todas as salas teve comidas, seja, bolo, refrigerantes, salgados, bombons. Algumas turmas (salas) teve até dança, violão, músicas. Muitos colegas choram, pois terminava ali aquele convívio que de uma certa forma foi tão importante quanto ao aprendizado adquirido sobre o montagem de calçados. Na minha turma teve uma dinâmica trazida pelo professor (instrutor), onde todos os colegas fizeram um círculo e se deram as mãos. Cada um memorizou que estava do lado direito e esquerdo. Todos soltaram se as mãos, ai foi que o professor desorganizou de tal forma, nos deveríamos voltar ao círculo inicial, ou seja, tínhamos que pensar juntos pra reorganizar o círculo sendo que todos estavam de mãos dadas e que não podia soltarmos as mãos. Resumindo, conseguimos depois de um certo tempo. Foi legal, pois a dinâmica tentou mostrar a união de todos. Já no dia 11 as respectivas turmas- eram 3 (três)- e a minha era a primeira, foram a sede do SENAI, para entrega de batas (farda da empresa) e os crachás, e também a entrega por parte da empresa Grendene, as “contas”, ou seja, da rescisão do contrato, folha do FGTS, e quitação de contas. Nesse dia foi anunciado quem iria ser chamado para

¹³³ O texto foi escrito por Felipe, por ocasião do nosso último encontro. Ele teve a gentileza de escrever suas impressões sobre a “diplomação” da turma, ao mesmo tempo faz uma breve avaliação sobre a experiência no Jovem Aprendiz.

empresa, ou seja, a maioria foi chamada, ficando a critério de cada um, se queria ou não trabalhar como efetivo na empresa. Quase todas as vagas garantidas eram para o segundo turno - 14h50min às 23h10min - horário esse que não é muito convidativo. Os queriam pra outro horário, no caso do 1º ou 3º turnos, teriam que aguardar por tempo indeterminado pra aparecem vagas nos respectivos turnos. Pelo que analisei a maioria aceitou o segundo turno logo, por que já era certeza, e mesmo que uma boa parte na gostou do ambiente de trabalho da empresa de calçado, a necessidade de trabalhar foi mais importante. A galera mudará de emprego se aparecer um outro melhor. (FELIPE, JOVEM APRENDIZ)

Figura 18 - Diplomação Jovem Aprendiz – Primeiro Passo



Fonte: arquivos de domínio público, 2014.

O futuro é aludido no campo dos sonhos e desejos, das múltiplas oportunidades que os jovens enxergam para si, mas que não aparece integrado a estratégias de ação específicas para o seu alcance. Na realidade, o *presente estendido* é o campo no qual eles realmente atuam, buscando conseguir pequenos objetivos imediatos.

O projeto de vida tal como pontuado por Velho (1999) representaria a possibilidade de projetar um futuro desejado e elaborar maneiras de atingi-lo, carregando a noção da trajetória de vida como uma possibilidade de atualização dos potenciais individuais.

Para os jovens entrevistados, os projetos se relacionam a ações voltadas para o curto prazo, e o futuro emerge não como uma trajetória, mas como um mosaico de possibilidades, “as oportunidades que vão surgindo no caminho”, como definiu um jovem aprendiz.

São, portanto, múltiplos projetos caracterizados pela mutabilidade - podem ser alterados de acordo com as oportunidades que surgirem - e que possuem uma estratégia de ação principal: estudar, se qualificar, aprender e ir atrás da oportunidade. O nomadismo é fortemente vinculado a esses projetos de vida, à possibilidade de viajar, de mudar de emprego, de alterar atividades, etc. A ideia de manter as portas abertas também se faz presente como meio para não perder as oportunidades que aparecerem. São projetos que parecem adaptar-se ao contexto atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

PORTO DE CHEGADA, ESTAÇÃO DE PARTIDAS...

Uma vírgula para o ponto final

Afinal, vemos tudo sem voltar.

E voltamos a ser como não éramos

Sempre, sempre, até nunca mais.

Joana Zatz Mussi – Exclamação.

O percurso trilhado durante a pesquisa permitiu-me a observação dos movimentos oscilantes produzidos pelos jovens empobrecidos, trazendo à tona as esperanças e as oportunidades e, também, suas angústias e dilemas que marcam os contextos de suas trajetórias no mundo do trabalho, nos fios de fragmentos que entreteceram os relatos de pesquisa.

A orientação que estabeleci inicialmente para a pesquisa privilegiava a investigação das práticas de qualificação profissional, a partir de políticas públicas de inclusão produtiva e, assim, revelar alguns dos sentidos formativos dessas práticas para os jovens de periferias. No curso da pesquisa, redefini essa orientação, avançando na possibilidade de narração de histórias de jovens empobrecidos, nos seus percursos não-lineares, na luta pela inserção profissional.

Em nada esta tese assemelhou-se a um trabalho em linha reta; ao contrário, foi necessário muita energia para reelaborar os fios da pesquisa, diante de um grande acervo de entrevistas e de numerosos percursos trilhados no trabalho de campo. Meu olhar de seguiu em direção aos mais diversos espaços onde os jovens circunscreviam suas “passagens”: nos CRAS, nos diversos territórios da cidade, nos cursos de formação, nas agências de intermediação de empregos, nas ruas. “Fiz das periferias ao centro”, tudo isso para entender os percursos labirínticos de vidas dos jovens, nos liames que articulam seus processos de formação e suas lutas em prol do trabalho, na cidade de Sobral.

O caminhos metodológicos empreendidos permitiram focar o tempo da pesquisa, procurando romper com o tempo cronológico. O registro analítico foi expressão de meus movimentos pela cidade. Ele propiciou colocar em evidência, nos relatos de pesquisas, incertezas e dilemas da vida de alguns jovens da cidade,

os movimentos de controle e as possibilidades transitivas de sua circulação, para além dos seus territórios de moradia e dos cursos de formação.

Uma primeira aproximação do olhar diria que os registros sinalizam sua condição de jovens “sobrantes” e sua resistência a esta condição, com sua luta por fazer a vida melhorar. Talvez por serem vistos como “jovens de periferia” são, muitas vezes, julgados como menos capazes para pleitearem uma vaga no mercado de trabalho.

A construção das entrevistas narrativas foi, estruturalmente, marcada por esses impactos. As narrativas, das quais me detive aqui, a de Sávio, de Felipe, de Maiara, Rafa, Cris e outros jovens já citados nesta tese, possibilitou responder a minha pergunta inicial na medida em que, analiticamente, permitiram considerar diferentes aspectos: configurações sobre o contexto em que elas se inserem; entendimentos que os jovens têm sobre o trabalho; sentidos conferidos pelos jovens à formação e inserção no mundo do trabalho; sonhos, medos, angústias, expectativas, esperanças, decepções que perpassam culturas juvenis; reflexão sobre a minha interação com os sujeitos pesquisados. E na busca de luzes nos meus (in)certos roteiros, fui construindo uma narrativa teórica, a partir do sentido da experiência no mundo do trabalho.

As narrativas possibilitaram que eles se posicionassem como sujeitos, em tempos e espaços próprios, no contexto das mudanças que vinham ocorrendo no mundo do trabalho. Nesta perspectiva, construíram uma historicidade particular, entre experiências, peleja e conquistas. E também urdiram um itinerário próprio que situa seus lugares entre o trabalho e noutros espaços de suas sociabilidades.

Na verdade, eles foram constituindo a si nesses lugares entre o trabalho, o universo familiar, mas também entre suas afiliações religiosas e valores morais. Nos relatos e nas observações das vivências juvenis afloram as relações de trabalho, construídas pelas suas diversas experiências: escola, formação profissional, inclusão em programas sociais até o alcance do primeiro emprego. São experiências permeadas por afetos e sentimentos, esperanças e decepções, tal como os que existem na família, nas relações de parentesco e de amizade.

Um outro aspecto a considerar é o da interação entre os sujeitos e o pesquisador. Quando propus que narrassem suas histórias nesse contexto das mudanças no mundo do trabalho – qualificação provisória e de curta duração, contratação temporária através das agências de intermediação de trabalhadores,

flexibilização de contratos, formações atípicas e diferentes dos seus projetos individuais - que os sujeitos construíram suas trajetórias. Contudo, as narrativas compõem um relato em que, por oposição às experiências que viveram, os jovens reafirmam a si como potenciais trabalhadores, alimentando a possibilidade de construir projetos sólidos a partir de sua inserção no mundo do trabalho.

Assim, por meio dos relatos, era como se os sujeitos da pesquisa construíssem um novo sentido para suas vidas, (re)significando e reelaborando, subjetivamente, as experiências que viveram a partir da formação nas agências e cursos, das primeiras experiências de trabalho, institucionalizadas ou não.

Com tudo isso, eu pude construir uma narrativa teórica ao focar a noção de experiência, entendendo que essa encerra um processo de aprendizagem e uma dimensão intersubjetiva, ao se perceberem como trabalhadores em formação, entre experiências e oportunidades. Nesse sentido, é que pude entender os sentidos que davam ao trabalho, por entendê-lo fundamental para a constituição de si, como sujeitos em construção que, mesmo nas mais adversas experiências, se percebem construtores de suas trajetórias profissionais e sociais.

O que pretendi, ao considerar diferentes aspectos das narrativas, foi mostrar que dimensões da vida social e profissional se complementam e que não se excluem, e que também podem ser (re) postas em relação nas narrativas sobre as experiências profissionais.

Acrescento, contudo, que a abordagem sobre as trajetórias socioprofissionais coloca também possibilidades para pensar a própria narrativa, aproximando-a da interpretação hermenêutica. É que ela apresenta a lógica intrínseca de um texto, que é o resultado do ato dialógico entre o narrador e o pesquisador, este último, no exercício do ofício da pesquisa. Portanto, a narrativa das trajetórias recoloca algumas possibilidades interpretativas, trazendo à tona as questões da autoria - e da autoridade do autor - da elaboração da escrita, do encontro etnográfico e dos limites da compreensão da própria cientificidade (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998).

Considerei sobretudo o sentido da experiência nas narrativas, como via para refletir acerca do mundo do trabalho naquilo que foi contado pelos jovens nos seus processos, plenos de curvas e trilhas. As críticas que Walter Benjamin faz à modernidade vinculam o declínio da experiência ao fim da narrativa tradicional. Para esse autor, a dissolução da experiência na modernidade explica-se porque perdemos a capacidade de narrar – de dar e receber um conselho, apresentar uma

“lição de vida” ou uma maneira de agir –, ou seja, de transmitir a experiência, o que está associado *“aos valores individuais e privados que substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo que estas não são fundamentalmente criticadas nem rejeitadas”* (GAGNEBIN, 1994, p. 67-68).

Porém, encontrei nos jovens aprendizes dos Programas Sociais e nos jovens na informalidade das ruas bons narradores, contrariamente à dissolução da experiência entendida por Benjamin, sobretudo hoje imposta pelas transformações do mundo do trabalho. Em verdade, foi a riqueza de suas experiências que pôde ser recuperada com suas narrativas. Nessa perspectiva, entendo que as narrativas revelam algo do que ainda não foi corroído pelas mudanças contemporâneas do mundo do trabalho.

Senett (2010), por sua vez, busca uma explicação para entender a corrosão do caráter no capitalismo flexível contemporâneo. Para ele, no capitalismo flexível, sempre em mudança – nos seus próprios termos, uma *“experiência de deriva”* - não há lugar para a construção de uma narrativa de vida, posto que, o ato de narrar - no sentido benjaminiano – é *“uma afirmação estática”* que dá sentido à afirmação de valores de longo prazo, estruturando um caráter que não tem mais a facilidade de se constituir no mundo da *“flexibilidade”* do capital que se impõe em detrimento de um passado quando, então, se podia afirmar, nos dizeres de Senett, *“a lealdade, o compromisso, propósito e resolução”* (SENETT, 2010, p.31).

Contrariamente, as experiências aqui narradas pelos jovens revelam, cada qual em seu caráter, as medidas em que estes jovens puderam responder ao contexto de mudanças no mundo do trabalho, que a eles foi imposto, através da busca de um sentido para suas vidas nesse contexto. Dessa forma, pelas experiências que as narrativas me transmitem diante da *“corrosão do caráter”*, imposta aos sujeitos, eu pude refletir sobre suas experiências vividas no mundo do trabalho e aprender com elas.

E o que mais pude aprender com as narrativas dos jovens? Confesso que, quando cheguei às suas histórias de vida-, estava interessada nos processos de mudanças do mundo do trabalho e estava preparado para ouvir o que elas podiam me revelar quanto à violência do capital nesses processos. Encontrei, em suas histórias, esperanças mesmo que num mundo de incertezas, porém, como afirmaram alguns, buscaram sentidos para suas vidas em cada experiência vivida e renovam esperanças a partir das oportunidades que surgem nas suas trajetórias e,

nessas “curvas ziguezagueantes” vão conformando seus projetos pessoais e profissionais.

Inegavelmente, muito descobri e aprendi das culturas juvenis nesta saga dos jovens sobralenses, abrindo-me caminhos para novas investigações, neste processo infinito de aproximações do real, em suas histórias preche de surpresas!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5/6, p. 25-37, 1997. Edição Especial.

ALBORNOS, Suzana. **O que é o trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ALMEIDA, Diego Gadelha de. **Indústria e reestruturação sócio-espacial: a inserção de Sobral (CE) na divisão espacial da produção calçadista**. 2008. Fortaleza, Ceará.

ALVES, Giovanni. **A educação do proletariado**. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/giovanni-alves/>. Publicado em 17/12/2012. Acessado em 24/06/2013.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e nova precariedade salarial no Brasil: a morfologia social do trabalho na década de 2000 (2000-2010)**. Coimbra, Portugal: Oficina do CES nº 381, 2012.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses do trabalho e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/ Unicamp, 1995.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: Edusp, 1998.

BARBOSA, Andrea. Imagem, pesquisa e antropologia. In: **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol. 3, nº 2/2014, p. 3-8.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Trabajo, Consumismo y Nuevos Pobres**. Barcelona: Ed. Gerdisa, 1999.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad**. Barcelona: Paidós, 2002.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization. Institutionalized individualism and its social and political consequences**. Londres: Sage Publications, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In: Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. vol. 1. 7. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. *In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism**. Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, 1969.

BOHNSACK, R. Group discussions and focus groups. *In: FLICK, U.; KARDOFF, E. Von; STEINKE, I. (Orgs.). A companion to qualitative research*. London: SAGE, 2004, p. 214-221.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *In: Revista Brasileira de Educação nº 19*, jan/fev/mar/abr, 2002.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. *In: AMADO, J. e FERREIRA, M. M. Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”. *In: Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In: BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CALVINO, Ítalo. **O castelo dos destinos cruzados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMARANO, Ana A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARRANO, Paulo C. R.. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CARROL, Lewis. **Aventuras de Alice através do espelho**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

CASSAB, M. aparecida T. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza**. Niterói, RJ: Intertexto, 2001.

COELHO, Luís Fernando Viana. Trabalho Pleno: um desafio de política pública. **SANARE: Revista Sobralense de Políticas Públicas**, Ano II nº 3, p. 56-59, out/nov/dez. 2000.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pacto pela Juventude**. A cidade que a juventude quer: com desenvolvimento, direitos e participação. Disponível em: xxx.

CORDEIRO, Denise M. A. **Juventude nas sombras**: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2008.

COSTA, Mardônio de Oliveira. **Emprego formal no Ceará**: um enfoque regional. Fortaleza, CE: IDT, 2009.

CRAPANZANO, V. **Tuhami**: portrait of a moroccan. The University of Chicago Press, 1980.

CRAPANZANO, V. Life-Histories. In. **American Anthropologist**, nº 86, pp. 953-965, 1984.

DAYRELL, Juarez. **Juventude e Socialização**: reflexões em torno de experiências educativas nas trajetórias juvenis. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude>.

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp; FAPESP, 1999.

DEREYMEZ, Jean-William. **Le travail**: historie, perspectives. Grenoble: PUG, 1995.

DUBAR, C. **A socialização**: construção de identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. "*La construction sociale de l'insertion professionnelle en France*". In: LAURENCE ROULLEAU-BERGER e MADELEINE GAUTHIER (eds.). **Les Jeunes ET L'Emploi dans le Villes de l'Europe et de l'Amérique du Nord**. Paris, Editions de l'Aube, 2001.

DUBAR, Claude. "*Réflexions sociologiques sur la notion d'insertion*". In : B. CHARLOT e D. GLASMAN (eds.) **Les Jeunes, l'Insertion, L'Emploi**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

DUBET, François. **El declive de la institución**: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona: Gedisa, 2006.

DUMONT, Louis. "La conception moderne de l'individu". **Esprit**, v. 2, n. 14, Paris, 1978, p. 18-64.

Elias, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Global, 1990.

ERIBON, D. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FANINI, Ângela Maria R. O trabalho como fonte de sociabilidade, subjetividade e identidade na obra *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato. **IPOTESI**. Juiz de Fora, v.16, n.1, p. 47-54, jan./jun. 2012.

FERNANDES, Maria Esther. Imagem e olhar em pesquisa: para além do visível. In: **Cadernos Ceru**, v. 23, n. 1, 2012, p. 239-248.

FERREIRA, Diocleide L. **A reinvenção de uma cidade**: Cid Marketing e a requalificação urbana em Sobral – CE. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [sn], 2013.

FERREIRA, Pedro Moura. Identidade juvenil e processos de mudança. Lisboa: JORNADAS/CONGRESSO DA REVISTA ARQUIVO DE BEJA, 3., 2002. Beja. **Anais...** Beja, 2002. T. 1.

FIRTH, R. **Elements of Social Organization**. Londres: Watts, 1951.

FLEURY, M.T.L. **Processos e relações de trabalho no Brasil**. São Paulo: Atlas, 1985.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1977.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: UNESP, 1997.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral**: opulência e tradição. Sobral: Edições UVA, 2000.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Más allá de la Izquierda y la Derecha. El futuro de las políticas radicales**. Madrid: Ed. Cátedra, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. Ed. Petrópolis: vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. Ed. RJ, Petrópolis: Vozes, 2009.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 46, Nº 2, 2003.

GORZ, André. **Misères du Présent, Richesse du Possible**. Paris: Ed Galilée, 1997.

GOTTLIEB, David e REEVES, J. A. Questão das subculturas juvenis. In: JAIDE, Walter. **Sociologia da Juventude II**. Para uma sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUIMARAES, Nadya A. **Caminhos cruzados**: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. São Paulo: Editora 34, 2004.

GUIMARÃES, Nadya A. **À procura de trabalho**: instituições do mercado e redes. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. (Coleção Trabalho & Desigualdade, 10).

GUIMARÃES, Nadya A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

GUIMARÃES, Nadya A. Trajetórias Juvenis. Um novo nicho em meio à expansão das oportunidades de trabalho? In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; AMARAL, Marcelo Parreira. (Org.). **Trabalho e formação profissional**: juventudes em transição. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013.

GUIMARÃES, Nadya A. Trajetórias Juvenis: um novo nicho em meio à expansão de oportunidades de trabalho? In: MACAMBIRA, Jr.; ANDRADE, F. R. B. (orgs.). **Trabalho e Formação Profissional**: juventudes em transição. Fortaleza (CE): IDT, UECE, BNB, 2013.

GULLAR, Ferreira. Barroco: olhar e vertigem. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 217-224.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do Outro. In. **Cadernos de Pesquisa no. 107**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, jul/1999.

HEGEL, G. W. F. **Philosophie du droit**. Paris: Gallimard, 1821.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: HEIDEGGER, Martin. **De camino al habla**. Barcelona: Edicionaes del Serbal, 1987.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM)**: Ceará 2010. Fortaleza, CE: SEPLAG, 2010.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Perfil Básico Municipal**: SOBRAL. Fortaleza, CE: SEPLAG, 2010.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO (IDT). **Mercado de Trabalho Jovem no Ceará**: uma análise regional. Fortaleza, CE: 2006.

JOHNSON, A.G. **Dicionário de Sociologia**. Guia prático de linguagem sociológica. (trad. Ruy Jungmann). Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KOFES, S. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. In. **Cadernos Pagu**, nº 3, pp. 117-142, 1984.

KOFES, S. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**: a religião do capital. São Paulo: Cairós, 1983.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEÃO, Geraldo Magela. **Pedagogia da cidadania tutelada**: lapidar corpos e mentes: uma análise de um programa federal de inclusão social para jovens pobres. São Paulo: USP, 2004. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/USP. São Paulo, 2004.

LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, 17(2), 35-57, 2005.

LEITE, Celso B. **O século do desemprego**. São Paulo: LTr, 1994.

LINHARES, Maria Isabel S. B. Reflexões acerca das culturas juvenis: para uma compreensão das culturas juvenis na contemporaneidade. In: **COLONIALISMOS, POS-COLONIALISMOS E LUSOFONIAS – ATAS DO IV CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS CULTURAIS** - 28,29 e 30 de abril de 2014, Museu de Santa Joana, Aveiro-Portugal.

LOURENÇO, M. Salvelina. **Trabalho Pleno**: construção do desenvolvimento local. Sobral: Edições UVA, 2003.

LOURENÇO, Maria Salvelina M. **Trabalho Pleno**: construção do desenvolvimento local. Sobral: Edições UVA, 2003.

LUKÁCS, G. **The ontology of social being**: Labour. Londres: Merlin Press, 1980.

MACHADO, L.R.S. Qualificação do trabalho e relações sociais. In: FIDALGO, F.S. (Org.). **Gestão do trabalho e formação do trabalhador**. Belo Horizonte: Movimento de Cultura Marxista, 1996, p. 13-40.

- MACIEL, Luis Carlos. **Sartre vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. A Etnografia como Prática e Experiência. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17 no. 49, junho/2002.
- MAIA, Ana A. R. M; MANCEBO, Deise. Juventude, Trabalho e Projetos de Vida: Ninguém Pode Ficar Parado. In: **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 30 (2), 2010, p. 376- 389.
- MANGOLD, W. **Gegenstand und methode des gruppendifkussionsverfahrens**. Frankfurt am Main, 1960.
- MARINHO, Camila H. **Afetos de rua: culturas juvenis e afetividades nos bastidores da cidade**. Fortaleza: UFC, 2012. 239 fls. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFC. Fortaleza, 2012.
- MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, no. 34, 1991.
- MARGULIS, Mario. *La juventud es más que una palabra*. In: MARGULIS, Mario. (Ed.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La construcción social de la condición de la juventud*. In: CUBIDES; TOSCANO; VALDERRAMA (Ed.). **Viviendo a todas: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santa Fé de Bogotá: Fundación Universidad Central: Paidós, 1998.
- MARQUES, Marcos V. L. **Grendene e FTED: duas fábricas, dois tempos, uma Sobral**. Monografia de graduação. Sobral: s/d.
- MARTINS, José de Souza (org.). **(Des) Figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica**. Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002.
- MARX, K. **O Capital**. 12. ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. v. I e II. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.

MAURICE, Marc; SELIER, Pierre; SILVESTRE, Jean-Jacques. **Politiques d'Education et Organisation Industrielle. Une comparaison France-Allemagne.** Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu.** São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2004.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Orientações Técnicas:** Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME/SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Política Nacional de Assistência Social.** Brasília: MDS, 2004.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME/SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Pronatec/Brasil sem Miséria.** Brasília: MDS, 2012.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In.: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas Jovens:** novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

OFFE, Claus. “Trabalho: uma categoria-chave da sociologia? ” In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 4, n. 10, junho de 1989, pp. 5-20

OLIVEIRA, Roberto C. **O trabalho do antropólogo.** 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Roberto C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto C. **O trabalho do antropólogo.** 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

PAIS, J. Machado. **Ganchos, tachos e biscates:** jovens, trabalho e futuro. Lisboa: AMBAR, 2005.

PAIS, J. Machado. **Ganchos, Tachos e Biscates:** jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

POCHMANN, Marcio. **Inserção ocupacional e o emprego dos jovens.** (Coleção ABET – Mercado de Trabalho, v. 6). São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL (PMS). **Plano de Desenvolvimento Industrial - PDI.** Sobral: DVD Consultoria, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL /SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À EXTREMA POBREZA (PMS/SDS). **Diagnóstico de Inclusão Produtiva – PRONATEC/BSM,** 2013. Mimeo.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (Org.). **Experimentos com história de vida**. (Itália-Brasil). São Paulo, Vértice/ Revista dos Tribunais, 1988.
RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMOS, Marise. **A Pedagogia das Competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?”. **Revista USP. Dossiê Walter Benjamin**. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
SÁ, Leonardo. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In: FILHO, Manoel Mendonça, NOBRE, Maria Teresa. **Política e Afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa**. Salvador/São Cristóvão: EDUFBA/EDUFS, 2009.

SAMAIN, Etienne G. Ver e Dizer na Tradição Antropológica. Bronislaw Malinowski e a Fotografia. In: **Horizontes Antropológicos** v. 2, 1995, p. 19-48.

SANTOS, J. B. F dos. **O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. São Paulo: Vozes, 2015.

SCHÜTZE, Fritz. Biographieforschung und narratives Interview. **Neue Praxis**, v. 13, n. 3, p. 283-293, 1983.

SCHÜTZE, Fritz. **Die Technik des narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien**. Studienbrief der Fernuniversität Hagen. Hagen, 1987.

SCOTT, J. Experiência. In: LAGO, M. C. *et alli*. **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. São Catarina: Ed Mulheres, 1999.

SCOTT, Joan W. “Experiência”. In.: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Maria C. S.; RAMOS, Tânia R. O. (orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Mulheres, 1999.

SENNET, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2010.

SEPLAG/IPECE. **Perfil Básico Municipal: Sobral**. Fortaleza, CE, 2010. Mimeo.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **Catálogo Nacional de Cursos SENAI de Aprendizagem Industrial Básica**. Brasília: SENAI/DN, 2013.

SETTON, M. Graça J. **Experiências híbridas de entre jovens brasileiros**. s/d, mimeo.

SETTON, M. Graça J. Teorias da Socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.

SIMMEL, G. **On Individuality and Social Forms**. Donald Levine (org.). Chicago: University of Chicago, 1971.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES Fo. (org). **Georg Simmel**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

SPIVAK, Gayatri. **In Other Worlds: Essays in Cultural Politics**. New York: Routledge, 1987.

SPOSITO, Marília. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: _____ *et al.* **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento).

SPOSITO, Marília. **Jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STECANELA, Nilda. **Reflexões teóricas sobre o conceito de juventude: entre o que se tem dito e o que se vê no cotidiano**. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL 2010, 8., 2010b, Londrina. Anais... Londrina, 2010. p. 1-15.

THIOLLENT, M.J.M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1985.

THOMPSON, E. P. **Formação da Classe Operária Inglesa: a força dos trabalhadores**. V. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe social operária inglesa: a árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea (5a ed.)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

VERNANT, Jean Pierre. **Mythe et pensée chez les grecs: travail et nature dans la Grèce ancienne**. Paris: F. Maspero, 1971

VILLAVICENCIO, D. Por una definición de la calificación de los trabajadores. In: **IV CONGRESO ESPAÑOL DE SOCIOLOGIA: SOCIOLOGIA ENTRE DOS MUNDOS**. Madrid, set. 1992. (Mimeo).

WELLER, W. et al. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**, v. XVII, n. 02, p. 375-396, jul./dez. 2002.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WELLER, W.; OTTE, Janette. Análise de narrativas segundo o método documentário: exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. In: **CIVITAS**. N. 2. V. 14. Porto Alegre: maio-agosto, 2014, p 325-340.

WELLER, Wivian; ZARDO; Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, p. 131-143, 2013.